

Da autora best-seller de
A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

THRITY UMRIGAR

O FILHO DE TODOS

ROMANCE





Da autora best-seller de
A DISTÂNCIA ENTRE NÓS

THRITY UMRIGAR

O FILHO DE TODOS

ROMANCE



GOBOLIVROS

Thrity Umrigar

O FILHO DE TODOS

Tradução: Claudio Carina

GLOBALIVROS

SUMÁRIO

Pular sumário [» »]

Prólogo

LIVRO UM - JUNHO DE 1991

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

LIVRO DOIS - SETEMBRO DE 2001

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

LIVRO TRÊS - NOVEMBRO DE 2012

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

LIVRO QUATRO - AGOSTO DE 2016

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Agradecimentos

Notas

Sobre a autora

Créditos

Deus tenha piedade do homem
Que duvida do que tem certeza
— BRUCE SPRINGSTEEN

PRÓLOGO

NO SÉTIMO DIA, o garoto quebrou a janela.

A janela estava vedada por uma camada de tinta aplicada anos atrás, e, depois de várias tentativas inúteis de abri-la, ele pegou a cadeira mais próxima na sala de jantar e a arremessou contra o vidro.

Embora tenha acontecido numa tranquila tarde de sábado de maio, parece que ninguém ouviu. Ninguém olhou pela janela para verificar a origem do barulho, ninguém correu até o apartamento em que o garoto estava sozinho havia sete dias.

Na verdade, foi um milagre que tenha sobrevivido. Na rua, vivia-se a mais feroz onda de calor da década, e, quando a polícia chegou ao apartamento, foi registrada, em seu interior, uma temperatura de trinta e cinco graus. A eletricidade havia sido cortada quatro dias antes. Se houvesse algum alimento no refrigerador, com certeza já teria estragado. O garoto já tinha comido o pouco que havia na geladeira — alguns pedaços de pizza e dois cachorros-quentes. O restante do tempo, ele sobreviveu de sacos de batatas fritas, bolachas e doces.

Mesmo assim, o garoto não procurou ajuda. Ninguém conseguiu entender a razão. Quando o policial perguntou se ele não tinha imaginado que a mãe poderia ter morrido, talvez atropelada por um veículo, ou coisa pior, o garoto ficou só olhando, com aqueles grandes olhos cor de âmbar. O policial suspeitou de que não era a primeira vez que ele ficava sozinho em casa enquanto a mãe saía para comprar drogas, mas o garoto não se comprometeu.

— Ela me disse que ia voltar — foi só o que respondeu. E, por isso, ficou esperando.

Esperando. No minúsculo apartamento de um quarto, sem ar-condicionado e somente com um ventilador no teto que não funcionava por falta de energia. Esperando no apartamento, com a geladeira desligada, a comida acabando e sem poder assistir à televisão.

Mesmo quando arrebentou a janela, no primeiro andar, e pulou para a pequena área gramada do lado de fora, ele foi recebido por um mundo indiferente. Nenhuma mulher de meia-idade apareceu para ver o que era aquela comoção. Nenhum vizinho mais velho se mostrou curioso quanto aos cacos de vidro espalhados pela grama e pela entrada de cimento. Os jovens malandros que se reuniam perto do conjunto habitacional não se abstraíram de suas atividades para ver o garoto sangrando na perna esquerda, cortada pelo vidro quebrado.

No final, foi o sangue que o salvou. O policial de plantão que patrulhava o conjunto habitacional Roosevelt estava acostumado a ver sangue naquele bairro. Mas, mesmo a distância, ele pôde ver quanto o garoto parecia frágil e vulnerável. Apesar de tudo, ele estava andando, se afastando do desolado edifício de tijolos, como se procurasse alguma coisa, arrastando a perna esquerda. Alguma coisa na postura daquele garoto, frágil porém resoluta, fez o policial deixar o conforto do ar-condicionado de sua viatura para sair no calor inclemente.

— Tudo bem com você, filho? — perguntou, mas já sabia a resposta antes mesmo de concluir a pergunta.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. O chamado da ambulância. A ligação para o Juizado de Menores. Uma busca rápida pela mãe, que estava num antro de crack a menos de três quarteirões de distância. Foi encontrada desfalecida e seminua, com sêmen ressecado nas coxas. Um cachimbo no peito. Foram detidos duas mulheres e quatro sujeitos na casa, e foi confiscada uma parafernália de inúmeras drogas, além de dois mil dólares em crack.

Quando voltou a si, ela não parava de perguntar sobre o filho. Jurou que só pretendia “dar um pega” e voltar para casa em seguida, mas que Victor, seu traficante, a tinha estuprado e a mantido dopada. Explicou que tinha trancado a porta do apartamento por fora porque o local não era seguro para um garotinho ficar sozinho. Que diabos! Ela fazia isso até mesmo quando ia ao posto de distribuição de alimentos. Todas as mães faziam isso para manter os filhos em segurança, pode perguntar aos vizinhos! Os policiais ignoraram suas lamúrias. Não havia nada ali que já não tivessem visto antes. Corria o ano de 1991. Uma epidemia de crack assolava o país. Em outros locais da cidade, os garotos ricos estavam cheirando cocaína. Mas ali, no centro, era uma selva maldita. Cheia de animais como aquela

mulher desgrenhada com o olhar desvairado que havia deixado o filho cozinhando, trancado num apartamento em plena onda de calor.

Se pudessem, se tivessem o poder — o que eles não tinham, é claro! —, eles trancariam aquela cadela para sempre. Como garantia para nunca mais prejudicar aquele pobre garoto. Mas, do jeito que as coisas eram, todos sabiam que ela seria libertada em poucos meses. Por isso, eles abanaram a cabeça, tomaram umas cervejinhas e ficaram jogando bilhar para conseguir esquecer a mulher, aquela mulher e a sua laia, pessoas que pareciam só existir para dificultar ainda mais aquele maldito trabalho.

LIVRO UM
JUNHO DE 1991

CAPÍTULO 1

A SALA ONDE SE ENCONTRARIA com o garoto era de um azul alegre, com as paredes forradas de cartazes promovendo o programa de adoção do condado, mas David Coleman mal notou tudo aquilo quando entrou acompanhado pelo assistente social. Ele estava muito nervoso. Os dois andaram até o sofá marrom, onde David acomodou seu corpo magro. Conversaram sobre amenidades por algum tempo até o assistente social olhar para o relógio e anunciar o óbvio: o garoto estava atrasado.

O homem mais velho anuiu. Sua mão direita adejou por um momento e automaticamente procurou o bolso da frente, onde costumava guardar o maço de cigarros, mas aí se lembrou. Ele tinha parado havia três meses, uma promessa a Delores no dia do aniversário de casamento.

Delores. Parecia errado ela não estar ao seu lado agora. Ela tivera uma terrível enxaqueca no dia anterior, ainda assim David ficou chocado quando ela insistiu em não ir com ele. A ideia de se tornarem pais adotivos com mais de quarenta anos não fora exatamente dela, mas David estava ali naquele dia em grande parte para tentar amenizar a tristeza que havia se enraizado na expressão de Delores nos últimos cinco anos — desde...

Desde A Calamidade. David sentia vergonha de dizer aquelas palavras em voz alta, mas era como pensava no caso, no que tinha acontecido com eles naquela noite, cinco verões atrás. Sabia que levar outra criança para casa jamais poderia mudar o ocorrido. Que, na comunidade imaculada e homogênea em que viviam, eles sempre seriam os Coleman, o casal infeliz que havia sofrido o impensável. Mesmo assim. Mesmo que ele conseguisse transformar a tristeza que se enraizara na expressão de Delores em algo mais difuso, mais rarefeito, se deixasse de ser aquela coisa viva e corrosiva, já valeria a pena.

E poderia haver caso mais meritório que o do garoto que eles agendaram para conhecer, o garoto que estava atrasado? Negligenciado, abandonado, filho de uma drogada, uma mulher cujo caso seria julgado por seu colega, o juiz Robert Campbell, do Tribunal Superior. Era uma grande

coincidência, realmente, que esse fosse o garoto a ser apresentado a ele. Não que David tivesse sido informado por Bob sobre a situação do garoto. A história fora publicada nos jornais, como o pobre menino tinha lutado para sobreviver durante sete miseráveis dias até finalmente escapar. Aquilo tinha acontecido um mês e meio antes, mais ou menos à época em que David e Delores concluíam o curso para serem pais adotivos. Na verdade, um dos seminários tinha sido sobre como cuidar de uma criança negra. David sentiu-se ligeiramente desconfortável quando o palestrante deu indicações sobre como pentear cabelos de negros e entender o jargão dos negros. E, realmente, qual seria a probabilidade de adotarem uma criança negra, em vista da configuração racial do condado? Mas os dois passaram pelo processo, e agora David se sentia grato, mesmo torcendo para que Delores se lembrasse da parte sobre o cabelo de negro melhor do que ele.

O assistente social estava falando, e David se forçou a ouvir. O jovem — o nome dele era Ernest, e David achou que nunca havia conhecido alguém que combinasse tão bem com o nome — estava perguntando se David tinha alguma dúvida de última hora a respeito de Anton.

— Acho que não — respondeu David. — Acho que está tudo bem.

— Sim, bem. É que... eu não quero que pense... — Ernest olhou para David por um minuto antes de continuar: — Anton é um bom menino. Você vai ver. Quero dizer, foi muito ruim não ter dado certo com os pais adotivos atuais. Mas realmente não foi culpa dele. Nós nunca deveríamos tê-lo alojado numa família com cinco filhos. Depois do que ele passou, seria necessária uma atenção especial. E os Brent simplesmente não conseguiram...

David sorriu.

— Você defende todos os seus clientes com esse mesmo entusiasmo?

Ernest pareceu meio aflito.

— Bem. Sim. Quero dizer, eu tento. — Sua expressão se iluminou. — Mas Anton é realmente especial. Você vai ver.

Houve um breve silêncio antes de Ernest dizer:

— Eles já deveriam ter chegado. O sr. Brent já deveria ter chegado com o menino há meia hora. Vou ver o que está acontecendo.

— Tudo bem — David sorriu mais uma vez. — Mas eles não estão tão atrasados assim. Eu não me importo de esperar.

Ernest andou até a porta e pegou na maçaneta, mas, depois, olhou para trás.

— Juiz Coleman? — começou a falar. — Eu... só queria dizer que... sou um grande admirador seu. Acho que fez um grande trabalho na corte. E fico muito contente por estar adotando Anton. — Inexplicavelmente, Ernest corou. — Isto é, acho que vai dar certo. Quero dizer, é uma boa combinação. Tantos desses meninos...

— Obrigado. — Mas, por dentro, David se sentiu meio agastado. Pelo menos uma vez, como numa ocasião sensível como essa, ele gostaria de ser anônimo, como o eletricista Joe Schmo, por exemplo, tentando adotar uma criança. Ser qualquer um menos o juiz David Coleman, cujo pai fora senador dos Estados Unidos por quase vinte anos, cujo avô foi um almirante altamente condecorado da Marinha dos Estados Unidos. Qualquer um, menos o homem cuja morte do filho tinha ganhado as páginas dos jornais de todo aquele pequeno estado do Nordeste. Abanou a cabeça, num movimento tão ligeiro que passou despercebido pelo assistente social. David tinha passado a vida toda exposto ao público. Seria muito otimismo acreditar que as coisas seriam diferentes agora.

— Obrigado — voltou a dizer. — Agradeço. — E assentiu com um gesto que era ao mesmo tempo de humildade e de indiferença.

Ernest se aprumou.

— Eu já volto — murmurou.

Sozinho na sala azul, David sentiu um aperto no peito que reconheceu como nervosismo. Deveria ter insistido para que Delores também tivesse ido. Para tentar apaziguar sua inquietação, levantou-se e começou a andar pela sala. Será que havia alguma coisa errada? Será que a atual família do garoto tinha mudado de ideia e decidido ficar com ele? Pelo que conhecia da ficha do garoto, era pouco provável. Ou será que algum parente havia aparecido do nada para ficar com ele? Até onde sabia, antes de Anton ser alocado com a família Brent, o Juizado de Menores tinha entrado em contato com o único parente disponível, uma avó na Geórgia. Mas a mulher, legalmente cega e com poucos recursos, não pôde ficar com ele. “Como seria isso”, ponderou David, “ser rejeitado por um parente de sangue depois de passar sete dias angustiantes em um apartamento perigosamente quente enquanto a mãe aprontava com os amigos drogados?” Parou de andar pela sala quando teve outro pensamento: “E se

esse abuso fosse apenas a ponta do iceberg? O que mais essa pobre criança tinha aguentado? Será que as sequelas eram graves demais, duradouras demais para ele e Delores cuidarem?”.

E, depois, havia a questão racial. O garoto fora criado no conjunto habitacional Roosevelt, e David estremeceu ao se lembrar de ter feito uma turnê pelo local com Pappy, então ainda senador. O que Anton pensaria ao ver sua nova casa em Arborville? A escola onde iria estudar? David e Delores ficaram surpresos quando o garoto foi oferecido a eles. Sim, eram poucos os que adotavam crianças negras, mas ainda assim. Os únicos rostos negros naquela cidade afluyente e arborizada eram os dos zeladores e dos lixeiros. Mas, espere aí, agora havia dois policiais negros na delegacia de Arborville, não é?

Delores hesitou quando David mencionou o telefonema do condado.

— O que nós sabemos sobre criar uma criança negra, David? — protestou.

David assumiu uma fachada corajosa.

— Pelo amor de Deus, Dê! — retrucou. — Nós estamos em 1991. Se os Spelman podem adotar uma criança chinesa, por que diabos não podemos ficar com uma criança negra por alguns meses? Até eles resolverem o que fazer com ela?

David passou a mão pelo cabelo enquanto recordava como tinha entrado naquela situação. Convencendo Dê com algumas besteiras de que era tempo de seguir em frente, que seria uma chance para pessoas como eles, que eram tão favorecidos, de retribuir. Essa coisa de reciprocidade. Acreditava em tudo o que dissera, ainda que sentindo certo irrealismo ao dizer aquelas palavras. Delores olhou-o com ar de dúvida, projetando o lábio inferior. Mas não resistiu muito. Dificilmente ela ainda resistia a qualquer coisa. David acreditava que ela havia cedido por causa dele, considerando, erroneamente, que era algo que ele desejava. Mas David sabia a verdade — que estava fazendo aquilo por ela. Propiciando uma coisa que Delores não sabia que precisava. Não que alguém pudesse ocupar o lugar de James, obviamente. Nada poderia. Mas era essa a questão: Delores era uma mãe fabulosa. Fabulosa.

David abanou a cabeça num gesto rápido, não querendo pensar na imagem do corpo mutilado de James. Não queria pensar no filho morto. Não hoje. Desejava fazer o melhor possível para embarcar nessa nova

empreitada, limpo e de coração aberto, sem marcas do passado. E, acima de tudo, fazer isso pelas razões certas. Era uma oportunidade de propiciar um lar estável a um garoto carente.

Olhou ao redor em busca de um telefone, mas não havia nenhum na sala. Gostaria de ligar para sua mulher, informar que ainda não tinha acontecido nada, que demoraria mais ou menos uma hora até chegar em casa. Delores estaria ansiosa. Prometera preparar um jantar naquela noite, alguma coisa simples — uma salada e frango assado com batatas. Sorvete de sobremesa. David sentiu uma pontada de animação quando foi ao mercado comprar sorvete pela manhã e uma pontada de apreensão quando percebeu que não fazia ideia de que sabor o garoto gostava. Comprou um pote de napolitano, decidindo minimizar os riscos de suas apostas.

Ouviu a porta se abrir, virou-se e viu o garoto entrando com o assistente social. Ernest estava com o braço no ombro de seu protegido, mas David ficou surpreso com a postura hesitante do garoto. David deu alguns passos na direção dos dois. Subitamente ciente de sua alta estatura, abaixou-se um pouco e estendeu a mão.

— Olá — falou com delicadeza. — Você deve ser Anton. Eu sou David.

— Oi. — A voz saiu fraca, quase inaudível, e David se sentiu um pouco decepcionado. Mas, logo depois, o menino levantou a cabeça, e David prendeu a respiração. A pele de Anton era dourada, quase luminosa. Os grandes olhos cor de âmbar sobressaíam no rosto fino e bonito. Quando aqueles olhos pousaram em David, ele se sentiu — não havia outra maneira de dizer — um privilegiado, como se um pássaro raro tivesse pousado em seu ombro. Mas teve também consciência plena da expressão resabiada com que Anton Vesper o olhava.

— Muito prazer em conhecê-lo — David sorriu. — Finalmente.

Anton olhou para Ernest em busca de orientação. O homem o empurrou de leve.

— Vá em frente — falou, apontando o sofá. — Vocês dois podem conversar uns minutos. Eu volto a falar com vocês logo mais, tá?

David esperou Ernest sair do recinto para se acomodar no sofá ao lado do garoto, que continuou olhando para a frente de forma resoluta, como se esperasse que David desaparecesse. David já tinha visto réus no tribunal que se mostraram menos incomodados com sua presença. E nunca tivera de levar nenhum deles para casa.

— Muito trânsito para chegar aqui? — perguntou.

O menino deu de ombros.

— Um pouco.

David aquiesceu, sem saber bem o que dizer, sentindo-se velho e desajeitado. Mais uma vez desejou que Delores estivesse ali. Ela saberia o que dizer a esse garoto, como acalmar suas apreensões.

— Você sabe por que estou aqui, certo? — perguntou David. — Você... eu... nós gostaríamos que ficasse morando conosco por um tempo. Minha mulher mandou pedir desculpas por...

Anton virou-se para ele.

— Eu quero ir pra casa — disse em voz alta. — Pra *minha* casa. Pra minha mãe.

David já tinha visto algumas versões desse impulso em todos os anos em que exercera sua profissão jurídica. Raramente as pessoas agiam da forma que se esperava delas. Mulheres voltavam aos maridos abusivos, maridos perdoavam as esposas traidoras, e crianças sempre, sempre amavam os pais, independentemente de seus comportamentos execráveis.

— Eu entendo — concordou. — Claro que você quer. Mas... no momento, isso não é possível. Por isso, a verdadeira pergunta é: você quer voltar para o sr. Brent? Ou quer vir para nossa casa, onde vai ter seu próprio quarto e essas coisas? — Forçou uma risada. — Vou dizer uma coisa, minha mulher é uma ótima cozinheira.

Ficou esperando, mas não houve resposta. Anton continuou olhando para a frente, agora que já havia declarado suas intenções e podia voltar a se recolher em si mesmo.

— Anton. — David tocou de leve no ombro do garoto. — Escuta. Eu posso imaginar quanto isso é difícil. E entendo como você deve se sentir assustado. Mas só estou pedindo que dê uma chance para nós, certo? Vamos apenas...

— Foi você o sujeito que fez aquilo pra minha mãe?

— O quê? Fez o quê?

— Você é o juiz que prendeu minha mãe?

— O quê? Ah. Não. Meu Deus, não. — O alívio do menino foi palpável. E de jeito nenhum David iria admitir sua amizade com Bob Campbell, ou o fato de ter se encontrado com Bob no clube, dias depois da primeira audiência com Juanita Vesper, e o velho ter desabafado seu nojo

pelos vermes irresponsáveis e procriadores de filhos que entupiam seu tribunal dia após dia. — Não, não. — David meneou a cabeça. — A-hã. Foi outro juiz. Não fui eu.

O ombro de Anton relaxou sob sua mão.

— Bom, e você pode mandar soltar ela?

David soltou um suspiro.

— Anton. Não posso. O caso não é meu, percebe? — Lançou um olhar de soslaio para o menino e resolveu seguir em frente. — Também porque sua mãe fez uma coisa errada. Nós precisamos garantir que ela...

— Ela cometeu um erro. E pediu desculpa.

David estava prestes a responder quando pensou melhor a respeito. Trata-se de um garoto novo, lembrou a si mesmo, uma criança assustada e traumatizada prestes a ir para a casa de um estranho. Além do mais, um homem branco. Melhor dar um tempo.

— Então, o que você gosta de fazer, Anton? Você pratica algum esporte? — perguntou.

Anton fez uma expressão que David não conseguiu decifrar e continuou em silêncio.

— Basquete? Beisebol? Futebol? — Diante da falta de reação do menino, David sentiu uma necessidade desesperada de obter uma resposta. — Críquete? Hóquei? Polo? — continuou, odiando-se por sua maldade.

Houve um breve silêncio antes de Anton dizer:

— Eu sei o que é críquete.

David se animou.

— Sabe? Puxa!

Anton aquiesceu.

— Eu vi um filme a respeito uma vez, acho.

— É mesmo? Que filme?

— Não sei.

— Bem, eu tenho um amigo inglês. Ele pode ensiná-lo, se você estiver interessado. — David não fazia ideia por que estava fazendo isso. Que Deus o ajudasse se Anton se lembrasse dessa conversa mais tarde.

— Eu odeio os ingleses.

— Odeia? Por quê?

— Eles bombardearam Pearl Harbor.

David abriu a boca, mas não falou nada. Anton estava conversando com ele. Isso era o principal. As lições de história podiam ficar para mais tarde.

— Está certo, acho que você não vai aprender críquete. Você tem algum esporte preferido?

Anton deu de ombros mais uma vez.

— Eu jogo futebol.

— Aposto que joga bem.

— Muito bem — disse Anton em tom casual. — Acho que sou o segundo melhor jogador da escola, depois do Reggie.

— Então você vai jogar bastante futebol neste verão. — David levantou-se do sofá, fazendo Anton se levantar também no mesmo movimento. — Vamos lá, garoto. Vamos pegar suas coisas.

— Eu preciso deixar um recado, pra minha mãe saber onde me encontrar.

— Tudo bem. — Resistindo à tentação de olhar para o relógio, David abriu a porta. Como imaginava, Ernest estava pairando pelo corredor. — Anton precisa deixar um recado para a mãe — disse de forma deliberada. — Será que temos lápis e papel? E um envelope, talvez?

Ernest entendeu seu olhar.

— Sim, claro — respondeu, e logo se afastou, voltando pouco depois com lápis e papel de carta.

Deixaram o garoto na sala escrevendo seu recado e foram até o pequeno escritório de Ernest no final do corredor. Ernest entregou a David uma mochila com os pertences de Anton e passou as últimas instruções. Ao ver aquela mochila quase vazia, David sentiu uma mistura de tristeza e animação. Como aquele menino tinha pouca coisa! E quanto eles poderiam proporcionar! Ficou contente por ser uma tarde de sexta-feira. No dia seguinte, eles poderiam levar Anton para comprar roupas e sapatos.

Dez minutos depois, David ergueu as sobrancelhas para o falante Ernest, que entendeu o sinal e foi logo dizendo:

— Vamos ver se ele já acabou.

Quando voltaram à sala azul, encontraram Anton lambendo o envelope. Nele estava escrito: “Para mamãe. Amor, Anton”.

O garoto olhou para Ernest com ar solene.

— Você pode entregar isto à minha mãe quando ela vier me procurar? E pode dizer onde ela pode ir me buscar?

Ernest pareceu ainda mais sincero que o habitual.

— Claro que sim. — Deu um abraço em Anton. — Tchau, Anton. Seja um bom menino, tá?

— Vou tentar. — A voz de Anton saiu baixa e abafada pelo abraço de Ernest.

David engoliu em seco.

— Vamos lá, garoto — disse bruscamente. — Vamos logo para casa.

A conversa que tiveram enquanto iam para casa foi errática. Anton ficou olhando pela janela na maior parte do tempo, enquanto David tentava ver o mundo através dos olhos dele. Passaram por ruas com lojas de ponta de estoque, escritórios de agiotagem e casas de penhor. Atravessaram bairros com casas de madeira, que, depois, deram lugar a pequenas casas de classe média com minúsculos e bem-cuidados jardins na frente. Pareceu demorar a vida toda para chegar a Arborville, onde as árvores surgiram mais altas e mais verdes, as ruas eram mais largas e casas de milhões de dólares assomavam orgulhosamente sobre gramados bem-aparados e grandes como campos de golfe.

— Puxa! — disse Anton quando passaram por uma casa com uma grande fonte na frente. — Onde nós estamos?

— Quase chegando em casa.

— Parece a Disney.

David sorriu. Depois franziu o cenho. Anton tinha razão. Comparado ao local de onde ele viera, Arborville parecia mesmo com a Disney, um lugar mágico construído de algodão-doce e pó de fadas. Quão difícil seria essa transição? E se não desse certo? E se Anton se comportasse mal, começasse a jogar coisas no chão, se recusasse a comer ou esmurrasse outro garoto, como fizera com os Brent? David tinha quarenta e quatro anos. Delores era um ano mais nova. Será que conseguiriam lidar com um garoto de nove anos, um menino que havia passado por um trauma indescritível? Um garoto sem motivação nenhuma para tentar se encaixar no mundo deles, determinado como estava em voltar para a casa da mãe?

David sentia o coração pesado quando entrou na rua em que morava. Mas, logo em seguida, Anton exclamou:

— Olha! Aquela mulher tá passeando com um *gato*!

David olhou pela janela.

— Ah, é — falou casualmente. — Aquela é Ruth. Mora na nossa rua. Ela passeia com aquela coisa desde que era filhote.

— Legal. Eu nunca tinha visto isso. — Anton se virou no assento para dar mais uma olhada. — Eu adoro gatinhos. Você tem algum gato?

— Não. Você tem... tinha?

— Não. Mamãe nunca deixou. Ela é alérgica.

David soltou uma sonora gargalhada. Uma viciada em crack, uma mulher habituada a jogar veneno nos pulmões que não podia ter um gato por ser alérgica. Que mundo mais maluco e confuso.

— O que foi? Por que você tá rindo? — perguntou Anton quando David já chegava à entrada da casa.

David abanou a cabeça, incapaz de explicar e não querendo ofender o garoto. Tirou as chaves do contato, deu a volta no carro e foi ajudar Anton a descer.

— Bem — falou. — Chegamos. Esta é a nossa casa.

Ele viu o garoto arregalar os olhos, percebeu a perplexidade no seu rosto, seguida por uma apreensão.

— Esta é a sua casa? — perguntou. — Você mora aqui com a sua mulher?

David sentiu o rosto corar.

— Moro.

— Vocês não têm filhos?

Momento errado para fazer essa pergunta, pois David sabia que Delores iria sair a qualquer instante para recebê-los. Estendeu a mão e apertou de leve o ombro do menino.

— Anton — falou. — Depois a gente conversa. Mas vamos entrar, quero apresentar você à minha esposa.

Pegou o garoto pela mão, ciente de como a palma da mão dele estava fria e suada. Podia sentir o medo de Anton sendo transmitido como uma corrente elétrica pelo seu braço. Seu coração se comoveu em solidariedade.

Talvez ainda tivesse uns trinta segundos antes de Delores aparecer. Olhou para o garoto e se ajoelhou, como que fazendo um pedido de casamento.

— Anton — falou —, eu sei que você está assustado. Não precisa. Você vai ficar bem. Eu vou cuidar de você. Prometo.

Pela primeira vez desde que se encontraram naquele dia, o menino olhou diretamente nos olhos dele. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas, nesse momento, a porta da frente se abriu e eles ouviram Delores dizer:

— Ei, olá!

Constrangido por ser visto naquela posição, David fez um rápido aceno e fingiu que amarrava o cadarço de Anton. Quando levantou a cabeça, o garoto o observava com um ar de cumplicidade, como se entendesse o que David estava fazendo. Alguma coisa se passou entre o garoto e o homem. David se levantou e os dois entraram na casa, sentindo-se mais próximos do que no instante anterior, ligados pela primeira mentira compartilhada de suas vidas.

CAPÍTULO 2

DAVID E DELORES COCHICHAVAM na cozinha, as cabeças próximas uma da outra.

— Querido — dizia Delores —, você tem de voltar lá e fazer o menino parar. Ele comeu três pedaços de frango e agora está na segunda tigela de sorvete. Ele vai passar mal.

David fez que não com a cabeça.

— Não posso. Não quero que ele se sinta constrangido com nada que fizer. Além do mais, o garoto precisa engordar.

— Mas, queri...

— Meninos de nove anos comem bastante. Você já se esqueceu... — As palavras saíram de sua boca antes que pudesse engoli-las de volta. David mordeu o lábio inferior. — Quero dizer... foi só um lapso...

Por um momento, o queixo de Delores tremeu, mas, quando ela olhou para o marido, seus olhos estavam inexpressivos.

— Bom, se você não vai falar nada, eu vou. — Foi até a porta que separava a cozinha da sala de jantar e olhou para trás. — E, já que vou ter de jogar pesado, você põe a louça na máquina de lavar.

David ficou olhando com apreensão quando Delores entrou na sala de jantar, sentou-se ao lado de Anton e afastou a sobremesa de perto dele.

— Acho que já chega por hoje, rapaz — falou. — O que você tomou de sorvete dá para afundar um navio.

David se arrepiou com a firmeza de Delores. Para sua surpresa, o garoto deu uma risadinha.

— Minha mãe diz a mesma coisa.

— Pois ela tem razão. — A voz de Delores era casual, sem nenhum vestígio de julgamento ou da indignação que David sentia quando ouvia Anton mencionar a mãe.

— Uma vez nós fomos ao Dairy Queen, e eu tomei tanto sorvete que fiquei com dor de barriga.

— Certo, e você não quer ter uma dor de barriga hoje à noite, não é?

— Não, senhora. — Anton pareceu frustrado, mas lançou um olhar tímido a Delores, e os dois sorriram um para o outro.

“Inacreditável”, disse David para si mesmo enquanto começava a botar a louça na máquina de lavar. Delores era inacreditável. Crise evitada. Graças a Deus.

David esforçou-se para ouvir o que os dois conversavam na sala de jantar, mas não conseguiu. Quando ele voltou à sala, Delores se levantou.

— Bem, garotão — disse com firmeza —, foi um longo dia para todo mundo. Eu ainda estou com dor de cabeça, e você deve estar cansado. Está na hora de escovar os dentes e ir para a cama, certo?

Anton abanou a cabeça com determinação.

— Não-não. Eu não estou cansado. Posso assistir à TV?

Delores olhou para David, mas, antes que ele dissesse alguma coisa, ela continuou:

— Hoje, não. Você precisa descansar.

— Mas eu não estou cansado. Lá em casa mamãe me deixa assistir à TV quanto eu quiser.

Pela primeira vez desde que trouxera Anton para casa, David viu Delores torcer o nariz.

— Aqui as regras são diferentes, Anton. E a gente pode falar sobre isso amanhã. Mas, antes, vamos trocar essa roupa.

Sem nenhum sinal prévio, o garoto rompeu em lágrimas.

— Eu não quero ficar *aqui* — falou. — Eu quero ir pra casa.

David olhou para a mulher sem saber o que fazer, mas Delores lançou um olhar de advertência que dizia: “Eu cuido disso”.

— Sinto muito, querido — replicou, não parecendo nada sentida. — Mas essa opção não existe. Agora levante-se, e vamos para o seu quarto.

O garoto lançou um olhar de ódio a Delores.

— Não é o meu quarto! Não é minha casa! E você não é minha mãe! Eu vou pra casa!

— Tudo bem — disse Delores com a voz arrastada. — Tudo bem. Você quer ir para casa? Ótimo. Pode ir amanhã. A gente leva você até o Juizado de Menores amanhã de manhã. Mas, hoje, todos nós vamos para a cama.

As palavras dela deixaram Anton assustado o bastante para diminuir o volume do choro.

— Mas eu... não quero... ir pro Juizado de Menores — disse entre soluços. — Eu... sinto saudades da minha mãe.

— Ah, querido, é claro que sente. — Com um movimento gracioso, Delores se debruçou sobre o garoto chorando e o abraçou. — E com certeza sua mãe também sente saudades de você.

Anton levantou a cabeça e olhou para Delores.

— Jon disse que mamãe me deixou sozinho porque me odeia.

— Ah, querido, isso não é verdade. Quem é Jon?

— Um dos garotos da casa do sr. Brent. Meu irmão adotivo.

David teve uma súbita iluminação.

— Foi nesse garoto que você bateu?

Gostou imensamente que Anton parecesse envergonhado antes de concordar com a cabeça.

— Eu só queria que ele calasse a boca — murmurou.

— Acho que você não teve culpa nenhuma — disse Delores com convicção. — Eu também teria batido nele.

Era exatamente a coisa certa a dizer. Ao observar a expressão de Anton, David soube isso de imediato. Como Delores fazia isso? Como conseguia sempre saber como penetrar fundo na ferida de uma pessoa e extrair o pus que a supurava?

— Escute — ela continuou. — Nunca se esqueça do que eu vou dizer agora. Sua mãe ama você. Sempre vai amar. E sua mãe não o abandonou. Ela só... ficou detida em algum lugar. Você entende? Sabe quando, às vezes, a gente não quer fazer uma coisa ruim mas acaba fazendo? Bem, gente grande também faz isso. A gente comete erros. E sua mãe cometeu um erro. Mas ela nunca, jamais deixaria de amar você, Anton. Garanto.

Delores e o garoto ficaram se olhando solenemente, como se compartilhando uma linguagem não verbal, e de repente David se sentiu deixado de lado. Pigarreou.

— Bom, tudo bem. Ei, você tem alguma roupa para dormir agora à noite, garotão? Amanhã nós vamos sair para comprar umas roupas, tá? Que tal?

Anton se virou para David devagar, os olhos cor de âmbar cintilando das lágrimas recentes.

— Tudo bem — concordou, levantando-se da cadeira.

David ficou esperando sentado na cama de Anton, enquanto o menino usava o banheiro ao lado. Quando voltou, estava com uma camiseta do Michael Jordan e uma bermuda azul.

— Você gosta dele? — perguntou David, apontando a camiseta.

— Eu adoro ele! — respondeu Anton com entusiasmo.

— Eu também! — concordou David. — Talvez a gente vá ver um jogo dele um dia desses.

Anton fez uma expressão matreira, como se tivesse pegado David numa mentira.

— Ele joga em Chicago.

— Claro. — David deu de ombros. — Mas também joga em outros lugares, certo? Então, a gente pode assistir a uma partida quando ele jogar fora de casa.

Os olhos de Anton se arregalaram de entusiasmo e ceticismo. Mas, depois, sua expressão murchou.

— Aquela senhora simpática disse que vai me levar pro Juizado de Menores amanhã de manhã.

David deu um tapinha na cama.

— Sente-se aqui. — Virou a cabeça para o garoto. — Anton, o negócio é o seguinte: nós gostaríamos muito que você ficasse com a gente por um tempo. Gostaríamos de ser seus pais adotivos, de cuidar de você. O que você acha, garotão?

— Mas e a minha mãe?

— Sua mãe sempre vai ser sua mãe. Mas você pode passar um tempo com a gente, certo? Até sua mãe... se recuperar.

No momento em que disse aquilo, David sentiu um gosto amargo na boca só de pensar no garoto voltando a uma vida de vício e pobreza.

Mas não era hora de analisar os próprios sentimentos, pois foi inundado por uma súbita lembrança. Seu primeiro dia no internato Phillips Exeter. Longe dos pais pela primeira vez, sem amigos, desconhecendo a rotina de uma escola interna, sentindo-se mais sozinho do que se estivesse isolado na Lua. E assustado. Deus, como ele estava assustado! Todas as coisas que antes pareciam rotineiras — quando levantar ou não a mão na sala de aula, quando contar uma piada a um grupo de meninos — agora tinham de ser bem-pensadas e analisadas. Ficou perambulando pela escola, aterrorizado, solitário, isolado do mundo, até que Connor Stevens, que já estudava lá

havia um ano, ficou amigo dele, resgatando-o como se fosse um cachorrinho perdido. Aí tudo mudou.

— Ei — disse David. — Eu já passei por isso. Sei o que você está sentindo. Mas, olha, vai melhorar, tá? Nós vamos nos divertir neste verão, certo? Dá para aguentar um pouquinho? Sabe como é, dar uma chance para a gente?

Quando Anton sorriu, seu rosto se iluminou como o sol da manhã. David voltou a se impressionar com a beleza do menino. De repente, os versos de “The living beauty”, de Yeats, surgiram em sua mente:

*Da beleza que é extraída de um molde
De bronze, ou aquela que do deslumbrante mármore surge*^[1]

David passou os dedos pelo cabelo curto do garoto, percebendo que era a primeira vez que tocava no cabelo de um negro. Como parecia macia, familiar, orgânica como lã de ovelha essa coisa que todos temiam tanto.

Levantou-se da cama. Deu uma parada na porta.

— Olha. O nosso quarto é bem ao lado do seu. Se sentir medo de alguma coisa ou não conseguir dormir, é só me chamar, tá? — Esperou até Anton aquiescer. — Boa noite, Anton. Bons sonhos.

— Boa noite.

David fechou a porta e resolveu ir até a biblioteca tomar uma bebida antes de dormir. Tinha sido um dia longo e emocionante.

Só depois de se servir de um conhaque percebeu que fora a primeira vez em cinco anos que tinha entrado no antigo quarto de James sem pensar no filho morto. Ficou furioso quando, três anos antes, Delores insistiu em reutilizar o quarto, embalando todos os sapatos e troféus de futebol americano de James. David foi contra a retirada dos pôsteres do Clash e do The Bangles e de empacotar os livros de James, não vendo razão para não poder desfrutar do consolo momentâneo de entrar no quarto do filho e reviver a lembrança de James deitado na cama lendo *As vinhas da ira* ou sentado à escrivaninha de madeira ao lado da janela. Mas, mesmo depois de Delores ter esvaziado o quarto dos pertences do filho, as lembranças permaneceram. Depois que ela pintou as paredes, David ainda sabia

exatamente onde ficava o pôster de *Abbey Road*, o local exato onde os Rolling Stones mostravam a língua.

Vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos.

[2] Será que alguém conhecia melhor a verdade desse verso de “Beautiful boy” do que ele e Delores? Cinco anos atrás, a vida tinha acontecido com uma brutalidade tão súbita que quase os levou junto com o filho. Mas essa era a coisa estranha. Naquela noite, ele não tinha pensado no quarto como sendo de James. Já era de Anton, com sua mochila mambembe e aquela surrada camiseta do Michael Jordan.

CAPÍTULO 3

OS DOIS ESTAVAM NO QUARTO, tomando cuidado para falar em voz baixa.

— Você enlouqueceu, David? — disparou Delores. — Por que correr esse risco? Não é justo com Anton.

David cerrou os dentes.

— Nós já falamos sobre isso muitas vezes. Eu já disse que Connor vai estar entre os cinquenta convidados. Anton nem vai saber que ele estará lá. Você sabe como essa festa fica maior a cada ano.

— Mas e se...?

— Você acha que o garoto tem ideia do que está acontecendo? Ele só sabe que a mãe dele já está na prisão. Aposto que nem sabe que foi condenada.

Delores fez uma expressão preocupada.

— Por falar nisso, não sei se Anton vai conseguir se sair bem na escola, David. Ele está muito atrasado. Você sabe que estou trabalhando dia e noite com isso, mas a gramática e a ortografia dele são terríveis. É como se não tivessem ensinado nada para ele na escola em que estava.

David fez uma careta.

— Pois é. É a combinação de uma mãe drogada e de um péssimo sistema de ensino. O que fazem com o que pagamos de imposto? Que inferno! Ele teria aprendido mais se tivesse frequentado uma escola em Bangladesh.

— E a cultura geral dele é péssima. Ontem ele me disse que o presidente Bush bombardeou o Iraque para encontrar e matar Hitler. Isso é... absolutamente espantoso.

David deu uma risadinha.

— Está vendo? Com certeza, história não é a praia dele. — David abraçou Delores pela cintura e puxou-a para mais perto. — E você está preocupada que ele perceba que Connor está processando a mãe dele? Ele é uma criança, querida. Nunca vai fazer essa ligação.

— Mas, David...

David acariciou o rosto dela e deu um beijinho em seus lábios.

— Dê, pare de se preocupar. Connor é o meu amigo mais antigo. Jan é como uma irmã para você. Que podemos fazer? Deixar de encontrar os dois por causa do Anton?

— Talvez você tenha razão. — Tirou um fiapo da camisa dele. — Mas espero que a gente não tenha mordido mais do que pode mastigar, David. Honestamente, não sei se fui talhada para essa coisa de mãe adotiva.

— Dê, você só está estressada. Vai dar tudo certo.

Mas Delores não pareceu convencida.

— Estou tão preocupada com a escola, David. Só tenho mais um mês para preparar o menino, e não sei se vou conseguir. Quero dizer, ele é muito inteligente, mas uma nova escola vai ser muito difícil, mesmo sem...

— Eu sei — concordou David em voz baixa. — Eu também estou preocupado. Provavelmente ele vai também ser o único garoto negro da classe. Será que a gente devia mandá-lo para uma escola particular? Para ele ter uma atenção mais individualizada?

Delores revirou os olhos.

— Como se houvesse diferença entre escola pública e escola particular nesta cidade metida à besta. Que diabos! Os resultados dos nossos exames são mais altos, e nossa proporção entre alunos e professores é melhor que a das escolas particulares. Acho que podemos dizer que temos um dos melhores sistemas de ensino de todo o país.

Os dois se olharam com tristeza.

— Nós temos quase um mês para preparar o menino — disse David afinal. — Se garotos do Laos e do Camboja podem chegar aqui sem falar uma palavra de inglês e se tornar acadêmicos de destaque depois de alguns anos, Anton vai ser capaz de aprender a ler e escrever bem o inglês do país onde nasceu. — Passou o indicador pelos lábios da mulher. — Além do mais, ele tem a professora mais inteligente e paciente do estado.

Delores abriu um de seus sorrisos marotos.

— Eu vou tentar, amor. Mas não sei fazer milagres. — Afastou-se e começou a remexer na cômoda. — Mas vou dizer uma coisa. Ele tem um talento nato para matemática. Acho que é um talento natural. Esse garoto poderia me dar aulas de matemática.

— Agradeça a Deus pelas pequenas graças alcançadas.

Durante as três semanas que haviam passado com Anton, nenhuma das preocupações iniciais de David se concretizou. Claro, o garoto, às vezes, desabava e tinha acessos de saudade de casa, mas isso era esperado. Contudo, de modo geral, Anton parecia estar se adaptando bem. Era educado e se mostrava agradecido quando ganhava roupas novas. Ficou em êxtase quando David comprou um par de tênis Air Jordan. Para um garoto novo, era surpreendentemente esmerado em seus hábitos pessoais, mais do que James na idade dele. Arrumava a própria cama pela manhã e, desde a última semana, tinha começado a tirar a mesa depois do jantar. Delores quis protestar na primeira vez em que ele fez isso, mas David a impediu.

— Ele se sente confortável fazendo isso, querida — falou. — É o jeito dele de se integrar. Deixe estar.

Mas, apesar de todas essas pequenas graças, David sabia que o pior ainda estava por vir. Delores tinha razão — a escola era um perigo, um meteoro desconhecido que a qualquer momento poderia fazer em pedaços aquela vida pacífica e recém-construída. Nas últimas três semanas, eles tinham se isolado do mundo exterior, propiciando uma oportunidade de a família encontrar um novo equilíbrio. Mas agora isso estava para terminar. David e Delores sempre participaram de um grande círculo social. Ambos tiveram uma infância solitária, tendo sido criados como filhos únicos de pais muito ocupados de destacadas famílias da sociedade e, por essa razão, procuraram um estilo de vida diferente quando saíram de casa. Tinham se casado cedo, obrigados pelo pai de David, o senador Harold Coleman, quando Delores engravidou ainda na faculdade. (David costumava se perguntar se ele e Delores teriam se casado tão jovens se ela tivesse engravidado poucos anos mais tarde, depois de a Suprema Corte ter legalizado o aborto.) Da forma como aconteceu, os dois não podiam sair à noite para dançar e ir a festas como seus amigos, por isso recebiam as pessoas em casa. E, quando Connor se casou com Janet, seis meses depois, começando uma nova família, os Coleman e os Stevens se tornaram inseparáveis, passando os principais feriados juntos e até saindo de férias juntos, a não ser quando os Coleman iam visitar o senador em sua casa de veraneio em Cape.

David olhou pela janela. Ainda estava claro lá fora. Saiu do quarto em silêncio e bateu na porta de Anton. Lembrou-se de como o garoto ficou surpreso na primeira vez em que ele bateu na porta pedindo permissão

para entrar. Ao indagar se a mãe dele não fazia a mesma coisa, Anton olhou para ele por um segundo com ar incrédulo. “Não”, murmurou. Depois, como se tivesse, de alguma forma, traído a mãe com sua resposta, acrescentou, um pouco na defensiva: “Minha mãe me deixava ficar no quarto. Ela dormia no sofá”.

Mas, então, Anton respondeu com um casual “pode entrar”, e David enfiou a cabeça pela porta.

— E aí, parceiro? Vamos bater uma bola?

O garoto abriu um sorriso.

— Claro.

Na primeira vez em que ele e Anton tinham jogado no quintal, David ficou preocupado, imaginando se as quicadas da bola não lembravam Delores das ferozes partidas que costumava jogar com James. Mas Delores não mostrou nenhuma reação, e com o passar das semanas David ficou mais relaxado. Anton era um jogador firme e concentrado, mas não competitivo, e David se continha para não trocar xingamentos com ele, como fazia com James.

Os dois jogaram até escurecer e ficarem com as camisetas molhadas de suor. Quando afinal ergueram os olhos, viram os dois copos de limonada que Delores tinha deixado sobre a escada que levava para os fundos da casa. David e Anton sentaram-se lado a lado nos degraus de pedra, bebericando limonada.

— Isso é tão boooom — disse Anton.

David deu risada.

— O que foi? Por que você tá rindo?

David meneou a cabeça.

— Sei lá.

— Então, a quem devo perguntar? — indagou Anton, apoiando a mão no quadril e falando exatamente como Delores.

— Ei. Essa fala é da Dê! Arrume uma fala própria.

Uma leve brisa passou pelo gramado e refrescou as camisetas molhadas. “Verão”, pensou David. “Uma noite quente com uma brisa fresca. Limonada. Um jogo de basquete com o filho.” A vida não podia ser melhor do que aquilo.

Mas, imediatamente, se censurou. Anton não era filho dele. Anton era filho de outra pessoa, um presente emprestado que logo seria devolvido.

Seu verdadeiro filho, sangue do seu sangue, seu herdeiro legal, estava morto.

Anton puxou um pelo do joelho de David.

— David — falou o garoto —, eu não quero ir a essa festa amanhã.

David ficou chocado com a contradição: a intimidade do gesto inconsciente justaposta à atitude de distanciamento de chamar David pelo nome. Outras crianças adotadas chamam os pais adotivos de mãe e pai, ele e Delores tinham aprendido isso no curso que fizeram. Mas Anton, não. Pelo menos o garoto não o chamava de sr. Coleman. Quanto à sua esposa, Anton e Delores chegaram a um bom acordo. O menino a chamava de AM, que queria dizer “adotiva mãe” e, como Anton enunciou com uma risadinha, rádio AM. Era um codinome irônico, brincalhão — e não traía James de forma nenhuma. Deu certo para Delores.

David se concentrou em Anton.

— Por que não, parceiro? — perguntou, mantendo um tom de voz amigável. — Vai ser uma festa divertida. Muita comida, um bocado de jogos para a garotada.

— Mas é que eu não conheço ninguém, David — respondeu Anton com certa ansiedade na voz.

David virou-se de leve para o garoto, mas Anton estava com o olhar fixo à frente. “O que será que ele vê”, conjecturou David, “neste gramado chique e bem-cuidado, cheio de arbustos de azaleia, com canteiros de flores e uma lagoa com peixes exóticos?”

— Eu sei. Mas tem uma coisa. Essas pessoas... muitas delas pelo menos são nossas amigas. E você, agora, faz parte da nossa família. Por isso vai precisar conhecer essa gente, certo?

— Mas eu vou embora logo, David. Assim que o juiz deixar minha mãe voltar pra casa.

David enrijeceu antes de conseguir controlar o próprio corpo. Era assim que Anton se considerava, como um hóspede. Não importava o que ele ou Delores dissessem, fizessem ou sentissem. Sentiu a bile na garganta e experimentou um súbito distanciamento do garoto sentado ao seu lado. Que diferença fazia aquilo? Além do novo guarda-roupa e de algumas boas maneiras à mesa, o que eles poderiam dar a Anton? Por que Delores estava se matando para tentar melhorar a dicção dele, a ortografia e a gramática? Seria melhor deixar o garoto chafurdar na própria ignorância, que

acreditasse que Hitler e George Bush eram inimigos mortais. Anton estava certo. O mais provável era que a mãe voltasse logo para casa, muito antes que ele e Delores conseguissem combater os danos causados por sua péssima educação, pelo pai ausente, pela mãe inútil. Mais do que qualquer um, David entendia as diretrizes das condenações por exposição de crianças a riscos. Que diabos! Ela cumpriria uns quatro ou seis meses. Mesmo que Bob incluísse uma acusação por posse de drogas, ela seria libertada em pouco tempo.

David balançou a cabeça. Anton olhava para ele, a boca ligeiramente aberta, uma expressão assustada nos olhos. Meu Deus, ele devia estar parecendo muito mal! O que Anton tinha interpretado na expressão de seu rosto? Não tinha nada que descarregar sua frustração no garoto.

— Desculpe, David — murmurou Anton. — Eu vou na festa com vocês.

David se esforçou para dar um sorriso.

— Só se você quiser, Anton. — Em seguida, acrescentou: — Embora ache que você vai se divertir muito. E eu vou estar ao seu lado a tarde toda. Certo?

— Certo — confirmou o menino.

David se esforçou para não ouvir a intranquilidade na voz do garoto. Mas sentiu o coração pesado quando se levantou para seguir Anton até a casa, onde podia quase sentir a desaprovação de Delores por arrastar o garoto para uma festa onde estaria frente a frente com o promotor público do caso da sua mãe.

CAPÍTULO 4

OS PRIMEIROS DIAS FORAM BEM. Anton se preocupou quando a mãe não voltou para casa na primeira noite, mas, depois, se lembrou de que, um ano antes, ela havia ficado a noite toda fora de casa e, quando voltou no dia seguinte, deu a ele uma nota de um dólar por ter sido um garotinho corajoso. Além do mais, foi até divertido ficar acordado a noite toda assistindo à TV, comendo a batata frita e o queijo cheddar que sobraram da visita ao posto de distribuição de comida no começo do mês. Daquela vez a eletricidade estava ligada, o apartamento estava fresquinho e a geladeira zumbia.

O problema começou no quarto dia, quando a luz acabou e o calor passou a aumentar. Anton quis ligar para a companhia de luz, como já tinha visto a mãe fazer, mas ela também não pagava a conta de telefone havia alguns meses, por isso ele não funcionava. Ademais, o que ele poderia dizer? Que estava sozinho em casa? E causar problemas para a mãe? Ainda se lembrava do dia em que um policial veio ao apartamento deles quando ele faltou às aulas por uma semana. A mãe dele estava em casa naquela noite, e Anton detestou a maneira como se comportou. Ver a mãe agir daquela forma, como se fosse um gatinho implorando por um pires de leite, fez com que se sentisse pequeno e irritado de um jeito diferente. Ver o policial observar o apartamento pobre e pequeno, os lábios retorcidos de nojo, ouvi-lo repreender a mãe como se ela fosse uma garota malcomportada, tudo aquilo fez Anton ter vontade de quebrar alguma coisa. Foi curioso como aquele policial o fez se sentir: invisível e, no entanto, muito consciente de seu corpo, agitado de um modo todo diferente.

Por isso, não, mesmo que pudesse, ele não teria ligado para a companhia de luz. Ou para qualquer pessoa. A mãe voltaria logo para casa. Preferia ficar ali esperando, como “O garoto que ficou no convés em chamas”, que era seu poema favorito no mundo. Quando o apartamento ficava quente demais, ele mergulhava a cabeça na água fria da torneira da

cozinha. Quando começou a ficar sem comida, simplesmente bebeu mais água para encher o estômago. Jogou seu Game Boy da Nintendo até a bateria descarregar. Todos os dias se agarrava ao pensamento de que aquele seria o dia em que ela voltaria para casa.

Até a tarde do sétimo dia, quando acordou no sofá suando, tremendo, com a convicção de que a mãe havia morrido. Não fazia ideia de como aquele pensamento tinha entrado na sua cabeça, mas sabia que era verdade. A mãe estava morta, e ele estava preso dentro de um apartamento com duas janelas, ambas trancadas e vedadas. Não adiantava tentar a porta da entrada — a mãe sempre a trancava por fora quando saía, para que os marginais que faziam ponto nos arredores do conjunto habitacional não entrassem.

Olhou ao redor da sala em pânico. Precisava encontrar a mãe. Descobrir o que tinha acontecido com ela. Nem sabia mais quantos dias tinham se passado desde que ela saía. Teriam sido doze? Ou quatro? Já estava perdendo a conta.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto quando tentou levantar a janela vedada por uma camada de tinta, gemendo. Pensou em esmurrar o vidro, mas, depois, viu a cadeira da mesa de jantar. Sem pensar, pegou a cadeira e arremessou-a contra a janela. Não tinha previsto a facilidade com que o vidro quebraria e em quantos pedaços. A vidraça explodiu como uma bomba. Mas o principal foi que a cadeira abriu um buraco grande o bastante para ele sair. Na pressa, não viu o grande caco de vidro preso na moldura de madeira, só percebeu quando sentiu o corte na coxa. Por alguns instantes, a dor foi tão forte que ele achou que ia desmaiar. Quis se sentar no gramado, mas havia cacos de vidro por toda parte. Então começou a andar. O rastro de sangue que o perseguia deu vontade de vomitar, mas se lembrou da mãe morta e sabia que, se conseguisse chegar à casa do seu amigo Terry, a alguns prédios de distância, o pai dele o ajudaria a encontrar o corpo da mãe.

* * *

Anton acordou com o coração acelerado e, por um segundo, pareceu estar de novo naquele apartamento quente, despertando no sofá com a sensação

gelada de que a mãe estava morta. Lentamente, ao perceber onde estava, aquela sensação gélida e terrível de pavor se amenizou. Apertou o minúsculo botão do relógio Timex que David tinha comprado para ele, e a tela digital brilhou vermelha no escuro. Eram três da manhã.

Desde que tinha ido morar lá, ele sempre acordava a essa hora. Não importava quanto estivesse cansado — se tivesse ajudado a mãe adotiva no quintal ou jogado basquete com David à noite —, Anton sempre acordava a essa hora, os pensamentos acelerados, o coração batendo forte. Nunca sentira esse medo no meio da noite antes de o pessoal do Juizado de Menores tê-lo tirado de casa. Em sua antiga vida, não tinha medo das gangues que rondavam seu bairro ou dos valentões da escola. Todo mundo meio que o deixava em paz. Até os policiais que patrulhavam o conjunto habitacional o ignoravam, pois ele nunca se metia em encrenca. Na maior parte do tempo, ficava em casa com a mãe, os dois comendo um cachorro-quente ou um cheesebúrguer quando ela chegava do emprego na Tip Top, onde trabalhava no estoque. Depois do jantar, eles assistiam à TV ou faziam os deveres de casa. Às vezes, a mãe recebia uns amigos e pedia para Anton ir para o quarto enquanto eles se reuniam na sala de estar. Anton não gostava daqueles amigos e odiava Victor, o cara que vendia drogas para sua mãe, mas não tinha medo de ninguém. Na verdade, até gostava do som das brincadeiras deles, pois quebrava o silêncio diário e a chatice da vida dos dois.

Ela era uma boa mãe. Foi o que ele tentou dizer ao assistente social e aos policiais, mas eles passaram a mão em sua cabeça e assentiram de um jeito que mostrava que nem o estavam ouvindo. Sabia que ela tinha agido mal ao deixá-lo trancado em casa por tanto tempo, e aquilo o deixava furioso. Sabia que era errado ela usar drogas, que deveria *Simplesmente dizer não*, como dizia o enorme cartaz do outro lado da rua do conjunto habitacional. Ela tinha cometido um grande erro, por certo, e Anton entendia isso.

Mas o que não entendia era o que isso tinha a ver com outras pessoas além da mãe e dele. Até mesmo Ernest, o assistente social de quem ele gostava tanto, se comportava como se fosse certo tirarem-no da própria casa. E também como se fosse certo que algum velho juiz, que *não* os conhecia, botasse a mãe dele na cadeia. Sentia um medo terrível ao pensar na mãe presa junto com ladrões e sequestradores e membros de gangues.

Ela era tão miúda... E se alguém a intimidasse ou a ferisse na prisão? Seria culpa daquele juiz velho, que *não* a conhecia.

Mesmo sem comida e eletricidade, Anton se sentia mais seguro no apartamento do que naquele casarão velho, onde, às vezes, ele até se perdia. E as pessoas ali — elas eram legais, até simpáticas, mas Anton sentia um pouco de medo delas. A senhora AM era legal com ele, cozinhava espigas de milho todos os dias em que ele dizia que a amava. E, mesmo sendo ruim de leitura e continuando a errar ortografia e tudo o mais, AM era paciente com ele, diferente da professora Rose da escola, que revirava os olhos sempre que ele entregava uma prova para ela. Sim, Anton gostava de AM, principalmente depois que Maria, a senhora que fazia a faxina, contou que o filho de AM, James, tinha morrido num acidente de carro. O irmão da mãe de Anton havia morrido numa colisão de automóveis quando ela ainda era pequena, e às vezes, quando falava sobre ele, a mãe ainda chorava. Ele tinha ganhado o mesmo nome do irmão mais velho da mãe. O tio Anton. Então, sabia quanto AM devia se sentir triste e, por isso, acompanhava suas lições de gramática e ortografia, apesar de ser uma chatice, pois ela devia sentir falta de ensinar o próprio filho.

David também era legal, mas, toda vez que comprava alguma coisa para ele — como o relógio —, ficava olhando de maneira ansiosa, como se quisesse algo em troca. Como na noite anterior, quando Anton tinha falado em voltar para a casa da mãe e David fez uma cara engraçada. David também era juiz, então por que não podia libertar sua mãe? Aí ele poderia voltar para casa, e o casal poderia parar de comprar roupas e outras coisas para ele e ir sozinho a essa festa idiota.

Anton virou-se de lado e olhou pela janela, para a noite escura. Quando era pequeno, a mãe costumava ler *Boa noite, Lua* para ele todas as noites, os dois aninhados na cama. Foi o único livro que chegou a ter, preservado até o ano anterior, quando Anton foi convidado para uma festa de aniversário de um garoto de quatro anos do bairro. Como eles estavam sem dinheiro em casa, a mãe deu o livro de presente. Na ocasião, Anton ficou com raiva dela, mas, agora, enfiava a unha do polegar no indicador como castigo por ter ficado zangado com a mãe. Quando voltasse a encontrar a mãe, iria implorar para ela parar de usar drogas, e sabia que ela pararia se ele pedisse do jeito certo. Porque era uma boa mãe e gostava dele.

Se tivesse uma febre, talvez eles o deixassem ficar em casa e ele não tivesse de ir à festa. Essa era outra coisa estranha de morar ali — eles nunca o deixavam sozinho em casa, nem por dez minutos. No apartamento, ficava muitas vezes sozinho — quando matava aula ou quando a mãe precisava trabalhar aos sábados, ou quando saía para comprar pão ou leite ou drogas. Anton gostava de ficar sozinho. Assistindo à televisão ou jogando o Game Boy da Nintendo que a mãe tinha comprado para ele de aniversário. Isso foi quando ela ainda tinha dinheiro, antes de começar a gastar quase tudo com Victor e as drogas.

Ali, eles só o deixavam assistir a uma hora de TV. Era como uma prisão. AM chegava a escolher quais livros ele podia ler, e *não* eram gibis. Onde estava o Game Boy? Quem tinha ficado com ele? A cabeça de Anton latejava ao pensar em Maurice, que morava no apartamento ao lado, roubando o seu game. Ele odiava Maurice.

Piscando para conter lágrimas de raiva, Anton empurrou as cobertas sobre seu corpo suado e se virou de novo na cama. Se ao menos soubesse o caminho de casa, ele poderia fugir. Sentia falta do bairro em que morava, com todo aquele barulho e agitação. Numa noite quente de verão, adormecia com os sons de pneus derrapando e bebês chorando, do ronco dos motores e das risadas altas dos jovens que se reuniam na rua, debaixo da sua janela. Aquela casa era silenciosa como um túmulo. Provavelmente o garoto morto, James, estava enterrado no porão. Anton estremeceu com aquele pensamento. E ninguém naquela cidade era igual a ele. Antes, com exceção do velho diretor da sua escola, Anton nunca tinha conhecido um branco. Nunca havia visto olhos azuis de perto antes de conhecer David. Olhar nos olhos de David fazia Anton se sentir afogando num lago gelado.

Até a barbearia da cidade era silenciosa como uma biblioteca, tão diferente da barbearia barulhenta, agitada e cheia de gente praguejando do bairro onde morava. Dois dias antes, AM o havia levado ao barbeiro, e o homem fez um grande alarde por nunca ter cortado um cabelo como o dele, até Anton sentir seu rosto ficar vermelho. No seu antigo bairro, ninguém nem notava sua presença, a não ser com um casual “Ei, Anton. E aí, cara?”. Ali, onde fosse, todo mundo olhava para ele, como se estivesse num circo.

Será que haveria algum garoto negro na festa? Ele queria perguntar ao David, mas sentia vergonha. Sabia quanto eles queriam que gostasse dos

dois e da casa, como preparavam pratos especiais para ele, compravam sapatos e outras coisas, mas Anton estava começando a ficar impaciente. Quando a mãe iria buscá-lo? Quando iria voltar para casa? Cada vez que tentava perguntar, David fazia uma cara estranha. E, de qualquer maneira, era inútil tentar falar com eles. Sempre que dizia alguma coisa, os dois o corrigiam. Sempre que perguntava alguma coisa, AM respondia: “É ‘perguntar’, querido, não ‘preguntar’”. E acontecia de a palavra ser “impaciente”, não “inpaciente”, como Anton sempre escrevia. E “ansiedade”, não “ansiosidade”. Parecia que tudo o que ele sempre soube estava errado.

Olhou mais uma vez para o relógio. No dia da festa, iria se levantar bem cedo e ir até a cozinha. Sabia onde AM guardava as cebolas, numa cesta pendurada. Ia roubar uma cebola e voltar para a cama. Uma vez, um garoto da escola disse que deixar uma cebola embaixo do braço por uma hora fazia a gente ficar com febre. Anton detestava ficar doente, mas isso evitaria que fosse à festa. Iria passar um tempo sozinho, assistindo à TV e talvez tomando um pouco de sorvete. Ele também sabia onde eles guardavam o sorvete.

CAPÍTULO 5

DAVID FICOU EMPOLGADO ao ver o garoto tão bonito. Anton cintilava com uma camisa havaiana clara e bermuda cáqui, com o novo corte de cabelo e tênis novinhos em folha. Sua pele dourada brilhava como cobre à luz do sol do final de julho, fazendo-o parecer bronzado e bem-disposto, como se tivesse acabado de sair de um veleiro em Cape. Menos de um mês com eles e Anton já parecia radiante, um exemplo de aparência saudável — bem diferente do menino tímido e frágil que David trouxera do Juizado de Menores. Delores estava enganada. Aquele garoto iria se dar bem na escola. Não, não só bem. Ele iria desabrochar. David faria isso acontecer puramente com sua força de vontade. Anton só precisava do que qualquer garoto precisa: comida boa. Sol. Ar puro. Educação. Exercícios. Disciplina. Amor. Todas as coisas que ele e Delores estavam perfeitamente qualificados para oferecer. David sentiu-se arrebatado, pleno de um sentimento de responsabilidade ao observar o lugar onde a festa anual dos Smith acontecia com toda animação.

David olhou para o relógio. Que droga! Connor estava atrasado, como sempre. Anton parecia estar se virando bem entre os outros garotos, mas a maioria das crianças era alguns anos mais velha ou mais nova que ele. Bradley, o filho de Connor, tinha a mesma idade de Anton, e David torcia para que os dois se dessem bem. Isto é, se Connor e Jan fossem. Era uma piada corrente entre eles: apenas ao internato Exeter é que Connor havia chegado mais cedo que David, um ano antes. A todos os outros lugares, sempre chegava atrasado.

Don Smith, o anfitrião da festa, chegou por trás e deu um tapinha em suas costas.

— Está se divertindo, David?

— Como sempre, Smithie.

— Então por que o seu copo está vazio?

David abriu um sorriso.

— É um pouco cedo demais para ficar bêbado, não acha?

— Bobagem. Nunca é cedo demais. — Ficou ao lado de David, apreciando a cena à frente deles. — Aquele é o garotinho que você acolheu?

— Sim. — Por dentro, David se retraiu. Don falou como se eles tivessem adotado um bichinho sem dono.

— E como vai indo?

— Até agora, tudo bem. — David sabia que era uma resposta evasiva, mas não estava a fim de falar sobre Anton com Don.

Seus temores se materializaram um segundo depois.

— Bem, espero que dê certo — observou Don. Fez uma pequena pausa antes de continuar: — Minha mãe, que Deus a abençoe, sempre me alertou sobre esse tipo de coisa, sabe, essas questões de adoção. Dizia que nunca se sabe o que a gente está trazendo para casa. Problemas de outras pessoas e coisas assim.

David se sentiu irritado, mas logo se conteve. Isso é apenas Smithie sendo Smithie, lembrou a si mesmo. Original de Oklahoma, Don tinha construído uma das empresas de seguro mais bem-sucedidas do estado, mas primava pela falta de educação. Como dizia o slogan de sua empresa: “O QUE VOCÊ VÊ É O QUE VOCÊ LEVA”.

— Bem, nós só estamos cuidando dele. Mas você tem razão. Não é para qualquer um — disse David vagamente.

Don aquiesceu.

— É verdade. Cada um na sua. — Estreitou os olhos enquanto observava o quintal. — Ele tem a pele bem clara para um garoto de cor. Podia passar por libanês ou algo do gênero.

Dessa vez, David não escondeu sua contrariedade.

— É sério isso, Smithie? *Garoto de cor*? Nós voltamos a 1954?

Don deu risada.

— Relaxa, David. Você sabe que sou um velho xucro de Muskogee, Oklahoma. Não tenho sangue azul como o seu.

David deu risada, mesmo sem querer.

— Sai dessa. Eu já conheço você há muito tempo para engolir esse lugar-comum de “eu-sou-só-um-pobre-caipira”.

Don deu um cutucão nas costelas de David.

— Você me conhece. — Os dois ficaram em silêncio por um minuto.

— Mas, mudando de assunto, dizem os rumores que Michaels vai se

aposentar do tribunal de apelação no ano que vem. Se isso acontecer, o governador vai ter de preencher essa vaga. O que você acha disso?

David olhou para Don.

— O que *eu* acho disso?

— Sem essa, David. Você não chegou aonde está dando uma de modesto. Sabe que temos altos planos para você. Quer que eu fale no ouvido do governador? Eu tenho um jantar com ele no mês que vem.

David hesitou. Sabia que Don era um grande apoiador do Partido Democrata e mantinha boas relações com Richard Tufts, o governador atual; e era um homem muito ocupado para perder tempo com promessas vagas. Mas será que David queria ir para o tribunal de apelação? Sabia o que o pai dele diria. Pappy ficaria incrédulo por ele ter a ousadia de questionar essa oportunidade. “Em cavalo dado não se olham os dentes”, dizia sempre.

— Vou pensar a respeito — respondeu David.

— Tudo bem. Mas não pense demais. Você sabe que seus colegas juízes não vão hesitar diante de uma proposta como essa.

— Eu sei. E não quis parecer ingrato. Obrigado, Don.

O homem mais velho se aproximou mais de David.

— Seu pai sempre foi amigo da indústria de seguros quando era senador. Eu nunca me esqueço de um favor. E você ainda vai longe. Todo mundo sabe disso. Se eu puder servir como degrau, terei orgulho em ajudar.

— Obrigado — repetiu David.

Sempre se sentia desconfortável ao ser comparado a Pappy ou ser lembrado de quem ele havia ajudado como senador. Sem mencionar a expectativa de que deveria seguir os seus passos. David escolhera a profissão de advogado para fugir dessa pressão, acreditando que não tinha temperamento para fazer acordos e apertar mãos, coisas tão naturais para Harold Coleman. Mas era um estado pequeno, e muitos imaginavam que David acabaria entrando para o negócio da família. Que diabos! Muitos moradores ainda não tinham esquecido que o pai dele abdicara ao Senado por ter se cansado das discussões partidárias dos anos Reagan. David sabia que esperavam que ele compensasse o que consideraram uma loucura do senador se candidatando ao cargo algum dia.

— Tio David!

David se virou e viu Bradley Stevens correndo com o maior ímpeto pela varanda de madeira em sua direção.

— Ui! — gemeu David. — Quase você me derruba, Brad.

Bradley abriu um sorriso.

— Desculpe.

David acariciou a nuca do garoto.

— Você se lembra do filho do Connor, não? — perguntou a Don, que assentiu. — Onde está o seu pai? — perguntou, mas, antes que Bradley pudesse responder, Connor saiu da casa com um copo na mão.

— Smithie — falou, abraçando o homem mais velho. — Desculpe por termos chegado um pouco tarde.

Don olhou com aprovação para o copo de Connor.

— Pelo menos você não está perdendo tempo com as libações. — Abriu um sorriso. — Ao contrário da sua amiguinha puritana aqui.

Os três deram risada.

— Então, onde ele está? — perguntou Connor logo em seguida. — Anton?

— Ali. — David apontou com o queixo. Deu uma rápida olhada ao redor, para ver se Delores ainda estava dentro de casa. — Venha comigo — disse, decidindo que era tolice não apresentar Anton ao seu melhor amigo. — Gostaria que você e Bradley conhecessem o menino.

Connor olhou-o com uma expressão inquisitiva.

— Você acha que é uma boa ideia? — cochichou.

David olhou-o nos olhos.

— Acho. — Continuou olhando nos olhos dele até Connor finalmente desviar o olhar.

— Tudo bem — concordou Connor, dando de ombros.

— Com licença. Um momento, Smithie — disse David, e os dois desceram da varanda.

Bradley foi atrás, seguindo pelo gramado até onde Anton brincava com alguns garotos mais novos.

— Anton — chamou David enquanto se aproximavam, e o garoto parou na hora e correu na direção deles.

David ficou atrás de Anton, com as mãos nos ombros do menino.

— Anton, este é meu amigo Connor — falou.

— Olá — cumprimentou Connor com um sorriso. — Este é o meu filho, Bradley.

— Oi — respondeu Anton timidamente, mantendo o olhar em Bradley.

Os dois garotos ficaram se examinando até David dar um empurrãozinho em Bradley.

— Anton é novo aqui. Que tal apresentá-lo aos seus amigos?

— Claro! — Bradley abriu um sorriso irresistível para Anton. — Vamos lá.

Os homens ficaram esperando os meninos saírem correndo antes de Connor se virar para David.

— Puxa, isso é novidade para mim. Não me lembro de jamais ter socializado com o filho de alguém que estou processando.

David deu de ombros.

— O que se pode fazer? Foi por pura casualidade que acabei ficando com ele.

— É. Mas é um pouco estranho.

Connor tinha razão, é claro, mas David sentiu certa irritação penetrar sua pele.

— Enfim — disse com leveza —, aqui estamos nós.

Mas Connor não mudou de assunto.

— Vai ser um pouco estranho se alguém me vir aqui com o garoto. Ou se ele...

David estalou a língua.

— Connor. Pare com isso. Você está falando como a Dê. Ela nem queria vir hoje por sua causa. — Fez um gesto amplo com a mão. — Olhe ao redor. Você está numa festa com mais sessenta pessoas. Nós nos conhecemos desde que tínhamos doze anos. O que deveríamos fazer? Deixar de ser amigos por conta dessa situação? Quanto a Anton, não se preocupe, ele ainda acha que o presidente dos Estados Unidos pilota o próprio avião.

Connor sorriu.

— Essa é engraçada. Tudo bem. Desculpe. Como você está?

— Muito bem. Ocupado. O garoto me mantém pisando em ovos. Mas, na verdade, é um bom menino.

— Que bom! Ainda ontem falei com o advogado da mãe dele. Parece que ela está pronta para fazer um acordo.

David sentiu um aperto no coração. Um acordo significava uma sentença menor. Afinal, Anton ia conseguir o que queria. David esperou se recompor antes de voltar a falar:

— E qual é o acordo?

Connor deu de ombros.

— Bem, nós estamos propondo desistir da acusação por posse de drogas. Então, o caso ficaria restrito à exposição da criança a uma situação de risco.

David não tentou esconder seu desagrado.

— Então vai ser o quê? Seis meses?

— Provavelmente.

David torceu o lábio superior.

— Faz sentido.

— O quê?

Meneou a cabeça e virou-se para se afastar, com uma sensação de azedume no estômago.

— Esqueça. Esqueça o que eu disse.

— David, qual é o problema?

David girou nos calcanhares, parando frente a frente com Connor, o rosto suarento e afogueado.

— Eu vou dizer qual é o problema. Você vai tirar de Anton a única chance que ele alguma vez terá de fazer alguma coisa da vida dele, e vai devolver o garoto para aquela... imundície. — Apontou um dedo para o rosto de Connor. — Você sabe o que vai acontecer, não sabe? Daqui a um ano ela vai fazer exatamente a mesma coisa de novo. Só que, dessa vez, o garoto pode morrer.

— Espere um pouco...

— Não. Você espere um pouco! Você acha que seis meses no xadrez vai mudar alguma coisa? Que ela vai endireitar? Você sabe que não é assim.

— David. Pelo amor de Deus. Abaixе essa voz. E tire esse dedo da minha cara. — Connor esperou um pouco antes de continuar: — Você sabe melhor do que ninguém quanto nossas prisões estão lotadas. Afe, eu não estou entendendo! Você sempre defendeu clínicas de reabilitação para réus primários e...

— Dessa vez é diferente, Connor.

— Diferente em quê? O fato de você estar cuidando do filho da mulher? Todo o sistema legal deveria mudar por causa disso?

A voz de David saiu baixa, mas trêmula de raiva.

— Vai tomar no cu, Stevens!

Connor ficou boquiaberto de surpresa.

— Eu não acredito. Simplesmente não consigo acreditar. Mas afinal o que...

David percebeu, pelo canto dos olhos, que havia pessoas olhando na direção deles. Estava fazendo uma cena, e isso era a última coisa que desejava. Olhou ao redor em busca de Anton e Bradley, mas os garotos estavam fora do alcance da discussão. Sentiu uma pontada de remorso quando viu a expressão perplexa no rosto do amigo.

— Desculpe — falou. — Mil desculpas. — Engoliu em seco. — Eu só estou cansado. Muito cansado. — Pôs a mão no ombro de Connor e se afastou antes que o amigo pudesse responder. — A gente se vê logo mais, tá?

Enquanto andava em direção à casa, David lutou para se recompor. Delores tinha razão. Fora um erro ir àquela festa. Ele devia se manter distante de Connor até toda aquela questão legal ser resolvida. Afinal, talvez nem tivesse mesmo o perfil para ser um pai adotivo. Durante o curso de treinamento, os orientadores haviam enfatizado bastante a importância de não se apegar demais aos tutelados, lembrando que a maioria das crianças amparadas era devolvida aos pais. Em menos de um mês, ele já teria esquecido aquilo. E foi por isso que as palavras de Connor o afetaram tanto. Claro, era um sistema legal distorcido, que valorizava os direitos de consanguinidade em detrimento do bem-estar das crianças. Mas quem era ele para saber o que era melhor para Anton? Seu histórico como pai não era exatamente uma grande coisa — nem fora sequer capaz de evitar que o filho morresse.

“Pare com isso”, disse a si mesmo. “Controle-se. Encontre Delores. Ela vai saber o que fazer.”

Ele localizou Delores assim que entrou na sala de Don. Ela estava sentada no sofá com a mulher de Connor, Jan, que se virou para David quando ele entrou.

— Ei, bonitão — disse Jan sorrindo. — Nós estávamos falando de você. Já encontrou meu marido?

David não teve escolha a não ser ir até as duas e dar um beijo no rosto de Jan.

— Já, ele está lá fora.

— Então o que você está fazendo aqui? — Jan pareceu notar que havia algo de estranho. — Ei, tudo bem com você?

— Tudo bem. Acho que fiquei muito tempo no sol — mentiu David. Deu uma olhada para Delores, que mantinha uma expressão de ceticismo.

— Posso conversar com você um segundo, querida?

Delores se levantou de imediato.

— Claro.

Os dois encontraram um local relativamente tranquilo num dos cômodos da casa.

— Qual é o problema? — perguntou Delores. — Você está com uma cara péssima.

David meneou a cabeça, percebendo que estava quase chorando.

— Não sei. — Olhou pela janela por um segundo. — Acabei de ter um terrível diálogo com Connor. Acho que fui grosseiro com ele.

— Por causa do Anton? — ela disparou.

— Sim.

Delores soltou um suspiro. Mas tinha muita classe para falar “eu não disse?”.

— A mãe dele quer fazer um acordo. Vai sair em seis meses.

— E daí?

— E daí... — Mas o que ele poderia dizer a Delores? Que adorou ter um garoto na casa outra vez? Que queria que Anton ficasse com ele um pouco mais? Que tinha se irritado de forma irracional e sem razão com o amigo promotor por seguir a lei?

— David. — Delores deu um passo à frente e tocou de leve no braço dele. — Querido, ele não é nosso filho. Nós somos apenas... guardiões temporários. Nós sabíamos disso. E você sabe quanto ele sente falta da mãe.

— Mas...

— Não importa o que ela fez. É a mãe dele. Você não entende? É uma coisa... biológica.

Delores tinha razão. Ela estava certa. Eles teriam de devolver o garoto logo. Se tivessem sorte, Anton talvez concluísse um semestre na escola

antes de voltar para casa. E, se esse fosse o caso, David não queria perder mais um segundo naquela festa, não queria dividir Anton com gente como Connor, que chegou a se recusar em conhecê-lo no primeiro momento.

— Vamos embora daqui — disse a Delores. — Você tinha razão. Nós não deveríamos ter vindo.

— Ah, David. Não fique assim. Vá fazer as pazes com Connor. Eu não quero ir embora agora.

— Não, é melhor nós não nos falarmos até todo esse negócio estar resolvido. — Abaixou-se para beijar a cabeça de Delores. — Vamos ficar mais uma meia hora e depois vamos embora, tá?

Quando saíram do aposento, Delores foi raptada por Patti Schik, que morava a duas quadras de distância e cujo marido era presidente da câmara de comércio local. David dirigiu-se a uma parte do gramado onde um grupo de garotos brincava de jogar sacos de feijão.

— Tio David. — Bradley estava todo animado ao se aproximar. — Nós estamos ganhando.

— Quem é “nós”?

— Anton e eu. — Bradley abriu um sorriso. — Ele é bom nisso.

E, como que para provar que o amigo tinha razão, Anton encaçapou um saquinho de feijão no buraco. Levantou a cabeça e sorriu timidamente para David, que retribuiu o sorriso.

— Ei, vamos mudar os times — disse Joshua, um dos jogadores.

— De jeito nenhum! — gritou Bradley.

— Mas assim não é justo. Vocês vão continuar ganhando sempre se...

— Meninos, meninos — interrompeu Anton com um falso tom professoral, abanando as mãos como um passarinho —, sem brigas. Existe Anton suficiente pra todo mundo.

David olhou para o garoto, incrédulo por um momento, depois deu uma gargalhada. Anton era um canastrão. Quem teria imaginado?

Enquanto os outros meninos se entusiasmavam com o desempenho de Anton, David deu uma olhada no relógio, reconsiderando sua decisão de ir embora mais cedo. Estava bem óbvio que Anton desabrochava na companhia de outras crianças. David sentiu uma onda de afeição por Bradley, que, sem nenhum esforço, incluía o novo garoto no seu círculo de amigos. Da mesma forma que o pai de Bradley o havia incluído em outro tempo e lugar, lembrou-se David, sentindo mais uma pontada de

remorso por ter visto em Connor um alvo fácil para seus temores e frustrações.

Don veio até ele de novo e colocou uma cerveja na sua mão. Ficaram em silêncio assistindo ao jogo dos garotos, até que Don, sem avisar ninguém, pegou um dos saquinhos de feijão e começou a participar do jogo.

— Vamos lá, David — chamou. — Melhor de dez.

David percebeu que Anton olhava para ele enquanto jogava. Seu coração se comovia toda vez que ouvia o garoto bradar “Boa, David!” quando ele marcava um ponto. Sabia que seria de bom-tom deixar o homem mais velho ganhar, por seus deveres como convidado e por causa da promessa que Smithie tinha acenado, mas percebeu que não conseguiria. O orgulho que Anton sentia por ele foi mais determinante: era o som dos brados de vitória de Anton que soava em seus ouvidos, não o cordial cumprimento de Don:

— Bela partida, David. Mas, na próxima, eu vou ganhar de lavada.

— Sei, sei, sei — replicou David.

Com o bom humor restaurado, David decidiu que não havia necessidade de voltar correndo para casa afinal.

— Está com fome, parceiro? — perguntou a Anton, que fez que sim com a cabeça. — Ótimo! Vamos comer alguma coisa.

David voltou para a casa, flanqueado por Anton e Bradley.

— A gente tem uma piscina em casa — ouviu Bradley dizer. — Você devia vir nadar.

— Eu não sei nadar — confessou Anton.

E David ficou tenso, esperando uma piada qualquer ou, pior, alguma expressão de incredulidade de Bradley. Mas o menino disse apenas:

— Eu te ensino.

David lançou um olhar de admiração ao garoto ruivo. Connor e Jan tinham criado um menino maravilhoso.

— Eu posso ir à casa de Brad? — perguntou Anton, puxando a manga de David, que se odiou por responder sem querer se comprometer:

— Vamos ver.

Eles encontraram Delores, que levou Anton até a enorme mesa do bufê. David tentou ver aquele banquete, com seus evidentes excessos, com os olhos de Anton. Como seria trocar o queijo mofado de distribuição

popular por algo assim? Não pela primeira vez, admirou a serenidade do menino, como ele sabia acompanhar o ritmo das coisas. Na verdade, Anton se comportou melhor na fila do bufê do que muitas outras crianças. David se perguntou se Delores havia percebido isso também, a postura aristocrática daquele garotinho a quem o destino trouxera até eles.

— David. — Jan tinha chegado por trás, tão em silêncio que ele nem a ouvira. — Connor me disse que você ficou muito aborrecido agora há pouco. — David abriu a boca para se desculpar, mas ela o silenciou. — Eu só queria dizer que, se estivesse no seu lugar, também me sentiria bem aborrecida. — Aproximou-se mais dele, e David pôde sentir o álcool em seu hálito. — Já estou cansada de gastar nosso dinheiro de impostos com essa gente — falou. — No que me diz respeito, eles deviam trancar aquela vaca para sempre e deixar você ficar com o pobre garoto.

David se afastou dela involuntariamente. Ele adorava Jan, mas se sentiu repugnado com o que ela dizia. Já exercia sua profissão de juiz tempo suficiente para saber que o comportamento humano era complicado e imprevisível, e que a justiça tinha sempre de ser temperada pela clemência. Mas Jan ficou olhando para ele com ar de expectativa, como se desejasse sua gratidão por ficar ao seu lado contra o marido. Sem saber o que dizer, David olhou para ela e murmurou:

— Obrigado.

Antes que Jan conseguisse dizer alguma outra coisa, David apertou o ombro dela, sorriu e saiu para se juntar à esposa.

— Oi — disse em voz baixa, tendo vontade de se enterrar em Delores e se afastar de toda aquela gente que conhecia e de quem gostava havia muitos anos, mas que, naquele dia, estava dando em seus nervos. — Está pronta para ir embora daqui a pouco?

— Você não vai comer nada?

— Acho que não. Está muito calor.

— Está tudo bem?

— Acho que sim... Jan está bêbada.

Os dois trocaram um olhar.

— Quinze minutos — disse Delores. — Daí nós saímos. Vá se despedir de Don e da mulher dele.

David saiu andando pela casa enorme à procura do anfitrião. Por duas vezes avistou Connor, mas, nas duas vezes, os dois desviaram o olhar.

Finalmente encontrou Don, escondido entre um grupo de homens de negócios locais.

— Obrigado, Don — falou. — Bela festa.

— Você já está indo?

— Infelizmente. Delores está com uma forte dor de cabeça.

— Que merda. Isso é mau.

Conversaram mais alguns minutos, e David se despediu do grupo também.

— Não se esqueça do que nós conversamos — lembrou Don.

E David cerrou os dentes enquanto se afastava.

— Não vou me esquecer — replicou sem olhar para trás.

David só sentiu o corpo relaxar quando os três estavam no carro já a caminho de casa. Sorriu consigo mesmo ao ver Delores no banco de passageiro com Anton dormindo no seu colo. Danem-se Connor, Jan e Don. Danem-se todos eles. Sabia que Anton lhe fora entregue por um curto período, mas estava resoluto e determinado a desfrutar de cada segundo que os dois passassem juntos.

CAPÍTULO 6

DAVID ESTAVA EM SEU GABINETE, pondo em dia parte da papelada, quando ouviu uma batida leve e formal na porta aberta. Ergueu a cabeça e viu seu colega Bob Campbell.

— Você está ocupado? — perguntou Bob.

— Não, não, pode entrar — respondeu David, tapando a caneta e deixando-a sobre a pilha de papéis em sua mesa. — É até bom fazer um pequeno intervalo.

— Ótimo. — Bob sentou-se na cadeira de madeira em frente a David. — Não tenho visto muito você nessas últimas semanas.

— Pois é, bem... — David pareceu constrangido. — Em parte é intencional. Achei que seria melhor me manter distante até o caso Vesper estar resolvido, sabe.

Bob fez uma expressão que David não conseguiu interpretar bem.

— Ah. Foi o que pensei. Bem, não precisa mais se preocupar com isso.

David esticou os braços acima da cabeça e se recostou na cadeira.

— O que significa...?

— Significa que o caso está concluído. Eu passei a sentença hoje de manhã.

David sentiu um peso no corpo e ficou olhando para Bob, que sustentou seu olhar — olhos pequenos piscando embaixo de sobrancelhas escuras e cabeludas.

— Você não quer saber qual foi a sentença? — perguntou afinal.

David deu de ombros. Àquela altura, já tinha se reconciliado com a questão. Quatro ou seis meses, qual era a diferença? Anton ia voltar para casa de qualquer jeito, antes de a mãe ter uma oportunidade real de se recuperar.

Mas logo uma ponta de dúvida passou por sua cabeça. A Vara da Família do tribunal estadual, chefiada por Bob, ficava no sexto andar do edifício. O escritório do Departamento Criminal, em que David trabalhava,

era no quarto. Aquela não era uma visita comum. Bob tinha claramente se empenhado para vir falar com ele.

— Você vai me contar? — perguntou David. — Ou há alguma...

— Dois e meio — disse Bob abruptamente.

David agarrou o tampo da mesa para tentar controlar sua fúria.

— Isso é ridículo! — disparou. — Já lavrei sentenças para casos de maus-tratos em animais que foram o dobro disso.

Bob ficou olhando para ele por baixo daquelas sobrancelhas expressivas.

— Anos.

— Como é que é?

— Dois anos e meio. Foi a pena que ela pegou.

David não confiava em si mesmo para falar nada. Tentou dizer alguma coisa, mas a boca se mexeu sem emitir palavras.

Bob sorriu, visivelmente contente com o impacto de suas palavras.

— Puxa, Dave. Eu nunca tinha visto *você* sem saber o que dizer.

A cabeça de David parecia enevoada, apesar de um raio de esperança tentar penetrá-la.

— Como? Eu achei que... Connor não concordou com o acordo?

— Claro que concordou. E fez que ela se confessasse culpada. Poupou um bocado de tempo e dinheiro ao tribunal.

De repente, Bob fez uma careta. “Como ele muda rápido de expressão”, pensou David distraidamente.

— O acordo com ela foi feito no gabinete do promotor — continuou Bob. — Mas, enfim, eu sou o juiz. E nada na lei diz que eu não poderia condená-la à pena máxima.

David sentiu como se estivessem bombeando ar em seus pulmões e conseguiu respirar normalmente pela primeira vez em semanas. Até ali só estava esperando pelo pior, já lamentando a iminente perda de Anton desde a festa na casa de Don Smith.

— Connor ficou chateado?

Bob olhou para ele com uma expressão incrédula.

— Chateado? — Bob levantou-se da cadeira, andou alguns passos para fechar a porta do gabinete de David e voltou a se sentar com um baque. — Ele entrou em êxtase. Se ficou aborrecido com alguma coisa, foi por ter deixado você nervoso naquela festa.

— Você ouviu falar sobre isso?

— David, por favor... Nós vivemos numa comunidade pequena. Todo mundo na festa comentou como foi maravilhoso ver você e Delores parecendo felizes outra vez. De todo modo, eu me encontrei com Connor no clube logo depois, e ele contou que lamentava ter fechado o acordo. Bem, eu fui logo dizendo que ele estava pressupondo muita coisa... que eu não precisava seguir a diretriz da sentença mínima. — Bob abriu um grande sorriso.

David recostou-se na cadeira, perplexo com o que estava ouvindo.

Bob ergueu uma sobrancelha.

— Então? Será que deixei mesmo o Honorável Coleman sem palavras?

David sabia que deveria dizer alguma coisa, apertar a mão de Campbell e agradecer. Sabia que era o que o grandalhão à sua frente esperava. Mas se sentiu frio e alheio, como se visse Bob e a si mesmo a distância. Teve vontade de dizer que Bob havia cometido um terrível engano, que uma lei maior do que aquela que ambos aplicavam tinha triunfado — a lei das consequências não pretendidas. Sim, ele discutira com Connor, mas aceitou a decisão assim que se acalmou. Não queria mais interceder em causa própria e corromper a lei, a lei pela qual havia optado exatamente por ser mais limpa e transparente que a política ou as questões de família; não queria ser beneficiário da grandeza ou da piedade de Bob Campbell; não queria que Connor comprometesse sua ética para preservar a relação com seu melhor amigo. E, sim, também não queria que uma pobre mulher negra e inculta fosse atropelada por um bando de sujeitos brancos com diplomas de direito, fosse enganada por um sistema legal cujo projeto não contara com a participação dela ou de seus antepassados, ou que fosse privada do próprio filho por razões dúplices. Ele queria Anton, sim, mas não desse jeito. Jamais desse jeito.

Mas como poderia dizer isso a Campbell sem cair em desgraça ou perder sua amizade? Como podia impedir que uma parte do coração dele sentisse alegria, deixasse de acreditar que, ao negar justiça à mãe de Anton, uma justiça maior fora feita? O mundo pertencia aos mais jovens, ele sempre acreditou nisso; e se a prisão da mulher por mais algum tempo desse a Anton a oportunidade de brilhar, propiciasse a Delores mais tempo para limpar a sujeira da pobreza, da má nutrição e de uma educação falha? Quem poderia afirmar que fora uma troca desvantajosa — que, em vez de continuar sendo uma morta-viva num antro de crack, a mãe de Anton

passaria um tempo na prisão, onde haveria ao menos uma chance razoável de se recuperar e, ao fazer isso, dar uma chance ao filho?

Bob Campbell pigarreou.

— Qual é o problema, David? Parece que você viu um fantasma. Eu e Connor... nós esperávamos uma reação diferente.

David levantou a cabeça. Seus olhos estavam embaçados.

— Não. Desculpe, Bob. Não, é claro que estou contente. É que... é muita coisa para assimilar.

Bob se levantou com um grunhido.

— Bem, David, se essa é a sua cara de felicidade, eu detestaria ver sua expressão de tristeza. — Estendeu a mão massuda. — A gente se vê por aí.

David conseguiu abrir um sorriso e apertou a mão de Bob com o maior entusiasmo possível.

— Mais uma vez obrigado, Bob. Realmente. Obrigado.

Naquele dia, David saiu do trabalho mais cedo, mas, antes de ir para casa, foi até um parque próximo. Queria andar um pouco pelo caminho musgoso à beira do lago, mas desistiu, por medo de encontrar algum conhecido. Preferiu ficar no Audi com suas janelas de vidro fumê, observando um casal de esquilos perseguindo um ao outro. Era a primeira semana de agosto. Anton começaria na nova escola em doze dias. David e Delores iriam se empenhar em um trabalho extra para garantir que o garoto estivesse preparado. Tudo parecia diferente do que estava havia poucas horas. Dois anos e meio. Agora tinha uma chance real de exercer algum impacto na vida do garoto, criar mudanças que perdurariam por toda uma vida.

Connor. David não queria esperar até voltar para casa para agradecer. Saiu do estacionamento e dirigiu até um restaurante na esquina da Hive com a Broad, onde havia uma cabine telefônica. Ligou para a linha direta de Connor.

— Joanne, sou eu — informou à secretária. — Connor está?

— Só um minuto, juiz Coleman — respondeu ela, completando a ligação.

Ficou segurando o aparelho, sem saber o que deveria vir primeiro — um pedido de desculpas ou o agradecimento. Mas Connor acabou

decidindo por ele.

— Oi — atendeu. — Você já falou com Bob?

David engoliu o nó que se formou em sua garganta. Connor parecia tão animado — por ele. Sabia quanto Connor levava a lei a sério, o que devia ter lhe custado falar com Bob Campbell.

— Falei. Connor, eu... nem sei o que dizer.

— Não há nada a dizer. De qualquer forma, cabia a Bob determinar se aceitava ou não o acordo. E, do jeito que foi resolvido, foi o melhor para o garoto.

Então era assim que Connor estava se justificando consigo mesmo — não como tendo feito um favor a um amigo, mas por ter prestado um serviço para um menino que merecia mais do que as cartas que o destino havia posto em suas mãos.

— Desculpe pela minha reação na festa. Eu... Você me pegou de surpresa.

Houve um breve silêncio antes de Connor dizer:

— David, não vamos fazer isso. Não precisamos falar mais sobre aquilo. A única coisa que peço é que nunca deixe Anton saber que fui eu quem cuidou do caso da mãe dele.

— Por mim tudo bem. — A voz de David soou embargada. Ele não merecia um amigo como Connor. Nunca o tinha merecido.

— Então vá para casa e comemore. Volte para sua mulher, para sua... família.

— Tudo bem. A gente vai se ver logo, certo?

— Cer-to.

David desligou, entrou no carro e foi direto para casa. Delores e Anton estavam na mesa da cozinha, com um monte de livros de biologia espalhados ao redor. Abaixou-se para beijar a esposa, cumprimentou Anton passando a mão nas suas costas e se dirigiu a Delores.

— Posso falar com você um momento?

— Eu já volto — disse ela ao garoto. — Continue a leitura.

— Posso tomar um achocolatado?

— Anton! — disse Delores em tom de repreensão. — Eu estou de olho na sua enrolação. Se não tiver terminado este capítulo quando eu voltar...

O garoto sorriu. David ficou maravilhado com a facilidade com que os dois se relacionavam. Será que um dia ele teria uma relação tão próxima

com Anton?

Quando saíram da cozinha, David pegou na mão da mulher e a levou para a outra ala da casa, até o quarto de hóspedes. Fechou a porta.

Delores lançou um olhar ao marido.

— David, se você... — começou, mas ele abanou a cabeça.

— Não. Não é isso. Eu adoraria, mas...

Sem avisar, a expressão dela desmoronou.

— Bom, então o que foi? Más notícias?

David sabia exatamente o que Delores estava pensando, com sua memória recuando àquela noite horrível em que recebeu o telefonema da polícia e entrou no quarto do casal sem saber como formular as palavras que sabia que iriam destruir a vida dela para sempre. Delores estava lembrando como ele chegou por trás, girou o corpo dela segurando-a pelos ombros e a sentou na cama.

— Não, não, não! — replicou depressa. — Querida. Não são más notícias. De jeito nenhum. Na verdade, é uma ótima notícia.

— Fale logo.

— É... Bem, eles decidiram a sentença da mãe do Anton. — Ouviu Delores respirar fundo, como que esperando que a notícia representasse um anticlímax, mas David a ignorou. — Ela foi condenada a dois anos e meio de prisão.

— Ah, meu Deus. Coitada dessa mulher. Isso é normal? Quero dizer, não é excessivo?

Por que Delores não entendia o que ele estava dizendo? Em vez de comemorar a notícia, por que se preocupava com uma drogada que não conhecia?

— O que isso significa é que... — começou.

— ... que o coitado do Anton vai ficar mais de dois anos separado da mãe. — Virou-se para o marido. — Você disse que era uma boa notícia?

David olhou para ela perplexo. Será que ela estava sendo obtusa de propósito? Ou seria o caso de um desses famosos fracassos de comunicação entre homens e mulheres?

— Essa é uma pergunta retórica? — indagou David.

— Como assim?

— Para enunciar o óbvio, a boa notícia é que Anton vai ficar morando com a gente pelos próximos anos sem precisarmos nos preocupar.

Podemos propiciar a ele uma ótima educação, um lar adorável e... uma vida familiar estável.

— Entendi. — Delores não se incomodou em esconder seu sarcasmo.

— Então é uma boa notícia para nós. E uma notícia de merda para Anton.

— Eu não acredito que você disse isso.

Delores deu de ombros.

— Por quê? É verdade, não é?

Os joelhos de David bambearam. Para aquilo funcionar, ele precisava de Delores do seu lado. Como ela não via que aquilo era melhor para todos?

— Meu bem — disse com certa exasperação na voz. — Pense no que isso significa para ele. Nas oportunidades que podemos proporcionar.

Delores olhou-o fixamente nos olhos.

— Eu só vou dizer isto uma vez, então é melhor prestar bem atenção.

— O lábio inferior dela tremia um pouco, mas ela manteve o olhar. — Anton não é o James. E nunca será.

David recuou como se tivesse sido esbofeteado.

— Essa é a coisa mais baixa que você já me disse.

— Eu sei o que isso parece. Mas não foi o que eu quis dizer. Não estou querendo magoá-lo, David. Só quero que entenda o que está acontecendo. Que veja bem o que está fazendo.

David inclinou a cabeça para trás, numa atitude desafiadora.

— Isso não é por mim. É para ajudar uma criança inocente.

— Tem certeza, David? Tem certeza de que é isso mesmo?

Ele se esforçou para continuar olhando nos olhos dela.

— Tenho.

Delores ficou olhando para ele por um minuto inteiro. Depois aquiesceu, como se tivesse chegado a uma decisão.

— Ótimo — falou, já se afastando. — Então *você* vai dar a boa notícia ao menino.

O que ele não conseguiu fazer, claro. Não naquele dia. No dia seguinte, sábado, David levou Anton à locadora de vídeo, onde o deixou escolher três filmes de ação, resmungando por dentro por ter de assistir a tudo aquilo. Quando voltaram ao carro, David afagou a cabeça do garoto e

delicadamente disse que tinha uma má notícia: a mãe dele ia ficar presa por algum tempo.

Foi um Anton choroso que se virou para ele.

— Por quanto tempo, David?

David entendia agora o que Delores tentara dizer, e sentiu o coração realmente pesado quando respondeu:

— Eu não sei, filho. Pelo menos até o Natal, tá? — Em seguida, para se punir por sua desconsideração anterior, acrescentou: — Você deve sentir muita falta dela, não?

Em resposta, Anton falou:

— Posso ao menos ir até o antigo apartamento pegar minhas coisas?

— Temo que não, filho.

Anton aquiesceu. Depois de alguns minutos, virou-se para o outro lado e olhou pela janela fechada do carro com ar-condicionado. Fechou a mão direita, e, por uma fração de segundo, David achou que ele ia tentar quebrar a janela. Mas Anton só bateu de leve no vidro com as juntas. Duas vezes. Depois voltou a olhar para a frente.

E David teve a estranha sensação de que Anton havia testado os limites de sua liberdade e percebido que se estendia apenas ao luxo daquele automóvel. Não somente a mãe de Anton tinha sido presa. Anton também estava numa prisão que não escolhera.

CAPÍTULO 7

ELES DISSERAM QUE AQUILO era uma escola, mas talvez o estivessem enganando. Não parecia com nenhuma escola que ele tivesse frequentado. Não havia baldes para as goteiras nas salas de aula. Ninguém empurrava ninguém contra a parede nos corredores. E todas as janelas eram fechadas, porque o prédio era todo climatizado. Dava até para ouvir o que o professor dizia, não só o som das buzinas no trânsito e as sirenes da polícia.

O próprio prédio não era uma daquelas estruturas de tijolo desmoronando onde estava escrito “ESCOLA”. Tinha a forma de uma nave espacial ou coisa parecida, com o teto curvo e as paredes internas inclinadas. E, no lugar de um quadro-negro normal, a sala de aula tinha uma lousa branca onde a professora escrevia com uma caneta hidrográfica.

Naquela manhã, AM tinha levado Anton até a sala da diretora, a sra. Johnson, que o acompanhou até sua primeira aula. Os outros alunos já estavam lá, conversando e brincando uns com os outros.

— É aqui, Anton — disse a sra. Johnson na porta. — Esta é sua sala de aula. A professora vai chegar logo.

Ele ficou em silêncio por um segundo, tentando acalmar as reviravoltas do estômago, sentindo os olhos de todos o seguindo enquanto se dirigia até uma carteira desocupada. Aqueles garotos pareciam tão diferentes dos turbulentos colegas de classe da antiga escola... Apesar de também falarem alto e estarem nitidamente contentes em se reencontrar depois das férias, eles não estavam se empurrando, como ele e os amigos faziam. Era como se o ar-condicionado e o assoalho acarpetado abafassem alguma característica essencial que Anton associava à infância.

A primeira aula foi de estudos sociais, e a professora era uma moça simpática chamada srta. Green. Os olhos dela passaram pela sala até pousarem em Anton, e ela sorriu. Anton teve a estranha e constrangedora sensação de que ela estava procurando por ele. Em vez de retribuir o sorriso, baixou os olhos para a carteira, esperando que ela desviasse o olhar. E, por isso, estremeceu quando a ouviu dizer:

— Nós temos dois novos alunos na classe este ano. Um deles é Natasha, que veio da Rússia. O outro é Anton, que veio... de um lugar mais próximo. Espero que vocês deem as boas-vindas aos dois.

Natasha, uma garota miúda de tranças loiras, levantou-se e fez um rápido aceno aos alunos, que, em seguida, olharam para Anton com expectativa. Sentindo o clima de curiosidade, Anton se levantou a contragosto.

— Oi — murmurou antes de voltar a se sentar.

— Ótimo — disse a professora Green com animação. — Agora, todo mundo sabe onde fica a Rússia?

Talvez tenha sido por ele ainda estar se sentando quando ela fez a pergunta. Talvez fosse por nervosismo. Fosse qual fosse a razão, Anton ouviu a si mesmo dizendo:

— Na China?

A reação de Natasha foi imediata.

— A China é outro país, seu bobo — disparou, e a classe toda deu risada.

Anton sabia disso. Tinha certeza de saber que a China era outro país. Por que então achou que a Rússia ficava na China? E o que o fez abrir a boca na primeira aula no primeiro dia na nova escola, onde ainda não conhecia ninguém? E agora todo mundo estava rindo dele porque uma garota estranha que parecia uma boneca Barbie o chamara de bobo. Anton se sentiu mortificado.

— Esse é um engano comum — ouviu a professora dizer, e a adorou por isso. — Os dois países são comunistas, afinal, embora o presidente da Rússia esteja tentando mudar isso. Agora, quem sabe de algum outro nome para a Rússia?

— União Soviética! — gritaram vários alunos, e Anton sentiu um acesso de medo. Como é que os colegas dele sabiam tanta coisa? E por que ele sabia tão pouco?

O restante da manhã foi cheio de surpresas e desafios. Anton ficou encantado quando recebeu o que pareciam livros novos em folha para cada matéria. Na sua antiga escola, os livros costumavam vir rasgados ou com páginas faltando, ou tão cobertos de rabiscos de ex-alunos que era difícil ler os textos. Anton prendeu a respiração enquanto virava as páginas,

deleitando-se secretamente com o cheiro de livro novo, mesmo notando que os outros garotos não pareciam tão impressionados como ele.

Depois da vergonha em estudos sociais, Anton não se atreveu a levantar mais a mão durante as outras aulas, nem mesmo na de matemática, quando tinha certeza de que sabia as respostas certas. Mas notou que Natasha, apesar do forte sotaque, falou diversas vezes. E todas as respostas dela estavam corretas. Seu corpo foi invadido por uma nova sensação: a vergonha. Alguma coisa estava errada. Foi por isso que David e AM passaram tanto tempo estragando suas férias obrigando-o a fazer lição de casa. Mas por que ele sabia tão pouco em comparação a todos aqueles alunos, com suas vozes alegres, risadas fáceis e levantando as mãos antes mesmo de a professora terminar de fazer a pergunta? Seria verdade que os brancos eram mais inteligentes que os negros? Se assim fosse, por que AM havia matriculado ele naquela escola? E por que estava sempre dizendo quanto ele era inteligente, como entendia rápido as coisas que aprendia? Por ser verdade? Ou porque — Anton sentiu uma bola se formar na garganta — não era?

Na hora do almoço, comprou um hambúrguer com fritas com o dinheiro que AM tinha dado e levou a bandeja até uma mesa vazia do outro lado da lanchonete. Percebeu que Natasha estava sentada com um grupo de garotas numa das mesas, mas não ficou magoado por ninguém o ter convidado a se sentar, e sim aliviado por ficar sozinho. Deu uma mordida no hambúrguer e achou que era a melhor coisa que já tinha comido. Lembrou-se da comida insípida e amanhecida servida todos os dias no programa de alimentação da antiga escola e lutou para não engasgar com a lembrança. Aquela lanchonete parecia um restaurante de cinema, comparada ao refeitório sujo, sombrio e lotado onde tinha feito tantas refeições sórdidas.

Estava molhando batatas fritas no ketchup quando um grupo de quatro meninos se aproximou.

— Ei, a gente pode se sentar aqui? — perguntou um deles, colocando a bandeja ao lado de Anton sem esperar pela resposta.

Os quatro se acomodaram, e o primeiro virou-se para ele.

— Eu sou Jerry — falou. Era um garoto alto e magro, com aparelho nos dentes.

— Anton — respondeu com a boca cheia.

— Átomo?

— Não. Anton.

— Ah. Prazer em conhecê-lo, Anton-io — disse Jerry. Os outros deram risada. — Viram? Eu disse que ele era italiano.

Anton parou de mastigar.

— Eu não sou italiano — afirmou indignado.

— Não, você é judeu.

— Hã? Não, não sou.

— Tá certo. Você é An-ton. De Luxem-burro.

Outro garoto palpitou:

— Ei! Você disse “Luxem-burro”. Entendeu? *Burro*.

Anton sabia que estavam gozando da cara dele, mas nem sabia o que era “Luxemburro”, por isso era difícil responder. Fitou o próprio prato, de repente sem apetite.

Mas pareceu que Jerry ainda não tinha terminado.

— Enfim, de onde você é?

Anton olhou ao redor, indefeso.

— Daqui mesmo — respondeu afinal. — Eu sou americano.

Jerry abriu um sorriso triunfante.

— Ah! Achei que você fosse russo. Um russo da China.

Na outra escola, Anton teria dado um empurrão no garoto, mas ali teve medo de fazer isso. Jerry estava rindo, e havia alguma coisa maldosa em sua risada. Fez com que Anton se lembrasse de quando era mais novo e, às vezes, ia com a mãe ao mercadinho onde ela trabalhava. O gerente passava a mão na sua cabeça e dizia que ele era uma gracinha, mas não tirava os olhos de Anton. A mãe disse que era porque o sr. Hudson achava que todos os negros eram ladrões.

Anton ficou olhando para o hambúrguer parcialmente comido, sem saber se ficava ou se saía. Se saísse, para onde iria? Sabia que lá fora tinha um parquinho onde os alunos iam depois do almoço, mas também sabia que ninguém o convidaria para brincar. Continuava pensando no que fazer a seguir quando alguém bateu no seu ombro por trás e disse:

— Oi, Anton.

Anton percebeu a expressão de choque e surpresa de Jerry antes de virar a cabeça e ver Bradley Stevens. Seu coração saltou de alegria. Mas, antes de conseguir responder, Jerry perguntou:

— Você conhece o Anton?

A bandeja de Bradley estava vazia, mas ele a colocou na frente de Anton, esperando sem dizer nada até que o garoto que ocupava aquele lugar se levantasse do banco. Bradley sentou-se, virou-se para Jerry e falou:

— Conheço. Nós somos amigos. Por quê?

O “por quê?” ficou pairando no espaço, embalado num desafio velado. Naquele breve período, diversas coisas aconteceram: Jerry percebeu a ameaça e recuou; os outros garotos se movimentaram e reorganizaram suas alianças; e Bradley Stevens, com sua juba ruiva, traços angulosos e o corpo compacto e destemido, se tornou amigo de Anton pelo resto da vida. Apesar de não ter assimilado bem tudo o que tinha acontecido, Anton teve a irresistível sensação de ter sido salvo, e entendeu que Jerry fora rebaixado de imperador da mesa a bobo da corte.

Nesse momento lembrou-se de que AM lhe havia dito, no dia anterior, para procurar por Bradley na hora do almoço, mas, em seu nervosismo, ele tinha se esquecido. De todo modo, Anton ficou observando com olhos semicerrados enquanto Bradley se destacava, imitando seu novo professor, roubando uma batata da bandeja de Anton e citando um verso que havia aprendido, o que fez todo mundo vaiar. O hambúrguer voltou a ter gosto, e pela primeira vez naquele dia Anton sentiu uma leve sensação de fazer parte de um ambiente. Mesmo assim, não teve coragem de falar nada, maravilhado que estava com a vivacidade verbal da escolha de palavras de seus companheiros. Na escola antiga, havia muitos debates verbais, mas eram diferentes — mais duros, ainda assim, mais íntimos. Ali, o jogo de palavras era mais sutil, as piadas, mais sofisticadas, o humor, menos óbvio. Anton ficou espantado, mas também animado, como se estivesse prestes a aprender uma nova linguagem.

Bradley esperou Anton terminar o hambúrguer para se levantar.

— Nós ainda temos uns vinte minutos. Querem jogar futebol? — Foi um convite geral, mas ele olhava diretamente para Anton, que sorriu e concordou com a cabeça.

Dispensaram as bandejas e saíram os seis juntos pela porta de vidro que levava para fora, Bradley e Anton liderando o cortejo. Anton observou que várias garotas se dirigiram a Bradley, mas ele mal pareceu notar.

Eles jogaram durante quinze minutos, e o tempo todo Anton sentiu como se estivesse sob a sombra de uma grande árvore frondosa, que

oferecia proteção aos olhares ardentes de curiosidade de todos. Bradley quase sempre passava a bola para Anton, forçando-o a se manter concentrado nele, até sua memória muscular despertar e ele começar a jogar de forma natural. Aí, seu corpo leve saiu cortando o calor de agosto, e, apesar de suado e afogueado, sentiu-se puro e ágil enquanto perseguia a bola e ziguezagueava entre os outros garotos, que, de repente, pareceram grossos e desajeitados.

— Puxa! — disse um dos garotos quando o jogo acabou. — Onde você aprendeu a jogar desse jeito?

Anton simplesmente deu de ombros e murmurou:

— Sei lá!

Mas Bradley sorriu com orgulho e deu um tapa nas costas do amigo.

Em segundos, parecia que todo mundo no pátio falava dele, diziam que o garoto novo era um craque no futebol. Outros garotos se juntaram a eles quando o sinal soou, e todos começaram a voltar ao prédio.

Anos mais tarde, quando quase já não se lembrava mais nada daquele primeiro dia de aula, Anton ainda se recordava de um quadro vivo: Bradley pondo o braço ao redor de seu ombro ao som do apito final e os dois abrindo a porta de vidro e entrando no prédio da escola. Dois confiantes garotos de nove anos que acabavam de triunfar no campo de futebol. O ar condicionado que os acolheu era doce como uma gota de orvalho em seus rostos suados. Atrás deles, a vibração dos outros alunos era quase abafada quando entraram no prédio. Os dois ficaram juntos por um segundo, antes de Bradley dizer:

— Eu gostaria que estivéssemos na mesma classe. De qualquer maneira, a gente se vê amanhã?

Foi a casualidade daquele “a gente se vê amanhã?” que fez Anton piscar para conter lágrimas que arderam em seus olhos. Naquelas palavras havia uma promessa, não só de amizade, mas de algo mais — uma promessa de continuidade, um reconhecimento de que aquele dia não foi uma aberração.

E assim, quando ocupou sua carteira, Anton não estava mais pensando na Rússia ou na China. Sua cabeça girava com a fascinante possibilidade de ter feito um novo amigo.

CAPÍTULO 8

O GAROTO ESTAVA FRAQUEJANDO. Errando. Fracassando. Fodendo tudo.

Fosse qual fosse o termo, o fato permanecia: Anton não ia bem na escola. Delores não sabia mais o que fazer. Passava horas ajudando Anton nas lições de casa, ficando acordada até tarde. Regularmente, ia até a escola conversar com os professores. Nada ajudava. Na verdade, ele estava regredindo. David tentou várias vezes falar com Anton sobre o que havia de errado: “Os professores estão te tratando mal? Os outros alunos estão provocando você? Você sente saudade dos antigos colegas?”. Anton meneava a cabeça a todas as perguntas.

No final de outubro, Anton chegou em casa com um D em matemática. Uma Delores frenética esperava David na porta quando ele chegou do trabalho.

— Está aí! — falou. — Não tem como ele tirar D em matemática. Esse garoto é um gênio com os números. Estou lhe dizendo, ele simplesmente não está se esforçando.

Depois de um longo dia no tribunal, David estava exausto.

— O que você quer que eu faça? — perguntou.

— Eu vou ensinar ele em casa — disse Delores. — É a única coisa em que consigo pensar.

— E de que isso adianta? Como isso pode ajudar? — Ele pousou a mão no ombro da esposa, mas Delores se afastou.

— Não sei! — disparou ela. — Você tem alguma ideia melhor?

David não tinha, não naquele momento, mas, depois do jantar, ele se recolheu ao seu escritório e, enquanto Delores e Anton ficaram na mesa da cozinha fazendo lições de casa, surgiu uma ideia. Levantou-se e foi andando pelo corredor. Ficou na soleira da porta observando os dois por um segundo, entendeu o pânico na expressão de Delores e a obstinação na de Anton.

— Muito bem — disse para os dois. — Vejam só o que nós vamos fazer. Vamos fazer uma rápida viagem em família nesse fim de semana.

Vamos para New Hampshire na sexta à tarde.

Como David poderia ter adivinhado, Delores franziu a testa.

— E como Anton vai fazer as lições de casa? — perguntou. — Ele já está atrasado.

Anton voltou à vida.

— Oba! — gritou. — Pra onde nós vamos, David?

— A uma estação de esqui — respondeu. — Vamos esquiar.

A expressão do garoto se desmanchou.

— Mas eu não sei esquiar — resmungou.

David sorriu.

— É por isso que nós vamos. Você vai aprender a esquiar.

Ele ignorou o fato de nem Anton nem Delores terem ficado entusiasmados. Tinha um plano e pretendia executá-lo. A esposa estava enganada. Deveres de casa só deixariam Anton isolado, reforçando qualquer insegurança que estivesse sentindo. Mas David acreditava que o segredo para o sucesso era o próprio sucesso.

Quando chegaram às pistas de esqui na manhã de sábado, o ar estava gelado e rarefeito. Anton reclamou de ter de acordar cedo, de sair do calor e do conforto do chalé, de ter feito um desjejum leve de chocolate quente com aveia. Mas seu humor se recuperou quando vestiu o casaco que Delores havia comprado para ele e calçou os esquis alugados. Gostou de ser puxado pela corda até a pista de principiantes e respirou fundo quando os três chegaram ao cume, admirando as montanhas azuladas a distância. Também ouviu com atenção enquanto David ministrava as primeiras lições.

Na primeira vez em que caiu de costas, Anton pareceu tão aturdido que David e Delores caíram na risada. Anton tinha senso de humor e também deu risada quando David estendeu a mão para ajudá-lo a levantar. Estava ansioso para tentar de novo, e David percebeu a competitividade nos olhos dele quando garotos menores passaram velozes e graciosos. Mas continuou caindo de bunda uma vez depois da outra, os pés se enroscando nos esquis, o rosto começando a corar, embora fosse difícil dizer se era de calor ou de vergonha.

Na sétima tentativa, Anton conseguiu descer a encosta por alguns metros antes de, por alguma razão, o esqui direito entrar debaixo do esquerdo, fazendo-o rolar e cair de lado. Um garoto de longos cabelos castanhos passou zunindo, e David ouviu quando fez um gracejo, mas, quando chegou onde Anton estava, o jovem esquiador já estava longe.

— O seu peso está mal distribuído — começou a dizer David e, aí, notou as lágrimas escorrendo pelo rosto de Anton. — Ei, ei, ei — falou enquanto se abaixava. — Qual é o problema, você se machucou?

Anton fez que não com a cabeça, mas não fez menção de se levantar da neve. Delores chegou de esqui até onde estavam os dois.

— O que aconteceu? Tudo bem com você, Anton querido? — O garoto assentiu. — Então vamos sair daqui — disse Delores. — Precisamos sair do caminho dos outros esquiadores.

David ficou olhando enquanto sua mulher ajudava o menino a se levantar e a limpar a neve do anoraque.

— Vamos lá, querido — cochichou ela, apoiando-o ao seu lado.

— Ele me chamou de perdedor — choramingou Anton.

— Quem? Quem chamou você de perdedor?

— Aquele garoto de cabelo comprido. Quando passou.

— Ah, meu amor. Ele só está sendo malvado. Não se deixe abater por isso, tá? — Virou Anton para ficar de frente para ela, apoiando as mãos nos ombros dele. — Que tal tomar um pouco mais de chocolate quente?

Anton enxugou o nariz com a luva e concordou.

— Pode ser.

— Como assim? Nós mal chegamos à pista — reclamou David. — Como ele vai aprender se...

Os dois fizeram uma carranca e começaram a falar ao mesmo tempo.

— Eu não quero aprender esse esporte idiota.

— David. Às vezes eu não acredito como você pode ser tão insensível.

— Delores pegou Anton pela mão. — Nós vamos voltar para o chalé. Você pode ir depois se quiser.

— Eu não acredito.

— Pois pode acreditar.

Quando os dois se afastaram, David subiu até a pista mais avançada e ficou duas horas esquiando sozinho. Esquiar sempre o deixava mais centrado, o acalmava, mas, naquele dia, se sentia irritado ao pensar no que

havia acontecido, a facilidade com que Anton havia desistido, como Delores tinha concordado com aquilo. Sempre tivera orgulho de Anton, de sua força e sua equanimidade, mas, pela primeira vez, se sentiu envergonhado. O garoto era um moloide. Não era à toa que estava indo mal na escola.

Quando retornou ao chalé, encontrou os dois no saguão, perto de uma crepitante lareira, debruçados sobre um tabuleiro de palavras cruzadas. Normalmente, aquela visão o encheria de alegria, mas, naquele momento, simplesmente o deixou irritado. Ele tinha ido com os dois para Anton aprender a esquiar, não para eles ficarem ao lado de uma lareira como dois viúvos. Seu plano era provocar em Anton um senso de realização que pudesse ser replicado em seus estudos. A autoestima andava na berlinda naqueles dias, e claro que David concordava que, para se conseguir alguma coisa, era preciso ter autoestima. Porém, contrário às convicções educacionais contemporâneas, David era mais antiquado e achava que autoestima tinha de ser conquistada, não recebida como doação.

Os dois ergueram a cabeça e viram David os observando com ar de repreensão. Mas, se Delores percebeu o mau humor do marido, não fez nenhum comentário. Disse apenas:

— Oi, querido. Estou ensinando Anton a jogar palavras cruzadas. Quer jogar também?

David fez que não com a cabeça.

— Podem continuar.

Ficou observando os dois jogarem algumas rodadas, se sentindo cada vez mais irritado. Anton formava palavras como “gato” e “sim”, palavras pequenas e juvenis que rendiam poucos pontos. E o pior, fumegou David consigo mesmo, era que Anton não parecia nada perturbado pelo baixo placar. David interveio algumas vezes, ajudando o garoto a formar uma palavra maior, mas Delores olhou-o com expressão de advertência, como se temesse que ele constrangesse o garoto. O verdadeiro constrangimento, David queria dizer a Delores, era a mediocridade da ambição de Anton. Mas preferiu manter a boca fechada e, depois de mais uns quinze minutos, resmungou que ia subir para tomar um banho quente.

Como era previsível, ele e Delores tiveram uma briga naquela tarde, enquanto Anton tirava uma soneca.

— Você exige demais dele! — ela o acusou.

— E você é mole demais — replicou David. — Acha que o está protegendo, mas não está.

Delores olhou para ele com ar severo.

— Às vezes você consegue ser um panaca total — falou, virando as costas para ele.

David ainda estava ressentido com aquele insulto quando se ofereceu para levar Anton até a cidade, naquela noite, para assistir a *Nós somos os campeões*. Delores se recusou, alegando dor de cabeça, e David ficou feliz com isso. Passaram pelos portões do resort e viraram à esquerda na estrada rural de duas pistas que levava ao centro da cidade, com Anton tagarelando sobre o filme, que muitos colegas de classe já tinham assistido. “Este vai ser o ponto alto do fim de semana dele”, pensou David. “É disso que vai se gabar quando voltar às aulas na segunda-feira.” Quase sem perceber, David pisou no freio e parou o carro. À frente deles o sol estava se pondo, inflamando o céu de cores. Árvores cintilavam em dourado e escarlate ao redor. Por um momento, ficaram sozinhos na estrada, até outro carro aparecer na pista oposta, reduzindo a velocidade ao passar por eles. Mas David continuou parado, com o pé no freio.

— Ei — disse Anton em voz baixa. — Qual é o problema, David?

O problema era estar levando o garoto ao cinema. Com um desempenho escolar de merda e com toda a sua vida em jogo, David estava levando o garoto ao cinema. Como se nada daquilo importasse. Como se algo medonho não tivesse acontecido na pista naquele dia. Como se o fracasso fosse uma opção.

Engatou a marcha no carro e fez o retorno num movimento fluido, tomando cuidado para não sair da pista. Anton teve um sobressalto.

— Ei. O que você tá fazendo, David? Onde a gente tá indo? Você disse que nós ia ao cinema.

— Íamos — corrigiu ele, distraidamente. — Nós *íamos* ao cinema. — Deu uma olhada para o garoto, que o fitava com uma expressão confusa. — Mas não vamos mais. Sinto muito. Vamos voltar para aquela pista de esqui.

— Eu não quero ir! — gritou Anton. — Você prometeu. Eu não quero ficar naquela neve velha. Está frio. E escuro. Dá muito medo.

— É mesmo — concordou David. — Você tem razão, parceiro. Dá medo. Sempre que a gente aprende algo novo, dá medo. Machucar-se dá

medo. Cair dá medo. Estar lá em cima no frio e no escuro dá medo. Sim. Eu entendo.

— Então por quê...?

— Sabe o que dá mais medo que tudo? O fracasso. Isso é a coisa que mais dá medo. O verdadeiro monstro é o fracasso. Ser um moloide. Provar que aquele garoto tinha razão. Lembra? Aquele que chamou você de perdedor? Isso é o que realmente dá medo. — David tirou os olhos da estrada e olhou para Anton. — E isso é algo que não posso permitir.

— Mas eu não consigo, David...

— Consegue. Vai conseguir. Nem que a gente tenha de ficar naquelas pistas a noite toda. Mas uma coisa eu prometo, Anton: quando você descer daquela montanha, hoje ou amanhã, não importa quando, vai descer esquiando.

Delores já estava deitada quando os dois entraram no quarto às onze da noite. Mas foi acordada pelo som das risadas comemorativas.

— Que tal o filme? — perguntou, ainda sonolenta.

Mas ficou confusa quando Anton gritou, triunfante:

— Nós não fomos ao cinema!

— O quê? — Olhou para David. — Você o levou para jantar ou coisa assim?

David abriu um grande sorriso.

— Sim. Se você considerar pipoca e chocolate quente como jantar. — Viu a boca de Delores esboçar um protesto e pôs a mão no rosto dela para impedir. — Está tudo bem. Hoje Anton aprendeu a esquiar. — Estendeu o outro braço para puxar o garoto para mais perto. — Não foi isso, garotão?

As bochechas de Anton estavam coradas, os olhos brilhantes.

— Eu consegui! David me ensinou. E nós vamos esquiar de novo amanhã de manhã, AM. Você devia vir com a gente. — Abriu os olhos de forma teatral. — Eu adoooooro esquiar.

— Eu não acredito — disse Delores, em dúvida.

— Pois pode acreditar.

— E amanhã eu vou chutar a bunda daquele moleque! — gritou Anton. Depois, dirigiu um olhar furtivo para os dois. — Opa.

— Anton, olha a linguagem! — advertiu Delores.

Mas David abraçou o garoto com mais força.

— É isso aí! — aprovou.

David esperou Anton adormecer antes de ir para a cama conversar com Delores sobre o que havia ocorrido.

— Você já ouviu falar de uma coisa chamada “teoria da janela quebrada”? — perguntou. Delores meneou a cabeça, e ele explicou: — É a última moda do momento. Diz basicamente que, se você cortar o crime pela raiz... sabe como é, tolerância zero para pequenos crimes como vandalismo e tal... você pode evitar problemas maiores. — Fez um minuto de pausa, sentindo-se meio encabulado. — O que estou pensando é em tentar algo parecido em casa. Só que, em vez de punir um crime, recompensar o sucesso. — Viu que Delores parecia confusa. — Olha, eu acho que sucesso atrai sucesso. Tenho a esperança de que, quanto mais Anton se sentir realizado numa área, mais confiante vai se sentir na escola.

Delores olhou para ele com ar pensativo.

— Eu gostaria que fosse tão simples, amor. Mas a questão é que ele está sobrecarregado. Saiu de uma das piores escolas do estado para entrar numa das melhores, e...

— Então nós deveríamos nos conformar com o pior? — interrompeu David. — Está dizendo que vamos deixar o passado arruinar toda a vida dele?

— Você está distorcendo as minhas palavras.

David virou a cabeça e olhou para o garoto dormindo. No escuro, só conseguia ver o peito de Anton subindo e descendo. Por um segundo, cogitou se Delores tinha razão. Será que o que ele estava tentando fazer com Anton era utilizar a teoria de sucesso do Pappy — uma teoria formulada por um aristocrata branco e rico e aplicada em seu filho único? Funcionara com ele. E com certeza funcionara com James. Mas haveria alguma garantia de que funcionaria com um garoto criado num conjunto habitacional? “Pare com isso!”, advertiu a si mesmo. “Você está pensando demais. Você só conseguiu ensinar o garoto a descer a encosta umas poucas vezes. Pelo amor de Deus! Até onde você sabe, Anton vai se atrapalhar amanhã ao descer as encostas.”

Segurou a mão de Delores.

— Desculpe — falou. — Isso não foi justo. Mas nós não vamos resolver isso esta noite. — Ainda segurando a mão dela, David deu um beijo de

boa-noite na esposa e apagou a luz.

Mas, mesmo no escuro, sabia que Delores o observava com olhos grandes e cautelosos.

David não precisava ter se preocupado. Anton reteve tudo o que tinha aprendido na noite anterior: como alternar o peso entre os esquis, como segurar os bastões, como virar, como parar, até como cair e se levantar depois de uma queda. O mais impressionante foi a vontade do garoto de chegar ao alto da pista e voltar esquiando, muitas e muitas vezes; ficava impaciente na fila para subir a encosta, resmungando pela demora para chegar sua vez. E, depois da quinta descida, já insistia com os dois para o levarem a um trajeto mais difícil.

— Eu não acredito! — Delores insistia em dizer. — Como pode...? Não acredito que este seja o mesmo garoto.

A voz de David saiu embargada de orgulho.

— Mas é. — Tirou os olhos de Anton por um segundo para olhar para a esposa. — Este garoto... é especial. E a pior coisa que podemos fazer é reduzir nossas expectativas em relação a ele. — Levantou a mão, seguindo a descida de Anton com um dedo. — Eu sei quanto Anton é brilhante. Nós só precisamos dar um empurrãozinho.

Delores apertou o braço de David.

— Você ganhou este assalto, juiz Coleman. — Depois, escrutinando o rosto dele com os olhos, falou com um tom de voz suplicante: — Mas ele é apenas um garoto, David. Lembre-se disso. Por favor.

— Que é isso, Delores? Eu sei. — Fez uma pausa e resolveu arriscar. — Eu estive pensando. Você acha que eu deveria ajudar com as lições de casa? Eu poderia trabalhar com ele todas as noites uma hora depois do jantar, se você quiser. — Ao perceber uma expressão magoada no rosto dela, logo acrescentou: — Se você achar que isso pode ajudar, é claro.

Delores ficou um longo tempo em silêncio, enquanto David já se preparava para uma discussão. Mas ela acabou dizendo:

— Tudo bem. Se você quiser.

Seu júbilo foi contrabalançado pela percepção de que a “velha” Dê não o teria deixado ganhar essa tão facilmente. A morte de James a fizera mudar, talvez de forma irrevogável.

— Bem, nós podemos tentar — falou. — Só por algumas semanas, digamos.

Ela concordou. Segundos depois, se afastou sem dizer nada e desceu a encosta esquiando para encontrar Anton no pé da colina. Deixou David sozinho no alto da montanha, contemplando a vasta brancura ao redor, como um solitário imperador da neve, incapaz de conter a sensação de júbilo e satisfação que havia vivenciado poucos minutos antes.

CAPÍTULO 9

OS GUINCHOS E OS GRITINHOS vindos da piscina, onde oito garotos e garotas pré-adolescentes brincavam e se agitavam, chegavam até o deque, no qual dois homens se acomodavam em cadeiras de madeira.

— Espero que Jan não se arrependa de ter oferecido a casa para a festa de aniversário do Anton — comentou David.

Connor fez um gesto descartando a ideia.

— Nós vamos fechar a piscina para o inverno logo mais. Melhor usar um pouco antes disso.

Dia 18 de setembro de 1993. Era difícil acreditar, mas, naquele dia, Anton estava fazendo doze anos. David observou, da varanda protegida por uma tela, o garoto saltar de pé na piscina, o corpo magrelo espirrando água como uma bomba. Era inimaginável que, pouco mais de dois anos antes, aquele menino tivesse medo de água.

David virou-se para Connor, esparramado na cadeira, os braços cruzados atrás da cabeça.

— Acho que Brad ajudou mais Anton a se aclimatar com sua nova vida do que eu e Delores. Sem Brad, não sei se...

Connor agradeceu o cumprimento com um rápido gesto de cabeça.

— Brad é um bom garoto. Mas Anton também tem sido bom para ele. Você sabe que Brad sempre será o irmão caçula de Gerard. Isso deu a ele uma oportunidade de brilhar um pouco.

David sorriu.

— Parece que fazer amizade com crianças desamparadas faz parte da tradição da família Stevens. Uma tradição pela qual os meninos Coleman são muito gratos.

David se flagrou de imediato: Anton não era um Coleman. Na verdade, em poucos meses, ele seria devolvido à mãe, e David só podia torcer para que parte do que havia ensinado ao menino permanecesse pelo resto de sua vida.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Connor falou:

— Preciso preparar Brad para o fato de Anton estar... de partida. Ele vai ficar bem triste, imagino.

David soltou um suspiro.

— Brad e eu. E Delores, é claro.

Connor olhou-o com ar solidário.

— Eu sei, amigo. E sinto muito.

— Não sinta. Foi você quem tornou esses dois anos possíveis. E foram dois ótimos anos.

— Então você acha que vai fazer isso de novo? Adotar outra criança?

Será? David não sabia. Talvez conseguisse sentir a mesma ligação com outra criança, embora acreditasse ser improvável. Desde o momento em que conheceu Anton, ele sentiu uma conexão. Com sua descrição, com seu autocontrole, Anton lembrava o próprio David. E era esperto, com uma inteligência intocada pelas circunstâncias de seu passado. Tinha chegado até ele coberto de pó e de ignorância. David só precisou espanar aquela poeira. A aptidão natural do garoto por matemática já deveria ser indicação de uma inteligência pura, mas sua espantosa falta de cultura geral e a péssima gramática chegaram a escamotear a verdade durante meses. Eles tinham tirado a sorte grande com aquele garoto.

— E então? — perguntou Connor de novo. — Vai tentar de novo?

David coçou o nariz.

— Não faço ideia. Com certeza vamos precisar de um tempo para nos recuperar da... perda de Anton.

Connor aquiesceu. Quando falou, sua voz saiu tão baixa que David teve de se esforçar para ouvir em meio a toda a farra e a gritaria na piscina.

— Eu nunca disse isso em todos estes anos, sabe? Mas obrigado! Obrigado por nunca ter se ressentido por Gerard ter sobrevivido ao acidente que matou James. — Quando virou a cabeça para David, seus olhos estavam úmidos. — Eu posso dizer quanto me senti culpado a respeito disso por todos estes anos. Até hoje me entristece, essa aleatoriedade. E ainda assim...

— Ei, ei. — Um David chocado pegou a mão de Connor. — Como assim, me sentir ressentido? Meu Deus, eu teria de ser um monstro! Pelo contrário, nós sempre nos sentimos gratos por Gerard ter sobrevivido. Foi o único fio de esperança daquela noite horrível.

David ficou observando surpreso enquanto Connor lutava para controlar suas emoções. Ele achava que o conhecia bem. Mas não tinha imaginado a carga que o amigo havia carregado por todos aqueles anos. Ele e Delores se sentiram tão arrasados com a própria perda que nunca tinham considerado quanto devia ter sido horrível para os Stevens, privados do direito de sentir a alegria e o alívio puros e absolutos que acompanham o fato de um filho sobreviver a uma tragédia.

— Connor — disse David em tom de urgência —, nem acredito que você vem sentindo isso. Não foi culpa de ninguém. Foi uma questão de pura sorte, pura física. O carro vindo no sentido oposto bateu no lado de James, só isso. — Imprimiu maior leveza à voz. — Você está me escutando, seu irlandês maluco? Livre-se desse sentimento de culpa!

Connor suspirou e aquiesceu.

— Obrigado.

Estendeu o braço até o refrigerador atrás dele e pegou duas garrafas de Coors. Abriu as duas e deu uma a David, que jogou um punhado de amendoins na boca antes de dar um gole. Uma leve brisa soprou na varanda, trazendo o aroma das rosas que Jan havia plantado ao lado da casa.

— Nada como uma cerveja gelada num dos últimos dias do verão — disse David, e olhou para o amigo. — Tudo bem com você? Quer falar mais sobre isso?

— Tudo bem. — Connor ficou olhando estático para a frente. Depois de um momento, perguntou: — E como vai o trabalho?

David soltou um suspiro pesado e esfregou os olhos.

— O ritmo é simplesmente implacável.

— É a vida de um juiz de apelação — provocou Connor, mas com um inconfundível orgulho.

— É, mas na maior parte do tempo eu tenho vontade de matar Smithie e o governador pelo que acontece. Não necessariamente nessa ordem.

— Você sabe o que eles dizem sobre o cumprimento do dever. Além do mais, é um bom trampolim — replicou Connor.

— Para o quê?

Connor olhou-o com firmeza.

— Não se faça de bobo. Você sabe que um dia vai acabar se candidatando a um cargo público.

David deu uma risadinha.

— Parece que todo mundo sabe disso, menos eu. A que eu vou me candidatar? A apanhador de cães? Para a diretoria da escola?

— Um dia desses vai vagar uma cadeira no Senado. Ou no governo. É só você querer.

— Ah, é mesmo? E quais são exatamente as minhas qualificações? Puxa, eu não concorri nem a representante de classe no ensino médio. Você é quem deveria se candidatar.

— Se fosse bonito como você e tivesse o nome da sua família, eu me candidataria. — Connor se ajeitou na cadeira e fixou o olhar em David. — Em qualquer disputa que entrar, você vai ser o favorito, só por conta do nome bem conhecido. Isso já significa alguma coisa, David.

David sentiu uma pequena pontada de raiva, já conhecida.

— É, o que quer dizer que eu seria eleito por todas as razões erradas. — Apontou para os garotos rindo na piscina. — Você está equivocado, Connor. O nosso país não precisa de gente como eu ou você fazendo merda por mais cem anos. O que precisamos é de uma meritocracia... e isso significa gente como Anton, que veio do nada e se tornou alguma coisa.

— Caso você não tenha notado, Anton tem doze anos. Um pouco jovem demais para se candidatar a um cargo político. Mas você pode guardar um lugar enquanto esperamos por ele.

— *Touché!* — David sorriu em anuência enquanto levantava da cadeira. — Eu estou com fome — anunciou. — Você vem comer, ou vai ficar aí a tarde toda arquitetando planos maquiavélicos para o meu futuro?

Os dois foram para a cozinha, onde Jan e Delores preparavam canapés e montavam uma salada de frutas.

— Ah, vocês chegaram — disse Jan. — Vocês podem preparar uns cachorros-quentes para a garotada?

David botou uma quiche na boca.

— E quanto a nós? — perguntou. — Por que temos de comer sanduíche de pepino enquanto os garotos comem comida de verdade?

Delores deu um tapa na mão dele.

— Porque você precisa cuidar do seu colesterol, lembra? Agora vai lá acender a churrasqueira.

Os dois levaram a bandeja de salsichas para o deque.

— Isso aqui vai ficar pronto logo — disse Connor enquanto acendia a grelha. Saiu para o gramado e gritou: — A comida está quase pronta. É hora de sair da piscina.

Bradley e os amigos saíram da piscina e se dirigiram ao deque, parecendo cachorrinhos molhados.

— Ei, ei! — gritou Connor. — Usem aquelas toalhas para se enxugar!

— Por quê? — perguntou Anton, os olhos dourados brilhando ao olhar para Connor com um sorriso travesso. — A gente vai se molhar de novo.

Connor empunhou a espátula numa falsa ameaça.

— Porque eu mandei — retrucou, avançando para pegar Anton pela cintura.

— Tudo bem, tudo bem! — gritou o garoto, tentando escapar de Connor.

Ao ver Anton e Connor brincando, David sentiu uma pontada tão aguda de felicidade que quase doeu. Adorava ver Anton se sentindo à vontade com a família de Connor. Isso mitigava o fato de que, depois de dois anos, Anton continuasse a chamá-lo de David. O que ele sempre fingiu não notar, ainda que sempre se perguntasse se alguém percebia.

As crianças foram se enxugar, e David, embalado por esse sentimento de dor e prazer, disse:

— Cara, se eu fosse a mãe dele, eu abriria mão. Se visse quanto ele mudou, o progresso que fez, eu não ficaria no caminho. Só uma mulher egoísta faria isso.

— O que você está dizendo? — perguntou Connor.

— Nada. — David abanou a cabeça depressa, para dispersar os pensamentos que se formavam ali. — Esquece.

Houve um silêncio longo e constrangedor. Em seguida, Connor falou:

— Você quer que eu veja se consigo falar com ela? — Seu rosto estava vermelho por conta do calor e das cervejas.

David olhou para ele com surpresa.

— Não. Quero dizer, como você poderia fazer isso?

Connor deu de ombros.

— Não sei. Mas tudo é possível.

Um fio de esperança, fino e agudo como uma linha de pesca, penetrou o coração de David.

— Mas o que você poderia dizer? E por que ela concordaria? Quero dizer, é óbvio que ela não cuidou bem do filho o suficiente para...

— Eu não diria isso — replicou Connor devagar. — Ela ficou bem perturbada ao perder a guarda do filho. Acho que gosta muito dele.

Teria David imaginado a advertência que ouviu nas palavras de Connor? Não saberia dizer. De repente se sentiu afogado, ligeiramente enjoado com o calor da tarde, com o cheiro de carne chiando na grelha, com o gosto cediço de cerveja na boca, tudo aquilo fazendo-o se sentir meio fora de si.

— Pois então é isso — falou. — Ela jamais abriria mão dele. Por que faria isso?

Connor deu de ombros e voltou a cuidar da churrasqueira. Passado algum tempo, David entrou na casa. Sentia-se irritado consigo mesmo por fazer exatamente o que dois anos antes tinha se prometido não fazer. Na época, havia jurado viver o momento presente e desfrutar cada minuto de sua vida com Delores e Anton, sem deixar que a sensação de finitude turvasse sua alegria. Ele ainda tinha mais cinco meses com Anton. Teriam de ser o suficiente.

Depois do almoço, David saiu na tarde quente para ver Anton dar uma série de saltos de costas na piscina. “Bem, ela não pode tirar isso dele”, pensou. “Pelo resto da vida, ele vai saber mergulhar.” E, ao ver Anton singrando na água azul, completou: “Ou isso, ele sempre vai saber nadar”. Algumas horas depois, quando Anton contou uma piada cuja sofisticação David sabia que o teria confundido poucos anos antes, pensou: “Ele sempre vai ter esse grande senso de humor. Mesmo que ela não entenda”. Sentiu um desprezo sarcástico pela mulher, e uma espécie de triunfo, pois fora sua mão invisível que tinha moldado o filho dela.

Só depois de já ter chegado em casa havia algumas horas e de se servir de uma bebida na biblioteca, David reconheceu que sua resolução de aceitar a situação com uma equanimidade zen não era sincera. Seria a genética um destino? Bobagem. Acreditar nisso seria condenar Anton à Idade das Trevas. O verdadeiro crime, a verdadeira intolerância, era condenar aquele garoto brilhante e efervescente à escuridão da casa da mãe. David se lembrou de como o menino tinha sido deixado sozinho num apartamento com a energia elétrica cortada, e de repente aquilo pareceu uma metáfora apropriada para a mediocridade de sua vida anterior. Uma

mulher perturbada criando um filho perturbado. Quanto tempo levaria até ele também ser envolvido pelo vício da mãe? Quanto tempo até lançar mão de um cachimbo ou de uma agulha? Quanto tempo até ela trocar o filho, com toda aquela beleza luminosa, por “uns pegás” com algum traficante?

O cálice de conhaque tremia na mão de David, que o depositou com um baque na mesinha de nogueira que pertencera à sua bisavó. Sem querer, arranhou o verniz escuro. Podia rastrear a própria família até, pelo menos, seis gerações. Nem todos podiam fazer aquilo, ele entendia. Mas Anton não sabia sequer o nome do próprio pai. A avó do garoto não quis ficar com ele. E, ainda assim, queriam que ele acreditasse na santidade da unidade familiar biológica? Os assistentes sociais, as varas de família, o sistema todo estava errado, e suas suposições eram furadas.

Aprumou o corpo na luxuosa poltrona, estremecendo com um súbito pensamento: “Talvez, quem sabe, ele tivesse outro presente de aniversário para dar a Anton. E seria o melhor presente de todos até então”.

CAPÍTULO 10

DAVID FICOU SOZINHO em meio às luzes difusas da sala de reuniões. Smithie estava na área da recepção, esperando a camionete chegar. David tinha chegado vinte minutos antes, e Smithie o havia admitido no edifício térreo e sem nada de especial que abrigava um de seus gabinetes periféricos. Depois de acompanhar David até a sala de reuniões dotada de uma única e longa mesa, Smithie foi outra vez até o saguão para esperar a camionete.

E então, sentado na cabeceira da mesa vazia, os cotovelos apoiados nos braços da cadeira, os dedos das mãos unidos na forma de um triângulo, uma imagem lampejou diante de seus olhos — Michael Corleone em *O poderoso chefão*. Era como ele se sentia, inquieto, agitado, embalado por uma energia explosiva. Deus, que belo filme! Quando James estava no ensino médio, ele e David tinham assistido ao original e às duas sequências durante um fim de semana, um ritual de passagem masculino. David ficou emocionado por James ter adorado os filmes tanto quanto ele.

Seus pensamentos começaram a divagar. Como teria sido seu filho? O que estaria fazendo se ainda estivesse vivo? Afastou aquela ideia. Precisava concentrar toda a atenção na tarefa que vinha a seguir. Colocou sua pasta sobre a mesa. Aquela pasta de couro desgastado, um presente do pai em seu aniversário de treze anos, já tinha guardado muitas coisas ao longo dos anos — depoimentos legais, arquivos, seus talões de cheque. Mas nunca havia portado algo que tivesse o poder de mudar o curso de tantas vidas.

* * *

A mulher pareceu diferente do que David esperava. Ao ver sua figura minúscula na cadeira, com olhos grandes e arredondados que não mostravam nenhuma hostilidade, apenas medo, sentiu uma pontada de remorso. Durante mais de dois anos, havia demonizado aquela mulher em sua cabeça. Em sua imaginação, ele a via grande, estridente, impudente,

vulgar e ordinária. Agora percebia o que vinha fazendo: tentando torná-la uma oponente digna de nojo e desprezo. Mas a mulher sentada à sua frente era miúda, até juvenil. O rosto lembrava um pássaro cuja característica mais saliente eram os grandes olhos castanho-claros. Duas tranças caíam pela lateral de seu rosto. Olhos límpidos como água, com nenhuma agitação ou malícia que a associasse a usuários de drogas. Aparentemente a mulher estava limpa, livre delas.

Mas, apesar de todo o mistério, seu rosto parecia profundamente familiar. David ficou olhando para ela, tentando entender, até ter um sobressalto com a revelação. É claro. Era parecida com Anton. Ou melhor, o contrário. Mas, enquanto a beleza de Anton era arrebatadora, a da mulher não chamava atenção. O que tinha era — e David tentou para encontrar uma forma de definir — uma espécie de charme rural. Sim, era isso. Apesar de sua vida difícil, Juanita mantinha a aparência da garota do interior do Sul que realmente era. Não havia nada de brutal ou árido no rosto dela. Na verdade, David se viu até simpatizando com ela.

Talvez fosse um sinal para ele não seguir em frente com o que pretendia fazer. Talvez houvesse outra maneira — David fechou os olhos por um breve segundo, imaginando um cenário diferente. Talvez ele e Delores pudessem ajudar aquela mulher quando fosse solta, em menos de três meses. Se conseguissem arrumar um emprego para ela, se garantissem que frequentasse um programa de recuperação, se pagassem pelos estudos de Anton em uma escola particular, eles poderiam assegurar um bom futuro para o garoto. Aquela mulher não era uma criminoso irrecoverável ou uma causa perdida — David tinha suficiente experiência judiciária para confiar em seus instintos a respeito. Ele poderia ajudá-la, que seria o mesmo que ajudar Anton.

Abriu os olhos e viu que a mulher o observava atentamente, e algo na intensidade de seu olhar, o fato de tê-lo surpreendido em um momento de fraqueza, incomodou-o. Quanto tempo levaria para ela arranjar um namorado usuário? Quanto tempo até se demitir do emprego e desaparecer? Ele se lembrou dos índices de reincidência para viciados em crack. O caminho do inferno era pavimentado por boas intenções. Como poderia arriscar o futuro de Anton por um momento de sentimentalismo?

David assumiu toda a sua altura e olhou para ela com gravidade.

— Você sabe por que estou aqui? Sabe quem eu sou?

— Não, senhor.

David engoliu em seco. Não fazia ideia de como Connor havia feito aquilo acontecer, que pauzinhos tinha mexido, qual administrador fora envolvido para levar a mulher ali naquela tarde numa camionete anônima. Eles tinham abordado Smithie uma semana antes, pedindo um local de encontro, sabendo que ele manteria sigilo, e Smithie concordara sem fazer muitas perguntas. Connor propusera um procurador para passar uma mensagem a Juanita Vesper, mas David não concordou, sabendo que ninguém mais poderia ser envolvido naquela situação além dele próprio. Sabia que estava correndo um alto risco com aquele encontro clandestino. Mas também sabia que a própria temeridade de tal encontro, sua pura improbabilidade, o protegeria. Ali, ao ver a mulher sentada ao seu lado, sentiu sua determinação esmorecer. Como devia ser terrível para ela ser tirada da prisão sem explicação e trazida a um prédio de escritórios vazio, onde foi recebida por um homem branco desconhecido à frente do qual se postava. Será que pensou estar sendo sequestrada? Podia perceber o tremor de seu lábio inferior, quanto estava assustada e quanto lutava para manter a compostura. Parecia outra característica que Anton tinha herdado da mãe.

— Meu nome é David Coleman — falou num tom delicado. — Eu sou o pai adotivo de Anton.

A expressão da mulher se iluminou, como se tivesse sido inundada de luz.

— Anton — falou. — Que Deus me perdoe! Como ele está?

A resposta dela foi tão genuína e espontânea que tocou o coração de David, derrubando suas últimas defesas. Delores tinha razão. O que podia ver ali era amor materno. A alegria que ela demonstrou ao ouvir o nome de Anton tornou aquele encontro mais igualitário, com os dois ligados pelo amor e pela preocupação com o garoto.

— Ele está bem — respondeu David. — Aliás, está mais do que bem. Está desabrochando.

Juanita aquiesceu de forma casual.

— Ele é muito inteligente — falou, batendo com um dedo na própria têmpora. — Puxou ao pai, imagino.

David ficou surpreso. Não esperava que ela soubesse quem era o pai de Anton.

— Você conhece o pai dele? — perguntou sem pensar, corando quando ela o olhou fixamente. — Quero dizer, quem é ele?

Juanita apertou os lábios de um modo que o lembrou Delores.

— Ele era médico — respondeu ela secamente. — Mas já passou para o outro lado.

— Passou para o outro lado? — perguntou David, abobado.

— Ele faleceu.

David queria fazer mais perguntas, mas se conteve. A expressão de Juanita tinha ficado opaca, o rosto impenetrável. E, na verdade, que diferença fazia? Muito mais importante era falar sobre a questão presente.

David abriu a boca para falar, mas ela foi mais rápida.

— Ele está aqui? — perguntou, olhando para o corredor escuro. — Anton? Ele veio me ver?

— O quê? Ah, não. Não, ele não veio. — Em seguida, por uma razão que nunca entendeu, acrescentou: — Ele não quis vir.

Os olhos de Juanita cintilaram enquanto ela absorvia o golpe. Engoliu em seco uma vez e perguntou:

— Ele ainda está bravo comigo?

David deu de ombros.

— Ele está chateado — respondeu vagamente.

— É por isso que nunca foi me visitar na prisão? Nem me escreveu?

— Ele escreveu algumas vezes, não? — David se lembrava de que Delores tinha feito Anton escrever algumas cartas nos primeiros dias, para poder manter contato e também para praticar sua ortografia. Mas David interceptou as cartas que voltaram em resposta da prisão, apesar das vociferantes objeções de Delores. Com o passar do tempo, conseguiu convencê-la de que era melhor para o garoto não mostrar as cartas da mãe.

— Algumas vezes. Mas então, quando eu respondi, não recebi nenhuma resposta.

O que ele estava ouvindo na voz de Juanita? Desconfiança? Mágoa? Dúvida? Fosse o que fosse, era preciso mudar a direção das perguntas. Ir direto ao assunto.

David pigarreou, como que se preparando para passar uma sentença no tribunal.

— Srta. Vesper — começou —, não dá para culpar o menino por ele estar zangado, não é?

— Não, senhor. — Meneou a cabeça com convicção. — Não posso culpar o menino, de jeito nenhum. — A voz dela assumiu um tom melancólico. — Mas eu pedi desculpa muitas vezes. Nem assim ele respondeu.

Ansioso para mudar de assunto, David pegou a pasta de couro e tirou uma pasta de papelão.

— Como boa notícia, estas são algumas fotos atuais de Anton. — Havia escolhido intencionalmente fotografias que mostravam Anton em locais e atividades que pareceriam estranhas à mulher ao seu lado: Anton no leme do veleiro do Pappy em Cape no verão anterior; Anton com seu casaco de esqui vermelho, olhando direto para a câmera; Anton posando com Bradley e três outros amigos, todos de calça cáqui e camiseta polo.

Percebeu que ela prendeu a respiração enquanto observava as fotografias.

— Este é o meu filhinho? Como ele cresceu! — Olhou para David. — O senhor conseguiu mesmo sequestrar o meu filho. — Mas sorriu ao dizer aquilo. — Jesus do céu! Ele parece um... um... — Porém não concluiu a sentença.

Contudo, David sabia o que ela não chegara a dizer: Anton parecia um jovem príncipe. Um jovem príncipe lindo.

Examinou-a mais uma vez, já livre de suas últimas reticências.

— Sim, nós fomos afortunados. Nós... minha esposa e eu... conseguimos proporcionar uma vida muito boa a Anton. Francamente, uma vida com que outras crianças, bem, só podem sonhar. — Olhou para ela com uma ligeira hostilidade, como que a desafiando a contradizê-lo.

Juanita cruzou as mãos num gesto de humildade.

— Obrigada, eu lhe serei sempre grata. Eu me preocupo dia e noite com o meu filho. O senhor sabe, quando se está na prisão, todos os pensamentos são feios. Há tanto mal neste mundo...

David conteve a língua para não dizer o óbvio: você não estava tão preocupada quando deixou seu filho em casa sozinho no meio de uma onda de calor. Ficou surpreso ao perceber que sua simpatia inicial por aquela mulher começava a se dissipar. “Que coisa curiosa”, pensou, mas logo percebeu por quê. Ele e Juanita jamais poderiam ser amigos. Eram rivais naturais. Soubesse ela ou não, os dois estavam competindo pelo mesmo prêmio.

Recolheu as fotografias da mesa, misturando-as como se fossem cartas de baralho. Quando ia guardá-las de novo na pasta, ela perguntou timidamente:

— Posso ficar com uma?

David hesitou, sem querer deixar um indício material daquele encontro ilícito, mas voltou a olhar para a mulher, pequena e deplorável naquela cadeira, e pensou: “Quem vai saber? Quem vai acreditar nela?”. Por isso, sorriu e empurrou as fotos na direção dela. Ela escolheu aquela em que Anton estava na pista de esqui.

— Meu grande garoto — falou em voz baixa, ainda agarrada à foto. — Estou contando os dias para voltar a ver você.

David ficou surpreso ante a facilidade e a ingenuidade com que a mulher supunha que iria ficar com o filho depois de ter visto provas de como Anton tinha desabrochado sob os cuidados de David e Delores. Será que ela realmente acreditava que o amor poderia vencer tudo aquilo?

Como se tivesse lido seus pensamentos, ela falou:

— O senhor fez muito pelo meu filho, sr. David. Eu não vou desapontar o senhor. — Olhou para ele com uma expressão sincera. — Estou limpa há dois anos. Comecei a ler a Bíblia num grupo de estudo. A prisão me fez bem. Perdi meu filho uma vez, e graças a Deus ele acabou ficando com alguém bondoso como o senhor. Mas juro que nunca mais vou correr o risco de perder Anton de novo. Nunca mais!

David já tinha ouvido versões do mesmo discurso no tribunal tantas vezes que não ficou especialmente impressionado com as palavras dela. Juanita estava sendo claramente sincera, mas boas intenções não significavam nada ante a tentação de uma droga altamente viciante. Ela teria sorte se conseguisse ficar seis meses limpa quando saísse da prisão.

Ele se agitou na cadeira ao dar uma olhada no relógio de parede atrás da mulher. Juanita ainda teria um longo caminho até a prisão. Chegara o momento de ir direto ao ponto.

— Srta. Vesper — disse, inclinando-se para a frente. — Vamos ser francos, está bem? — Fez uma pausa, observando o olhar de surpresa dela. — A respeito de Anton, é claro.

David ficou deitado na cama, tomando cuidado para não expressar sua agitação mental com movimentos do corpo, com medo de acordar Delores. As coisas tinham ido bem. Mais ou menos tão bem quanto poderia esperar. Ele vencera. Pelo menos achava que sim. Depois de ter passado por tanta coisa, arriscado tanto, quando qualquer resultado era possível. Tirar uma detenta da prisão para ter com ela um encontro sub-reptício? Se alguém ficasse sabendo, ele perderia a licença legal. E, desnecessário dizer, o escândalo decorrente destruiria quaisquer aspirações políticas que pudesse ter. O pior é que isso levaria Smithie e Connor junto com ele. Havia realizado a maior jogada da sua vida, e fizera isso porque a recompensa era enorme. E tinha de funcionar. Precisava funcionar.

Enfim. Estava consumado. Quase consumado. Conseguira fazer Juanita Vesper ver o que ele via tão claramente. Pintado um quadro do que poderia fazer pelo filho dela. E concedido à mulher o que lhe era devido, como ela pareceu ter entendido. A palavra mágica fora “faculdade”. Quando disse que poderia pagar qualquer faculdade que Anton escolhesse, em qualquer lugar do país, percebeu que ela teve um sobressalto involuntário, que seus olhos brilharam com uma luz repentina. Mesmo a contragosto, sentiu respeito por ela. Será que ela sabia quanto custava um ano numa boa faculdade? Perguntou-lhe, e ela fez que não com a cabeça. Quando David disse, Juanita replicou:

— Isso é mais do que eu ganho em três anos.

Também falou de outras vantagens. Disse que Anton estava tendo aulas de piano, participava da equipe de natação, era excelente aluno de ciências. Que poderia aprender francês na escola se quisesse. Ela ficou ouvindo de boca aberta, como se fosse um conto de fadas.

Mas continuou hesitante, resistindo à ideia de perder o filho para sempre. Apesar de entender sua resistência e respeitá-la por isso, aquilo o deixou impaciente. E com medo. Por isso disse o que disse. Contou a cruel mentira, apesar de as palavras terem golpeado o rosto dela como uma marreta. Sentiu literalmente enquanto ela absorvia cada golpe, atordoando-se, ficando cada vez mais fraca. E insistiu porque algo estranho aconteceu: quanto mais ele falava, mais acreditava no que sa ia de seus lábios. Se fosse possível que uma mentira se tornasse verdade, era o que havia ocorrido. E, quando terminou, a mulher desapareceu atrás do próprio rosto, foi engolida inteira, e a devastac o que ele havia causado era tão perfeita que

teve de desviar o olhar. Ficou olhando para o teto, sem se atrever a olhar para ela. Finalmente, depois de sabe Deus quanto tempo, ela sussurrou alguma coisa que David não entendeu. Quando voltou a olhar para ela, Juanita aquiesceu em silêncio e falou que ia pensar sobre o que ele dissera, pensar seriamente a respeito. Que desejava o melhor para o seu Anton. Em seguida, agradeceu mais uma vez por tudo o que ele fizera para ajudar o filho dela.

David virou um pouco a cabeça e olhou para a esposa. Ficou contente por Delores já estar dormindo quando chegou em casa. Ela teria percebido sua agitação, e ele não queria responder às suas perguntas naquela noite. Se um dia soubesse o que havia feito, Delores o abandonaria. Disso, tinha certeza. E sempre havia a chance de Juanita não abrir mão de Anton sem lutar. Agora David deveria prosseguir com cuidado, encontrar uma forma de manter a pressão sobre Juanita a distância, até ela finalmente ceder a custódia ao Estado. Talvez Connor, com seus inúmeros contatos no Juizado de Menores, soubesse como proceder. Ou será que eles deveriam simplesmente dar alguns dias a Juanita para pensar a respeito, deixando que ela fizesse o primeiro movimento? A mulher pareceu quase convencida ao voltar para a camionete; realmente parecia.

David virou-se de lado bem devagar. Contemplou o rosto da esposa, que, mesmo em repouso, revelava a tristeza que se abateu sobre ela desde o momento em que soubera sobre James. Fechando os olhos, ele imaginou como seria ficar com Anton para sempre. Será que a promessa daquela permanência finalmente eliminaria parte da angústia do semblante de Delores? Ou criaria uma nova ansiedade? Adotar uma criança fora uma ideia principalmente dele, mas de repente, naquela noite, David não sabia ao certo se a esposa havia concordado. Será que tinha concordado só para agradá-lo? Ou ter uma criança na casa era algo que ela também desejava? David suspirou. Como era possível amar Dê como ele amava e não saber as respostas para essas perguntas básicas? Lembrou-se dos dias horríveis logo após a morte de James. Da necessidade que tinha da mulher para não entrar em desespero. E Dê ficou firme ao seu lado, ficou mesmo. No entanto, quando tentou resgatá-la de volta ela o rejeitou, isolando-se atrás de uma muralha. Alguma coisa diferente — uma formalidade, um resguardo — havia se inserido no casamento deles.

David seria muito mais cuidadoso com Anton. Com James, ele se manteve bastante vigilante. Os dois meninos e as namoradas tinham jantado na casa deles antes de irem ao baile, um sofisticado filé preparado por Delores. David tirou várias fotos dos quatro, garotos que conhecia desde o berço e pareciam risivelmente adultos e incrivelmente jovens de smoking e vestidos longos. E, pouco antes de saírem para o baile, David fez James prometer não beber antes de dirigir. Que estupidez a dele de não levar em conta os outros motoristas que sairiam do baile naquela noite.

Sua perna esquerda começou a repuxar, e David se obrigou a respirar fundo. “Um novo começo”, disse a si mesmo, e aquele pensamento o tranquilizou tanto que ele o repetiu: “Um novo começo. Um novo começo. Por favor, Deus, um novo começo”.

Com isso, David Coleman mergulhou num sono perturbado e espasmódico.

CAPÍTULO 11

JUANITA PRECISOU DE TRÊS SEMANAS para decidir abrir mão da custódia. David mal conseguiu acreditar quando recebeu a notícia por um telefonema da responsável pelo Juizado de Menores. Antes de desligar, ele levantou a questão de uma adoção permanente, e a mulher do outro lado da linha pareceu satisfeita.

Anton estava na casa de um amigo, por isso David deu a notícia a Delores assim que chegou em casa, tomando cuidado para não mencionar a parte da adoção.

— Eu não entendo — ficou repetindo Delores. — Alguma coisa deve ter acontecido com essa pobre mulher na prisão. Quero dizer, por que uma mãe desistiria voluntariamente de um filho? Não faz sentido, David.

Ele fez uma careta.

— É resultado do vício, querida — falou. — Entorpece até o instinto materno. Já vi isso acontecer milhares de vezes.

— Quero dizer, eu não sei quanto ela sabe sobre como está Anton. — O tom de voz de Delores era de incredulidade. — E se ele estivesse infeliz conosco? Como ela pôde abandonar o filho desse jeito, sem ao menos fazer um esforço para se encontrar com ele?

— Bem, ela já fez isso uma vez, não foi? Abandonar o filho? — David ouviu o tom estranho e áspero na própria voz. — Você acha que alguns anos no xadrez iriam mudar isso?

Delores virou-se para ele, chocada.

— Essa notícia vai partir o coração do garotinho. O que vamos fazer?

David focou seus olhos azuis num ponto além do ombro da esposa, com medo de olhar para o rosto dela.

— Não sei — murmurou.

Delores suspirou e pegou na mão dele.

— Para dizer a verdade, eu estava querendo voltar à nossa vida normal — falou. — Não me entenda mal... Eu acabei gostando muito do Anton. Não me arrependo do que fizemos para ajudá-lo, sabe? Mas é difícil cuidar

do filho de outra pessoa. E nós não somos mais tão jovens assim. Você entende o que estou dizendo?

O coração de David bateu tão forte que, por um momento, sentiu certa vertigem. Será que Dê iria se opor a ele a esse respeito? Depois de todos os pauzinhos que tinha mexido, das barreiras que havia superado? Por alguma razão ele não tinha parado para pensar nessa possibilidade.

Delores continuou olhando para ele, esperando uma resposta.

— O que você gostaria de fazer? — perguntou David, ouvindo a tensão na própria voz. — Deixar que fique vagando de um lar adotivo a outro?

Delores ergueu a cabeça, os olhos brilhando com um súbito ressentimento.

— Não se atreva a jogar isso em cima de mim, David! A ideia de seguir esse caminho foi sua. E, como sempre, eu fui junto, só para deixar você feliz. De todo modo...

— Espere aí... O quê? Você fez isso para *me* deixar feliz? — David sentiu o rosto corar, os músculos do maxilar se retesando. — Que audácia, Dê! Eu fiz isso por você. Por nós. Porque pensei... tolamente, ao que parece, que ter uma criança na casa poderia... — parou no meio da frase, com medo de olhar para o rosto de Delores.

— Poderia o quê, David? — perguntou Delores em voz baixa. — Trazer James de volta? Ajudar a esquecer meu próprio filho? Apagar a lembrança de James naquele caixão? O que você achou que ia acontecer ao trazer um estranho à minha casa? E, agora, quer que eu faça o quê? Beije a sua mão por gratidão?

David ficou olhando para ela, sem palavras.

— Então é assim que você se sente? Depois de todo esse tempo? — conseguiu afinal murmurar. Depois, mais alto: — Se é assim que você se sente, afinal por que concordou? Eu nunca... nunca teria feito isso se você se opusesse.

Delores deu uma risada nervosa.

— Eu concordei, David? Você chegou a me perguntar se era isso que eu queria? Quero dizer, perguntar *mesmo*? Ou simplesmente pressupôs que seria melhor para nós?

David virou as costas para ela, com medo de gritar. Pegou a pequena caixa de joias da cômoda dela e a pôs de volta no lugar, distraidamente, tentando se recompor.

— Desculpe — disse afinal. — Eu... não fazia ideia. Você deve ter ficado muito magoada comigo nesses últimos dois anos.

— David — disse Delores com um suspiro, batendo com a mão na beira da cama. — Vem cá. Senta aqui perto de mim. — Colocou a mão na perna dele. — Querido. Eu sei que você teve boa intenção. Eu sei disso, tá? Só que você é como um furacão, e eu... Tudo o que fica no seu caminho acaba sendo varrido.

David meneou a cabeça.

— Desculpe — voltou a dizer. Mas estava conjeturando desde quando ele e Delores tinham se afastado tanto. Será que deviam ter procurado uma terapia, como ela quis, depois da morte de James? Ele tinha sido contra, incapaz de suportar a ideia de falar sobre o amado filho com um estranho. E Dê havia caído num silêncio tão grande naqueles primeiros meses depois do enterro... Era comum voltar para casa e encontrá-la em silêncio no quarto de James, olhando pela janela. Alguma coisa revirava em suas vísceras naqueles momentos, porém, quando tentava perguntar sobre o seu dia ou se tinha saído de casa, ela abria aquele estranho novo sorriso e olhava para outro lado.

“Isso aconteceu há anos”, pensou David. Aos poucos, ela pareceu ter encontrado o caminho de volta — voltando a trabalhar como voluntária no Centro de Crise de Estupros, retomando suas atividades na Liga das Mulheres Votantes, ajudando-o no jardim. A verdade, entretanto, era que David havia perdido a mulher risonha e irreverente por quem tinha se apaixonado. Aquela Dê não existia mais, substituída pela mulher agora ao seu lado, dizendo que queria ter a própria vida de volta. Que ele afinal precisava desistir de Anton. David sentiu o estômago enjoado ao pensar nisso.

Sentiu-se claustrofóbico, o quarto espaçoso se fechando sobre ele. Pegou a mão da mulher, beijou-a de leve e disse em voz baixa:

— Eu preciso de um pouco de ar fresco. Acho que vou dar uma corrida. Não devo demorar.

— Você não vai comer?

— Pode comer você — replicou, sem olhar para ela. — Eu como alguma coisa no caminho de volta.

Fez força para não notar que os ombros dela estavam caídos quando se afastou dele.

— Como quiser — ela concordou.

Quando David voltou para casa, às nove horas, Anton e Delores estavam no sofá assistindo à TV, Delores abraçada casualmente com Anton. David abanou a cabeça de forma imperceptível, incapaz de conciliar as ressentidas palavras recentes de Dê com aquele quadro doméstico à sua frente.

— Oi, David — disse Anton, os olhos grudados na televisão.

— Oi, parceiro. Como foi o seu dia?

— Tudo bem.

Notou que Delores não se preocupou sequer em assinalar sua chegada. Ficou por ali inutilmente por algum tempo antes de ir para o chuveiro.

Quando David entrou no quarto, meia hora depois, Delores estava recolhendo seus travesseiros.

— O que você tá fazendo? — perguntou.

— Eu vou dormir no quarto de hóspedes esta noite — respondeu ela.

— Quero ficar assistindo à TV e não quero deixar você sem dormir.

— Não tem importância. Amanhã é sábado...

— ... e você tem um café da manhã beneficente, lembra?

David foi até ela e pôs as mãos em seus ombros, procurando seu rosto.

— Como você faz isso, Dê? Como...?

— Faço o quê?

— Cuidar de mim mesmo quando está furiosa comigo? — Abaixou a cabeça. — Eu... Você é a coisa mais importante da minha vida, Dê. Se não sabe disso até agora, não sei o que... — Sentiu lágrimas rolando pela face e as enxugou bruscamente.

— David. Calma. Está tudo bem. A gente vai pensar em alguma coisa. Certo? Mas, por favor. Só por esta noite, eu preciso dormir bem. — Deu um beijo no rosto dele. — Eu chamo você amanhã de manhã. Agora vá dormir.

Sozinho na cama, David ficou pensando sobre o que estava acontecendo, no que havia acabado de dizer. Era verdade. Dê era a coisa mais importante da vida dele. Entre ela e Anton, não precisava nem pensar.

Mas, então, alguma coisa se agitou dentro dele. Por que teria de escolher? A maioria dos homens não precisa decidir entre os filhos e a esposa. Mas Anton não tinha o seu sangue. E esse era o atrito.

Respirou fundo várias vezes, tentando acalmar os pensamentos. “Controle-se”, advertiu-se. “Por enquanto nada está decidido. Talvez Dê mude de ideia. Ela gosta de Anton. Você sabe disso. Agora tente dormir.”

Mas, durante toda a noite, sua mão ficou tateando o lugar vazio na cama onde Dê deveria estar.

Delores continuou dormindo no quarto de hóspedes na semana seguinte. Todas as noites, o casal esperava Anton ir para o quarto antes de dizer um cordial boa-noite um para o outro. David sabia que estava sendo castigado, mas algum instinto lhe dizia para não forçar Dê, para conceder o tempo necessário para ela decidir se conseguia imaginar um futuro permanente com Anton. Ainda assim, cada dia que passava, a ansiedade e a irritação dele aumentavam. Dê não só o tinha como refém, mas também a Anton.

E ainda havia outra coisa. Se Dê se recusasse a manter Anton e o menino fosse devolvido ao sistema de adoção, o que impediria Juanita Vesper de mudar de ideia e reivindicar seus direitos? E, se isso acontecesse, quanto tempo se passaria até ela contar ao filho ou a alguém mais sobre o estranho encontro noturno com o pai adotivo de Anton? Sem ter essa intenção, Dê o estava pondo em perigo. Que inferno! Ele poderia ser acusado criminalmente pelo que fizera!

David levantou da poltrona e foi até a cozinha, onde Delores tomava uma xícara de chá de ervas. Anton ia dormir na casa de Bradley, e a casa parecia estranhamente silenciosa para uma sexta à noite.

— Precisamos conversar — disse David em voz baixa, puxando uma cadeira e sentando-se em frente a Delores.

— Eu sei.

— Já faz uma semana...

— Eu sei. — Ela ficou olhando para a xícara por um momento, e, quando levantou a cabeça, seus olhos estavam vermelhos. — O que você gostaria de fazer, David? Você... Quero dizer, será que devemos requerer uma custódia permanente ou algo assim?

David ficou imóvel, com medo de acreditar no que ouvia.

— O que você quer fazer? — perguntou com cuidado.

Delores abriu um sorriso que não chegou até os seus olhos.

— Eu quero que você pare de perambular por aí como se eu tivesse matado o seu bichinho de estimação.

— Dê, é você que está agindo de maneira estranha. É você que está brava comigo, e eu nem sei por quê.

Ela estendeu o braço na mesa e pegou na mão dele.

— David. Por favor, não. Isso não é mais somente sobre nós dois. Nós temos um garotinho por quem somos responsáveis.

Quando falou, David se detestou pela ansiedade que ouviu na própria voz:

— É isso que estou tentando dizer. Que não temos escolha. Não podemos deixar Anton ficar mudando de lar adotivo.

— Não, é claro que não. Seria uma crueldade. — Ela meneou a cabeça por um instante, depois aquiesceu como se tivesse decidido alguma coisa. — Tudo bem. Acho que vamos prosseguir com isso.

Mas, de repente, David entrou em pânico. Não era assim que ele tinha imaginado, aquela aceitação sombria e nada alegre da nova realidade.

— Dê, eu preciso ter certeza — falou em tom de urgência. — Você vai ficar bem se... você sabe, se conseguirmos a custódia permanente?

— Acho que sim. Quero dizer, nada pode substituir... Quero dizer, o James era o James.

David abanou a cabeça com vigor.

— Sim. Não. Sim. Anton não é o James. E nunca será. E nós jamais faríamos isso por essa razão. — Enrijeceu, esperando que ela dissesse alguma coisa, contudo Delores permaneceu em silêncio.

Finalmente, depois de algum tempo, ela falou:

— Mas como diabos vamos dar essa notícia ao pobre Anton?

O corpo de David relaxou de alívio.

— Não se preocupe — disse bruscamente. — Nós vamos pensar num jeito.

— Não faça isso ainda, David. Talvez a mulher ainda mude de ideia.

David esperou até a tarde de domingo para perguntar se Anton queria ir até a loja de ferragens com ele. Deitado no sofá, Anton levantou os olhos do livro *O doador* e bocejou.

— Não. Eu tô bem aqui.

— Ah, vamos lá! — insistiu David. — Você já está ficando meio barrigudinho de ficar sem fazer nada. Está precisando de uns exercícios.

Anton fez aquela insuportável expressão de pré-adolescente que David e Delores já começavam a detestar.

— Desde quando andar de carro é exercício? — respondeu com a voz mole.

A declaração foi tão presunçosa que David deu risada. Foi até o sofá, arrancou o livro das mãos de Anton e o jogou na mesa de centro.

— Vamos lá, garotão — falou. — Eu preciso da sua ajuda para trazer as coisas para casa. E tem um sorvete esperando por você no Izzy's, em algum momento.

— No Izzy's? — bradou Anton enquanto rolava do sofá. — Por que não falou *antes*? — Correu até o quarto para calçar os sapatos.

David revirou os olhos para Delores.

— Ele é o garoto mais corrompível da cidade. A gente só precisa suborná-lo com um sorvete.

Delores sorriu, mas David podia ver que estava preocupada.

— Você vai contar para ele hoje, não é?

David deu de ombros.

— Vou tocar de ouvido. Não temos muito tempo para dar entrada na papelada.

— Parece que tudo está acontecendo depressa demais.

Ao ouvir Anton andando pelo corredor, David de repente se sentiu irritado.

— Nós já esperamos uma semana. Mas, se você estiver reconsiderando, nós precisamos conversar.

— Não é isso.

— Então?

— Você não acha que deveríamos falar com ele juntos? E não a caminho de uma sorveteria?

— Dê — replicou David, enfatizando cada palavra. — Eu não quero fazer isso como... se fosse uma coisa terrível. Se quiser, pode vir com a gente, e nós dois falamos com ele.

— Mas *é* uma coisa terrível. O garoto está prestes a perder... — interrompeu a frase quando o Anton entrou na sala.

— Pronto? — perguntou ele.

David levantou o polegar.

— Só um minuto, Anton. Vai indo para o carro. — Virou-se para a mulher. — Então? Você vai com a gente?

— Não. Talvez você tenha razão. Pode ser melhor pegar leve com isso.

David beijou a testa dela.

— Como eu disse, só vou dizer se o momento se apresentar. Certo?

— Acho que sim.

Já estavam a meio caminho da loja de ferragens quando David resolveu mudar de trajeto.

— Sabe de uma coisa? Vamos tomar aquele sorvete antes.

— Oba! — exclamou Anton. — Você tá de bom humor hoje, David.

Ele sorriu.

— Estou mesmo. E, se eu fosse você, tomaria cuidado com esse sarcasmo. Porque não há nada como um merdinha sarcástico para arruinar o meu bom humor.

Os dois se entreolharam e riram. Durante os últimos seis meses, tinham criado uma rotina em que, quando Delores não estava por perto, David falava uns pequenos palavrões perto de Anton. Esse ritual de proximidade masculina os aproximara ainda mais.

— Puxa. Desculpe — disse Anton.

David deu um tapinha no ombro do garoto.

— Tudo bem. Eu sei que você não está tentando se *comportar* como um merdinha. É o seu jeito de *ser*...

— ... um merdinha — os dois completaram em tom triunfal.

Era um dia quente, e os dois se sentaram num banco de piquenique do Izzy's com os sorvetes, sentindo a brisa. À parte a diferença de cor da pele, pareciam com qualquer outra dupla de pai e filho ao redor, ambos de jeans e camiseta polo. O sol do começo da tarde brilhava na pele de Anton, tornando-a dourada, e David sentiu um nó na garganta diante da cena. Pigarreou.

— Olha — começou ele. — Eu tenho uma notícia para você. E não é uma boa notícia, sinto dizer. — Percebeu e lamentou a sombra que passou pela expressão de Anton. — Ainda que possa ser — sentiu-se compelido a acrescentar. — Talvez seja uma questão de como encarar.

O tom âmbar dos olhos de Anton coruscou, mas ele ficou totalmente imóvel, como que com medo de respirar. A imobilidade contida de sua postura foi uma pontada no coração de David. Às vezes era fácil esquecer o que esse garoto tinha passado.

— É sobre a sua mãe, Anton — continuou, com uma voz baixa e suave.

— Ela morreu?

— O quê? *Não*. Pelo amor de Deus.

O menino pareceu relaxar um pouquinho. Virou ligeiramente a cabeça para olhar para David, a boca aberta.

— O que aconteceu?

David engoliu em seco. Aquilo não ia ser fácil.

— Ela decidiu abrir mão da sua custódia, Anton — disse afinal, estremecendo ao dizer as palavras. E, quando o garoto não reagiu, perguntou: — Você entende o que isso significa, certo?

Anton abanou a cabeça.

— Não.

— Significa que sua mãe acha que não consegue cuidar de você. Por isso, ela está dizendo ao Estado... — não, aquilo ia parecer muito frio — ...está perguntando se nós, eu e AM, podemos cuidar de você.

O lábio inferior de Anton tremeu um pouco, mas ele continuou olhando nos olhos de David.

— Por quanto tempo?

— Bom, por um longo tempo. Para sempre. — As lágrimas começaram a arder nos olhos de David, mas os de Anton estavam claros, embora o nariz do garoto começasse a assumir aquele revelador tom avermelhado.

— Minha mãe falou com você sobre isso? — A voz do garoto soou áspera. — Que não quer mais nem tomar conta de mim?

Com que facilidade Anton escorregava para a sua antiga maneira de falar à simples menção da mãe. David ficou espantado. Mas não havia tempo para refletir sobre isso, pois a questão queimava entre os dois como uma casa em chamas. Estendeu o braço e pegou na mão de Anton, melada de restos de sorvete.

— Anton — falou com a voz firme —, agora você é um menino crescido. Tem idade para entender certas coisas. Não é? — Esperou até o garoto emitir um gesto hesitante em resposta. — Então precisa aceitar uma coisa. Sua mãe é doente, Anton. Tem problema com drogas. É uma

doença. Você entende? Ela não está bem. Não pode tomar conta de você, filho. E, por isso, pediu que AM e eu tomássemos conta de você por ela. É a maneira dela de amá-lo. — Olhou ao redor do pátio, lotado de famílias rindo e aparentemente despreocupadas, satisfeitas e seguras da boa situação de que desfrutavam, e não conseguiu imaginar, nem em um milhão de anos, que estava ali sentado em frente a um órfão; porque, diga-se a verdade, era o que havia feito, transformado Anton num órfão, deixando suas palavras se fragmentar à luz dos olhos dele. — Anton — tentou mais uma vez, desesperado —, você sabe que AM e eu amamos você. Nós vamos fazer o melhor por você, filho. Vamos cuidar de você, prometo.

Anton ficou olhando para ele, um sorriso desmaiado no rosto.

— Eu sei — falou. — Obrigado. — Em seguida apertou os olhos. — Mas quem vai cuidar da mamãe?

David suspirou. Sabia que isso acontecia o tempo todo em famílias disfuncionais, esse estranho papel reverso — quanto mais irresponsáveis os adultos, mais hiper-responsáveis os filhos.

— Sua mãe é uma adulta — explicou, quase mecanicamente. — Ela pode cuidar de si mesma. Não é seu dever, Anton. — Ficou olhando para o menino, reconhecendo a expressão de ceticismo em seu rosto, sabendo que não o tinha convencido. Em seguida, num momento de inspiração, disse: — Deus vai cuidar dela. Deus vai cuidar da sua mãe.

A expressão do garoto se iluminou.

— Isso é o que a mamãe diz. — O tom de voz foi casual, como se tivesse conversado com a mãe no dia anterior, como se não tivessem se passado mais de dois anos.

— E ela tem razão. — Dando mais um pequeno apertão, David largou da mão do menino. — Bem, o que você acha? — começou a dizer, fazendo um grande esforço para mudar de assunto. — Vamos tomar outra rodada de sorvete?

Anton abanou a cabeça.

— AM disse que vai preparar um grande jantar, David. É melhor a gente não estragar nosso apetite.

O tom de voz saiu tão sério, e as palavras refletiam tão bem as de Delores, que David teve de conter um sorriso. Lembrou-se das infindáveis casquinhas de sorvete que Anton quis consumir quando estiveram ali pela

primeira vez. O autocontrole que o garoto mostrava agora era, sem dúvida, sinal de alguma coisa. Sentiu o corpo estremecer de orgulho. Não se importava com o que os outros acreditassem, nem mesmo o próprio Anton. Esse garoto era deles. E estava destinado a grandes coisas. Merecia uma vida melhor do que a mãe poderia propiciar.

— Como quiser, parceiro — falou. Viu que o garoto estava de cabeça baixa, olhando para o chão. — Você tem mais alguma pergunta?

Anton ficou em silêncio por um longo tempo antes de levantar a cabeça.

— Eu posso ver minha mãe? Pra dizer um alô, sabe?

Pela expressão assustada de Anton, David percebeu que o garoto havia notado o lampejo de alarme que passou por seu olhar. Arranjar um encontro entre Juanita e o filho estava fora de questão. Ela poderia deixar escapar alguma coisa que implicasse David. Ou poderia mudar de ideia quanto a abrir mão de seus direitos maternos. E quanto ao efeito que tal encontro teria em Anton? David abanou a cabeça para afastar aqueles pensamentos preocupantes.

— Acho que não é uma boa ideia, parceiro — respondeu, esperando que o garoto não insistisse.

Anton aquiesceu. E David cogitou, não pela primeira vez, quanto o garoto entendia daquela situação.

— O que mais? — perguntou David com um sorriso amarelo.

O menino deu de ombros.

— Nada, acho. — Sem aviso, sua expressão desmoronou. — David. Como minha mãe pode gostar mais de drogas do que de mim?

David perdeu a respiração. Viu um Anton indefeso, sentindo como se nunca tivesse amado tanto aquele garoto pequeno, perdido e vulnerável quanto naquele momento.

— Não diga isso, parceiro. Porque não é verdade. Sua mãe... ama você. Ela quer que você fique com a gente porque... sabe que podemos proporcionar uma vida que ela não pode. — Piscou para conter as lágrimas que se formavam em seus olhos. — Anton, você não está nem um pouco feliz em ficar com a gente? — perguntou, odiando o tom súplice de sua voz, notando o desconforto que provocava na criança. “Seu canalha egoísta”, censurou-se. “Em vez de consolar o menino, está exigindo que ele

o console.” Forçou um sorriso nos lábios. — Ah, cacete. Não precisa responder a essa pergunta, garotão.

Continuaram sentados por um momento, sem olhar um para o outro. Pouco depois, David levantou-se e pegou as chaves do carro do bolso.

— Nós precisamos ir à loja de ferragens — falou. — Eles fecham mais cedo aos domingos. — Esperou Anton contornar a mesa e pôs o braço nos ombros dele. — Vai ficar tudo bem, filho — murmurou enquanto andavam. — Você vai ver. Vai dar tudo certo.

Anton aquiesceu, com uma expressão inescrutável no rosto. Fizeram o percurso em silêncio, enquanto um milhão de pensamentos passavam pela cabeça de David. Sabia que Delores iria interrogá-lo sobre a conversa, como tinha transcorrido, mas, na verdade, não saberia dizer ao certo. Anton mantivera a compostura, não criou nenhuma cena, mas, até aí, realmente, será que ele esperava menos que isso? Talvez falasse com Dê sobre Anton consultar um terapeuta algumas vezes. Mas o que um terapeuta poderia dizer? O fato era que Juanita havia escolhido abrir mão de seus direitos sobre o filho. E, sim, David tivera um papel ao influenciar aquela decisão, mas isso era um segredo que ele levaria para o túmulo. E a única maneira de compensar Juanita Vesper por seu sacrifício era ser o melhor pai possível para esse menino ao seu lado. Afagou o cocuruto de Anton, e o garoto, que estava olhando pela janela, virou-se para ele com uma expressão de interrogação.

— Tudo bem com você? — perguntou David.

O garoto deu de ombros. Voltou a olhar pela janela, e David notou seus ombros caídos, que seu rosto era um retrato da própria tristeza.

“Eu sei que você está triste e não posso culpá-lo”, pensou David. “Mas você não vai ficar triste por muito tempo. Prometo. Porque Delores e eu vamos cuidar muito bem de você. Você vai ver.”

CAPÍTULO 12

DELORES BALBUCIAVA coisas desconexas ao telefone. Perguntava a David se Anton estava com ele em seu gabinete. Por que Anton estaria com ele num dia normal de trabalho? Como Anton teria chegado até o tribunal, pelo amor de Deus? Nada do que ela dizia fazia sentido.

— Calma, amor. Não estou entendendo. Por que Anton não está em casa? Já passa das cinco. Ele já devia ter chegado há muito tempo.

E, então, as palavras dela finalmente fizeram sentido.

— É o que estou tentando dizer, David. Ele não foi à escola. Ele...

— Então ele deveria estar em casa. Por que ele não...

— Anton não pegou o ônibus da escola. Eu falei com a mãe de Colin, e Colin disse que ele não tomou o ônibus de manhã.

David se recostou na cadeira, lutando contra o pânico e a náusea que o ameaçavam. Já tinha perdido um filho. Se alguma coisa acontecesse com Anton... Não conseguiu concluir o pensamento. “Eu não sou tão forte assim”, pensou. “Por favor, Deus. Não me teste. Não pela segunda vez. Eu vou simplesmente me deitar e nunca mais levantar da cama. Não uma segunda vez. Se esse for o meu castigo pelo que fiz com aquela mulher, então castigue a mim. A mim. Não a esse meigo e inocente garoto.”

— David. Responda. O que devemos fazer?

— Você já falou com a escola?

— Eu já disse. Falei com o diretor. Ele confirmou com o motorista. Anton não estava no ônibus.

David se sentiu doente com a imagem que surgiu aos seus olhos.

— Talvez... Você acha que ele pode ter sido atropelado?

Percebeu pela voz de Delores que ela tivera a mesma visão.

— A parada do ônibus é a um quarteirão de distância. A mãe de Colin disse que ficou em casa o dia todo e não ouviu nem viu nada. Nós teríamos sido avisados, David. Se alguma coisa tivesse acontecido no nosso bairro.

— A polícia ficaria sabendo — disse David morosamente, abalado ao imaginar policiais na casa dele de novo. De novo.

— Eu quase liguei para a polícia. Mas quis falar com você primeiro. No caso de ele ter aparecido por aí, sabe?

— Duvido que sequer saiba onde eu trabalho, Delores — replicou David, irritado. — Anton nunca fez isso antes, pelo amor de Deus!

— Bem, ele tem andado meio estranho. Desde que você deu a notícia. Você sabe disso.

Pelo canto dos olhos, David viu sua secretária, Jane, olhando para dentro do gabinete, as sobrancelhas erguidas numa expressão indagativa. David fez um sinal de “tudo bem” e voltou a falar ao telefone:

— Não chame a polícia ainda. Eu estou indo para casa.

O estômago de David estava enjoado quando ele chegou em casa, meia hora depois, e viu a expressão preocupada de Delores. Sentiu sua irritação aumentar contra um Deus desconhecido causando aquele pesar em sua mulher.

— Dê — falou, puxando-a para mais perto. — Não é nada do que você está pensando, amor. Agora vamos...

— Como você sabe? Como você sabe que não é o que eu estou pensando?

Os braços de David caíram ao lado do corpo, e ele olhou para Delores sem saber o que fazer, sentindo um metrônomo de raiva tiquetaqueando ante a fria injustiça da situação deles e de sua incapacidade de proteger a mulher de uma calamidade que sabia que ela já tinha vivido.

Ainda estavam olhando um para o outro em silêncio quando o telefone tocou. David ficou paralisado, incapaz de funcionar. Não de novo. Meu Jesus, não de novo! Ainda paralisado, percebeu que Delores tinha se afastado em direção ao telefone. Ouviu-a dizer “Alô?”, mas foi só quando escutou “Anton? Onde você está?” que conseguiu voltar a respirar.

Fechou os olhos, incapaz de suportar as visões que dançavam ao seu redor — Anton num leito de hospital, Anton na traseira de uma camionete, raptado por um estranho.

— O quê? Ah, querido — ouviu Delores dizer. — Você está num lugar seguro? Sei, qual é o número do prédio? Certo, não saia daí, não vá a lugar nenhum. Vamos pegar você assim que possível. Estamos saindo agora, mas

pode demorar um pouco para chegar aí, tá? Por isso não entre em pânico. E, Anton, não fale com ninguém, está ouvindo?

Delores deligou, uma expressão de alívio no rosto.

— Ah, David — falou, caindo em seus braços. — Eu não aguento isso. Não consigo viver isso mais uma vez.

David abraçou-a, embalando-a em silêncio.

— Onde ele está? Está seguro, não está?

— Ele voltou lá. Ao apartamento em que morava. No conjunto habitacional Roosevelt. Foi procurar a mãe.

David sentiu o corpo gelar.

— Ele fugiu de casa? Para ir até lá?

Delores devia ter ouvido algo em sua voz, pois se afastou e olhou direto para ele.

— Sim, foi isso. E eu não posso culpá-lo. Ele foi procurar a mãe. Será que é tão difícil para você entender isso, David?

Ele entendia, realmente entendia. No entanto, era inegável a inexplicável vergonha que sentia, como se tivesse perdido uma competição secreta que o pusera contra uma negra pobre e inculta. Anton tinha escolhido a mulher. Claro que tinha. Havia fugido para ficar com ela! — Por quê? Para se consolar? Para implorar que ela o recebesse de volta? Bem, quem poderia culpá-lo? Como Pappy costumava dizer, o sangue procura o sangue; sangue é mais grosso que água.

— David? Você vai ficar aí parado? Anton está sozinho naquele lugar horrível. A gente não deveria ir buscá-lo?

— Sim — respondeu meio sem jeito, pegando as chaves no bolso do paletó. Mas o tempo todo pensava que o que realmente queria fazer era entrar na cama e cobrir a cabeça até se recuperar do insulto que Anton lhes fizera. Virou-se para Delores.

— Eu vou. Você precisa começar a fazer o jantar, não é?

— Eu prometi que iria.

— Dê. Eu não quero que você vá àquele... lugar. Não é seguro. — Fez um sinal com os olhos, querendo que ela entendesse. — Eu volto com ele num instante.

Delores pareceu prestes a contestar, mas passou os dedos pelo rosto dele.

— Não diga nada a ele hoje, tá, David? A gente fala com ele amanhã. Só traga esse pobre garoto para casa.

— É claro — concordou David.

Já no carro, David consultou um mapa para traçar o caminho mais curto até o local. Enquanto dirigia, voltou a pensar na turnê pelo conjunto habitacional Roosevelt com o pai. Nos tempos de Kennedy, Pappy, então senador recém-eleito, tivera papel importante no desenvolvimento do projeto, o maior do estado e considerado de vanguarda na época, com áreas verdes e prédios de tijolos vermelhos que se distribuíam por vários bairros da cidade. Mas, no início dos anos 1980, quando David acompanhou o pai na turnê, os prédios já estavam decadentes e infestados de criminosos, e fazia muito tempo que as casas e o comércio de classe média localizados nas áreas próximas tinham se mudado de lá. David se lembrava da sensação desagradável de subir as escadarias escuras, com suas lâmpadas queimadas e o cheiro ácido de urina nos patamares. Sorriu amargamente ao se lembrar do que o pai dissera quando eles saíram: “Se eu soubesse em que buraco de merda esse lugar se transformaria, teria insistido para que se chamasse Nixon, não Roosevelt”.

Dois dias antes, David tinha falado com Pappy pelo telefone sobre a possibilidade de adotarem Anton. Para sua surpresa, Pappy ficou contente.

— Ele é um ótimo garoto — falou. — Fico contente de as drogas ainda terem deixado que a mulher tivesse a consciência de fazer a coisa certa. Você sabe o que se diz... mesmo um relógio quebrado acerta o horário duas vezes por dia.

— Bem, eu precisei forçar um pouco a barra — disse David meio sem querer.

— Do que você está falando?

— Nada, não — respondeu David, subitamente com medo da indignação do senador se ficasse sabendo a verdade. Pappy gozava de uma reputação de honestidade escrupulosa e tinha atuado no Senado com distinção. Os habitantes do estado ainda se dividiam a respeito de sua decisão de não se recandidatar em 1985, depois da vitória esmagadora de Reagan, por ser contra a direção que o país estava tomando. David lembrava-se de o próprio Tip O'Neill, ex-presidente da Câmara dos

Deputados dos Estados Unidos, ter visitado o senador em sua casa, pedindo que reconsiderasse sua decisão.

Não, Pappy acharia imperdoável o que ele fez com Juanita Vesper, pensou David. E o mais estranho era que, na verdade, não se importava. David adorava o pai, admirava-o, mas Pappy não sabia como era o inferno, nunca tinha sentido as lambidas de suas chamas ou encarado o vazio como ele e Delores depois da morte de James. Durante aquele período, o filho se tornara mais velho que o pai, pensou David. Estremeceu ao lembrar daquela primeira noite em que Delores e ele chegaram em casa, depois de terem visitado o filho no necrotério, e foram para a cama com as roupas que vestiam. Lembrou-se do dia em que Delores acordou no meio da noite, sentou-se no meio da cama de pernas entrelaçadas e começou a gemer. David sabia que, mesmo que vivesse até os noventa, iria se lembrar da tristeza ancestral daqueles gemidos; os sons ainda continuavam vivos sob sua pele. Pappy ficou arrasado quando perdeu seu único neto e, de certa forma, nunca se recuperou do golpe, assim como eles. Mas Pappy nunca morou na mesma casa com James. Pappy não fazia panquecas para ele no café da manhã, nem o levava para comprar calçados ou — Pai do céu! — para comprar um smoking. Para a formatura.

David enxugou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Era loucura o que havia feito, depositar todas as suas esperanças em Anton, um garoto marcado por uma infância traumática. Não admira que não tivesse ocorrido ao menino deixar um bilhete. Na primeira oportunidade que teve, ele voltou para casa. “Casa”, aquele lugar brutal cujas marcas eles tanto tentaram apagar de seu corpo. Para uma mãe que o havia descartado como um velho par de sapatos. Com certeza, Anton acreditou que ela havia voltado para lá, para o mesmo apartamento onde ele quase morrera assado. David foi acometido por um sentimento de desespero. Tinha feito tudo o que podia para conquistar Anton, e, à primeira menção da mãe, o garoto havia fugido. Como tinha conseguido encontrar o caminho para voltar ao Roosevelt era um mistério. Bem, David logo descobriria isso.

Foram quase quarenta e cinco minutos para chegar ao conjunto habitacional. Dirigindo devagar pelas ruas estreitas, tomando cuidado para não bater em algum carro estacionado, não querendo se arriscar a qualquer tipo de altercação num bairro desconhecido. Mesmo com os vidros fechados, conseguia sentir as reverberações de músicas irritantes soando

nos carros mais próximos. Observava o estado decadente das ruas e dos prédios e se admirou por Anton ter sobrevivido àquela influência perniciosa. Começou a procurar o edifício número 1.301, sabendo que Anton aguardava no ponto de ônibus em frente. Logo depois, avistou a figura desamparada do garoto, sentado num banco no abrigo do ponto de ônibus, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. Uma mulher corpulenta e de meia-idade era a única outra pessoa no ponto, embora um enxame de garotos novos estivesse por perto. David viu Anton levantar a cabeça, identificar o automóvel e fazer um pequeno aceno. Toda a sua mágoa em relação à insensatez do menino se desfez como uma onda. Encostou em frente ao ponto e se debruçou para abrir a porta do passageiro.

— Oi, Anton — falou. — Entra aí. — O garoto sorriu. Jogou a mochila no banco traseiro e entrou.

— E quem seria o senhor? — perguntou a mulher, debruçada na janela do carro ao lado de Anton, olhando para David.

David olhou para Anton, a sobrançelha direita erguida numa expressão interrogativa.

— Ela disse que é uma amiga da mamãe — cochichou o garoto a ele, que mostrou sua irritação pelo fato de a mulher ficar encarando o rosto dele.

— Eu perguntei quem é o senhor — repetiu a mulher, dessa vez falando mais alto. Olhou para Anton. — Garoto, você sabe que não deve entrar no carro de homens desconhecidos.

— Ele não é um desconhecido! — gritou Anton. — Eu já disse que ele é meu pai!

O título honorífico penetrou David como uma descarga elétrica. Por um segundo, o ar entre o homem e o menino estalou de eletricidade. David virou-se para a mulher e sorriu.

— Obrigado por ter tomado conta do meu filho — disse educadamente. — Boa noite. — O olhar que lançou à mulher foi tão intenso e imperial que ela se afastou do veículo, resmungando.

Os dois saíram em silêncio da região do conjunto habitacional. Quando já estavam na estrada, David pôs o braço ao redor de Anton e o aconchegou.

— Olá — sussurrou. — Tudo bem com você, filho?

Anton aquiesceu e começou a chorar. David deixou que chorasse. Depois de alguns minutos, o garoto começou a confessar. Como tinha ido à biblioteca da escola e encontrado um mapa da região. Como Pascal, o zelador da escola, disse quais ônibus deveria tomar para chegar ao velho bairro. Que tinha comido seu lanche enquanto trafegava no segundo ônibus e como ficou assustado com os outros passageiros, que tinham bafo de álcool e não paravam de pedir dinheiro. Que agora entendia que a mãe ainda estava presa, e não no antigo apartamento, como ele imaginava. Como tinha usado sua última moeda para ligar para AM do telefone público em frente ao ponto de ônibus. Que sentiu um cheiro estranho quando o velho cabeludo que agora morava no apartamento abriu a porta, muito diferente do perfume gostoso de lavanda que AM borrifava na casa. Quanto estava cansado e como ficou contente ao ver David. Que sentia muito pelo problema que havia causado para David e AM.

David ficou mastigando o lábio inferior, meio ouvindo o garoto, mas ocupado falando com Deus. “Tudo bem. Você me castigou hoje pelo que fiz com aquela mulher. Abuso de poder, você poderia chamar. E você me lembrou disso tirando Anton de mim hoje. Fez com que eu fitasse o vazio de novo. Mas não há como voltar atrás agora, não é? Agora só dá para seguir em frente, então aqui está minha promessa: eu vou compensar. Vou mais que compensar o que fiz com Juanita Vesper. E vou fazer isso propiciando a Anton todos os meios que puder para ele ser o melhor homem possível. Mas me deixe ficar com ele. Você me tirou James, e, apesar de ter me sentido como que me agarrando à pele do universo, eu não fiz nada. Não foi? Não foi? Quando Pappy me disse depois do enterro ‘Seja feita a Sua vontade, filho’, eu concordei, não foi? Deixei que Sua vontade fosse feita. Isso você me deve. Deixe que eu fique com o menino. Nem é por mim. Mas por ele. Há coisas que só eu posso dar a ele. Nem mesmo Delores. Ela é medrosa demais para alçá-lo às alturas que sei que sou capaz de atingir. E isso não é uma espécie de racismo? Acreditar que um garoto do Roosevelt tem de ser deixado à própria sorte? Mas eu conheço o material de que é feito esse menino, Deus. E eu posso ajudá-lo. Deixe-me ajudá-lo.”

Anton continuava falando, com a voz baixa e chorosa. Mas o que David ouvia era a melodia de seu coração, enquanto repassava vezes e mais vezes

o doce momento em que o garoto tinha entrado no carro. A palavra “pai” soara como um carrilhão em sua cabeça e o guiava até sua casa.

CAPÍTULO 13

— E ENTÃO, COMO FOI? Ela aceitou o cheque?

Connor lançou um olhar a David quando ele se sentou na poltrona ao lado.

— É claro. No final. Mas, cara, ela lutou bastante.

David suspirou, desatando o nó na boca do estômago.

— Puxa. Estou feliz por estar concluído. Quem você mandou levar o recado, afinal?

— Um dos secretários de Smithie, acho.

David ergueu os olhos e abriu um sorriso para um dos frequentadores do clube que tinha acabado de entrar. Esperou até os dois ficarem sozinhos de novo e voltou a falar com Connor:

— Eu só gostaria de deixar Dê totalmente fora disso.

Connor meneou a cabeça com convicção.

— David. Nós já falamos sobre isso umas dez vezes. Dessa forma é mais seguro. Eu disse a você que Smithie queria ele mesmo fazer um cheque para Juanita. Quero dizer, são apenas cinco mil, certo? Mas assim fica mais limpo. Mais transparente... Num gesto de gratidão e preocupação com a mãe biológica de Anton, Delores faz um cheque com a esperança de proporcionar um novo começo na vida, agora que ela saiu da prisão. Na verdade, é lindo.

David sabia que Connor tinha razão, sabia que o amigo tinha analisado a situação por todos os ângulos e oferecido o melhor conselho, mas ainda assim hesitava. Parecia que Juanita Vesper estava planejando voltar para a Geórgia, e até onde David sabia isso iria acontecer logo. O dinheiro cobriria a passagem de avião e quaisquer outras necessidades para se estabelecer no Sul.

— Onde ela está ficando no momento? — perguntou.

— Com uma amiga — respondeu Connor. — E, antes que me pergunte, não, ela não está no Roosevelt. Por isso, mesmo se tentar, Anton não vai conseguir encontrá-la.

David deu um gole no seu xerez.

— Ele não vai tentar — falou, forçando uma confiança na voz que não sabia bem se era justificada. — Ele... aceitou o que está acontecendo. — Olhou para o rosto aberto e franco de Connor, e a mentira saiu de seus lábios antes que pudesse se conter. — Anton me disse ontem à noite que não vê a hora de a adoção se completar.

Ficou tenso, esperando ver certo ceticismo na expressão de Connor, mas o amigo simplesmente anuiu.

— Tomara que ele não tenha de esperar por muito tempo.

David ergueu o cálice.

— Um brinde a isso. Saúde.

Tocaram os cálices meio vazios e voltaram a se recostar nas luxuosas poltronas de couro. David sentiu uma súbita vontade de fumar. Tirou uma caneta do bolso da camisa, bateu a ponta, bateu com o indicador, como que tirando a cinza de um cigarro. Quando olhou para o lado, pegou Connor sorrindo para ele.

— O que foi? — perguntou.

— Por que isso? — A voz de Connor soou preocupada. — Por que está tão agitado?

— Por nada. — Olhou ao redor do recinto, com seus tapetes orientais e lambris de madeira. — É só que... não sei, Connor. Eu meio que preferia que tivéssemos feito o cheque nominal. Quero dizer, entregar a alguém como ela um cheque ao portador? Ela é uma drogada, pelo amor de Deus! Pode perder o cheque, e, que Deus nos ajude, que não caia na mão de outra pessoa...

— David. Calma. — Connor estalou os dedos. — Olhe para mim. Nós cuidamos de tudo, tá? Por que acha eu que insisti para você chamar aquele rapaz... qual é o nome dele? Solemn, Solomon?

— Ernest.

— Isso, Ernest. Ele mesmo. Por que acha que o chamei para dizer que você queria ajudar Juanita a começar uma nova vida?

— Sim, mas ele disse que seria um erro — retrucou David. — E nós ignoramos o conselho dele.

Connor pareceu exasperado.

— Sim, mas isso nos dá uma cobertura, certo? Agora ela não pode dizer que foi um dinheiro pago por baixo dos panos, pois, veja só... — fez um

gesto dramático com os braços — ... nós contamos ao maldito assistente social que estávamos fazendo isso.

David passou os dedos pelo cabelo.

— Eu só queria deixar tudo isso para trás. — Inclinou-se para a frente de modo que seu joelho tocou no de Connor. — Não quero ficar com a pulga atrás da orelha pelo resto da vida, preocupado que algum guarda ou carcereiro dê com a língua nos dentes algum dia. Sobre aquela noite, quero dizer.

— Olha, David... — começou Connor, mas David o interrompeu:

— Não, você não entende. Alguns membros do partido vieram falar comigo esta semana.

— Quem?

David fez um som inaudível.

— Não importa quem. A questão é que Tuft disse a eles confidencialmente que, se vencer de novo no ano que vem, ele não vai se candidatar a governador outra vez. Por isso, a vaga dele vai estar aberta em 1998.

Connor soltou um suspiro baixo.

— E eles querem que você seja o candidato?

— Eles devem estar falando com vários outros também — disse David, dando de ombros. — Que inferno, 1998 ainda está a uma eternidade! Muita coisa pode mudar até lá.

— Certo — concordou Connor. — Mas está claro que o partido quer que você comece a pensar nisso.

Um garçom entrou discretamente na sala, e David fez sinal pedindo outra rodada de bebidas. Esperaram até ele se afastar antes de David dizer:

— Talvez. — Voltou a se recostar na poltrona. — Meu pai ficaria decepcionado, claro. Ele sempre achou que, um dia, eu seria senador. — Alguma coisa tremulou nele. — Mas acho que não tenho temperamento para ser senador, Connor. Seria muito chato. Acho que eu seria muito melhor... — parou quando um dos membros do clube que não reconheceu passou pelos dois.

— Você seria um ótimo governador — concluiu Connor.

David sorriu distraidamente.

— Obrigado. Mas eu também poderia ser feliz continuando a fazer o que faço. Eu adoro o direito.

O garçom serviu as bebidas, anuiu e desapareceu.

— Em todo caso — continuou David —, você pode ver por que estou preocupado com essa questão da Vesper.

Connor olhou nos olhos de David.

— Isso não vai dar em nada — falou. — E, se acontecer alguma coisa, que Deus nos livre, eu assumo a responsabilidade. Eu dou um jeito para você, prometo.

David pigarreou.

— Você é um sujeito especial, sabe? — falou.

Connor balançou os braços e deu um soquinho no amigo.

— Isso mesmo. E é por isso que você vai pagar a bebida esta noite.

— Seu safado barato!

Os dois sorriram um para o outro. Connor ergueu a taça.

— Essa notícia merece um brinde — declarou.

— Connor, esquece essa história, tá? Eles só estão soltando um balão de ensaio. E, como já disse, eu estou perfeitamente feliz no meu trabalho atual.

— Papo furado. Quando chegar a hora, você vai se candidatar. Sabe por quê?

— Por quê?

Connor abriu um sorriso.

— Porque, se você se candidatar, vai ganhar. É isso aí, seu filho da puta. Você vai ganhar.

CAPÍTULO 14

DAVID CHOROU COMO UM BEBÊ. Como uma garotinha. Abertamente, sem nenhum sinal de vergonha, na frente de todos: Connor, Jan, Delores, até de Bob Campbell, que ficou olhando para o teto ornamentado do tribunal como que para escapar daquela vexaminosa demonstração de emotividade. Mas David não se incomodou. Só tinha olhos para Anton. Anton e Dê. Sua nova família. Sua recém-formada e constituída família. Finalmente, depois de tanta espera. David não se sentia mais na defensiva ao se referir a Anton como seu filho, como se fosse uma falsa reivindicação de algo que não lhe pertencesse. Com os papéis de adoção no bolso, podia, por fim, abraçar o garoto e puxá-lo para mais perto, desafiando qualquer um a ver a cena sem se sentir um impostor. Esta era a liberdade que a adoção lhe conferia: a liberdade de amar o filho sem nenhuma amarra, livremente, sem desculpas ou explicações. David amou Anton desde o instante em que o viu, porém só naquele momento, passados três anos, pôde declarar esse amor. Era falso o que todo mundo dizia sobre a tragédia. Tragédia não era a *ausência* de alguém para amar. Tragédia era amar alguém e não poder expressar esse amor.

Não conseguia parar de chorar. Grandes soluços convulsos em pleno tribunal, diante de todas as pessoas que ele mais amava no mundo. Dê estava dizendo alguma coisa, mas ele mal a ouvia. Continuou soluçando no banco de madeira da primeira fila, enquanto as pessoas se juntavam ao seu redor. Era uma cerimônia particular, agendada por Bob no final do expediente, e o juiz devia estar impaciente para que David se controlasse e todos pudessem ir para casa.

David puxou Anton para se sentar no banco ao seu lado. Sentiu que tinha algo importante a dizer naquela ocasião feliz, alguma promessa solene a fazer, mas, cada vez que tentava falar, mais lágrimas fluíam, como que se expressando numa espécie de estranho código Morse: *Choro choro soluço lágrima convulsa*.

— Desculpem — conseguiu dizer. — Eu... eu... eu...

David ouviu um eco atrás de si.

— Desculpem — disse a voz. — Eu... eu... eu...

David e Anton viraram a cabeça no mesmo instante. Bradley se encontrava três fileiras atrás, às gargalhadas, segurando a barriga.

— Desculpem — voltou a imitar David. — Eu... eu... eu...

Anton olhou para David com o cenho franzido, sem saber como reagir àquela zombaria ao pai.

— Bradley! — David ouviu Connor dizer. — Venha cá! Agora mesmo!

Bradley mordeu o lábio inferior, conteve o riso com considerável esforço e foi até onde estava o pai.

— Desculpe, cara... — ia dizendo Connor, dando um passo na direção de David, quando ouviu outro som, quase inaudível. Vinha de Anton. Uma risadinha. Olhava para o pai, fazendo o possível para engolir as risadinhas que escapavam como molas rangendo. Anton virou a cabeça, olhou nos olhos de Bradley, soltou um som borbulhante pelos lábios, e os dois caíram na risada.

Por um momento, David se sentiu magoado, mas, logo depois, ao ver que os dois garotos o provocavam, sentiu a felicidade da ocasião, como uma súbita virada do tempo.

— Seus patifes! — falou, sorrindo.

Bob Campbell pigarreou.

— Bem, acho que deveríamos ir para casa.

Todos se levantaram.

— Nós vamos fazer uma pequena comemoração lá em casa, Bob — disse David ao colega enquanto desciam os degraus de mármore que levavam ao estacionamento. — Quer ir com a gente?

— Não. Mas obrigado — respondeu Campbell. — Sophia está me esperando para jantar.

— Talvez algum outro dia.

— Isso. — Bob virou-se para ir embora.

— Bob — chamou David em voz baixa, estendendo a mão. — Eu só queria dizer... muito obrigado. Por tudo.

Os olhos ferozes e inquietos de Campbell suavizaram.

— Você está bem — disse, apertando a mão dele. — Ele... é um bom garoto. Parabéns a todos vocês.

David engoliu em seco.

— Obrigado. Eu nunca vou esquecer sua generosidade.

Ficou olhando por um segundo enquanto o homem mais velho se afastava, antes de dizer a Connor:

— Ei. Que tal vocês levarem a Dê? Eu preciso ter uma conversa rápida com Anton.

— Sem problema.

— A gente se vê lá em casa.

Antes de se casar com Delores, David considerava o casamento uma formalidade legal, um pedaço de papel que não mudava nada. Por isso ficou surpreso ao descobrir que significava, sim. De um dia para o outro, houve uma nova ternura e uma certa responsabilidade que passou a sentir em relação a Dê. Naquele momento, quando Anton sentou-se no banco do passageiro, sentia a mesma ternura e a mesma responsabilidade, além de uma sensação de permanência.

— E aí, parceiro? — perguntou em voz baixa enquanto passavam por ruas conhecidas.

— Tá tudo bem, David.

David sorriu para si mesmo, meio sem jeito.

— Eu preciso te pedir uma coisa. Um favor. — Deu uma olhada para o garoto. — Há alguma chance de você parar de me chamar de “David”? E me chamar de, você sabe, “pai”?

Anton aquiesceu.

— Eu queria fazer isso. Até faço, pra mim mesmo. Eu ensaio. Mas, às vezes, sai “David”, sem querer.

David anuiu.

— Eu entendo. Eu... mas tente. Tudo bem?

— Tudo bem. — Anton olhou para ele com uma expressão tímida. — Por que você estava chorando, David?

— Porque eu estava feliz.

Anton ergueu uma sobrancelha daquele jeito matreiro e provocante que David adorava.

— Então você chora quando está feliz? Você come quando tem sede? E fica de pé quando está cansado?

David deu um soquinho carinhoso no braço do garoto.

— Espertinho. — Ficou em silêncio por um tempo antes de dizer: — Você nunca se sentiu tão feliz que teve vontade de chorar?

Anton franziu o cenho.

— Não sei.

— Talvez seja coisa de gente grande.

— Deve ser — respondeu Anton depressa. — É por isso que não faz sentido.

David sorriu.

— Ouvi dizer que você e AM planejaram todo o cardápio da festa desta noite. Que ela deixou você escolher todas as suas coisas favoritas.

Anton, entretanto, parecia distraído.

— David — disse um segundo depois —, se eu for chamar você de “pai”, eu deveria chamar a AM de “mãe”.

Só então David se deu conta de seu deslize.

— Imagino que sim. Tudo bem pra você, parceiro?

A rigidez que transpareceu no corpo e na voz de Anton foi tão sutil que David achou que poderia ter imaginado aquilo.

— Sim — concordou Anton. — Por mim, tudo bem.

Seguiram em silêncio por alguns minutos, mas logo depois David teve que dizer, ainda que parecesse sentimentalóide, mesmo se arriscando a fazer Anton rir outra vez:

— Ei, escute uma coisa — falou. — Agora você tem uma casa permanente, sabe? Nós amamos você. Ninguém pode fazer mal a você ou te magoar. Você entende? Nós vamos proteger você pelo resto da vida.

— Eu sei. — A voz de Anton saiu suave, séria.

David precisava dizer aquilo. Mesmo que Anton já soubesse. Mesmo que já fosse algo tácito. Pois era como um voto de casamento — tinha de ser dito em voz alta. Até que a morte os separe.

Dois dias depois, David rompeu seu voto de proteger Anton de qualquer ameaça. Anton tinha uma partida de futebol no sábado à tarde, e David e Dê assistiam da arquibancada, junto com outros pais e avós. Várias pessoas haviam procurado os Coleman antes do início do jogo, para cumprimentá-los.

— É inacreditável como as notícias se espalham — cochichou David com Delores. — É como se ainda tivéssemos um arauto de aldeia.

Delores apertou a mão dele e anuiu.

David estava acenando com os dedos para um bebê de colo na fileira da frente quando aconteceu. Apesar de não ter visto Anton se chocando com outro jogador, ele ouviu o som, seguido pelo “Ooooh” da multidão. Quando levantou a cabeça para olhar, o menino estava estirado no campo, de pernas abertas. Ao lado de David, Delores gritou. Mas David já estava de pé, correndo pela arquibancada para entrar no campo. Quando chegou até Anton, o olhar parado do garoto quase o fez vomitar.

— Chame uma ambulância! — gritou para o treinador. — Já!

Eles não deixaram que David fosse com Anton na traseira da ambulância, por isso ele foi na frente, ao lado do motorista. Delores os seguiu de carro. De vez em quando, David abria a janelinha atrás do banco da ambulância e falava com o garoto desfalecido, dizendo que estava ao seu lado, reafirmando que ele iria ficar bem. Lutou contra a ânsia de pedir ao jovem que dirigia a ambulância para ir mais depressa, sabendo que fazia o melhor possível.

O diagnóstico no hospital foi sombrio, porém não desesperador. Anton sofrera uma concussão resultante de uma pancada na cabeça. A ressonância magnética eliminou o risco de sangramento cerebral e de fratura no crânio. O mais provável era que ele estivesse bem, disse o médico, mas seria mantido na unidade de observação do pronto-socorro até o dia seguinte.

— Eu vou passar a noite com ele — disse David a Delores.

— É melhor você perguntar — cochichou Delores. — Anton não está num quarto particular. É melhor não atrapalhar.

David cerrou os dentes.

— Eu não vou perguntar coisa nenhuma. Eu vou ficar, mesmo que tenha de ficar em pé a noite toda.

No fim, eles puseram uma cadeira ao lado do leito de Anton. David acomodou seu corpo magro na cadeira, sem se importar com nada além do fato de se encontrar lá quando Anton acordasse. O olho direito do garoto estava arroxado.

Tinha começado a cochilar quando ouviu Anton gritar durante o sono. David olhou para o relógio. Três da manhã. Olhou para o garoto, tentando

voltar a dormir, mas Anton estava de olhos abertos, olhando assustado ao redor.

— Ei, ei, parceiro — disse David, apertando a mão dele. — Eu estou aqui, tá? Estou bem ao seu lado.

Por um terrível segundo, pareceu que Anton não conseguia reconhecer o homem ao seu lado. Mas, depois, ele perguntou:

— A mamãe tá aqui?

— Não, querido. Está em casa. Mas ela pode vir se você precisar.

— Não. Tudo bem. Eu estou com câncer?

— Não. *O quê?*

— Isso é um hospital, certo?

— É, mas...

— Então eu estou com câncer?

— Anton. Não. Você teve uma concussão.

— Isso é como um câncer?

David ficou olhando para o filho.

— Não. Você bateu a cabeça. Trombou com outro jogador no jogo de futebol de hoje. Lembra-se?

Anton contorceu o rosto, tentando lembrar.

— Não. Não consigo lembrar. — Havia uma camada de suor sobre seu lábio superior. — Minha cabeça dói.

David apertou o botão para chamar a enfermeira.

— Tudo bem. Tente relaxar, tá, parceiro? Você só bateu a cabeça. Está tudo bem. Só vai tomar alguma coisa para dor de cabeça, tá?

Os dois ficaram em silêncio enquanto esperavam no escuro pela enfermeira.

— Papai — disse Anton, e David sentiu a palavra como um fósforo aceso no peito. — Eu estou com medo.

A ternura alojada no peito de David se liquefez como leite, como mel, como alguma coisa derretendo. Levantou-se e pôs o braço em volta do garoto na cama.

— Não tenha medo — disse, enfático. — Não há razão para ter medo. Seu papai está aqui com você.

Sentiu Anton relaxar em seus braços. Olhou ao redor, querendo que a enfermeira chegasse logo para pedir um analgésico, mas, ao mesmo tempo, queria aproveitar aquele momento no escuro, aquele silêncio, aquele corpo

quente relaxando em seus braços fortes. “Eu seria capaz de matar por esse menino”, pensou. “Poderia declarar guerras, queimar aldeias, protegê-lo com meu último alento.” Depois de James, David nunca imaginara sentir esse amor feroz de novo, esse amor que pulsava, se agitava e estremecia em seu peito.

A enfermeira deu a Anton um Tylenol infantil. Quando ela saiu, David perguntou:

— Sabe que você está com um olho roxo?

Anton sorriu, como David sabia que sorriria.

— Estou? Que maneiro.

— É, você tá parecendo um pirata.

— Legal. Posso ver?

— Amanhã. Quando eu conseguir um espelho, certo?

— A que horas a gente vai voltar pra casa?

— Não sei, parceiro. Vamos ver o que o médico diz. — Em seguida, compulsivamente, como que encostando a ponta da língua num dente dolorido, perguntou: — Você não se lembra de *nada* do jogo de hoje?

Anton piscou.

— Não.

— Tudo bem. — Passou a mão pelos cabelos de Anton. — Tente dormir um pouco, parceiro.

— Onde você vai dormir?

— Eu? Aqui mesmo. Ao seu lado.

— Mas aí não tem cama.

— Não tem problema. Durma. Descanse um pouco.

Anton fechou os olhos e David voltou a se sentar na cadeira, sonolento porém alerta, esperando o amanhecer que ele sabia não tardaria a chegar.

LIVRO DOIS
SETEMBRO DE 2001

CAPÍTULO 15

ERA UM FILME. Um filme-catástrofe, como aqueles dos anos 1970 como *Inferno na torre*, que o pai e a mãe, às vezes, assistiam nos antigos videocassetes. Nuvens de fumaça, edifícios em chamas, pessoas apavoradas correndo pelas ruas em direção à câmera, com os olhos arregalados de medo, cobrindo a boca para não inalar a fumaça que já anunciava a presença da morte e o cheiro de carne incinerada. Pior do que as nuvens negras que se erguiam como a ira de Deus era a apocalíptica cinza branca, como a neve que caía sobre tudo, pressagiando uma nova ordem mundial. A cinza branca assumia todas as metáforas comuns — “pura como a neve” — e as virava do avesso, transformando-as em algo feio e sinistro. Uma nova ordem mundial fora implantada, entregue na porta da CNN.

Eram nove da manhã, e eles estavam reunidos em frente ao aparelho de TV de um dos alojamentos de luxo da Universidade de Harvard. Poucos anos antes, ainda eram crianças que se reuniam ao redor de uma fogueira à noite, trocando histórias de fantasmas. Mas agora estavam crescidos, e o que assistiam era a história de terror definitiva, escrita numa caverna por um homem alto, engenheiro por profissão, pelo amor de Deus, mas cuja audácia, depravação e imaginação criativa faziam os roteiristas profissionais se sentir envergonhados.

Nenhum deles tinha visto um prédio ser rasgado como um tecido, deixando um gigantesco furo no meio. Nenhum deles jamais havia visto um avião mergulhar num edifício. Nenhum deles tinha acompanhado a lenta flutuação de corpos caindo dos mais altos prédios de Nova York ou sentido o enjoo causado pela visão daquelas quedas. Muitos haviam visitado aquelas construções icônicas em viagens com a família; nem em um milhão de anos eles poderiam ter imaginado que aquelas torres, que sentiram tão robustas e sólidas sob seus pés, poderiam desmoronar como uma montanha de Legos.

Nenhum deles pensou em correr para a sala de aula, pois todos sentiam nos ossos que não fazia sentido assistir a aulas e seminários em um mundo que enlouquecera. Um dia antes, estavam contentes porque o professor Skip Gates tinha rido de uma observação inteligente que fizeram, ou se preocupado com o trabalho sobre sonetos shakespearianos que haviam escrito para a professora Helen Vendler. Naquele momento, contemplavam aquela cena diante deles e viam o futuro virar fumaça. Que importava se iam ou não para a faculdade de direito? Quem se importava que Derek tivesse dormido com Carrie ou Joan? Que importância tinha se Karen era gay ou estava apenas confusa? Quando as torres desabaram, também desabaram suas vidas individuais, repletas de promessas e ambições. O destino individual, eles perceberam, tinha a dimensão dos escombros que contemplavam. Das cinzas às cinzas. Do pó ao pó. Viram para onde os haviam levado seus fundos de investimento, seus pais pertencentes aos titãs da indústria e as mães formadas nas melhores faculdades, seus antepassados com suas sofisticações cultivadas, suas inteligências argutas e suas matrículas herdadas como um legado — a testemunharem impotentes o falecimento do país.

Começavam os primeiros rugidos de indignação, as primeiras manifestações de sentimento patriótico. Os âncoras dos telejornais já definiam como terrorismo, um ato de terror sem precedentes. Ninguém sabia o número de mortos, mas as estimativas chegavam a dezenas de milhares. Quando o presidente Bush apareceu na TV, às nove e meia, todos aplaudiram, até os que o acusavam de ter perdido a eleição. Poucos minutos depois, eles gemeram quando um terceiro avião mergulhou no Pentágono.

— Isso não é terrorismo — continuava dizendo Bobby Falk. — Isso é guerra, cara. Eu estou dizendo que isso é guerra!

Ahmed, um estudante do Paquistão, falava mais alto que todos os demais:

— Espero que eles persigam e matem os canalhas e malfeitores que fizeram isso. — Todos queriam consolar o amigo, o único estudante muçulmano presente, mas foram tolhidos pelas próprias emoções. Não queriam ser precipitados no julgamento, não sucumbiriam ao jingoísmo, eram homens e mulheres de Harvard, liberais, razoáveis, entendiam que seu país cometia pecados, sabiam sobre o Chile de Pinochet e o golpe da

CIA de 1953 no Irã, do escândalo Irã-Contras e de outros esquemas, mas aquilo era demais. O país deles fora atacado. Alguém teria de pagar. Puta que pariu, alguém teria de pagar!

Justamente naquele momento, quando o choque inicial parecia amainar e a adrenalina começava a disparar, eles ouviram uma voz feminina no fundo da sala.

— É isso aí — disse a voz. — O feitiço se voltando contra o feiticeiro.

Todos se viraram, furiosos, Anton entre eles.

E Anton cravou os olhos na mulher mais negra, mais descolada, mais linda que já tinha visto.

CAPÍTULO 16

MAIS TARDE, quando Anton conseguiu sair do alojamento e os dois atravessaram uma Harvard sinistra e deserta para tomar um café na Dunkin' Donuts; depois de ficarem duas horas discutindo sobre a política externa dos Estados Unidos; depois de ela dizer coisas tão ultrajantes e antipatrióticas que Anton se levantou para ir embora ofendido; depois de ela fazer uma expressão arrependida e se desculpar por sua aspereza; depois de Anton voltar a se sentar meio apaziguado e ela perguntar por que um negro como ele se mostrava tão ansioso para defender o complexo industrial-militar branco e ele dar risada, meneando a cabeça; depois de falar sobre os pais adotivos, um dos quais era governador do estado vizinho; depois de Anton notar que os olhos dela não se aguçaram de interesse como outros quando ficavam sabendo que ele era filho do governador David Coleman; depois de ela contar que seu pai era um médico de Camarões e a mãe tinha nascido na Geórgia; depois de Anton ter flertado brevemente com a ideia de contar que seus pais biológicos também eram da Geórgia e desistido, preferindo dizer que aquela combinação explicava por que ela era a mulher mais bonita de Harvard; depois de ela arquear uma sobrancelha e dizer: “De *Harvard*? Isso não quer dizer muita coisa”; depois de os dois rirem e ela olhar para Anton e murmurar: “Você também é uma gracinha”; depois de ele corar e mudar de assunto e perguntar o que ela pretendia fazer com um diploma de ciência política e ela responder; depois de ela perguntar por que Anton estava desperdiçando dinheiro num diploma de inglês e ele admitir que sua verdadeira ambição era estudar direito e, de alguma forma, combinar as duas coisas e perguntar “Você é sempre tão indelicada?” e ela ter concordado; depois de Anton sentir o estômago roncar e dizer que estava com fome; depois de irem ao Hong Kong e pedirem duas porções de *chop suey* para viagem para comer num banco na Mass Avenue sob um céu azul que não dava mostras de o mundo ter acabado naquele dia; depois de dar a ela um de seus camarões e roubar um pedaço de porco do prato dela; depois de continuarem sentados no

banco se sentindo jovens e felizes, tristes e desesperados, o tecido da camisa de Anton às vezes relando no braço dela; depois de jogarem fora os recipientes das refeições e ele ter estendido a mão para ajudá-la a se levantar e ela ter pegado na mão dele e não largar mais; depois de andarem de mãos dadas por uma Harvard Square estranhamente tranquila; os dois voltaram ao alojamento e foram para o quarto de Anton, se enfiaram na cama e lá ficaram o resto do dia e da noite.

CAPÍTULO 17

COM QUE ESPÉCIE DE anel de noivado se pode presentear uma garota que odiava ouro e via em cada diamante o sangue dos infelizes que trabalhavam nas entranhas da terra para extraí-lo? E como pedir em casamento uma garota quando o aniversário de namoro caía no dia 11 de setembro e a decência comum exigia que esse não fosse um dia de comemoração ou de planejar o futuro?

Anton vinha se engalfinhando com essas questões havia várias semanas, desde que se envolvera com a ideia de pedi-la em casamento, ainda que o senso comum dissesse que era cedo demais. Chegou a fazer uma lista de argumentos contra tal passo:

1. Era muito jovem e não queria se casar até os dois se formarem na faculdade.
2. Depois de um ano de namoro, ainda não tinha apresentado Carine aos pais.
3. Tampouco havia conhecido os pais dela.
4. Não tinha certeza de que ela aceitaria.

No lado dos prós:

1. Ele a amava.
2. Era a mulher mais sensacional que tinha conhecido.
3. E também a mais gostosa.

Anton fuçou lojas de antiguidades e joias antigas até encontrar um anel de prata lavrada. Achou muito elegante e esperava que ela gostasse também. Não fazia ideia da visão política da jovem em relação à prata. Esperou que se passasse uma semana do aniversário de namoro em 11 de setembro. Não parecia certo sentir-se feliz naquele dia, como que em descompasso com o luto que engolfava todo o país. Depois de um ano, o

trauma ainda estava presente — Anton continuava olhando com nervosismo para o céu se um avião passasse a baixa altitude —, mas o fato era que se sentia feliz. Vinha se sentindo feliz desde aquele primeiro dia com Carine, apesar de seus pontos de vista políticos e de sua franqueza o deixarem maluco. No começo do relacionamento, estava sempre tentando silenciá-la em restaurantes ou na rua, onde ela emitia em voz alta opiniões que costumavam atrair olhares hostis, até mesmo na progressista Cambridge. Onde estivesse, ele sempre olhava ao redor, distribuindo sorrisos conciliadores, com a pele arrepiada, antenas em estado de alerta, preparado para entrar numa briga, se necessário fosse, para defender sua radical namorada, mas esperando transmitir com sua postura e sua linguagem corporal a indulgência bem-humorada que sentia em relação a ela, bem como pedindo a mesma indulgência aos que estivessem por perto.

Até o dia no restaurante em que Carine olhou-o fixamente e disse:

— Qual é a sua, garoto? Achei que seu nome era Anton, não Pai Tomás.

Anton enrubesceu, empurrou sua Coca-Cola pela metade, levantou-se da mesa sem dizer nada e, jogando uma nota de vinte dólares, pegou o casaco e saiu. Ao longo de todo o caminho para casa, com os olhos ardendo de lágrimas, praguejou contra Carine. Maldita megera! Megera louca e maldita. Quem ela pensa que é?

Foi uma briga de curta duração. Duas horas depois, Carine bateu na porta dele e, quando Anton abriu, os olhos dela estavam vermelhos e o rosto, aflito. Pediu desculpas, e ele aceitou. Mas o impacto das palavras dela ficou pairando como a reverberação de um sino. No semestre seguinte, Anton se inscreveu num curso de literatura de Skip Gates e ouviu pela primeira vez o termo “o olhar do branco”. Percebeu que tinha passado toda a sua juventude e adolescência ciente daquele olhar do branco. Como seria se sentir livre e direto como Carine?, conjecturou. Não ter de se conduzir de certa forma em todos os momentos? Não ter de estar sempre sorrindo para provar que era inofensivo, demonstrando sempre ser inteligente e articulado, e não fruto de um caso de ação afirmativa de caridade? Carine parecia não ter esses problemas. Era normal ela usar o cabelo trançado, e seu guarda-roupa era eclético, possibilitando-a passar de rainha africana a estudante universitária em segundos. Gargalhava alto quando achava algo engraçado e não ria quando alguém fazia alguma piada

sexista ou homofóbica. Não, ninguém poderia acusar Carine de ser um Pai Tomás.

Anton começou a deixar o cabelo crescer. Não exatamente em estilo afro, porém mais comprido do que o corte rente que usava desde que fora morar com os Coleman. Carine foi passar uns dias na casa dos pais, na Geórgia, e trouxe três camisas de algodão sem colarinho, todas de cores vibrantes, que o pai tinha comprado no Quênia. Anton refugou de início.

— Eu sou mais o tipo jeans e camiseta — protestou. Mas acabaram se tornando suas camisas favoritas. Com os cabelos mais compridos e de guarda-roupa novo, a transformação foi surpreendente.

Na semana anterior, numa cafeteria em Watertown, a garçonete perguntou:

— De onde você é?

Anton sorriu e respondeu:

— Eu sou americano.

— Ah — disse a garçonete, antes de se afastar.

Estava usando uma camisa azul do Quênia ao sair correndo para encontrar Carine na sexta-feira. Ela o esperava na porta do Au Bon Pain, na Square, como combinado. Era um dia nublado, e Carine usava um casaco do exército folgado com jeans e camiseta preta. Anton dedilhou o anel no bolso da calça enquanto se aproximava. Carine ainda não o tinha visto, e Anton se deliciou em ficar olhando para ela por alguns segundos. Mesmo em repouso, a expressão de Carine era alerta, e Anton sentiu certa vertigem de prazer com aquela visão. Já havia saído com algumas garotas no ensino médio e no primeiro ano em Harvard, garotas meigas e brancas e de boa família, mas não se apaixonou perdidamente por nenhuma delas. Sentiu-se encantado por elas, gostava das meninas, mas as separações sempre foram amigáveis e sem descabelamentos. O que sentia por Carine não era tanto amor, mas sim uma sensação de voltar para casa. E, francamente, não achava que fosse algo racial — embora ela fosse a primeira garota negra com quem namorava —, mas sim uma coisa química, prótons e elétrons se juntando. “Acho que é por isso que eles chamam de química”, pensou, mas nesse momento ela o avistou, e Anton deu os últimos passos na sua direção e beijou-a rapidamente nos lábios.

— Você está com o nariz gelado — comentou Anton, tocando-o com o dedo.

— É. E que ideia é essa de a gente se encontrar aqui num dia gelado como este?

— Na verdade, a ideia foi sua.

— Ah. Bem. Nesse caso, que grande ideia!

Sorriram um para o outro.

— Onde você quer jantar? — perguntou Anton. Remoía a vaga ideia de dar o anel no restaurante, sem grande alarde. Tinha a impressão de que Carine não era o tipo de garota que gostaria de um pedido de casamento de joelhos.

Carine torceu o nariz.

— Sabe de uma coisa, amor? Você se importa se simplesmente formos para sua casa e fizermos um macarrão ou coisa parecida? Eu estou congelando de frio.

— Claro que não — ele concordou. — Um macarrão vai ser perfeito. Está pronta para ir?

Enlaçou-a com o braço para protegê-la do vento. Carine aconchegou-se, e os dois saíram pela Mass Avenue em direção ao apartamento dele. Anton observou as grandes nuvens cinzentas, o verde intenso das árvores e sentiu uma comichão de felicidade no peito, pura e espessa como mel. Aquele era o mundo, pensou, e ele tinha um lugar naquele mundo. Sentia-se forte, poderoso e lúcido quanto ao futuro com aquela mulher maluca, doida e impetuosa ao seu lado. Percebia que nunca tinha se sentido jovem antes de conhecer Carine. Mas agora era o que sentia e, enquanto caminhavam, ele via o futuro dos dois se desenrolando à frente como um luxuoso tapete vermelho.

Assim que chegaram ao apartamento, Carine foi para a cozinha e pegou uma faca para cortar o alho. Anton chegou delicadamente por trás e tirou a faca da mão dela.

— Eu vou fazer o jantar — falou. — Vá tirar uma soneca.

Pegou uma Coca-Cola e se ocupou da cozinha. Pôs um caldeirão de água para ferver, fatiou o alho, acrescentou algumas folhas de manjerição e refogou tudo numa panela com azeite. Procurou na geladeira pela lata de queijo parmesão.

— O jantar deve ficar pronto em dez minutos! — gritou enquanto arrumava a pequena mesa da cozinha.

Durante todo o tempo em que cozinhava, o nervosismo se agitava em seu estômago como cubos de gelo. Será que deveria dar o anel durante o jantar ou logo depois? Deveria enfiar o anel no macarrão, ou isso era meio nojento? Gostaria de ter consultado o pai a respeito, mas também sabia por que não fizera isso; David teria ficado chocado ao saber que Anton ia pedir em casamento uma garota que ele e Delores ainda não conheciam. Anton teria de ouvir toda a preleção de *você-ainda-é-jovem-demais-para-pensar-em-casamento*. Sabia que os pais se amavam, mas David confessara recentemente que gostaria de ter namorado um pouco mais antes de se assentar. Só que não tinha falado exatamente desse jeito. Dissera algo como querer ter cevado um pouco mais de aveia silvestre, o que Anton estranhou, mas catalogou como uma dessas coisas nojentas e meio repelentes que os pais costumavam dizer.

Carine tinha trocado de roupa e agora vestia uma calça de moletom e uma camisa de Anton.

— Isso parece delicioso, querido — falou, enfiando um dedo no molho de azeite e lambendo.

Anton apontou a mesinha de jantar.

— Sente-se. Vou servir num segundo.

Depois de um dia de aula, os dois estavam famintos e comeram em relativo silêncio.

— Então, os seus pais já decidiram se vão? — perguntou Anton de boca cheia.

— Já. — Carine engoliu antes de continuar: — Para Moçambique. Dessa vez, por duas semanas.

Todos os anos, desde que Carine completara sete anos, seus pais administravam uma clínica médica em algum país do Terceiro Mundo. Era uma espécie de trabalho missionário, como ela explicou a Anton, só que os pais não eram religiosos. Era simplesmente uma forma de o pai retribuir, de se sentir menos desconfortável com sua vida afluyente nos Estados Unidos.

— Então você vai ficar sozinha no Dia de Ação de Graças?

Carine passou os olhos por ele.

— Acho que sim. Apesar de Veronica já ter dito que eu posso ir para a casa dela. Mas honestamente, Anton, eu estou com tanto trabalho da faculdade que seria mais fácil ficar por aqui mesmo.

— E que tal ir comigo? Para Cape?

Carine deu uma risada curta.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Por que não?

Ela deu de ombros.

— Sei lá. Eles... não parecem ser o meu tipo de gente.

Anton fez o impossível para não demonstrar que ficou magoado.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada. Só que... seu pai é o governador, pelo amor de Deus! E, sei lá, sua família dá impressão de ser tão *branca*!

— A família da Veronica é branca.

Carine enlaçou a mão de Anton com as dela.

— Querido, eu não estou querendo arrumar uma briga com você. E também não quero ser indelicada.

Anton abanou a cabeça, ofendido.

— Eu não entendo o que você está falando. Está dizendo que nunca vai conhecer minha família?

— Claro que não é isso. Só que... ainda não, tá? Quero dizer, é cedo demais, por um lado.

De repente, o anel de prata que tinha no bolso pareceu mais pesado, um objeto ridículo que o punha para baixo.

— Depois de um ano, ainda é cedo demais para conhecer minha família? Isso é uma ofensa!

Anton viu labaredas coruscando nos olhos dela.

— Você ao menos já falou de mim com os seus pais brancos? — Ficou encarando-o por um segundo. — Não. Foi o que eu achei. Pois vou dizer: isso é uma ofensa!

— Eles não são os meus pais *brancos*, Carine. São os meus pais.

— Ótimo — ela concordou com um sinal de cabeça. — De acordo. Mas deixa eu perguntar uma coisa: por que você nunca me falou da sua mãe biológica?

Anton sentiu um buraco se abrindo no peito. Ela estava indo longe demais. Tentou controlar os nervos, mas, quando falou, sua voz tremia de raiva:

— Porque não há nada a dizer sobre ela. Eu já contei tudo o que você precisa saber. Você sabe que eu fui adotado.

Os dois trocaram um olhar tenso, a postura rígida, mas de repente ela capitulou, suavizando a expressão.

— Anton, você não sente curiosidade em relação a ela? — perguntou.

— Não tem vontade de saber onde ela está? Não se sente nem um pouco curioso?

Carine mexia numa ferida que vinha cicatrizando havia dez anos. Anton olhou para o prato de macarrão, tentando se conter para não dizer nada de que pudesse se arrepender.

— Eu não quero falar sobre isso — respondeu afinal.

— Mas é exatamente isso. Por que não? Ela é sua mãe, pelo amor de Deus! Você nem ao menos se importa se ela está viva ou morta?

Anton olhou para ela com uma expressão irada.

— Não. Não me importo. Essa é a resposta sincera. E, se você não consegue conviver com isso, bom, é uma pena, Carine. Eu não preciso me explicar para todo mundo. Por isso, pode enfiar esse tom de censura naquele lugar!

Levantou-se da mesa e foi para a sala, ficou andando de um lado para outro algumas vezes antes de abrir uma janela. Fazia calor naquele apartamento minúsculo, que parecia congestionado, e ele desejou que Carine fosse embora.

— Anton. — Ela chegou por trás e Anton se retesou, esperando que não o tocasse, não enquanto seu corpo ainda pulsava de raiva. Carine não encostou nele. — Desculpe, eu fui muito inconveniente. Só gostaria que me falasse um pouco mais sobre o seu passado. Eu quero participar mais, amor, você não percebe?

Anton olhou para ela.

— Nunca mais se refira a eles como meus pais brancos. Eles são meus únicos pais. Foram eles que ficaram comigo quando ela não quis mais saber de mim. Porque as drogas eram mais importantes que o seu filho único. Tudo o que tenho, tudo o que sou, eu devo à minha mãe e ao meu pai. — Apesar da raiva, Anton sentia uma queimação na garganta. Estranho como aquela dor ainda era brutal e mexia com ele.

Carine abriu a boca para falar, mas Anton levantou o indicador para interrompê-la.

— Mais uma coisa. Algo que aprendi com meu pai. A gente precisa andar para a frente na vida, não olhar para trás. Esse é o jeito americano. E

é nisso que eu acredito. E me recuso a perder dez minutos da minha vida olhando para trás. Por isso, antes de você perguntar, eu nunca pesquisei sobre minha mãe biológica no Google para saber por onde ela anda. Porque, francamente, não estou nem aí. E, se isso faz de mim um monstro, bem, você sabe onde fica a saída.

Carine fez uma expressão chocada, e Anton foi o primeiro a desviar o olhar.

— Desculpe — murmurou. — Eu não quis dizer isso.

— Você quer que eu vá embora? Quer ficar sozinho? — Carine chorava abertamente.

Anton abraçou-a.

— Não. Claro que não.

— Que bom. — Ela soluçou no peito de Anton. — Porque eu realmente amo você, Anton. — Olhou para ele com uma expressão preocupada, procurando algo em seu rosto. — Por favor, saiba que, se quiser falar comigo, sobre qualquer coisa, eu estou aqui ao seu lado.

— Eu sei. E eu vou falar. — Mas só queria mudar de assunto, desesperadamente.

Carine abriu um sorriso amuado.

— Vocês, homens... — falou —, sempre tão durões!

Anton puxou-a para o sofá, e os dois se sentaram. Distraidamente, ligou a TV pelo controle remoto e tirou o som.

— Bem, infelizmente, isso foi um gigantesco desvio num pedido de casamento — falou. Gostou de ver os olhos dela se arregalarem de expectativa. Esperou um momento para obter um máximo de efeito e acrescentou: — Você quer passar o Dia de Ação de Graças comigo na casa do Pappy em Cape?

O corpo de Carine pareceu dobrar sobre si mesmo, e, quando olhou para Anton, foi com uma emoção que ele não conseguiu interpretar. Quando falou, foi com uma voz baixa e hesitante, nada característica da jovem:

— Claro. Se você acha que é uma boa ideia. Se eles me aceitarem...

Anton imprimiu uma convicção que não sentia na voz.

— Você tá brincando? Eles vão adorar receber você em casa!

Começaram a assistir à reprise de um episódio de *Jornada nas estrelas*, com Anton afagando o cabelo dela distraidamente. Minutos depois, ele se

levantou para fazer pipoca. Tudo parecia bem e de volta ao normal, mas, pela primeira vez, Anton se sentiu meio distante de Carine. Sentou-se no sofá e pôs o braço ao redor dela, tentando se libertar dessa terrível nova sensação. Botou a mão no bolso da calça e revirou o anel, sentindo a suavidade fria do metal. O futuro que se mostrava tão nítido poucas horas atrás parecia, naquele momento, um círculo que girava e girava sem chegar a lugar nenhum.

CAPÍTULO 18

ANTON E DAVID tinham acabado de prender umas telhas soltas no teto da casa de Pappy e, apesar de ventar muito, estavam suando. Depois de pegarem duas cervejas da geladeira, os dois se acomodaram em duas cadeiras de madeira no jardim, de frente para o mar.

— Pappy está parecendo mais velho — comentou Anton.

— Ele *está* mais velho.

Anton abriu um sorriso matreiro.

— Assim como você. Mas você continua muito bem para um velho.

— Ninguém perde por esperar. Acontece mais cedo do que se imagina.

— Pai. Por favor. Eu só tenho vinte anos.

David lançou um olhar compreensivo ao filho.

— É verdade.

— Tudo bem no governo?

David esfregou os olhos com ar cansado.

— Você sabe como é. Os republicanos continuam com as mesmas e velhas delongas.

— Você nunca pensou em desistir? Quero dizer, santo Deus, demora tanto tempo para alguma coisa acontecer!

David olhou a distância. A água estava da cor do jade.

— Como Pappy, você quer dizer? Como ele desistiu?

— Eu não estava pensando nisso. Só quis dizer que... Acho que eu não tenho temperamento para política. Sou impaciente demais e detestaria todos esses acordos.

David olhou para o filho. Anton tinha mudado. Parecia mais contundente de alguma forma, mais brusco. Era influência da garota, dava para notar. Os dois tinham vindo de carro de Cambridge até Cape e chegado no dia anterior, a tempo para o jantar. Embora fosse simpática, ela alterava o campo magnético quando entrava no recinto. Havia nela uma agressividade da qual David ainda não sabia bem se gostava. Também não mostrou nada da deferência que David sentia e considerava implícita ao

pai dele. Conversou com Pappy de igual para igual. Aquilo incomodou David, embora soubesse que não deveria. Sabia que os jovens da época eram diferentes. E a garota também vinha de uma formação distinta. Tentou conversar com Delores sobre isso na cama, na noite anterior, mas ela estava cansada e se mostrou indiferente.

— Pai. Onde é que você estava?

— Desculpe. — David se espreguiçou e soltou um bocejo. — Este lugar é maravilhoso, mesmo num dia frio. Pappy teve a ideia certa de se aposentar aqui.

Os dois ficaram em silêncio, bebericando as cervejas, ouvindo o bater das ondas do mar. Depois, David perguntou:

— Então é sério?

Anton olhou-o de soslaio.

— Acho que sim.

— Entendi. — Pausa. — Carine disse que vocês estão juntos há mais de um ano.

— Mais ou menos.

— Mas você nunca falou sobre ela conosco!

— Pai...

David abanou a cabeça.

— Eu não estou bravo. Mesmo. Só curioso... Por que não?

— Por nenhuma razão. Mesmo. Acho que eu... queria ficar com ela só para mim, sabe?

David aquiesceu como se entendesse. Mas não entendia. Tentou lembrar se tinha feito segredo de Delores com os pais, mas não conseguiu. Duvidava, pois o senador era uma presença tão forte e imponente em sua vida que ele não teria mantido segredo, nem mesmo se quisesse. Aliás, o pai foi a primeira pessoa a quem telefonou quando descobriu que Delores estava grávida.

Mas ele e o pai não eram tão próximos, não é? Com certeza não eram amigos como ele e Anton. David sempre deixou claro que Anton poderia falar sobre qualquer problema, que o ajudaria sem fazer perguntas. Afinal, ele era um pai moderno. Drogas, sexo e *rock and roll*, esses três grandes temas: David dera conselhos a Anton sobre os dois primeiros e tinha a mesma paixão que o filho pelo terceiro.

— De qualquer maneira — começou Anton —, Carine e eu estamos muito felizes de estarmos aqui. Em Cape, no Dia de Ação de Graças... Isso sempre é especial, certo, pai?

— Alguém disse o meu nome?

Os dois se viraram e viram Carine chegando atrás deles. Usava jeans preto e camiseta branca de mangas compridas e, apesar do frio, estava descalça. A garota era linda, reconheceu David de bom grado quando ela se aproximou de Anton e se debruçou para um rápido beijo. Lançou uma olhadela em seu decote e logo desviou o olhar.

— Oi, amor — disse Carine. — Vocês já acabaram de consertar o telhado?

— Já.

— E agora?

Anton apontou o mar com a garrafa de cerveja.

— Dando uma relaxada. Apreciando a paisagem.

— E desfrutando um bom momento entre pai e filho. — David lamentou as palavras assim que as disse, ao perceber o tom cortante de sua voz.

Carine abriu um pouco mais os olhos.

— Desculpe, sr. C. — Esperou um pouco antes de continuar: — Mas estou prestando um serviço à sua esposa. Ela quer que um de vocês vá comprar um saco grande de batatas antes de o mercado fechar.

David sentiu o rosto corar. Virou-se para perguntar se o filho queria ir com ele até a Stop & Shop, mas Anton já estava se levantando da cadeira.

— Quer ir até o mercado comigo? — perguntou a Carine, que concordou.

— Eu vou pegar a chave do carro — disse Carine, saindo antes que David pudesse responder.

David também se levantou, sentindo-se meio bobo.

— Bem, foi muito agradável — falou. Apontou para o telhado. — Fico contente por termos consertado essas telhas do Pappy.

— É. — Anton olhou-o com uma expressão (pensativa, afetiva, apreensiva?) que David não entendeu bem.

— Bem — disse David, girando nos calcanhares. — Acho melhor ajudar sua mãe com o jantar. Você sabe como ela fica nervosa com esses banquetes festivos.

Virou-se para sair, mas Anton estendeu a mão e pegou-o pelo pulso.

— Pai.

David o olhou com curiosidade.

— Sim?

— Nada. Só... desculpe não ter contado antes sobre Carine. Eu... não sei como explicar. Enfim. Eu deveria ter falado a respeito. Não quero estragar nosso fim de semana juntos, tá?

David ergueu uma sobrancelha, confuso.

— E por que isso aconteceria?

— Não. Não foi isso que eu quis dizer. — Passou os dedos pelo cabelo comprido. — Ela é muito importante para mim, pai. E eu quero que vocês gostem dela. Que 'cês todos sejam amigos.

'Cês *todos*? Será que o filho já falava assim antes? “Primeiro o cabelo comprido, agora a dicção”, pensou David.

— Claro que nós vamos gostar dela. Já gostamos. — Pôs a mão no ombro do filho. — Você só precisa relaxar. Certo?

Anton aquiesceu.

— Tudo bem. Obrigado.

David passou por Carine quando voltava em direção à casa.

— A gente volta num instante — ela disse, balançando as chaves do carro.

— Dirijam com cuidado — replicou David automaticamente.

Ficou olhando os dois andando de mãos dadas em direção à garagem antes de entrar na casa para ajudar a mulher na cozinha.

CAPÍTULO 19

— DESCULPE ESTARMOS só em cinco para o jantar — disse Pappy a Carine enquanto renovava sua taça de vinho. — Normalmente, os Carmichael, nossos vizinhos, passam esta data conosco, mas este ano eles viajaram para o Caribe. — Olhou pela janela e viu a chuva que caía inclemente. — E talvez tenha sido uma boa ideia.

— Tudo bem — respondeu Carine. Acabou de mastigar um pedaço de peru antes de perguntar: — Que lugar do Caribe?

O senador deu de ombros.

— Sei lá. Aruba, Belize, Antígua? Até onde posso dizer, todos esses lugares são a mesma coisa.

Sentado ao lado de Carine, Anton sentiu que ela enrijeceu.

— Na verdade são lugares bem diferentes — ela replicou. — O senhor devia ler *Um pequeno lugar*, de Jamaica Kincaid. Acho que mudaria de ideia.

— Não, não é a Jamaica — esclareceu Pappy. — Tenho certeza de que eles não foram para lá.

Anton apertou a mão de Carine antes que ela corrigisse Pappy. “Deixa pra lá”, transmitiu em silêncio.

— Os Carmichael são velhos amigos — explicou depressa, num tom um pouco alto demais. — Marc Carmichael foi congressista durante muitos anos. É padrinho do meu pai.

Carine ergueu uma sobrancelha.

— Vocês têm algum amigo que não seja político?

Pappy deu risada.

— *Touché*, querida. — Virou-se para Anton. — É melhor você ficar de olho nessa moça, filho. Ela é fogo!

— Sim, mas que exército iria me ajudar? — perguntou Anton, e todos riram quando Carine bateu no braço dele.

Delores passou a travessa de aspargos pela mesa.

— Vamos comer, crianças — falou. — Isto deve ser melhor que a comida na faculdade.

— Nem comparação — os dois disseram em uníssono.

— Está tudo delicioso, sra. Coleman. — acrescentou Carine, servindo-se de mais aspargos.

Delores se mostrou satisfeita ao ver que eles estavam repetindo.

— Então, por que voltar tão depressa? Não dá para ficar até domingo?

Havia um tom súplice na voz de Delores, que Anton percebeu de imediato. “Mamãe se sente sozinha”, pensou. “Deve ser difícil morar no Palácio do Governo, longe dos velhos amigos.” Sabia como seria importante para ela que estendessem a visita por mais alguns dias. Olhou para Carine.

— O que você acha, amor?

— Eu não posso. — O tom de voz de Carine era de pesar, porém resoluto. — Sinto muito. Eu tenho prova na segunda-feira e preciso voltar logo para estudar.

— Ah, vamos lá? — O tom de David era provocador. — Anton disse que você é uma estudante nota A. — Serviu-se de mais purê de batatas.

O sorriso de Carine foi de um brilho artificial.

— Bom, eu preciso ser. O senhor sabe o que dizem... gente como eu precisa se esforçar em dobro.

Houve um silêncio estupefato enquanto eles absorviam o significado daquelas palavras.

— Ora, minha querida — disse o senador afinal. — Nós não estamos mais em 1962, sabe?

— Talvez não aqui onde o senhor mora.

Pappy pareceu confuso. Virou-se para Anton, como que pedindo uma explicação.

— Eu... O que ela está dizendo?

— Carine quer dizer que ainda existe um bocado de racismo por aí, Pappy — disse Anton sem muita convicção. E teve de se conter para não dar um pisão no pé da namorada por baixo da mesa.

— Ela tem razão — concordou David. — Agora mesmo estamos com um caso chegando ao tribunal pedindo que qualquer ação afirmativa seja considerada ilegal. — Continuou mastigando por algum tempo antes de

olhar para Carine. — O que você acha? Acredita que a ação afirmativa já cumpriu seu papel?

Todos se voltaram para ela. Anton implorou com o olhar: “Por favor, não faça uma cena”.

— Bem, eu não sei — ela respondeu, pensativa. — É uma questão complicada.

Anton soltou um suspiro de alívio. Ficou pensando em algum jeito de mudar logo de assunto.

Mas Carine apoiou o cotovelo na mesa e olhou firme para Anton.

— Mas vamos perguntar ao Anton — disse. — Afinal de contas, não só eu sou resultado da ação afirmativa nesta mesa.

Dessa vez, não havia como ignorar seu tom de voz ou sua atitude. Delores ficou ereta na cadeira.

— Com licença — disse de forma cortante. — Não sei bem o que...

— Querida — disse David, interrompendo a esposa. — Tudo bem. — Ajeitou os óculos no nariz e sorriu com simpatia para Carine. — Na verdade, Anton não é um caso de ação afirmativa. É de admissão por legado. Porque tanto o pai quanto o avô dele estudaram em Harvard.

O senador bateu na mesa com tanta força que sua taça respingou vinho na toalha.

— O que, se pensarmos bem, é apenas um tipo diferente de ação afirmativa.

Para grande alívio de Anton, Carine deu risada.

— Exatamente.

— É isso mesmo. — Pappy bateu na mesa mais uma vez. Anton olhou para o avô, desconfiado de que estivesse um pouco bêbado. Pappy virou-se para o filho. — Você diz que vem por aí mais uma contestação legal? — Abanou a cabeça. — Isso nunca tem fim. Eu lembro quando Johnson assinou sua ordem executiva de ação afirmativa para fornecedores do governo federal. Naquela época, isso também deixou um bocado de gente insatisfeita.

— Aposto que sim — disse David secamente, trocando um olhar com Anton.

Carine apoiou o queixo no braço para falar com o velho.

— Então, qual foi o melhor presidente com quem o senhor trabalhou?

Diante da pergunta, Pappy disparou a falar, regalando a todos com histórias sobre a posse de John Kennedy e os movimentos pelos direitos civis.

— Esse Bob Kennedy era um grande safado quando o irmão era presidente — lembrou. — Mas vou dizer uma coisa: nunca vi um homem evoluir tanto quanto ele. Bob teria sido um ótimo presidente se tivéssemos tido essa sorte. — Os olhos de Pappy umedeceram. Discretamente, Anton afastou a garrafa de vinho de seu alcance.

Apesar de Anton já ter ouvido aquelas histórias centenas de vezes, Carine ficou encantada.

— O senhor conheceu o dr. King? — perguntou.

O senador olhou-a de relance.

— Eu só o encontrei uma vez — respondeu em voz baixa. — Era um homem de uma dignidade impecável. — Olhou ao redor da mesa. — Sabem que idade ele tinha quando foi assassinado?

— Trinta e oito — respondeu Carine.

— Trinta e nove. — O senador tirou um lenço branco do bolso e assoou o nariz. — Imaginem só. Era novo ainda. Mas tinha a sabedoria e a graça de um homem com o dobro da idade. E, por causa disso, ele mudou para sempre o nosso país.

Ficaram todos em silêncio por um momento, até Carine falar, com um tom de voz deferente:

— O senhor acredita mesmo que as coisas mudaram muito?

O senador abriu mais os olhos, e seu rosto ficou vermelho.

— Mocinha, será que ouvi Anton dizer mais cedo que sua família é da Geórgia? Sim? E você ainda se atreve a me fazer essa pergunta cretina?

Carine não se sentiu agredida.

— Sei que algumas coisas mudaram para melhor, é claro — começou. — Mas, quero dizer, a disparidade salarial não mudou. A segregação habitacional continua terrível. Se analisarmos a média salarial dos negros em comparação a...

De repente, Pappy pareceu cansado. Fez um gesto com a mão como que para descartar as palavras dela.

— A minha geração fez o que pôde — proferiu. — Nós registramos leis nos livros. Agora, vocês jovens têm de terminar o trabalho.

— Carine... — começou a dizer Anton.

Mas ela o ignorou. Estendeu a mão para o senador do outro lado da mesa e falou:

— De acordo.

Aturdido, o velho pegou na mão dela e ficou segurando.

— Como sua pele consegue ser tão macia? — perguntou, acariciando-a com a outra mão.

— Ah, Pappy! — Delores pareceu constrangida. — Devolva a mão para a pobre garota. — Deu uma olhada ao redor da mesa. — Então? Vamos acender a lareira e comer a sobremesa na sala de estar?

Enquanto Delores aquecia as tortas no forno, Carine e Anton tiraram a mesa. Quando os dois chegaram à sala de estar, David já tinha acendido a lareira e bebericava um xerez com Pappy. Anton suavizou a iluminação e ficou observando o reflexo das labaredas no rosto das quatro pessoas que ele mais amava neste mundo. Lá fora, clarões de relâmpagos iluminavam o céu. Por um longo tempo, o único som foi o de garfos batendo nos pratos de sobremesa. Anton se sentiu relaxar pela primeira vez desde que chegara a Cape com Carine, no dia anterior. Apesar de alguns solavancos, o jantar tinha ido bem. Pappy pareceu se divertir com Carine, e claramente suas velhas histórias de guerra a haviam seduzido. Quanto ao pai e à mãe, Anton sabia que tinham ficado magoados por ele não ter revelado seu relacionamento, porém não se sentiu preocupado. O amor incondicional que sentiam por ele era seu norte, uma das poucas coisas de que nunca teve nenhuma dúvida.

Talvez fosse o vinho no jantar, talvez fosse o bruxulear da lareira ou simplesmente o contentamento, mas Anton se sentiu sonolento. Um tronco estalou e desabou na grande lareira, e nesse momento ele ouviu Carine dizer, como que continuando a conversa anterior:

— Mesmo que as coisas tenham melhorado aqui, como o senhor diz, com certeza elas não melhoraram na política externa. Talvez agora, como não temos mais nenhum Jim Crow, nós passamos a oprimir povos de países estrangeiros.

Lá estava ela de novo. Anton despertou assustado, aguilhoado por uma raiva fervilhante. Qual era o problema com essa garota? Será que não sabia se comportar como hóspede na casa dos outros?

— Hã? — perguntou. — Isso não faz sentido!

— Realmente. — Era Delores, apoiando-o, e nesse momento Anton soube a verdade: a mãe não gostava da sua namorada.

Carine preferiu ignorar Delores, concentrando a atenção em Anton.

— O que é que não faz sentido? Será que você está tão empanturrado com seu peru com purê de batata que não consegue se pôr no lugar desses pobres afegãos que estão sendo violentamente bombardeados? Ou dos infelizes iraquianos que estão prestes a ser?

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

David:

— Não precisa usar esse tom de voz.

Pappy:

— Do que você está falando, minha querida?

Delores:

— Anton? O que está acontecendo?

Anton ficou imobilizado de vergonha, incapaz de acreditar que Carine o tivesse humilhado daquela forma na frente da sua família. Lembrou-se de como a havia resgatado no Onze de Setembro, quando ela provocara a turba de alunos que assistiam aos horrendos acontecimentos na TV, como havia conseguido, de alguma forma, desarmar a situação levando na brincadeira suas insensíveis palavras. Mas, dessa vez, ele não iria, não poderia, salvá-la. Ela não queria vir com ele a Cape, e essa era sua vingança, essa provocação desnecessária, essa dramatização.

Agora o pai dele estava falando, e Anton se esforçou para prestar atenção.

— Eu concordo com você sobre a situação no Iraque — ia dizendo David. — E espero, em Deus, que nosso presidente não se apresse a nos arrastar para uma guerra. Mas acredito que, no Afeganistão, não tivemos escolha. Nós não os atacamos, foram eles que nos atacaram.

— Mas quem foi que nos atacou? Um exército de malucos maltrapilhos? Isso é razão para destruir um país inteiro? Matar civis? Será que não é mais importante descobrir *por que* nos atacaram?

— Porque eles são uns animais! — disparou Delores. — Assassinos. — Anton mal conseguia acreditar que aquela era sua educada e bem-falante mãe.

— Ah, sem essa! — retrucou Carine. — Isso é tão redutivo que nem merece resposta.

— Redutivo? — replicou Delores com a mesma voz rouca e agressiva que Anton jamais tinha ouvido. — Eu vou dizer o que é redutivo. Você e sua...

— Delores! — interrompeu David, com um tom de advertência na voz. — Ela tem razão. As razões são mais complicadas que isso.

— Eu vou dizer por que eles nos atacaram — continuou Carine. — Porque querem a retirada das nossas bases militares da Arábia Saudita. Essa era a única exigência da Al-Qaeda...

— Mocinha — disse David com firmeza. — Você está passando dos limites. Eu sou governador há muitos anos. Acho que entendo de política um pouco mais que você.

— Por favor, não seja condescendente comigo, sr. Coleman.

— Para você, é governador Coleman! — vociferou Pappy, fazendo Anton se sobressaltar. — O que você está falando... no lugar onde eu nasci, isso se chama ajudar e incitar o inimigo! Traição! Eu não vou tolerar isso na minha casa! Não vou aceitar que um hóspede insulte o governo dos Estados Unidos cooptando com o inimigo.

— Pappy — disse Anton, desesperado. — Ela não teve essa intenção. Você não conhece Carine, ela gosta de...

Mas Carine não quis saber de nada.

— É engraçado — falou, dirigindo-se ao senador. — Meu pai é um imigrante e gosta de estimular o debate. — Virou a cabeça e olhou para todos antes de disparar seu insulto final. — É o que nós achamos que significa ser americano.

Ninguém disse uma palavra. Os estalidos da lareira pareciam ensurdecedores, como se fossem o suficiente para queimar a casa inteira.

Delores levantou-se.

— Eu não vou mais aguentar isso! — anunciou. — Eu vou subir para o quarto. — Olhou para o marido. — Você vem?

David levantou-se lentamente.

— Vou.

Delores atravessou a sala até onde estava Anton e beijou-o na testa.

— Boa noite, querido — disse numa voz inexpressiva e resignada. — É melhor você descansar, pois vai ter uma longa viagem amanhã.

Anton se sentiu constrangido demais para responder.

David virou-se para o pai.

— Vamos, Pappy — falou. — Vou acompanhá-lo até o seu quarto.

Quando os três saíram da sala, Anton ficou olhando o fogo na lareira. Depois, bem depois, sentiu mais do que ouviu Carine se mover.

— Anton... — começou ela.

Mas ele estendeu o braço como para se escudar dela.

— Não — retrucou. — Não diga uma palavra.

Carine ficou em silêncio por alguns segundos antes de se levantar.

— Eu também vou para a cama. Boa noite. — Olhou para Anton meio hesitante, como se quisesse ficar mais tempo, mas ele continuou firme, olhando para o fogo, e ela saiu da sala.

Anton continuou lá até o fogo apagar, observando as últimas brasas esmaecerem. Tentou de tudo para não pensar que aquilo era uma metáfora adequada para a sua vida.

O senador ficou no quarto na manhã seguinte, sem descer para se despedir quando eles partiram. Delores se levantou para preparar sanduíches de peru para a viagem e embrulhar algumas maçãs. Carine se despediu meio constrangida e recebeu um seco “Comporte-se” em retorno. Quando ela já estava no carro, David pôs a mão nas costas de Anton e, delicadamente, afastou-o até a garagem para uma breve conversa.

— Sinto muito pelo que aconteceu ontem à noite, filho — falou.

— Não foi culpa sua, pai. Ela foi totalmente inconveniente.

David anuiu.

— Eu sei que há muito que relevar. Mas... — Hesitou, os olhos sondando o rosto do filho — Eu nunca vi uma demonstração dessas. — Abriu um sorriso amarelo. — E eu achei que os Panteras Negras já estivessem mortos.

— Ela não é uma Pantera Negra. — A defesa de Carine foi automática por parte de Anton.

— Eu sei. Mas, Anton, realmente...

— Eu já disse, pai. Já entendi.

— Tudo bem. Bom. A gente se fala em breve, certo, parceiro?

— Claro.

— E dirija com cuidado.

Quando eles chegaram ao carro, Delores estava debruçada conversando com Carine. O coração de Anton inchou de amor. Pôs o braço ao redor da mãe, virou-a e beijou-a no rosto.

— Tchau, mãe. A gente se vê em breve.

— Meu querido. Cuide-se bem, tá?

Anton saiu com o carro e começou a fuçar o rádio, procurando uma estação com bom sinal. Desistiu depois de algum tempo e começou a remexer sua coleção de CDs embaixo do para-sol. Havia poucos carros na estrada àquela hora da manhã, e Anton acabou escolhendo Nirvana por saber que a música iria deixar Carine maluca. Sua opinião sobre Kurt Cobain era bem clara — segundo ela, era um garoto branco, chorão e mimado, que compunha músicas para outros garotos brancos chorões e mimados. Mas Anton adorava Cobain e, quando a música encheu o carro, ele se sentiu relaxar, grato por não ter de falar com ela.

Percorreram alguns quilômetros antes de Carine baixar o volume do rádio e dizer:

— Então você nunca mais vai falar comigo? — Quando Anton não respondeu, acrescentou: — Posso perguntar uma coisa? O que foi que eu disse de tão ofensivo que todos ficaram contra mim?

Anton mordeu a isca.

— Vejamos. Talvez a parte em que você justificou a Al-Qaeda pelo que fez?

Carine ajeitou o cinto de segurança para se virar na direção dele.

— Quando eu falei isso, Anton? Eu só disse que havia uma razão... uma razão política para nos atacarem. Não por serem selvagens ou... Qual foi a palavra que sua mãe usou? *Animais*. Isso é tão errado?

— Carine — disse Anton, como se falasse com uma criança —, você estava na presença de um senador dos Estados Unidos aposentado e de um governador em exercício. Você também era minha convidada. Não acha que poderia ter sido um pouco mais moderada nas suas opiniões?

— Mas é por isso mesmo. Essas são as pessoas que tomam decisões políticas com que todos nós temos de viver, Anton. São exatamente essas pessoas que precisam mudar seus pontos de vista.

— Mas eles são democratas liberais! — gritou Anton. — Pappy foi um dos primeiros senadores a se posicionar contra a Guerra do Vietnã, pelo amor de Deus! Meu pai tem sido um dos governadores mais progressistas do país. Quem você quer que mude?

— No entanto, eles ficaram perturbados por eu ter feito uma afirmação baseada em fatos documentais? Pense só nisso, Anton. — A voz dela

estava rouca. — Você não vê o que está acontecendo? Um ano atrás foi o Afeganistão. Agora é o Iraque. Você não fica morrendo de medo de que a gente esteja se preparando para invadir outro país?

— É claro que isso me preocupa. Mas meu pai não tem voto no Senado dos Estados Unidos.

— Mas sua mãe disse que ele vai comparecer ao baile dos governadores na Casa Branca em dezembro.

— E o que ele deveria fazer? Boicotar? Você acha que isso vai mudar a opinião de Bush sobre o Iraque?

— Escuta, querido — disse Carine num tom urgente. — Você nunca esteve num país do Terceiro Mundo. Eu já estive. A maneira como aquelas pessoas vivem, Anton. Eles já têm tão pouco... Vivem vidas tão difíceis e miseráveis. E nós vamos castigar ainda mais essa gente? Por quê?

Anton tirou os olhos da estrada para olhar para ela.

— Mas quem está discordando de você a respeito do Iraque? Você está ensinando o padre a rezar, não entende? O que eu não entendo é por que estragar um jantar do Dia de Ação de Graças com sua pequena diatribe. Não existe um lugar e um momento para tudo?

Carine ficou olhando pela janela por um momento, e Anton viu quando enxugou algumas lágrimas.

— Então, o que é mais importante? Nós estarmos prestes a invadir um país soberano, enquanto você se preocupa com... boas maneiras à mesa?

Anton soltou um suspiro alto.

— É impossível conversar quando você fica desse jeito. Esquece. — Aumentou o volume do som de novo. Foi Bradley quem o apresentou ao Nirvana. Mas, quando ele se apaixonou pela banda, Cobain já estava morto havia muito tempo.

Algumas horas depois, quando chegaram a Cambridge, a raiva de Anton começou a amainar, substituída por uma sensação de perda. Os dois mal tinham se falado durante a viagem, e, apesar de ter instigado o silêncio, Anton não sabia o que aquilo significava. Será que eles ainda eram um casal? Teriam rompido? Será que ainda queria ficar com ela? Lançou um olhar de soslaio a Carine, e o tremor que sentiu no coração foi sua resposta. Química. Como é que alguém pode lutar contra a química? Além do mais, Anton já começava a se perguntar se de fato só ela tinha se comportado mal. Por que a mãe dele pareceu tão cortante e histérica? Por

que Pappy foi tão indiferente quando falou sobre o Caribe? O pai foi legal, mas sem dúvida não tinha defendido Carine. Nem Anton. Na verdade, os quatro haviam cerrado fileiras contra ela. E de repente, de um momento para outro, ele percebeu: se Carine fosse uma namorada branca argumentando sobre os mesmos pontos de vista, eles teriam tolerado, relevado suas opiniões políticas, talvez até admirado sua sensibilidade em relação aos pobres do planeta. “Você é comunista?”, teria provocado o pai. Era a cor da pele de Carine, sua negritude, que os deixava desconfiados, que os fazia vê-la como uma alienígena entre eles, uma espiã em seu país. Carine tinha levantado a questão errada quando perguntou se Pappy conhecera Martin Luther King. A pergunta certa teria sido se ele havia conhecido Malcolm X. Anton estaria mais interessado nessa resposta.

Abriu a boca para falar, mas logo desistiu, incapaz ou sem querer compartilhar essa revelação, receoso de que Carine achasse que estava pedindo desculpas. De qualquer forma, já tinham chegado ao prédio onde morava Carine, e ele estacionou em fila dupla perto da porta. Deixou o motor ligado e tirou as malas dela do bagageiro. Levou-as e as deixou na entrada do prédio.

— Suponho que você não queira entrar?

— Provavelmente não.

— Tudo bem. A gente se vê por aí.

— Sem dúvida.

Os dois se entreolharam, e Anton a beijou castamente na testa, ignorando a expressão incrédula do rosto dela.

— Uau, isso foi frio! — comentou ela, mas tão baixo que ele pôde fingir que não tinha ouvido e saiu andando na direção do automóvel.

— Anton — Carine chamou, e ele se virou, a sobrancelha esquerda erguida numa expressão de interrogação.

— Sim?

Carine deu alguns passos para encurtar a distância entre eles.

— Sabe o que me deixa confusa?

— O quê?

— Não consigo decidir se você é o negro mais branco ou o branco mais negro que já conheci.

Anton respirou fundo, esmagado por aquelas palavras. Sentiu como se ela o tivesse desmascarado, desnudado o enigma central de sua vida.

Aquelas palavras o atormentariam pelo resto da vida. Percebeu isso com uma certeza imediata e feroz.

Carine ficou olhando para ele por um bom tempo antes de se afastar, como que embainhando a espada.

— Tchau, Anton — disse por cima do ombro, para, em seguida, subir correndo os quatro degraus que levavam à porta do prédio.

Anton ficou ali parado, o peito arfando, enquanto olhava para a porta fechada. Sentiu vontade de esmurrar aquela porta, exigir que ela retirasse aquelas palavras maliciosas. Mas, pouco depois, seus ombros caíram e ele tomou o caminho de casa, carregando um dilacerante enigma que passaria toda uma vida tentando resolver.

CAPÍTULO 20

ANTON SE MANTEVE AFASTADO de Carine pelo resto do feriado de Ação de Graças. Na segunda-feira, voltou ao apartamento, depois de um longo dia de aulas, e encontrou um bilhete embaixo da porta pedindo desculpas. Foi dormir com o coração pesado naquela noite, mas, na manhã seguinte, ligou para ela a caminho da faculdade. Quando afinal se encontraram para um lanche rápido na quarta-feira, era como se tivessem chegado a um acordo implícito de não falar sobre o desastroso feriado. O mesmo código regeu a conversa de Anton com os pais, embora, em seu primeiro telefonema para Pappy, o velho tivesse trovejado, como era de esperar.

— E como vai aquela sua amiga trotskista?

— Ela tá bem, Pappy — respondeu Anton dando risada. — Mas ela não é trotskista.

— Então ela me enganou. — Pappy deu um suspiro. — Ah, essas paixões de juventude! Ela ainda vai sossegar.

Anton não tinha tanta certeza. O anel de noivado continuava no fundo de sua gaveta de meias. Agora parecia ridículo pedir Carine em casamento, quando se encontrava dilacerado por tantas dúvidas. O temperamento passional de Carine, sua indignação, que ele já considerara admirável, até exótico, parecia cansativo. Às vezes não sabia dizer se ela era totalmente íntegra ou mentalmente instável. Ajudaria se pudesse conhecer os pais dela, se a visse no contexto familiar, mas Carine parecia não ter pressa que Anton os visitasse. Ademais, a coisa que ela havia dito na noite de Ação de Graças, o enigma que depositara aos seus pés, continuava a atormentá-lo. Seria verdade o que ela disse? Ou ela simplesmente tinha um jeito terrível de pegar no pé dele?

Algumas semanas depois, eles comemoravam o fim das aulas no India Palace quando Carine casualmente se referiu a um colega do ensino médio como “Negresco”.

— Negresco? Puxa, isso é bem racista! — disse Anton.

— Como assim? Não é uma definição da cor da pele em si. É a descrição de uma atitude... de um irmão que acha que é branco.

A casualidade natural do tom de voz o irritou, remetendo-o à noite de seu elaborado insulto.

— Você sabe com que frequência faz isso, Carine, como enquadra as pessoas? Você faz isso o tempo todo. Talvez nem todo mundo se sinta obcecado pela cor da pele, sabe? O mundo mudou, Carrie. Não estamos mais nos anos 1960. Estamos numa era pós-racial em que devemos...

— Pós-racial? Não acredito. Você disse isso mesmo? — A expressão de Carine lutava com múltiplas emoções, incredulidade, descrença e irritação, até se firmar em assassinato. Ela abanou a cabeça. — Honestamente, às vezes eu nem sei como ficamos juntos, Anton. Alguma vez você já se ouviu?

— E *você*? — começou Anton, mas ela o interrompeu.

— O que você vê quando olha no espelho, Anton?

— Eu vejo a mim mesmo. Só isso. Um cara que tem os pés em dois mundos. Que quer atuar como uma ponte entre esses dois mundos.

Carine deu uma risada sarcástica.

— Pois eu vou dizer uma coisa. Venha comigo até a Geórgia algum dia. Esqueça sua camiseta de Harvard, seu talão de cheques e o fato de o seu pai ser governador. E o que você vai ver na cara dos brancos nas ruas de Augusta vai dizer quem você realmente é.

Anton esfregou a testa, irritado.

— Deus do céu! É como se você estivesse presa numa dobra do tempo. Que merda! Meu melhor amigo é branco. Acho que Bradley nem nota a cor da minha pele quando me vê.

— E você sabe por quê? Porque você não tem cor, você é um fantasma. Se é assim que você resolveu passar por esta vida, vá em frente, seu cabeça de merda. Pode seguir em frente com essa atitude pós-racial e seus maneirismos. Eu vou continuar chamando do que é na verdade: uma crise de identidade.

Anton apertou o copo de água para não fechar a mão como um punho. Tudo isso numa agradável refeição comemorativa. Teve uma súbita visão de que seria sempre assim com Carine — que ela estaria sempre o confrontando, cutucando, provocando. Visualizou uma longa sequência de tempestuosos encontros familiares e, de repente, não queria fazer parte

daquilo. O amor que os pais sentiam por ele sempre fora retribuído pela sua gratidão; eles eram um casal rico e bem-sucedido, poderiam ter adotado qualquer criança, mas preferiram resgatá-lo. Não iria destruir sua relação com a família por causa daquela garota negra, teimosa e temperamental, que parecia estar sempre brigando com o mundo. E com ele.

— E aí? O gato preto comeu sua língua?

Anton deu uma risada amarga.

— Está vendo? Você é incorrigível. Até suas expressões idiomáticas são raciais.

— Não fui eu que comecei, querido. Isso começou trezentos anos antes de eu nascer.

Anton abanou a cabeça, desanimado.

— Eu tive um semestre difícil, sabe? Acabei de fazer o meu último exame, e nós deveríamos estar comemorando. É muito pedir que a gente faça uma refeição tranquila e agradável?

Carine pôs a mão na coxa dele.

— É isso que você quer, querido? — ronronou. — Uma namorada boazinha, meiga e dócil?

— Não sei bem — respondeu Anton, confuso. — Mas que inferno! Seria bom descobrir como seria.

Os olhos de Carine fulguraram, mas ela manteve sua nova persona.

— Entendi. — Piscou os olhos de uma forma tão coquete que Anton teve que rir. Mas parou quando sentiu a mão dela subindo pela sua coxa.

Como que para ensinar uma lição, Carine levou Anton ao apartamento dela e transou loucamente com ele. Quando acabaram, com Anton sentindo ainda o olhar embaçado, Carine se apoiou em seu peito e murmurou:

— Espero que tenha gostado da trepada com sua namoradinha meiga e careta.

CAPÍTULO 21

O PLANO ERA QUE ANTON voltasse para casa logo depois dos exames finais. Mas, pouco antes da data marcada, estava na internet pesquisando uma passagem de última hora para San Diego. Bradley e alguns amigos de Stanford tinham alugado por uma semana uma casa de cinco quartos na praia e o convidaram. De início, ele recusou, mas acabou se sentindo tentado. Depois das férias na praia, Bradley tinha planos de viajar à Coreia do Sul e só voltar para casa na semana após o Natal, e Anton não queria ficar tanto tempo sem ver o amigo. Por isso, fez um pacto consigo mesmo: se encontrasse uma passagem por menos de quatrocentos dólares, ele iria.

O custo acabou ficando em quatrocentos e sessenta e três dólares, mas, assim mesmo, fez a reserva. Sentia que precisava ficar longe de Harvard e de casa, precisava clarear as ideias a respeito de Carine. De alguma forma eles tinham perdido o equilíbrio, e as coisas nunca voltaram a ser as mesmas depois da viagem a Cape. Por mais que tentasse, Anton só conseguia enxergar Carine através dos olhos dos pais, e não gostava muito do que via a partir desse ponto de vista. Quase conseguia ouvir os pais dizendo as palavras: Impetuosa. Instável. Não é o nosso tipo.

Bradley não seria tão rápido no julgamento. Conhecera Carine brevemente e parecia ter gostado dela. Se alguém podia ajudar Anton a se decidir se romperia ou não com ela, seria Bradley.

O amigo foi buscar Anton no aeroporto e o levou para a casa que dividiriam com outros três rapazes, dois dos quais Anton conhecia. O terceiro, Jeff, era de Seattle e parecia simpático, apesar de meio calado. Anton nunca soube quem tinha comprado as garrafas de bebida alinhadas na despensa da cozinha — eram todos menores de idade e não podiam comprar álcool legalmente —, mas os outros já tinham começado a beber, e não havia nada a fazer a não ser acompanhá-los.

Estava com um pouco de ressaca quando Bradley o acordou na manhã seguinte.

— Vamos lá — falou. — Vista alguma coisa, e vamos dar uma caminhada antes de os outros acordarem.

Anton ainda estava grogue quando eles saíram pela praia quase deserta. Mas foi bom ouvir o som das ondas, o grasnido das gaivotas. Mesmo com a névoa matinal, o Pacífico parecia bem diferente do Atlântico, com sua promessa de azul. Fosse o que fosse o que o futuro lhe reservava, Anton esperava que incluísse muitas viagens. Gostaria de conhecer todos os oceanos do mundo antes de completar quarenta anos.

Pensar no futuro fez Carine entrar em ebulição na superfície de seu cérebro. “Isso é o que Carine faz com o seu cérebro”, brincou consigo mesmo, observando a neblina, que parecia ter entrado em sua cabeça.

— Puxa, que maravilha! — exclamou Bradley, olhando Anton de soslaio. — Nem acredito que você está aqui!

— Nem eu. Você tá bem?

— Não dá para me queixar. Stanford é ótima. E você?

Anton suspirou.

— Tudo bem. Na verdade, não tão bem — emendou, reduzindo o passo. — Problemas com Carine.

— Qual é o problema? Na última vez em que estive lá, você não conseguia tirar os olhos dela. Nem as mãos.

— Ainda não consigo. — Anton apontou para uma escada de madeira que descia até a praia. — Vamos nos sentar?

— Então, o que está acontecendo? — perguntou Bradley quando eles se acomodaram, o rosto já avermelhado pelo sol do sul da Califórnia. — Você acabou de dizer que continua a fim dela, certo?

Anton tirou os tênis e sacudiu a areia dos pés.

— Não é isso, Brad. É que ela é meio maluca. Fala as coisas mais estranhas nos momentos menos apropriados.

— Tipo o quê?

— Tipo... — E Anton contou a Bradley a história do comportamento de Carine em Cape, notando a expressão chocada do amigo com um sorriso de satisfação.

— Uau! — exclamou Bradley quando Anton terminou. — Ela disse isso ao *Pappy*? Cara, é meio radical!

— Eu sei. E tudo com ela tem a ver com raça. Isso me deixa maluco. — Parou por um segundo, antes de disparar. — Por exemplo, ela disse que a

única razão por que você não... distingue a minha raça é porque eu sou invisível. Para você.

Bradley franziu o cenho.

— Isso é uma ofensa! — Olhou para Anton, fechando os olhos contra o sol. — Apesar de não saber qual de nós deveria se sentir ofendido. Nós dois, acho.

— Exatamente. E, quando eu disse que nós não pensamos dessa forma, ela zombou de mim. — Anton parou de repente, sentindo-se como um linguarudo de seis anos de idade, com medo de estar traindo Carine e pintando-a com cores mais fortes do que merecia.

— Vou falar uma coisa, cara, essas garotas negras tem fogo no rabo!

Anton se virou rapidamente. O tom de Bradley foi confidente, íntimo, distraído. Falou aquilo sobre mulheres negras como se não tivesse consciência de que falava com um negro. Droga! Carine tinha razão! Brad nem o considerava negro. Mas isso era uma coisa boa, não? “Quero dizer”, Anton argumentou consigo mesmo, “por que consideraria?” Os dois se conheciam há quase metade da vida. Tinham saído com garotas juntos, tiveram a primeira experiência sexual com uma diferença de dois meses um do outro, frequentaram o mesmo colégio, jogaram no time de hóquei da escola, saíram de férias juntos, escalaram montanhas. Que diabos, ele e Brad eram como um velho casal! Seria muito estranho se, de repente, Bradley se sentisse ciente da negritude dele.

Maldita Carine! Estava mexendo com sua cabeça. Se não a tivesse conhecido, jamais teria notado o que Bradley dissera, teria rido e caçoado dele perguntando quantas garotas negras ele conhecia e se seu conhecimento era em primeira mão. Era isso que o deixava maluco com Carine — como conseguia transformar uma coisa bonita e inocente em algo sinistro. Carine era uma pessoa torturada, era isso, e, como a maioria das pessoas torturadas, ela arrastava quem estivesse por perto.

— Ei, cabeção! — disse Bradley. — Você não ficou puto com o que eu falei, ficou?

Anton virou-se para Bradley; era o primeiro comentário específico sobre raça que tinha ouvido o amigo emitir. Esfregou os incipientes fios de barba do rosto, sem saber o que responder.

— Só estou dizendo que eu não estava fazendo nenhum comentário específico sobre a bunda da Carine — continuou Bradley, com um sorriso

maroto nos lábios. — Apesar de ela ter uma bunda monumental.

O alívio que Anton sentiu foi palpável. Como resposta, deu uma gravata em Bradley.

— Qual é o seu problema, seu panaca? — falou. — Faz tempo que não dá uma bimbada?

Bradley se desvencilhou da gravata. Enterrou os dedos dos pés na areia e perguntou:

— Agora falando sério. O que você vai fazer? Quero dizer, você ainda ama Carine, não?

Anton olhou para o mar, refletindo sobre a pergunta de Bradley.

— Eu sou louco por ela — respondeu afinal. — Por diversas razões, acho que é a pessoa mais incrível que já conheci. Quero dizer, ela é generosa e leal, engraçada e de uma inteligência mordaz. E tem um coração de ouro.

— E qual é o problema?

— O problema — começou a dizer Anton lentamente — é que eu não sei se consigo viver com ela. É cansativo. É como... Ela quer que eu seja uma pessoa melhor do que sou. — Olhou para Bradley, franzindo o cenho. — Você me conhece bem, Brad. Sabe que eu gosto da minha zona de conforto. Eu sou... basicamente, um sujeito tranquilo e feliz, certo?

Bradley fez uma careta.

— Se você fosse um pouco mais folgado, já estaria morando no Havaí.

— Pois é, mas nada é fácil com Carine. Ela é intensa demais, cara. É como se quisesse mudar o mundo *instantaneamente*. Todos os dias, cacete!

Bradley concordou com a cabeça. Os dois ficaram em silêncio, ouvindo o mar, e, quando o sol foi ficando mais forte, tiraram a camisa, curtindo o calor nas costas.

— Isso é o que nós definimos... — disse Bradley afinal, imitando o professor de estudos sociais dos dois na oitava série.

— ... como um enigma clássico — concluíram os dois em uníssono.

E era exatamente o que era. Anton se sentiu jovem, inexperiente e perdido. Tinha vindo à Califórnia com a esperança de que Bradley dissesse alguma coisa que o ajudasse a tomar uma decisão, mas esta era a questão: Bradley era tão jovem quanto ele. Anton gostaria de falar com o pai, mas como David poderia entender o que estava sentindo quando nem ele mesmo sabia o que Bradley via quando olhava para ele? O que Bradley e

todos os outros viam quando olhavam para ele: o negro mais branco do mundo? Ou o branco mais negro? Qual dos dois ele era? Qual deles queria ser?

Sem aviso, os pensamentos de Anton se concentraram em sua mãe biológica. Talvez ela pudesse ter ajudado a resolver esse enigma. Logo depois, ironizou a própria irracionalidade. Se ela tivesse sido uma mãe para ele, Anton não se encontraria naquela situação. De fato, Anton só tinha dois amigos negros em Harvard. E, se formulasse essa pergunta, eles o olhariam com desprezo ou, pior, sem entender.

Soltou um gemido ao sentir uma dor aguda na lateral do corpo. Bradley tinha cutucado suas costelas e dava risada de sua expressão indignada.

— Cara, essa garota tá mexendo com a sua cabeça! Eu nunca vi você confuso desse jeito.

— Eu não estou confuso.

— Diga isso para a sua cara no espelho. — Bradley se levantou, estalando a camisa em Anton. — Ah, chega dessa merda! Vamos apostar uma corrida até a casa. E comer panqueca com bacon no café da manhã.

Uma semana depois, ele e Bradley dividiram um táxi até o aeroporto para embarcar em seus respectivos voos. Por sorte, as filas para passar pela segurança estavam pequenas, e os dois resolveram fazer um lanche rápido antes de seguir para os portões de embarque.

Flertaram com a garçonete, uma mulher de cabelo escuro na casa dos trinta anos que dizia ser surfista, e deixaram uma generosa gorjeta. Depois, ficaram parados, sorrindo um para o outro.

— Foi uma semana e tanto, hein? — comentou Bradley.

— Foi ótima. Eu estava precisando. Obrigado por me deixar participar na última hora.

— Disponha. Bom. A gente se vê em casa daqui a algumas semanas. Meu pai disse que a festa de Ano-Novo vai ser na sua casa.

— Vai ser legal.

Os dois se abraçaram. Anton pegou sua mochila, mas Bradley ficou parado.

— Ei! — falou. — Não vai ficar encucando esse negócio com Carine. A coisa acaba se resolvendo sozinha.

Anton fez uma careta.

— É, bem, vamos ver.

Bradley olhou bem para o amigo.

— Quando chegar a hora do rompimento, *se* chegar, você vai saber.

— Como?

— Você vai saber.

Anton ria sozinho enquanto se dirigia ao portão de embarque. Então foi por isso que gastou quase quinhentos dólares para ir à Califórnia: para ouvir Bradley falar como Yoda. Bem, uma coisa estava clara. Ainda não tinha chegado a hora. A única coisa que sabia era que, depois de uma semana na Califórnia, estava com o maior tesão por Carine.

CAPÍTULO 22

NO FIM, foi um homem branco que se interpôs entre os dois e causou a separação. O nome dele era Henry David Thoreau.

Durante os quatro anos que esteve em Harvard, Anton fez uma peregrinação anual ao lago Walden. Descobrira os textos de Thoreau aos dezesseis anos, e aquilo abriu um novo mundo para ele. Sentiu uma ligação imediata, quase mística, com um homem com quem não tinha quase nada em comum — nem raça, nem cultura, nem mesmo o século. Foi Thoreau quem apresentou a Anton a ideia de que viver uma vida de princípios significava tanto o que se faz quanto o que não se faz. Que o que rejeitamos em nós nos define tanto quanto o que aceitamos. Logo no início do curso médio, Anton escreveu um ensaio premiado comparando a *Resistência ao governo civil* de Thoreau à *Carta de uma prisão de Birmingham*, de Martin Luther King. Foi Thoreau quem o levou a se formar em inglês; ele nunca mencionou ao pai ou a Pappy que Thoreau era a verdadeira razão de ter escolhido Harvard.

Sua primeira visita ao lago Walden foi aos dezessete anos. Ele e David foram até lá de carro e passaram o dia caminhando pelas florestas ao redor, descansando perto do lago, lendo textos de Thoreau em voz alta. Trocaram poucas palavras, mas, quando voltaram ao automóvel naquela noite, David pôs o braço ao redor dos ombros do filho, e Anton sentiu o peito estufar de amor e gratidão pelo pai.

Os motivos que levaram Anton a convidar Carine para visitar o lago Walden na primavera de seu último ano em Harvard não eram claros para ele. Tinha passado o ano atormentado sobre o que fazer a respeito da relação com Carine. As razões de estar com ela eram elementares, primais, além de possíveis articulações. Suas razões para romper com ela eram intelectuais. E o cabo de guerra entre a cabeça e o coração o dividia todos os dias, cada vez com um pouco mais de força.

Era um dia frio de março, com um céu amplo e dramático. Os bosques estalavam em sinal de protesto quando os dois pisavam nos gravetos e

folhas mortas. Muitos galhos de árvores estavam incrustados de gelo. Carine precisava parar a cada minuto para assoar o nariz.

— E o que você fazia quando vinha aqui sozinho todos esses anos?

Anton olhou para ela, surpreso.

— Exatamente o que estamos fazendo.

— Só isso? A mesma coisa todos os anos?

— É.

Carine não disse mais nada, porém era óbvio que não entendia. Anton disse a si mesmo que estava tudo bem, que aquilo não era um problema. Mas era. Alguma coisa pura e real se passara com ele ao ler *Walden* aos dezesseis anos. Lembrava-se bem daquele momento egoísta de autodescoberta, de encontrar alguma coisa com que se identificava. Até aquele ponto, tudo na vida dele tinha sido emprestado. O quarto de dormir fora emprestado de um garoto morto, assim como os pais dele. Seu melhor amigo era uma espécie de herança, na medida em que o pai de Bradley e o dele eram melhores amigos. As roupas do corpo e os sapatos nos pés foram dados de presente. Onde estivesse, fosse qual fosse a expressão que pudesse desenvolver, qualquer tom em que aprendesse a cantar tinham sido perdidos, emudecidos, surrupiados dele. Em plena luz do dia, no meio da tarde, Anton fora tirado de casa, extraído da própria vida e transplantado para outra. Sem nem ao menos saber, sempre estivera lutando contra uma película de inautenticidade que o revestia. Garoto negro numa escola de brancos. Garoto negro com pele clara e olhos amarelados que parecia vagamente estrangeiro, exilado entre pessoas que apreciavam sua aparência. Garoto negro que se vestia tão bem que qualquer ocasional pessoa negra que encontrasse no bairro de ricos onde morava — empregadas, zeladores, jardineiros — o olhava com ar intrigado, tentando resolver o enigma que o envolvia. Não, nada na vida de Anton lhe pertencia até ele ter seu exemplar de *Walden*. Foi aí que teve a impressão de que o livro lhe conferira uma nova linhagem, de um homem puro, corajoso e autossuficiente, que só precisava de si mesmo e da natureza como companhia e confirmação. Um homem que ocupava a própria pele de maneira integral e confortável, um homem que jamais precisara fazer a si mesmo a pergunta mortal e incognoscível: “Quem sou eu?”.

Era particular, essa obsessão por Thoreau era tão pessoal que Anton nunca a compartilhou com Carine ou com qualquer outra pessoa além do

pai. Então, por que deveria se incomodar de Carine não perceber que ele estava lhe dando um presente, sua própria alma, quando a convidou a ir lá? Por que deveria se incomodar com sua tagarelice no caminho de volta a Cambridge, sobre como Thoreau havia influenciado Gandhi na Índia e Martin Luther King nos Estados Unidos — fatos banais que qualquer colegial sabia mas que ela vinha lendo num panfleto que pegou na cidade de Concord?

Os dois comeram hambúrgueres no carro no caminho de volta, mas resolveram tomar um café numa Dunkin' Donuts quando chegaram a Cambridge. Anton pôs a xícara dela à sua frente, e Carine tomou alguns goles antes de dizer:

— Foi um lindo dia. Muito obrigada.

Aquelas palavras o comoveram, justamente por serem inesperadas. Naquele momento, Anton se sentiu mais próximo de Carine do que nos últimos meses. Olhou para ela com a gratidão que se sente quando se dá um presente que é apreciado.

— É mesmo? Você gostou?

Carine pareceu confusa.

— É claro. É tão bom sair da cidade de vez em quando... Eu fico cansada de ficar em Cambridge o tempo todo. — Abriu um sorriso. — E foi maravilhoso passar esse tempo com você.

Ele retribuiu o sorriso, mas sentiu o coração pesado. Era isso que o dia tinha sido para ela: uma excursão. Eles poderiam ter ido ao aquário de Boston, e não teria feito diferença nenhuma. Para ela, a viagem foi um piquenique, não uma peregrinação.

Anton já tinha sentido muitas emoções em relação a Carine — raiva, frustração, êxtase, alegria —, mas nunca se sentira sozinho. Sentiu-se sozinho por ter oferecido a ela a parte mais verdadeira e pura de si mesmo e ela não perceber.

Discutia consigo mesmo sobre a injustiça daquele pensamento quando ela falou:

— Adivinha quanto tempo Thoreau passou na prisão por desobediência civil?

Anton deu de ombros, irritado.

— Não sei. Algumas semanas?

Carine olhou para ele, com um brilho nos olhos.

— Uma noite. Só uma noite.

— Certo.

— Adivinha quanto tempo Martin Luther King passou na prisão por desobediência civil?

Anton percebeu a armadilha tarde demais. Quando falou, sua voz soou fria:

— Não sei. E realmente não me interessa.

— Oito dias só na prisão de Birmingham. E muito mais tempo antes e depois.

— E o que isso prova, Carine?

Ela deu de ombros.

— Nada. Só mostra parte de uma tendência, certo? Num país onde um terço dos homens negros está cumprindo sentença, por que seria diferente com King?

— Eu achei que a gente estava falando de Thoreau.

Carine apoiou os braços na mesa e se debruçou.

— Thoreau é teoria, querido. Martin é a prática.

— Entendi. — E nesse momento ele enxergou claramente, viu diante de si intermináveis anos de discussões e falta de comunicação. Sentiu uma súbita sensação de libertação, como se o último fio que o ligava a Carine tivesse rompido.

— É só isso que você tem a dizer? “Entendi”?

Anton tomou o resto de seu café e levantou-se da cadeira.

— Só isso. — Fingiu um bocejo. — Você já acabou? Eu vou ter um longo dia amanhã.

Nenhum dos dois falou muito enquanto Anton a acompanhou até o apartamento dela. Ele se sentia encapsulado num silêncio branco e frio. Mas, dentro desse silêncio, impenetrável à voz de Carine ou às buzinas dos automóveis e às vozes erráticas dos passantes, seus pensamentos eram cortantes e letais como pingentes de gelo. Deu uma olhada para Carine durante o trajeto e, pela primeira vez, não a achou bonita. A beleza que o havia deslumbrado e cegado desmoronou, como se ele tivesse tomado uma poção de um conto de fadas, e Anton se viu ao lado de uma garota negra normal, que escondia suas inseguranças atrás de uma fachada de bravatas e radicalismos. “Seu radicalismo é falso”, pensou, “porque a impede de ver o mundo, cegando-a aos seus encantos e mistérios.” Mesmo seu

intelectualismo era suspeito, por ser circular, sempre perseguindo o próprio rabo, não implicando uma mente aberta ou uma sondagem distanciada. Menosprezar Thoreau por ter passado somente uma noite na prisão era como ver as árvores sem enxergar a floresta.

— Você vai entrar? — perguntou Carine quando chegaram à porta do prédio.

Anton hesitou. Seria mais fácil dizer o que tinha a dizer na casa dela? Mas, depois, sentiu seu olhar, viu a incerteza em seus olhos e percebeu que Carine desconfiava de alguma coisa. As palavras de Brad voltaram à sua cabeça, só que já não soavam como frases escritas num biscoito da sorte chinês. Agora soavam como sabedoria antiga. *Quando chegar a hora do rompimento, você vai saber.*

— Carine — falou Anton, e a palavra devia ter transmitido mais do que ele percebeu; um lamento meigo, um delicado constrangimento, pois os olhos dela marejaram, e ela começou a se afastar. Mesmo assim, forçou-se a continuar: — Sinto muito. Isso não está funcionando para mim.

— Eu sei. — Enxugou as lágrimas com tanta força que Anton quis segurar a mão dela para fazê-la parar.

O vento agitou as folhas mortas aos pés deles, e Anton estremeceu um pouco com o frio da noite, com o gelo mortal que penetrou em seu corpo. Seria difícil desistir daquela garota impetuosa, perdida e precipitada, com sua boca desmesurada, suas opiniões radicais e seu coração magoado. Naquele momento, Anton a amou mais do que nunca.

Mas, logo depois, pensou no lago Walden e na solidão que sentiu na primeira vez em que esteve lá sozinho. *Quando chegar a hora, você vai saber.* Ele sabia. O momento havia chegado, dois meses antes da formatura; *agora*, antes que tomassem decisões motivadas por sentimentalismo ou inércia que unissem o futuro dos dois; *agora*, antes de desperdiçarem a próxima década de suas vidas tentando misturar óleo com água.

Carine olhou para Anton, e ele fechou os olhos, preparando-se para uma torrente de insultos e recriminações verbais. Ficou surpreso ao sentir os dedos dela acariciando seu rosto.

— Tchau, Anton — ouviu-a murmurar. — Espero que encontre o que está procurando.

Anton manteve os olhos fechados. O mundo parecia mais seguro daquela maneira, no escuro. Quando, afinal, abriu os olhos, a porta tinha se fechado, e Carine não estava mais lá.

CAPÍTULO 23

ANTON VOLTOU PARA CASA um dia depois da formatura, evitando a possibilidade de encontrar Carine ou qualquer amigo dela. Sabia que iria voltar no outono para ingressar na Escola de Direito de Harvard, mas ela já teria partido para a Geórgia, e ele não teria de ficar tenso cada vez que entrasse no Coop, na livraria ou em qualquer outro lugar que costumavam frequentar.

Carine tinha enviado um longo e-mail uma semana antes da formatura, falando sobre seus planos futuros — que iria tirar um período de folga antes de começar suas aulas de relações internacionais em algum lugar do Sul — e propondo que continuassem em contato. Incluiu o número do telefone da casa dos pais, algo que nunca havia entregado a Anton. Disse também que os pais estariam na cidade para a formatura, e será que ele “gostaria de tomar um café da manhã com eles?”. Anton achou aquilo curioso e, depois de pensar um pouco, ligeiramente ofensivo, já que Carine não fizera nenhuma tentativa anterior de convidá-lo para conhecer seus pais. Mas o trecho do e-mail que o fez rir foi o epílogo. Dizia: “Por favor, mande um alô ao seu pessoal. Gostei muito dos momentos que passei com eles”.

Seria mesmo possível que duas pessoas pudessem ver o mundo de formas tão diferentes? Será que todo mundo agia como aqueles cegos, cada um descrevendo uma parte diferente do elefante? Anton rastreou a desintegração da relação até aquele desastroso fim de semana de Ação de Graças em Cape. Seria possível que Carine tivesse visto aquilo de outro modo? Lembrou-se vagamente de algo que ela dissera sobre como discussões e debates políticos faziam parte da vida da sua família. Na época, Anton ouviu aquela afirmação como um desafio e uma aguilhada. Mas e se não fosse esse o sentido do que ela disse? E se Carine, filha de pai africano, visse o debate como uma forma de reivindicar seu americanismo?

Droga. Essa era precisamente a razão de ele ter rompido a relação, aquela lógica distorcida, aquele jeito enlouquecedor que Carine tinha de bagunçar a cabeça dele. Não fora fruto de sua imaginação a indelicadeza dela naquele dia, nem o alívio dos pais quando Anton contara, na semana anterior, que não estava mais com Carine. A mãe dele, que raramente se referia a qualquer um com animosidade, tinha chegado a dizer:

— Bem, houve ali um grau de hostilidade que foi... desnecessário.

Anton passou metade do dia formulando na cabeça uma resposta ao e-mail de Carine. Mas, depois, pensou melhor. Toda a beleza de estar rompido com alguém era não precisar responder.

Ainda assim, só quando já estava no avião, no aeroporto de Logan com os pais, no dia seguinte à formatura, que Anton conseguiu relaxar. Nunca mais veria Carine. Mas, em vez de cortar como uma navalha sem fio, o pensamento tranquilizou-o.

Olhou pela janela do avião. Boston parecia azul, ensolarada e distante, mais ou menos como o futuro que o esperava. A escola de direito seria um desafio, mas ele estava à altura. Seus pais ficaram em êxtase quando ele foi admitido. David mais ainda, pois o filho estaria mais uma vez seguindo seus passos. E, assim como David décadas antes, Anton tinha se formado *summa cum laude* pela Universidade de Harvard.

Anton recostou-se no assento do avião e bocejou. Não tinha nenhum plano para o verão a não ser sair com Bradley e amigos, ir pescar, nadar no lago e jogar futebol. Em algum momento, iria até Cape passar alguns dias sozinho com Pappy. Ou talvez Pappy viesse visitá-los; aparentemente, tio Connor vinha arquitetando um evento político com a presença de três gerações dos Coleman.

— Está contente em voltar para casa? — perguntou Delores do outro lado do corredor.

Anton sorriu.

— Mais do que poderia expressar.

LIVRO TRÊS
NOVEMBRO DE 2012

CAPÍTULO 24

ANTON COLEMAN postou-se diante do microfone, ofuscado pelo flash das câmeras. Um filete de suor escorria pelo seu rosto. Fazia calor sob os holofotes. Pelo canto dos olhos, podia ver os pais na coxia, os Watts do sorriso de David brilhando mais do que as luzes do palco. Tentou pensar, mas era impossível, pois seus pensamentos se emaranhavam com o cântico roufenho da multidão repetindo seu sobrenome vezes sem conta. Anton abriu um sorriso cheio de dentes, e os brados ficaram ainda mais altos. Passou os dedos pelo cabelo com um gesto nervoso e lançou um olhar de súplica ao tio Connor, de pé no fundo do palco, fazendo eco à multidão que aplaudia. Durante os trinta segundos seguintes, o som da comemoração se misturou com as vozes dos monitores na plateia pedindo silêncio.

— Muito obrigado — disse Anton. — Obrigado. Obrigado. Por favor. — Fez um gesto com a mão, ao mesmo tempo apaziguador e de comando, pedindo que voltassem aos seus lugares. — Puxa! — falou quando a multidão ficou em silêncio. — Que noite! Amigos, esta noite nós fizemos história! — Com isso, todos voltaram a se levantar, batendo os pés, aplaudindo e apupando no salão de baile do Hilton.

Anton virou-se ligeiramente para a direita, onde o pai se encontrava, fora da sua linha de visão. David golpeava o ar com os dois punhos, parecendo mais feliz do que em qualquer noite de eleição que Anton conseguia lembrar. Anton riu espontaneamente, um riso diferente dos sorrisos levemente tensos e dos esgares com que tinha saudado seus correligionários ao entrar no salão poucos minutos atrás. Tinha sido ideia de David que Anton agradecesse e saudasse pessoalmente no palco todos os voluntários da campanha, antes de fazer seu discurso de aceitação, e, embora Anton tivesse concordado de imediato, essas interações nunca eram fáceis para ele. Diferentemente do pai, que acabara adorando de forma autêntica apertar a mão de eleitores, Anton era um caxias, concentrado no que desejava realizar assim que assumisse o gabinete da

Procuradoria-Geral. A eleição fora simplesmente um meio para atingir um fim. Durante toda a campanha, Anton esteve ciente de uma crítica interna que o ironizava ligeiramente quando tentava fazer papel de político. Afinal, tinha crescido na era da postura maneira de Barack Obama e do tino afiado de Jon Stewart, e aquela crítica interna parecia ter se alojado de modo permanente em seu corpo.

Mas uma coisa sobre a qual ele não tinha dúvidas era sua determinação de limpar o gabinete da Procuradoria-Geral.

Tirou seu discurso do bolso, preparado com todo o cuidado, e limpou a garganta. Tinha ensaiado seu pronunciamento da vitória tantas vezes que já o conhecia de cor. Começava agradecendo aos pais e repetindo que o estado que representava fizera história ao eleger a primeira equipe de pai e filho para o governo e a Procuradoria-Geral. Em seguida, entraria na relação de desafios que teriam pela frente.

Afinal, todos ficaram em silêncio, esperando. Anton abriu a boca para falar e percebeu que não conseguia. De repente, a grandiosidade da ocasião o surpreendeu: tinha se formado em direito poucos anos antes, trabalhado pouco tempo como advogado e logo assumido o cargo de promotor público federal. E lá estava, o mais jovem procurador-geral do estado. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ele mastigou o lábio inferior, tentando recuperar a compostura. Olhou ao redor do grande salão, os olhos procurando a única pessoa que sabia que não estaria ali — Pappy. Que triunfo aquela noite seria para ele! Mas Pappy tinha morrido nove meses antes, vítima de um derrame brutal.

Anton olhou para a multidão e começou de novo:

— Há uma pessoa ausente esta noite, que deveria estar aqui. — É o meu avô, o senador Harold Coleman. — Lançou um olhar para o teto, como que esperando encontrar o velho lá em cima, e esmurrou o ar. — Pappy, esta noite é dedicada a você.

A multidão vibrou. Connor ergueu os polegares em sinal de aprovação, como se aquilo fizesse parte das declarações ensaiadas. Anton desviou o olhar, um tanto aborrecido. Essa era a questão com políticos e seus manipuladores — tudo era um jogo, tudo era bucha de canhão, nada era deixado ao acaso ou à espontaneidade. Mas logo se lembrou de como estava atrás nas pesquisas, pouco antes de Pappy falecer. As próprias pesquisas da equipe mostravam que os eleitores o consideravam

inexperiente e jovem demais, desconfiavam de que estava assumindo o cargo na esteira do pai. No dia seguinte ao enterro de Pappy, Connor publicou na imprensa uma foto de Anton ao lado do túmulo do avô. Sua expressão era de pesar, pensativa e, da maneira como o sol da tarde iluminava seus cabelos por trás, acabou conferindo a Anton uma aparência etérea. Sua namorada, Jenny, pousava levemente a mão enluvada sobre o ombro dele para consolá-lo. Era um momento particular, íntimo e intenso, e, de alguma forma, o fato de a imagem ter se difundido pela internet tornou-o menos íntimo. Anton ficou furioso por Connor ter divulgado a imagem, David se mostrou filosófico, o próprio Connor silenciou ante os protestos de Anton. Mas uma pesquisa divulgada na semana seguinte o mostrou na liderança pela primeira vez, uma liderança que nunca mais perdeu. Connor lhe havia ensinado o mais antigo axioma da política: jogar sua carta mais fraca. Não apenas Connor jogou com as apreensões do público a respeito de dinastias políticas como também dobrou a aposta. Não tentou esconder a família de Anton, preferiu exibi-la, lembrando a todos os muitos anos de serviços do senador ao estado. Depois, pediu que dessem uma oportunidade ao seu neto — havia muito Connor tinha eliminado a palavra “adotado” da relação de Anton com a família — para continuar uma tradição de serviços prestados.

Por isso era compreensível que tio Connor pensasse que a referência a Pappy fosse aproveitada. Que seja. Anton consultou suas anotações e continuou:

— Todos sabemos por que vocês estão aqui na verdade. O governador vai falar em poucos instantes. — Esperou os aplausos diminuírem antes de se virar para Delores e David, que esperavam na coxia. — Mamãe e papai, eu amo vocês. — Suas palavras ecoaram pelo salão cavernoso. Fez uma pausa de um segundo e lançou a fala da noite de que a multidão iria gostar: — E, Jenny, obrigado por me aguentar neste último ano, enquanto eu viajava de uma ponta a outra deste poderoso estado. Eu não teria conseguido sem você. — Como esperava, o pessoal que trabalhou na campanha enlouqueceu. Começaram os chamados “Queremos Jenny, queremos Jenny!”, e Jenny levantou-se de seu lugar na primeira fila, virou-se e acenou para a multidão. Jogou um beijinho a Anton, e ele sorriu.

No momento em que ia encerrando seu discurso de vitória, a camisa de Anton estava empapada de suor, mas ele não se importava, empolgado com

o entusiasmo da multidão vibrando a cada vacilante proposta, como se ele tivesse feito um gol. Sua essência solitária, que se revelava sempre que se dirigia ao público, não havia se mostrado naquela noite, e sentiu-se grato por isso, desejando desfrutar do momento.

— Então, vamos chamar o governador do nosso grande estado, David H. Coleman! — bradou, e o murmúrio da multidão se elevou num clamor ensurdecedor.

David entrou no palco sorrindo de orelha a orelha, envolvendo Anton num abraço de urso que quase tirou o jovem do chão.

— Puxa, pai! — cochichou Anton, mas o microfone captou as palavras, e a multidão adorou. Depois de um longo tempo olhando para o filho com orgulho, um momento em que Anton ficou com o corpo todo arrepiado, David afinal pegou o microfone.

— Amigos! — vociferou, abrindo bem os braços —, obrigado por estarem aqui esta noite para comemorar o dia mais feliz e mais cheio de orgulho da minha vida.

Anton viu que Delores enxugava as lágrimas dos olhos. Ela percebeu que ele a olhava e deu uma piscada. O filho sorriu, olhou para o outro lado e, de repente, como sempre acontecia quando ele realizava alguma coisa — como quando foi nomeado como capitão da equipe de hóquei da escola, quando subiu ao palco segurando seu diploma do curso médio ou quando concluiu o curso de direito —, ele pensou *nela*. Onde estaria? Se ainda morasse no estado, ela ficaria sabendo de sua vitória naquela noite, certo? Certo? Mesmo que morasse na rua, na sarjeta, com certeza ficaria sabendo sobre o filho, o quarto homem mais poderoso do estado. Mas a quem ele estava enganando? O mais provável era que estivesse morta, ou fora de si, ou que tivesse tido tantos outros filhos que talvez houvesse esquecido que um dia tivera um filho chamado Anton.

Parte do desgosto e da raiva que sentiu devia ter se revelado em seu rosto, pois David olhou-o com uma expressão interrogativa. Anton se recuperou de imediato, bateu nas costas do pai e foi se sentar num banco que alguém gentilmente deixara ao lado do palco enquanto David fazia uma variação de seu discurso de praxe, que Anton conhecia tão bem que, às vezes, recitava-o para si mesmo como forma de pegar no sono depois de um longo dia na trilha da campanha. Assumiu sua postura de escuta — o polegar erguendo um pouco o lábio inferior, um leve franzido no rosto, a

cabeça anuindo a cada poucos segundos — e deixou seus pensamentos divagarem. Será que ela lia os jornais? Assistia à TV? Estaria tão alienada que não conseguia ligar os pontos e perceber que o procurador-geral Anton Coleman era o filho que havia descartado? Se estivesse viva e conseguisse perceber o que tinha jogado fora, Anton desejava que tivesse uma longa vida de arrependimentos.

— Aaaanton, eu amo você! — gritou uma correligionária, interrompendo o discurso de David e os devaneios de Anton, e, antes que eles pudessem reagir, uma voz de homem replicou:

— Jenny, eu amo você! — E a multidão começou a rir com aprovação quando outra voz feminina gritou:

— Jenny, eu também amo você!

David, sempre rápido e espirituoso, debruçou-se no microfone e falou:

— Bem, pessoal, acho que acabamos de provar que não somos o Alabama. — E o salão irrompeu em urros e assobios. Todos entenderam a referência do governador sobre ter assinado a lei legalizando o casamento gay no estado.

Jogando para a galera, David meio que se virou para olhar para o filho, com sua figura alta e magra levemente convulsionada pelo riso, e Anton sentiu-se compelido a levantar-se e acenar para o público. Os pensamentos sobre a mãe tinham meio que azedado seu estado de espírito, por isso seu sorriso foi um pouco tenso. Só os que o conheciam bem, como Jenny, por exemplo, sabiam quanto ele se sentia desconfortável com a admiração de estranhos. Anton não era um político nato, com uma insaciável necessidade de ser adorado por milhões. Mesmo assim, sentiu-se obrigado a agradar a plateia com um longo beijo nos lábios de Jenny quando ela, ao lado de Delores, finalmente se juntou aos homens no palco. Anton e Jenny eram namorados havia só onze meses, e as primeiras fissuras no relacionamento já começavam a aparecer, mas essa multidão de jovens correligionários não precisava saber disso. Por mais que ele quisesse se concentrar na lei e em estratégias, havia sempre o aspecto de showbiz na política no século XXI, e a história de como Anton tinha ministrado os primeiros socorros a Jenny depois de um acidente de esqui em New Hampshire havia chegado aos jornais. Aparentemente, alguém na pista de esqui o reconheceu, gravou um vídeo de Anton fazendo um torniquete para ela e o postou no YouTube. O fato de Jenny ser uma loira escultural

que dirigia uma empresa de tecnologia em ascensão no estado e de Anton ser o herdeiro de uma dinastia política rendeu uma boa notícia. Era quase inevitável que ele a convidasse para sair; foi quase inevitável que, algumas semanas depois, ela começasse a aparecer ao lado dele em importantes eventos políticos, com o sempre sorridente tio Connor ao lado.

Anton saiu do palco com os pais, descendo os degraus que levavam ao piso do salão de baile, com aquela voz conhecida soando em sua cabeça em tempo integral: “Lá vai ele, o jovem e dinâmico novo procurador-geral, descendo os degraus sem nem usar o corrimão”, e foi imediatamente assediado por correligionários. Parecia que cada um queria alguma coisa. Alguns apertavam sua mão, alguns posavam para fotos, outros batiam em suas costas, outros diziam exatamente o que ele deveria fazer no dia em que assumisse o cargo. Anton sorria, aquiescia, piscava, apertava mãos, abraçava, beijava. Na maior parte do tempo, manteve os olhos nas costas do pai, seguindo o caminho que David abria no grande salão até a porta.

Três horas mais tarde, estavam só os dois na pequena saleta que David mantinha ao lado de seu quarto no Palácio do Governo. Delores já tinha se deitado; Bradley se ofereceu para levar Jenny e o tio Connor para casa. E, na verdade, os dois também deveriam ir dormir, mas não paravam de sorrir um para o outro, não conseguiam deixar de recordar a campanha. David fora reeleito com sessenta e cinco por cento dos votos. Apesar de alguns sustos iniciais, foi uma campanha relativamente fácil para Anton, com seu caminho aplainado pelos muitos contatos do tio Connor, pelo entusiasmado apoio de David, pela grande manifestação de simpatia e boa vontade resultante da morte de Pappy e pelo fortuito resgate de Jenny. Anton admitia com pesar que, apesar de todos os seus esforços para basear sua campanha em temas relevantes, tudo acontecera por outros motivos que não esses temas. Também não tinha prejudicado o fato de a edição de setembro de *The Monthly*, a maior revista do estado, ter estampado sua fotografia na capa chamando-o de “O solteiro mais cobiçado do estado”. Bradley e outros amigos casados fizeram a festa com a manchete, mostrando-se implacáveis em suas gozações. David e Connor riram à socapa e logo elaboraram uma estratégia tendo como alvo o eleitorado feminino no dia da eleição. Somente Delores pareceu mostrar uma reação

diferente — ligou para Anton e perguntou o que estava esperando quando já tinha conhecido uma garota maravilhosa como Jenny, lembrando que ele já não era tão jovem.

— Então... — disse David, pegando um charuto e dando outro para o filho. — Como você se sente sendo eleito como um representante do povo?

Anton fingiu um estremecimento. Debruçou-se para o pai acender seu charuto.

— Bem, ser procurador-geral não é exatamente estar no pântano da política. — Abriu um sorriso. — É uma coisa... superior.

David deu uma longa tragada, observando o filho.

— Veremos, meu garoto, veremos.

Os dois riram, mas logo ficaram em silêncio, exaustos depois de um longo dia. David balançava sua cadeira, olhos fechados, um pequeno sorriso nos lábios. O charuto queimava na mão esquerda.

— Pai — disse Anton.

David abriu os olhos.

— Sim?

— Eu só queria dizer... obrigado.

— Não, meu caro Anton, sou eu quem deve agradecer. Não é comum um homem ter o prazer de viver um dia histórico como o de hoje. Você me deixou muito feliz.

— Pai. Mais uma coisa. — Anton hesitou, depois recomeçou: — Acho que devemos concordar em não discutir os casos da minha alçada fora do trabalho. Isto é, eu não quero tratar você de forma diferente do que trataria qualquer outro governador como meu superior hierárquico.

David fitou Anton com uma expressão neutra no rosto. Logo depois, sorriu.

— Concordo. E não esperava nada diferente de você.

Anton sabia que sua expressão de alívio ficara aparente.

— Bom acordo. — Olhou por um segundo para o chão e levantou a cabeça. — Eu quero dar aos eleitores exatamente o que prometi... o gabinete de Procuradoria-Geral mais limpo e ético de todos os tempos. — Tentou silenciar a voz que dizia dentro de sua cabeça: “Piegas, isso é simplesmente piegas”.

David anuiu.

— Sem dúvida. — Revirou os olhos. — Depois de tudo o que passamos, é o mínimo que se pode esperar. — Estava se referindo ao escândalo de corrupção envolvendo Peter Duke, o ex-procurador-geral. Peter, que havia ocupado o gabinete por mais de vinte anos, tinha decidido não concorrer à reeleição, pavimentando o caminho para Anton.

Ficaram ali mais algum tempo, até David esboçar um bocejo.

— Eu preciso dormir — murmurou. — Amanhã vai ser um longo dia. — Mas não fez menção de se levantar. Em vez disso, perguntou: — Por que Jenny não ficou até o fim?

Anton deu de ombros.

— Ela não quis.

— Está tudo bem entre vocês dois?

Anton deu de ombros mais uma vez.

— Não sei. Acho que sim.

— Sei. — David esperou um momento, e, quando falou, sua voz saiu moderada. — Você vai ter muito a fazer nas próximas semanas. Se acredita que a relação acabou, é melhor dizer a ela agora. Não acha?

Anton suspirou devagar.

— Mamãe gosta dela — disse distraidamente, acrescentando: — Tenho medo de que pareça que simplesmente a usei para a eleição. Você viu a multidão hoje à noite... eles a adoram.

David aquiesceu. Olhou para a janela escura e voltou-se para Anton.

— Se fosse aconselhar você como um colega político, eu concordaria. Para algumas pessoas, vai *parecer* que você a usou. Mas estou falando como seu pai. Uma coisa que aprendi sobre a política é que é preciso abrir um espaço que seja todo seu. Um lugar onde não deixe entrar nada da algaravia exterior. Se não fizer isso, estará acabado. Sabe o que estou querendo dizer?

— Não exatamente.

— O que estou dizendo é que não se pode deixar tudo por conta da política. Se fizer isso, vai acabar ficando sem alma, sem saber quem você é. Algumas coisas têm de pertencer só a você. Veja o meu exemplo. Quando eu... quando eu e Delores acolhemos você, Pappy esperava que um dia eu entrasse para a política. E ele ficou nervoso, sabe, que a notícia da adoção de um garoto como você percorresse este estado branco como um lírio. Ele me disse por telefone que era contra, que seria um suicídio político. Disse

que meus futuros oponentes fariam a festa com isso. — A voz de David falseou. — E eles fizeram isso. Ah, se fizeram, os safados!

— Pai...

— Não, tudo bem. Deixe eu terminar. Depois de alguns meses com você em casa, eu convidei Pappy para nos visitar. Ele veio e ficou uma semana. Não sei se você se lembra. Nós não discutimos sobre aquelas apreensões. Ele simplesmente acompanhou a nossa vida cotidiana. Levei-o para ver você jogar futebol numa tarde, disse eu me lembro. Depois, quando o levei até o aeroporto, perguntei se ele ainda achava que tinha sido uma má ideia ter adotado você. Se acreditava que ser governador ou senador algum dia me faria mais feliz do que ter adotado você. — David ficou em silêncio, um músculo do maxilar pulsando compulsivamente. — E Pappy não disse uma palavra. Mas, quando saímos do carro, Pappy se aproximou e disse que eu era uma pessoa melhor do que ele jamais seria. E foi assim que fiquei sabendo que ele tinha aprovado.

Anton não sabia o que considerava mais chocante: que Pappy tivesse sido contra ele numa época, ou que o pai pudesse se sentir tão afetado pela lembrança. Não era do feitio de David ser tão sentimental. Olhou para o pai com atenção e percebeu quanto parecia cansado. Observou os cabelos rarefeitos, a curvatura dos ombros e a palidez pouco saudável de sua pele. “Meu pai está envelhecendo”, pensou, e ficou assustado ao cogitar que o homem que sempre considerara invencível, extraordinariamente capaz, sempre o homem mais autoconfiante da sala pudesse estar mostrando os primeiros sinais de mortalidade.

Anton estendeu o braço e tocou no ombro de David.

— Já é tarde, pai — falou. — Você está cansado. Vamos dormir.

Mas David afastou a mão dele.

— O que estou tentando dizer... o que estou tentando *ensinar* é que você precisa se orientar por sua própria luz. Se você ama Jenny, case-se com ela. Se não ama, deixe que ela se vá. Mas, pelo amor de Deus, não a use. Ela é uma mulher, não uma mascote política. — David respirou fundo antes de se virar para Anton. — A decisão mais importante que tomará na sua vida, filho, é com quem irá se casar. Rezo para que encontre alguém que o faça feliz como Delores me fez.

Sem aviso prévio, uma imagem de Carine fazendo panquecas de amora para ele num domingo de manhã lampejou na cabeça de Anton. Tinha

falado com Carine sobre as famosas panquecas de Delores durante uma visita a uma feira rural de sábado, e no dia seguinte ela acordou cedo para preparar o café da manhã. Anton sacudiu a cabeça para descartar aquela lembrança.

— Não existe mulher tão boa quanto a mamãe — falou. — Ela é o máximo.

David sorriu.

— Quanto a isso, não há o que discutir.

Anton levantou-se e se espreguiçou. Forjou um falso bocejo.

— Meu Deus, eu estou cansado — disse.

Como era de esperar, David levantou-se imediatamente.

— Vamos dormir. O novo procurador-geral não pode enfrentar o mundo com o sono atrasado.

CAPÍTULO 25

ELES ESTAVAM NA CAPITAL do país, Anton e Katherine. Era bom estar fora do seu estado com ela, longe do escrutínio que em geral o perseguia. Mais cedo, naquele dia, Anton havia feito um belo e bem-recebido discurso na convenção nacional de promotores federais. Era uma honra ser convidado, mas foi ainda melhor reencontrar seus ex-colegas do Departamento de Justiça. Mesmo entre os ambiciosos e inteligentes homens e mulheres que compunham o corpo jurídico do governo, Anton tinha se destacado pela maneira sistemática com que combatia o crime de colarinho branco em seu estado. Na verdade, durante a campanha de 2012, ele tinha se baseado em seu bem-sucedido ataque ao esquema de lavagem de dinheiro envolvendo os cassinos locais — uma façanha que Eric Holder, o procurador-geral da República, havia mencionado em seu pronunciamento de abertura daquele dia.

Mas agora Anton estava de folga, e ele e Katherine já antecipavam o jantar no Tamarind, o novo restaurante indiano em Capitol Hill de que tanto tinham ouvido falar. Os dois namoravam havia poucos meses, mas Anton estava bem caído por ela. Eles se conheceram num evento de levantamento de fundos para a organização de direitos humanos onde ela trabalhava. Atraído por sua beleza, conseguiu o telefone dela antes de sair do evento naquela noite. O que o fez convidá-la para um segundo encontro e, depois, um terceiro foi o fato de, ao contrário de muitas das mulheres com quem tivera contato, Katherine não parecer nada impressionada pelo cargo dele ou pelo histórico de sua família. Isso e o fato de provocá-lo impiedosamente, murchando sua autoimportância e seu ego sempre que tinha uma chance. Única filha de uma família irlandesa com quatro filhos homens, Katherine estava acostumada a enfrentar as zombarias dos irmãos desde pequena e, como resultado, aprendera a usar os cotovelos. Anton a via como a mais intrigante combinação de feminilidade com uma firmeza quase masculina que já conhecera.

Era uma linda noite de maio, e os dois resolveram ir a pé até o restaurante. Katherine estava deslumbrante numa blusa preta e jeans justo, mas Anton olhou com desconfiança para as sandálias de salto alto.

— É uma caminhada de pelo menos sete quarteirões — falou. — Você acha que consegue andar com essas coisas?

— Fácil.

Anton achou graça, pegou na mão dela e sorriu para o porteiro quando saíram do hotel. Era uma noite amena, e o bairro pululava de casais jovens e dinâmicos passeando pela cidade, parecidos com eles, comemorando sua boa aparência e suas promissoras carreiras. Faziam parte da nova geração de empreendedores, e sabiam disso. Alguns, como Anton, eram de famílias tradicionais, preparados para o sucesso. Outros eram batalhadores que haviam fugido de cidades como Cleveland e Detroit e de fazendas de Iowa ou Nebraska, aproveitando-se da própria inteligência ou de uma ambição determinada. Não importava como tinham chegado até lá, na verdade o que importava era apenas o fato de terem conseguido chegar. Todos trabalhavam como escravos romanos durante o dia, em seus empregos na Casa Branca ou em Capitol Hill, ou como lobistas de empresas que formavam uma espécie de governo paralelo na cidade. Mas as noites eram deles, e todos saíam de seus minúsculos, porém bem-localizados, apartamentos ansiosos por entretenimento. Abastecidos com vinhos caros e as mais recentes cervejas artesanais, mastigando filés de gado de pasto e frangos orgânicos, compartilhavam as últimas fofocas, notícias de Capitol Hill, informações de cocheira sobre escândalos sexuais ainda não divulgados e discutiam sobre acusações que logo sairiam nas primeiras páginas dos jornais. Achavam que eram felizes, que aqueles eram os melhores dias de sua vida e que eram suficientemente inteligentes para perceber isso. Quando voltassem para casa, em Cleveland ou Omaha, para passar os feriados, se fossem indagados por um tio mecânico ou um primo fazendeiro sobre o que exatamente *faziam* ali e não tivessem uma resposta, considerariam que a culpa era do parente, e não deles. Ou poderiam tentar explicar que a era do *fazer* estava acabada, que automóveis, brinquedos e maquinário podiam ser manufaturados *no exterior* por uma fração do custo, que agora tudo se resumia à informação e estavam na vanguarda dessa nova era. Se o parente continuasse intrigado, eles se sentiriam um pouco irritados e, na primeira oportunidade que se apresentasse, mandariam uma

mensagem para um amigo em Washington: “Contando os dias para voltar pra casa”.

Anton desfrutava do anonimato de estar na cidade com sua garota, sentindo um relaxamento nos membros e no andar que raramente sentia em casa. Os dois tinham feito amor pouco antes de se vestirem para o jantar, e Anton ainda sentia o cheiro úmido de sexo no cabelo dela enquanto caminhavam. Soprava um vento quente, e ele ficou contente por ter feito reserva no pátio aberto do restaurante. No dia seguinte, visitariam alguns museus antes de se encontrarem com Andrea, uma amiga de Harvard que trabalhava na Galeria Nacional de Retratos, e o marido para jantar. Anton estivera extremamente atarefado durante as últimas semanas — o pessoal do Direito à Vida tinha ocorrido ao estado em massa depois de um tribunal federal de apelações ter decidido a favor de um hospital que queria desligar os aparelhos de um indigente que estava em coma havia seis anos — e precisava desse tempo de folga. Ademais, estava realmente gostando de conhecer melhor Katherine. As coisas andavam passionais e românticas entre eles, e na sua cidade era impossível passar um fim de semana inteiro longe do gabinete.

Ocuparam seus lugares assim que chegaram ao restaurante, onde o perfume de um arbusto de madressilva bafejava na direção deles. Pediram bebidas e relaxaram nas confortáveis cadeiras do pátio externo. Apesar de terem discutido se correriam o risco de pedir um martíni em um restaurante étnico, não ficaram desapontados.

Os dois sorriam um para o outro por sobre a mesa quando uma mulher de pouco mais de vinte anos se aproximou.

— Com licença — falou, e Anton olhou para ela. A algumas mesas de distância, pôde ver algumas amigas dando risadinhas da ousadia da moça.

— Sim?

— Você não é Anton Coleman? — perguntou.

Anton lançou um olhar rápido pedindo desculpas a Katherine antes de responder:

— Sim.

A jovem sorriu.

— Foi o que pensei. — Olhou para as amigas por cima do ombro. — Na verdade, nós... eu e minhas amigas fizemos uma aposta. Uma delas diz

que você foi considerado o homem mais sensual pela revista *People* no ano passado.

Anton estava acostumado com aquelas ocorrências, mas isso não as tornava menos constrangedoras.

— Antes fosse — respondeu brincando. — Mas acho que sua amiga está enganada.

— Ah! — A jovem ficou olhando para ele, enrubescida, sem saber como continuar a conversa. — Bem, acho que eles deveriam ter feito isso — falou, atropelando as palavras.

Anton ouviu Katherine engasgando, mas num tom baixo que talvez só ele tivesse ouvido. Levantou-se logo e estendeu a mão.

— Bem, obrigado pela intenção. Bom apetite.

— Ah. Tudo bem. Obrigada. — Ficou observando enquanto ela se afastava, de prontidão contra qualquer outra intrusão. Revirou os olhos quando voltou a se sentar.

— Elas estão um pouco bêbadas.

Katherine lançou um olhar divertido.

— Parece que as mulheres ficam desse jeito na sua presença.

Anton tentou descartar o comentário com uma risada.

— Ah, sai dessa! Você não pode me culpar por isso.

— Não, é claro que não. Só não sei se devo me sentir lisonjeada ou ofendida quando esses pequenos episódios acontecem sempre que estou com você em público.

Anton segurou na mão dela.

— Vamos esquecer isso, amor. É apenas uma colegial bobinha. Agora, onde estávamos?

— Estávamos nos cumprimentando por nossa decisão de pedir esses fabulosos martínis. — Ela olhou para o copo, já quase vazio, e Anton imediatamente fez sinal para o garçom pedindo mais uma rodada.

Começaram a refeição com a entrada característica do Tamarind, uma combinação de espinafre crocante com iogurte, que foi devorada em minutos.

— Uau! — exclamou Katherine. — Acho que estávamos com fome.

Anton olhou para ela, sabendo do que estava falando.

— Certas atividades me abrem o apetite.

Katherine deu risada.

— É. Não há nada errado com os seus apetites. Isso eu posso confirmar.

Anton debruçou-se para dar um beijo nela. Sentiu um leve gosto de cominho nos lábios dela.

— Você quer mais uma porção? — perguntou, apontando o prato vazio.

— Claro.

Comeram mais uma porção de entrada e pediram os pratos principais. Enquanto esperavam, Katherine consultou a opinião dele sobre uma violação de direitos humanos num caso em Ruanda em que trabalhava no momento. Ela sabia mais sobre leis relacionadas a direitos humanos do que Anton jamais saberia, mas ele gostava quando pedia sua opinião. Os cabelos avermelhados de Katherine caíam no rosto dela enquanto falava, e Anton resistia ao impulso de colocar aquela mecha no lugar.

O frango chiava na travessa quando foi servido, e os dois atacaram a comida em silêncio. Era outra coisa que Anton apreciava em Katherine. Ao contrário de muitas mulheres com quem já saíra, ela comia com o apetite de um homem, sem fingir nem disfarçar a fome por conta de um falso sentido de feminilidade. Quando terminaram, sentiram-se tentados a consultar o cardápio de sobremesas, apesar de jurarem não conseguir comer mais nada. Mas as sobremesas pareciam fabulosas, e eles decidiram dividir um *kulfi* de manga. Estavam aguardando a sobremesa quando o telefone de Anton tocou. Era Brad. Anton silenciou o toque.

— Tudo bem — disse sorrindo. — Eu ligo para ele amanhã.

— Pode atender. Eu não me incomodo.

— Não. Provavelmente ele quer saber como foi a palestra de hoje. — Anton abriu um sorriso voraz. — Além do mais, eu tenho outros planos para esta noite, que envolvem você.

Ela começou a rir. Além do pai dele, Katherine era a única pessoa que Anton conhecia que ria em silêncio. Anton considerava aquilo uma das coisas mais encantadoras do mundo.

O telefone vibrou de novo. Bom Deus! Era o tio Connor. Anton olhou para o relógio. Já passava das dez e meia. Que diabos? Será que todos tinham esquecido que ele estava fora da cidade? Resolveu ignorar a ligação.

— Sinto muito — disse. — Vou desligar o telefone, só por esta noite.

— Não precisa fazer isso.

— Preciso, sim. — Quando pegou o telefone, o aparelho voltou a vibrar. Tio Connor. Anton se sentiu meio inquieto. Eles estavam realmente insistentes. Alguma coisa estava acontecendo e, provavelmente, tinha a ver com o caso do Direito à Vida. Dublou um “desculpe” para Katherine e atendeu ao telefone. — Oi.

— Anton? Onde você está? Estamos tentando entrar em contato.

— Estou num restaurante em Washington. Vocês esqueceram que estou aqui?

— Não, claro que não, Anton. Escuta. Eu tenho más notícias, sinto muito.

— O que eles fizeram? Bombardearam o hospital?

— O quê? Quem?

— O pessoal do Direito à Vida. É sobre eles, não é?

— Como? Não. Não, esquece esse pessoal. É sobre... — A voz de Connor embargou. — Anton. Você precisa voltar. David teve um ataque cardíaco. Não parece ser coisa boa.

O coração de Anton palpitou tão forte que, por um momento, ele achou que também teria um ataque. Sentiu um branco nos pensamentos, como acontece numa tela de cinema quando o filme se rompe no rolo. Katherine fazia gestos de interrogação, perguntando alguma coisa, mas Anton não conseguia ouvir por causa do zumbido do próprio medo.

— Anton? Tudo bem com você, filho? Desculpe ter...

— Eu... — Tentou organizar os pensamentos e percebeu que não conseguia. — Onde está minha mãe? Como ela está?

— Ela está bem. Está com ele. Você precisa se acalmar, filho. Respire fundo e...

Finalmente, o pensamento apavorante que inchava dentro dele como uma bolha estourou na superfície, e ele perguntou:

— Meu pai está vivo? Diga a verdade, tio Connor! Eu consigo encarar.

— Seus olhos verteram lágrimas e ele olhou para a mesa, mas não antes de ver a expressão chocada de Katherine. — Por favor, não minta pra mim.

— Anton. Preste atenção. Ele está vivo. Eles estão tentando estabilizá-lo para fazer um cateterismo e avaliar a extensão dos danos ao músculo do coração. Entendeu? É grave, mas você conhece o seu pai. Ele é duro na queda. Está resistindo.

Talvez o alívio que sentiu tivesse diluído sua estupefação, pois Anton recuperou o juízo, sentindo-se alerta e concentrado. Acenou para o garçom pedindo a conta, fazendo uma pantomima para dizer que era urgente. Katherine já estava revirando a bolsa em busca do cartão de crédito, e Anton deixou que pagasse. Ouviu quando ela pediu ao garçom para chamar um táxi imediatamente e concordou com a cabeça.

— Onde ele está agora? — perguntou Anton ao telefone.

— No Metro-General. Por isso, fique sabendo que está em boas mãos.

Anton queria fazer mais umas mil perguntas, mas seria perda de tempo. Eles precisavam chegar depressa ao aeroporto. Mas então olhou para o relógio e viu que eram quase onze da noite. Será que ainda haveria um voo àquela hora da noite?

— Tio Connor — falou em tom urgente. — Você pode pedir para alguém verificar o horário do último voo? Podemos ir para o aeroporto direto daqui. — Levantou-se enquanto Katherine assinava o recibo do cartão de crédito. — Qual seria a melhor aposta, National ou Dulles?

— Não há partidas de Washington a essa hora. Eu já verifiquei. Mas escute uma coisa: nós temos um avião particular esperando você. Um dos amigos de Bradley ofereceu. Você precisa chegar ao aeroporto particular onde ele está. Pegue um pedaço de papel e anote o endereço.

Seis minutos depois, eles estavam num táxi atravessando a cidade. Katherine falava com o hotel pelo telefone, explicando a situação, pedindo que guardassem a bagagem até eles saberem o que fazer. Anton estava na espera com o pessoal do hospital, tentando falar com Delores, que se encontrava na UTI com o marido.

— Oi, querido — disse Delores, e a opacidade da voz dela provocou um arrepio na espinha de Anton. Lutou para conter as lágrimas que inundavam seus olhos.

— Oi, mãe — falou em voz baixa. — Como você está?

— Eu estou bem, querido — respondeu, mas Anton ouviu o tom de sua voz, não as palavras.

— Escute, eu estou a caminho de casa — disse. — Vai dar tudo certo, viu? Mãe? Eu garanto. Ele vai ficar bem.

No breve intervalo de silêncio, Anton pôde ouvir vozes ao fundo. Quando Delores falou, baixou o tom de voz:

— O médico disse que foi um ataque cardíaco intenso; que foi sorte seu pai estar no gabinete. Os paramédicos chegaram em minutos, sabe? Tiveram de usar choque três vezes.

Anton olhou pela janela do táxi, tentando controlar o medo que sentia.

— Então... eles deram algum prognóstico?

— Eles só vão saber depois do cateterismo. Mas para isso ele precisa estar estável.

Anton aquiesceu.

— Tudo bem, tudo bem. — “Respire”, disse a si mesmo. “Respire.” Mas a garganta apertava quando pensava no pai lutando para respirar, e não conseguia suportar o pensamento de estar obscenamente saudável enquanto o pai lutava pela vida. — Mãe, quando voltar à UTI, diga ao papai que vou estar aí em algumas horas. Certo? Diga isso a ele. — Fez uma pausa. — E diga que preciso do aconselhamento dele num caso que estou tratando. Que ele precisa estar bem em alguns dias para me ajudar. Você pode fazer isso?

— Ele não pode pensar em trabalho, Anton. Nem está consciente.

— Mãe, eu só quero que ele saiba que... nós não vamos desistir dele, certo? Você pode fazer isso, por favor? Confie em mim, tá?

— Como você quiser. Fique bem, querido. — Delores parecia enrijecida, estupefata. “É porque olhou para o outro lado do rio e viu a morte de novo na margem oposta”, pensou Anton.

Seria sua imaginação ou eles tinham apanhado o taxista mais lerdo de Washington? E será que estavam pegando todos os sinais vermelhos da cidade? Anton lutou contra a vontade de chutar o banco da frente, por pura frustração. Tirou uma nota de vinte dólares do bolso.

— Como eu disse, isso é uma emergência — explicou, inclinando-se para falar com o motorista. — Aqui está um extra para você pisar no acelerador.

O motorista virou de leve a cabeça.

— A multa por excesso de velocidade chega a mais de duzentos dólares, senhor — falou. — Se a polícia me parar, o senhor vai ter de acertar depois. — Isso não o impediu de aceitar o dinheiro, ainda que, até onde Anton percebeu, não houve diferença notável em sua maneira de dirigir.

O telefone tocou outra vez. Era Bradley dizendo que tinha acabado de chegar ao hospital, para não se preocupar, pois ficaria com Delores até ele chegar. Tio Connor já estava no hospital, informou Bradley.

— Obrigado, amigo — replicou Anton, pensando que nunca houvera uma ocasião em sua vida, triste ou comemorativa, em que não estivesse ao lado de Bradley. O que não daria para não ter de compartilhar isso com ele!

Virou-se para Katherine, que chegou mais perto.

— Eu sinto muito, amor — ela sussurrou, e Anton se sentiu contente por tê-la ao seu lado. Não conseguia se imaginar sozinho naquele táxi medonho, com um incenso queimando no painel e o taxista mais lento do mundo ao volante. Beijou distraidamente o cocuruto de Katherine enquanto observava as ruas desertas de Washington e pensava: “18 de maio de 2014. Vou me lembrar desta noite enquanto eu viver. É a coisa mais terrível que me aconteceu na vida até agora. Porque a pessoa que eu mais amo no mundo está doente e eu não estou junto dela”.

Era um pequeno avião particular, mas equipado com frigobar. O piloto, que parecia saber da situação, sugeriu que Anton tomasse alguma coisa forte. Ele sorriu e recusou. Tinha dividido uma garrafa de vinho com Katherine no jantar, e isso, junto com os dois martínis, já era suficiente. Sabia que seria uma longa noite no hospital e queria se manter lúcido.

Os tremores começaram assim que afivelaram os cintos de segurança e o avião começou a taxiar. Era como se naquele momento, quando não havia nada a fazer a não ser esperar sentado, o férreo controle com que comandava o próprio corpo até então comesse a falhar. “Deus, por favor, não deixe meu pai morrer!”, rezou. “Por favor! Por favor, não deixe! Eu preciso dele!” Katherine pegou na mão de Anton e ficou segurando-a no colo até o tremor passar, e ele sentiu uma profunda gratidão. Quis dizer isso a ela, mas percebeu que não conseguia falar sem perder totalmente o controle, por isso apenas apertou a mão dela e se virou para olhar pela janela. Washington parecia linda à noite, iluminada como um parque de diversões, mas Anton sabia que nunca mais voltaria lá sem se lembrar daquela noite terrível. Pappy tinha morrido havia quase dois anos, e ele ainda sentia muito a sua falta. Mas Pappy passara toda a sua vida como uma figura influente, ainda que distante. O pai tinha um papel maior do que qualquer outra pessoa em sua vida. Todas as lembranças felizes dos

seus anos de infância e adolescência ressurgiram. Como que num conto de fadas, o pai o havia tirado de um conjunto habitacional e o transformado num príncipe. Abrindo para Anton as portas de sua casa, da faculdade, de todo o seu estilo de vida e lhe dando seu sobrenome, que veio junto com duzentos anos de história familiar; era ele que franzia o cenho se alguém se referisse a Anton como filho adotado. “Anton é meu filho, ponto”, ele corrigia. E, se algum dia pediu alguma coisa em retorno, foi que Anton se casasse com uma mulher que o fizesse feliz, que encontrasse uma carreira de realizações, que frequentasse uma faculdade exigente e merecedora de seu intelecto. Na verdade, em todos aqueles anos juntos, o pai só fizera um pedido pessoal: a caminho de casa, depois de assinar os papéis de adoção, David tinha pedido para ser chamado de “pai”.

Foi um pedido singelo. Quando eles o adotaram, Anton se sentiu grato pela possibilidade de começar uma nova vida, e por isso foi fácil concordar. Começou a chamar Delores de “mãe” mais ou menos na mesma época. E viu o prazer que provocava nos dois como casal, aquela coisa simples da parte dele, e só isso fez com que percebesse a magnitude do amor que sentiam por ele. Anton passou a pertencer ao casal. Permanentemente. Nenhum policial de cara vermelha, nenhum generoso assistente social poderia jamais afastá-lo dos dois. Claro que ele sabia sobre James; alguém (embora não lembrasse quem) contou sobre o acidente automobilístico na noite da formatura, e aquilo fez Anton se sentir bem, muito bem, por ser capaz de amenizar a tristeza da vida dos dois. Não conseguia dizer o que era melhor — precisar deles ou ser necessário para eles —, mas, àquela altura, ele já conhecia a expressão “situação ganha-ganha”, e, por Deus, era exatamente isso!

Pegou o celular e ligou para Bradley.

— Oi — disse quando Bradley atendeu. — Devemos aterrissar logo, acho. Como ele está?

— No momento parece estabilizado, Anton. Tente não se preocupar muito. Os homens da Patrulha Estadual vão encontrar você no aeroporto. Eles têm ordens de trazer vocês direto para o hospital.

— Obrigado. — Anton começou a sentir câibras na mão e tirou-a do colo de Katherine. — E aí, o que aconteceu?

— Parece que ninguém sabe. Ele estava saindo de uma reunião com uma delegação estadual. Acompanhou todo mundo até a saída do

escritório e falou que Ashley podia ir embora. Disse que iria trabalhar mais uma ou duas horas antes de encerrar a noite. Graças a Deus, Ashley ainda não tinha saído, pois, cinco minutos depois, ela ouviu um baque alto e encontrou seu pai no chão.

— Então ele caiu? Sofreu algum outro ferimento?

— A mão direita tem um hematoma. Ele deve ter batido na mesa quando caiu. Mas eles não acham que haja sangramento cerebral ou qualquer coisa do gênero, graças a Deus!

— Graças a Deus! — repetiu Anton. Ouviu-se a voz do piloto. — Estamos prestes a aterrissar — disse Anton. — Eu ligo quando estiver no carro.

— Certo.

— Cuide da minha mãe até eu chegar.

Bradley deu uma risadinha baixa.

— Sua mãe já está cuidando dos parentes de outros pacientes na UTI. Ela é incontrolável, essa mulher.

Anton sorriu.

— Isso é bem ela.

— Ah, Anton? Antes de você chegar. A notícia já vazou para a mídia. Já tem alguns repórteres no saguão e provavelmente mais alguns a caminho. Eu disse aos homens da patrulha para acompanharem você até a entrada do hospital, mas talvez você prefira se esquivar quando já estiver dentro do prédio.

— Tudo bem. Obrigado pela dica. Vejo você logo mais.

— Não se eu vir você primeiro.

Bradley disse aquilo automaticamente, uma antiga brincadeira de infância. Anton se animou com aquela resposta conhecida e ritualizada numa noite em que tudo o mais parecia incerto e imprevisível.

CAPÍTULO 26

UTI. MAS O QUE SE VÊ ALI NA VERDADE? O invólucro de um homem, barba por fazer, subitamente velho e esquelético, de olhos baços. E o medo em seu semblante, um medo mascarado de sonolência, os olhos piscando num momento e fechados no instante seguinte. Os indecifráveis murmúrios induzidos pelas drogas, ao mesmo tempo erráticos e insistentes.

O coração foi projetado para ser partido, sim, mas partido por outras pessoas — por namoradas e esposas, até pelos filhos. O que fazer dessa traição da própria causa? Esse órgão vivo e vermelho, tão eficiente em sua elegância e em sua simples tarefa de bombear sangue, de repente gotejando sua substância vital, com seu circuito elétrico enlouquecido. Fibrilação ventricular. O coração estremece, e, de um instante para outro, você deixa de ser o homem mais poderoso do estado para ser um ancião mantido vivo por máquinas.

Uma boa coisa em estar na UTI foi mitigar o medo de Anton, substituindo-o por uma raiva clara e oxigenada. “Levante-se!”, queria dizer ao pai. “É uma barbicha, isso no seu rosto? É baba isso no seu queixo? Você quer que as pessoas o vejam assim, deitado de bunda de fora, usando um estúpido avental hospitalar com esses tubos ligados ao peito? Pai. *Pai*. Lembra quando percorremos a trilha dos Apalaches durante duas semanas quando eu fiz vinte e três anos? Quando me levou para praticar parapente na Flórida? Daquela noite, no barco de Pappy, quando desabou uma tempestade no Atlântico e você ficou cantando velhas canções folclóricas irlandesas no leme enquanto, destemido, nos conduzia de volta para casa? Ou da noite em Madri, quando todo o nosso dinheiro estava na sua carteira e nós fomos assaltados? Nem assim você entrou em pânico, simplesmente traçou o caminho de volta ao hotel com toda a calma. Esse é o pai que eu conheço e respeito. Foi o nível em que você estabeleceu os padrões. Por isso não espere de mim compaixão desse jeito, refestelado num leito de hospital se fingindo de morto. Vamos lá! Levante-se! *Levante-*

se! Não dê uma de Pappy comigo. Não morra, pai! Eu vou ficar puto, juro! Vou atormentar você no seu túmulo!”

Agora que estava com a mãe, agora que a abraçava talvez por mais tempo do que jamais fizera, Anton sentia-se furioso com ela também. Pela facilidade com que parecia aceitar a situação, sentada na sala de espera com familiares de outros pacientes, alguns tricotando suéteres, pelo amor de Deus, como se esse maldito hospital fosse a sala de estar da casa deles! Observou quando Delores levantou-se para pegar dois cubos de açúcar para um homem mais velho e colocar no café que o hospital fornecia; viu quando pôs a mão no ombro de outro parente para consolá-lo. Anton se levantou quando a mãe apresentou o jovem cardiologista residente, percebendo a falta de fôlego em sua voz quando falava. Odiou a maneira como ela parecia resignada, como era dócil a sua conduta, como aquiesceu conformada quando o residente explicou os riscos envolvidos no cateterismo do coração, o conformismo com que assinou os formulários que depositaram à sua frente. O residente parecia pouco impressionado com o fato de seu paciente ser o governador David Coleman, o homem a quem Anton devia tudo. Se o médico fosse obsequioso, Anton o odiaria por isso, mas também se sentiu incomodado com aquela normalidade casual.

Ele estava sendo ridículo. Sabia disso. Todos se comportavam maravilhosamente bem. A mãe mantinha sua postura zelosa habitual, e Anton via a admiração e a estima na expressão das outras pessoas na sala de espera. Os médicos eram profissionais, mantendo a família atualizada em cada estágio do tratamento. As enfermeiras eram competentes, agradáveis, com a combinação certa de simpatia e eficiência. Não, a única pessoa de quem tinha queixas era o homem estendido no leito do hospital, que provavelmente precisaria de uma ponte de safena e poderia não voltar da cirurgia. Alguém que, segundo os médicos, estava com sessenta e cinco por cento dos músculos que revestiam seu coração destruídos. Alguém que se preparava para partir o coração de Anton. Isso ele não podia perdoar.

Todos olhavam para ele, pedindo para se sentar; pelo amor de Deus, estava deixando todo mundo maluco andando de um lado a outro sem parar, como um louco. As enfermeiras já começavam a assumir aquela expressão de “Meu Deus, que imbecil!” cada vez que ele passava por elas. Bradley tentou pôr a mão em seu ombro, mas Anton refugou. Katherine tentou consolá-lo; Anton disse que já era tarde e ela deveria ir para casa,

que ligaria se houvesse alguma novidade. Ignorou a expressão magoada no rosto dela, nem soube se se sentiu grato por ter desconsiderado seu conselho. Nada era registrado, a não ser a pureza de sua raiva. Era o que o salvava, aquela raiva, pois perderia o controle sem ela. Ficaria prostrado, como os outros cordeiros pasmos e confusos naquela sala de espera, ou uivaria de tristeza. Mas não descansaria até o pai se levantar daquele leito de hospital, em vez de continuar lá de olhos fechados como um maldito mártir cristão.

David gemeu, como se tivesse lido seus pensamentos, e de repente Anton caiu de joelhos. Santo Deus, será que seu pai sentia dores? Olhou ao redor do quarto à procura de uma enfermeira, mas David recuperou sua respiração fraca e não havia nada a fazer a não ser observar, transfixo, como as máquinas faziam seu trabalho.

Anton desabotoou o colarinho, sentindo calor e tontura, apesar do ar-condicionado. Por que não havia janelas naquele quarto? Apoiou-se no colchão com a ponta dos dedos para se equilibrar. Sentiu-se preso, sem vontade de ficar naquele quarto opressivo por mais um segundo, mas também temendo a sala de espera cheia de gente. Uma onda de náusea o acometeu — o vinho e os martinis, a comida pesada, a súbita viagem de avião —, e teve uma sensação de *déjà-vu*. Naquele momento, visualizou uma imagem que não poderia ter evocado à sua mente consciente nem se tentasse: o sentimento de abandono e restrição ao tentar abrir a janela vedada daquele apartamento quente e pequeno sem conseguir. O puro desespero animal que o fez atirar aquela cadeira.

— Anton — alguém sussurrou atrás dele. Era tio Connor. O rosto do homem mais velho parecia enrugado, os olhos cansados. — Vamos para algum lugar mais tranquilo, só nós dois. Acabei de receber uma ligação do Johnny. Nós precisamos conversar.

Anton soube de imediato o que Connor estava dizendo. É claro. Era um sinal de como não estava pensando direito, que a questão da sucessão não lhe havia ocorrido. Johnny era John Newman, o vice-governador. Se o pai dele tivesse de ser operado, Newman assumiria o cargo de governador. Anton engoliu em seco.

— Então Newman será o governador em exercício até papai se recuperar.

Os dois ficaram se olhando. Os olhos de Connor lacrimejaram.

— Quando forçamos a assembleia-geral a esclarecer as leis de sucessão no ano passado, você acha que pensei que Newman as usaria para substituir David? Nem em um milhão de anos. — A voz de Connor estava rouca, sua expressão, desnorada. — Eu simplesmente não entendo. Ele estava em ótima forma. O sujeito podia correr oito quilômetros sem se cansar. Ganhava no tênis de homens com a metade de sua idade! — Connor apontou o leito com o polegar. — E como é que pode ficar desse jeito?

Anton puxou o tio para mais perto. Tio Connor desistira de sua carreira de advogado para se tornar o braço direito de seu pai desde a época em que ele resolveu se candidatar a governador. David dissera mil vezes que tinha sido eleito por causa de Connor, que Connor o fizera um governador de sucesso.

— É só temporário — disse Anton. — Você sabe como papai é durão. Ele vai sair dessa logo.

Connor aquiesceu.

— Só gostaria que tivéssemos mudado as leis de forma que o procurador-geral sucedesse um governador convalescente.

Anton ergueu a sobrancelha.

— Sei, até parece. Como se não bastassem as acusações de nepotismo que me perseguiram durante a campanha.

Os dois ficaram ao lado do leito de David mais um segundo, mas logo Connor pegou Anton pelo braço e os dois saíram do quarto.

— Tem uma capelinha no hospital — disse Connor em voz baixa. — Vou ligar para Johnny e pedir que nos encontre lá daqui a uma hora. Você pode transmitir oficialmente o cargo a ele.

Anton deu uma risada curta e cortante.

— Tio Connor. Você nunca para de pensar em política?

Connor deu de ombros.

— O visual será maravilhoso. Os eleitores vão adorar ver o filho do governador passando o cargo. Além do mais, deve haver dezenas de repórteres e fotógrafos lá fora. Por que desperdiçar esta oportunidade?

Anton abanou a cabeça.

— Não é à toa que papai diz que você é a arma secreta dele.

Os lábios de Connor tremeram.

— Você sabe que eu faria qualquer coisa pelo seu pai. Qualquer coisa.
— Ficou em silêncio antes de continuar: — Eu sempre disse que o dia que ele foi eleito governador foi o dia mais feliz da minha vida. Não é mais. Agora será o dia em que ele voltar ao cargo. Enquanto isso, Johnny pode guardar o lugar para ele.

CAPÍTULO 27

AS PESSOAS PERGUNTAVAM como Anton conseguia, e ele respondia que não sabia. Mas já fazia duas semanas que trabalhava o dia inteiro e depois ia passar a noite com o pai no hospital. Delores saía assim que ele chegava, e, quando voltava na manhã seguinte, Anton corria para tomar um banho rápido em casa antes de voltar ao trabalho. Connor tinha feito uma preleção pelo telefone naquela tarde, proibindo-o de visitar o pai, recomendando que voltasse para casa para descansar, mas lá estava ele de novo, vendo o pai dar uma pequena caminhada pelo corredor, com um robusto atendente de enfermagem apoiando-o pelo resistente cinto de segurança atado à sua cintura. Ao observar seus passos tímidos e inseguros, Anton sentiu uma pontada de medo ante a enormidade do que se estendia diante deles.

— Vamos, meu amigo — disse o atendente com um forte sotaque —, só mais alguns passos. Você consegue — acrescentou, como um pai estimulando o filho que começava a andar. Ali no hospital, ninguém se importava que o pai dele fosse o governador, um homem com o poder de reter ou dobrar o fundo estatal da instituição. Ali, ele era simplesmente um paciente que tinha de ser lembrado de apertar a almofada vermelha em forma de coração no peito quando levantasse da cadeira e convencido a comer mais alguns bocados de sua dieta com pouco sódio. Por algumas razões, Anton se sentia contente pelo pai estar tão ausente; ele não suportaria perceber quanto havia decaído. — Tudo bem, vamos parar um pouco para recuperar o fôlego — disse o atendente. O homem ajudou David a se sentar no sofá do corredor ao lado de Anton, que pôs a mão no joelho do pai.

— Você está indo muito bem, pai — disse com um entusiasmo insincero, sentindo-se hipócrita. Entretanto, parecia que David estava mais consciente de seu entorno do que Anton imaginava, pois olhou para o filho com uma expressão abatida. “Não tente me enganar”, dizia aquele olhar, e

Anton sentiu que mereceu a repreensão. — De onde você é? — perguntou ao atendente.

O homem abanou a cabeça.

— De um lugarzinho de que você nunca ouviu falar. Antígua.

— Você tá brincando? Eu conheço Antígua. Antiga colônia britânica no Caribe. Lindo lugar.

O homem abriu um grande sorriso.

— A maioria nunca ouviu falar. Já esteve lá?

— Não. Mas li a respeito. Num livro de Jamaica Kincaid. Não consigo lembrar o nome. Você leu?

— Não. Nunca ouvi falar dele. Mas eu não sou muito de ler.

— É uma mulher. Ela é de lá. Originalmente, quero dizer.

O homem deu risada.

— Essa é Antígua. Todo mundo é originalmente de lá. Mas, agora, mora em outro lugar. — Estendeu a mão. — Eu sou William Tell.^[3]

Anton olhou para ele com uma expressão desconfiada, sem saber se o homem estava zombando dele.

— Não, é verdade. Esse é o meu nome.

Anton soltou um assobio.

— Bem, você pode não gostar de ler, mas alguém na sua família gosta.

— Essa foi boa, sr. Coleman.

Enquanto conversavam, David descansava no sofá, a cabeça apoiada na parede, os olhos fechados. William tocou delicadamente no pulso dele.

— Senhor. Vamos dar mais uma volta, e depois eu o levo para o quarto. Mas lembre-se de pegar a almofada e apertar no peito quando se levantar.

David lançou um olhar a Anton, que ele não conseguiu entender bem, embora sua aflição fosse palpável. Anton levantou-se.

— Eu vou andar com vocês — falou, e lá se foram os três pelo corredor.

Quando voltaram para o quarto, David precisou ir ao banheiro. William acompanhou-o e encostou a porta.

— Lembre-se, puxe o cordão se precisar de mim — disse enquanto saía.

— É preciso ficar atento à depressão — disse William a Anton enquanto esperavam. — Efeito colateral muito comum depois de cirurgias de coração aberto.

— Ele vai melhorar. Vai ficar bem assim que voltar para casa.

William olhou para Anton longamente.

— Não se engane. É uma recuperação difícil. É melhor estar preparado.

— Por falar em preparado, nós estamos procurando alguém para cuidar do meu pai em casa depois da alta. Você conhece algum cuidador doméstico que poderia recomendar?

— Quando é que ele vai ter alta?

— Acho que eles disseram depois de amanhã.

William pensou por um momento.

— Não sei se isso vai funcionar, mas eu entro em férias de duas semanas a partir de segunda. Se quiser, eu posso fazer isso.

— Você não tem planos para suas férias?

William deu de ombros.

— Não exatamente. — Tirou um pedaço de papel do jaleco e anotou um número. — Este é o meu telefone. Ligue se não encontrar ninguém mais.

— Não, não, não. Eu gostaria muito que fosse você. Só não queria que trabalhasse nas suas férias, amigo.

— Não se preocupe com isso. Eu adoro estar ocupado.

Anton estendeu a mão.

— Bem, isso tira uma grande preocupação da minha cabeça. Quanto você cobra?

Os dois ouviram David dar a descarga, e William correu para o banheiro.

— O pagamento normal é de quinze por hora. Mas pode me pagar quanto quiser — respondeu por cima do ombro.

— Que tal dezessete por hora?

— Beleza, querido.

Anton sorriu. Ficou ouvindo enquanto William ajudava o pai no banheiro, escutou o som da água correndo na pia. O alívio que sentiu ao pensar que David estaria sob os cuidados de alguém tão obviamente competente como William foi enorme. E, se o pai se recuperasse, Anton tinha certeza de que David se daria bem com William. Seria bom para a mãe dele também ter um homem forte e capaz ajudando com os banhos e coisas do gênero.

Quando William terminou de acomodar David na cama, Anton se abaixou para beijar a testa do pai. O velho murmurou alguma coisa que ele não conseguiu entender, e Anton se abaixou um pouco mais, encostando o ouvido na boca de David.

— O que você disse, pai?

— *Um pequeno lugar* — sussurrou David.

Os olhos de Anton brilharam. Então o pai estava escutando sua conversa com William!

— Isso mesmo! — exclamou. — Como é que você se lembrou disso?

Uma expressão de orgulho passou pelo rosto cansado de David. Ele sorriu, um leve esticão dos lábios que talvez somente Anton pudesse reconhecer como um sorriso.

— Aquela garota bobinha — engrolou David. — Ela discutiu com Pappy.

Carine. Fazia tempo que Anton não pensava nela. Claramente tinha impressionado o seu pai, ainda que de forma negativa.

— Eu me lembro. — Anton deu uma risada. — Cara, a expressão do Pappy quando ela discutiu com ele. Ela era *mesmo* uma bobinha.

Sem aviso, David lacrimejou.

— Mas tinha razão quanto à guerra — arquejou. — Foi um terrível equívoco. Eu estava totalmente errado. E ficamos todos tão bravos com ela por...

— Pai. Pai. Calma. Isso foi muito tempo atrás. Se você estava errado, metade do país também estava. De qualquer forma, são águas passadas.

David aquiesceu, mas seus olhos estavam úmidos quando virou a cabeça para olhar pela grande janela. Anton beijou-o no rosto.

— Descanse um pouco, pai — falou. — Logo você vai estar em casa. Concentre-se nisso.

Apagando as luzes, Anton fez sinal para William sair do quarto com ele.

— O que foi aquilo? — perguntou William assim que chegaram ao corredor.

— É uma longa história — respondeu Anton. Ficou balançando sobre os dois pés por um momento e logo se sentiu compelido a perguntar: — Você... sabe que meu pai é o governador, não sabe?

William fez uma expressão incrédula.

— Não, cara, não sabia, porque vivo numa caverna em Timbuktu. Acho que nem notei que preciso passar por um bando de repórteres todo dia para chegar ao trabalho. — Deu uma gargalhada alta, sacudindo os ombros.

Constrangido, Anton falou:

— Ei, olha, nunca se sabe. Tem gente neste estado que não sabe quem é o presidente, tá?

William pôs sua grande mão no ombro de Anton.

— Escuta, sr. procurador-geral, quando eu disse que não leio, estava falando de romances e coisas assim. Mas nós de Antígua somos um povo culto. Atribua isso aos britânicos, para dar crédito ao diabo. Eu leio o jornal todos os dias, muito obrigado. E também voto. — Deu um olhar de falsamente ofendido a Anton. — Então, sim, eu sei quem é o nosso governador.

Anton deu risada.

— Tudo bem, você me convenceu. Desculpe ter perguntado.

Mas William estava embalado.

— Você acha que eu exporia minha pele negra a um trabalho extra se não fosse no Palácio do Governo?

— William, você não tem outro paciente para ir tirar um sarro?

— Vou dizer uma coisa. Eu paro de pegar no seu pé se você prometer descer até a lanchonete e fazer uma refeição. Eu ligo se o seu pai precisar de alguma coisa.

— Negócio fechado. — Anton esperou o atendente se afastar alguns passos antes de perguntar: — Ei, William. Você é casado?

O atendente se virou.

— Não.

Anton anuiu.

— Dá para perceber por que não.

William abriu um sorriso sincero.

— Aposto que você é bom em xingar os adversários numa quadra de basquete, sr. PG.

— Eu jogo futebol. Mas pode apostar.

Os dois sorriram um para o outro, e Anton pegou o elevador para descer à lanchonete, repassando a conversa que teve com o pai. O fato de David ter se lembrado do nome do livro era um sinal de que a cabeça ainda

funcionava bem. Mas ficou irritado ao ouvir David dizendo que Carine tinha razão e com a maneira como tinha dito isso, como se estivesse se desculpando depois de todos aqueles anos. Fez com que Anton pensasse que também havia agido errado com ela.

Deu um suspiro. Era uma história antiga, tão distante no tempo que era como se tivesse acontecido com outra pessoa, pela diferença que fazia naquele momento. Não podia se preocupar com o passado, não quando havia tanto com que se preocupar no presente. Chegou à lanchonete do hospital, escolheu uma bandeja de sushi já preparado, pagou e ligou para Katherine a caminho do quarto.

CAPÍTULO 28

ANTON FRANZIU O CENHO. A entrevista para a *Rolling Stone* não estava indo tão bem quanto esperava. Tio Connor garantira que seria uma matéria elogiosa, atestando pessoalmente que gostava do repórter, John Crow, e que era confiável. No entanto ali, diante do homem de cabelos grisalhos sentado à sua frente, Anton questionava o julgamento de Connor. Até aquele momento, as perguntas tinham sido duras. Talvez Crow estivesse ofendido por Anton ter adiado duas vezes a entrevista, mas, santo Deus, com certeza o homem deveria entender que seu pai tivera um ataque cardíaco recentemente e que Anton estava tentando administrar um gabinete governamental!

Contudo as perguntas continuavam e, enquanto os minutos passavam, Anton percebeu, não pela primeira vez, que gostaria de saber lidar com repórteres com a mesma facilidade de David, sempre rápido num gracejo ou cumprimento capaz de desarmar seus mais inclementes críticos na mídia. Anton era cerebral demais, muito empedernido, e saber isso sobre si mesmo não era o bastante para fazê-lo mudar. Bradley brincava sempre com ele por sua falta de paciência com os tolos, que seria melhor nunca aspirar a um cargo político mais alto.

— Você teria se dado melhor no mundo dos negócios — provocava Bradley. — Lá, ninguém precisa bajular repórteres ou fingir que eles são os guardiões da democracia. Ao contrário, você pode ver o que eles são: uns safados santarrões e interesseiros.

Mas John Crow não era nem tolo nem metido a besta. Simplesmente se recusava a deixar Anton mudar de assunto. Os dois tinham passado os últimos dez minutos debatendo se Anton, como procurador-geral, não deveria ter insistido para que John Newman assumisse como governador em exercício assim que descobriu que David se encontrava no hospital. Em vez disso, passaram-se seis horas até Johnny ser empossado — fato com o qual a mídia local fez a festa em suas reportagens durante as duas semanas anteriores.

Crow arrumou os óculos de leitura no nariz, recostou-se na cadeira e olhou para Anton.

— Há também um boato de que o atraso se deveu ao fato de o senhor e Connor Stevens estarem tentando elaborar uma forma de o senhor assumir como governador — falou. — Algum comentário?

Anton não conseguiu esconder seu desdém.

— Se eu teria algum comentário? Não. A acusação é tão ridícula que não vou me dignar a responder.

— Isso pode parecer uma admissão de culpa.

— Escute. Como você deve lembrar, eu estava em Washington quando meu pai teve o colapso. Voltei correndo para ficar ao lado dele no leito. Nós nem sabíamos se ele iria sobreviver àquela noite, tá? — Sem perceber, de repente, estava engasgando. — A última coisa que passaria pela minha cabeça seria arquitetar algum plano maquiavélico. Ou será que esses críticos anônimos também acham que meu pai fingiu o ataque cardíaco?

Crow passou os dedos pelos cabelos grossos e grisalhos.

— Claramente essa é uma questão emocional para o senhor.

— Pode apostar.

— Sim. Bem. Só mais uma pergunta antes de continuarmos. Eu li que o líder da minoria está pedindo uma investigação sobre o avião particular que o trouxe de Washington.

Anton suspirou.

— Jack. Vou dizer exatamente o que falei para os jornais. Meu gabinete está calculando quanto a viagem custaria para qualquer cidadão do estado. E nós vamos reembolsar o proprietário do avião integralmente. Essa sempre foi a nossa intenção.

— Com todo o respeito, por que isso ainda não foi feito?

— Porque eu andei meio enrolado. — Anton não se preocupou em esconder sua irritação.

Crow deu um sorriso amarelo.

— *Touché*. Vamos passar a tópicos mais agradáveis. Como vão as coisas com a adorável srta. Katherine Banks?

Anton lutou contra a vontade de dizer “Não é da sua conta”. Mas sorriu e respondeu:

— Está tudo bem.

— Então é ela? Afinal o mais cobiçado solteiro do estado foi conquistado?

Anton deu risada.

— Vamos ver.

Crow assentiu.

— O senhor se incomoda em explicar por que vem evitando o casamento durante tanto tempo?

— Puxa vida! Dá um tempo! — Anton fixou o olhar no homem mais velho. — Você é casado, John?

— Divorciado, na verdade.

— Aí está. Isso é um grande avanço em relação a nunca ter se casado, certo?

Crow olhou para ele com uma expressão de reconhecimento.

— É justo — disse afinal. Consultou seu bloco de anotações e levantou a cabeça. — Durante a campanha, o senhor colocou como tema que sua formação mestiça ajudaria a minorar a divisão racial. Mas as pesquisas apontam que muitos cidadãos da minoria do seu estado sequer o veem como um deles. E o acusam de ter feito muito pouco para ajudá-los.

Não consigo decidir se você é o negro mais branco ou o branco mais negro que já conheci. As palavras de Carine, ditas uma vida atrás, voltaram a acometê-lo vergonhosamente e a toda velocidade. A lembrança provocou um esgar em Anton.

— Espere um minuto. Acusação contra mim? Posso perguntar quem está fazendo essa acusação? Ou simplesmente são mais acusadores anônimos?

Pela primeira vez na entrevista, Crow pareceu na defensiva.

— Bem, cada mulher negra que entrevistei para esta matéria comentou o fato de todas as suas namoradas terem sido brancas. Isso só para começar.

— Entendi. Então não é mais uma questão política. Agora estamos falando da minha vida pessoal?

— Bem, o senhor sabe o que dizem, sr. Coleman. Em política, a percepção é a realidade. E é inegável que o senhor só tem sido visto na companhia de mulheres brancas.

Anton ficou olhando para um ponto atrás da cabeça de Crow enquanto lutava para se controlar.

— Pode ser inegável para você, John, mas eu vou negar isso. — Sua voz saiu fria, gotejando hostilidade.

John Crow se mostrou surpreso.

— Sr. procurador-geral, está me dizendo que já namorou uma mulher negra?

— Na faculdade, durante três anos — respondeu Anton. E percebeu com satisfação que fizera Crow perder o equilíbrio, ao menos momentaneamente.

— É mesmo? Como ela se chamava?

Anton sorriu e abanou o indicador.

— Você vai ter de acreditar na minha palavra. A última coisa que gostaria é que essa pobre mulher visse o seu nome na *Rolling Stone*. — Olhou para o relógio de forma ostensiva. — Como deve saber, eu tenho outro compromisso às três e meia. — Você já está concluindo?

Crow sorriu.

— Quase.

A entrevista foi publicada três semanas depois, e não tão contundente como Anton temia. Já estava compondo mentalmente uma nota de agradecimento a Crow quando virou a página e seu coração quase parou ao ver o nome de Carine. Cacete! Maldito seja esse John Crow! Como é que tinha conseguido localizá-la? Com os músculos do estômago contraídos, Anton leu os parágrafos que comentavam sobre seu relacionamento com a “enigmática e carismática Carine Biya”, como o artigo a definia. John fizera seu dever de casa — lá estava Colin George, companheiro de Anton nas festas de Harvard, lembrando: “Eles eram inseparáveis. E muito apaixonados”.

Em seguida, havia uma declaração da própria Carine. John tinha conseguido encontrá-la em um bairro de Atlanta, onde morava. Anton fechou os olhos por um segundo, preparando-se para o pior. Mas foi inundado por um sentimento de gratidão quando leu a declaração de Carine: “Ele era o sujeito mais calmo que eu conheci e nem um pouco pretensioso. Quero dizer, acho que nós namoramos meses antes de eu ficar sabendo quem era o pai dele”. A declaração continuava com Carine contando algumas piadas engraçadas sobre uma velha camisa de flanela

vermelha com os cotovelos furados que Anton se recusava a jogar fora, apesar de suas gozações. Anton não fazia a menor ideia se a história era verdadeira — nem conseguia se lembrar da tal camisa —, mas leu a reportagem com o olhar apreciativo de um político: era o tipo de relato sobre a frugalidade e o comportamento de um sujeito normal que os eleitores adoravam.

Quase de imediato, abriu seu e-mail pessoal. A caixa de entrada estava inundada por amigos enviando suas congratulações; pelo jeito, a *Rolling Stone* era mais lida do que ele imaginava. Começou a escrever uma mensagem de agradecimento a John Crow, mas parou. Preferiu pegar o telefone e digitar o número do celular do repórter.

John atendeu no terceiro toque.

— Sim?

— John? É Anton Coleman. Bela matéria. Estou ligando só para agradecer.

— Ótimo. Que bom que funcionou.

— Mas eu gostaria que você tivesse deixado aquela pobre mulher em paz. — Disse aquilo de maneira amistosa, apenas com um ligeiro tom de repreensão na voz.

— Carine? Ah, ela foi ótima. Ficou muito contente em falar comigo sobre o senhor.

— Ah, é?

— É.

Anton hesitou um segundo antes de perguntar:

— Então, você tem o e-mail dela ou coisa assim? Eu... gostaria de agradecer, você sabe, pelos comentários simpáticos.

Ouviu uma risada abafada de John, sabendo que o repórter havia percebido seu embaraço.

— Sem problema, sr. procurador-geral. Só me dê um segundo para encontrar. — Ouviu John remexendo em alguma coisa. — Achei. Está pronto?

Quando eles desligaram, Anton ficou olhando o pedaço de papel onde tinha anotado o endereço de e-mail de Carine. Será que Katherine ficaria brava se descobrisse que ele teria escrito a Carine? Bem, não havia razão para ela sentir ciúme. Carine era alguém de seu passado distante, e ele só

ia mandar uma mensagem agradecendo suas palavras gentis. Ora, isso fazia parte do seu trabalho.

O tom do e-mail era amigável, porém formal, e Anton tomou o cuidado de evitar quaisquer reminiscências pessoais. Em outras palavras, era à prova de Katherine. Releu o e-mail e já estava prestes a enviá-lo quando acrescentou: “P. S. Mande notícias sobre o que há de novo na sua vida”.

Apesar de ter se detestado por isso, Anton se viu passando o dia verificando sua caixa de entrada, mas Carine não respondeu. Como de hábito, foi visitar o pai assim que saiu do trabalho, concordando em ficar para jantar quando percebeu um sinal de solidão nos olhos da mãe. Mandou um texto rápido para Katherine explicando a situação. William, que pedira licença do hospital para trabalhar em tempo integral para o pai dele, cortava o frango de David durante o jantar.

— Então você leu a entrevista, pai? — perguntou, e David assentiu.

— Eu li para ele hoje de manhã, querido — disse Delores. — Ele não quis nem tomar banho antes de eu terminar.

O pai ia dizer alguma coisa com a voz baixa e rascante adquirida depois da operação, e Anton se aproximou para ouvir o que dizia.

— Aquela garota... Carine... disse coisas simpáticas.

— E por que não diria? — A voz de Delores saiu tensa pelas lembranças da ofensa. — Nós só fomos gentis com ela.

Anton sorriu.

— Mãe. Relaxe. Está tudo bem.

Delores concordou.

— Onde está Katherine?

— Em casa. — Anton manteve um tom leve. — Por quê?

— Por nada. Eu gosto da Katherine. Ela é mais... o seu tipo.

William olhava para todos com um tom zombeteiro, e Anton soltou um suspiro.

— Eu sei, mãe. Eu sei.

Quando chegou em casa, ele e Katherine ficaram acordados assistindo ao *The Daily Show* e, depois, foram para a cama com seus iPads. Ambos insones, continuaram ouvindo música ou assistindo a um filme até adormecerem. Anton estava quase pegando no sono quando ouviu o toque anunciando a chegada de um novo e-mail. Seu estômago se contraiu quando viu que era de Carine. Deu uma olhada para Katherine, deitada a

poucos centímetros de distância, e, com um espasmo de culpa, percebeu que preferia estar sozinho. Rolou para fora da cama, ignorando a pergunta da semiadormecida Katherine:

— Aonde você vai? — E foi para a cozinha levando o iPad. Tirou uma caixa de leite da geladeira, batendo a porta com força para Katherine ouvir, e abriu o e-mail. Ficou contente ao perceber que continha vários parágrafos.

Carine tinha recebido o e-mail na manhã daquele dia, mas quis esperar até botar os filhos na cama. Sim, tinha filhos, gêmeos, meninos de cinco anos. Será que Anton acreditava que ela era mãe? Havia dias em que ela mesma mal acreditava. E como eles davam trabalho! Não havia menção a um marido, fato que Anton notou de imediato. Não ficou surpreso com a possibilidade de ela ser uma mãe solteira. Era corajosa o suficiente para fazer algo assim.

Vinha acompanhando a carreira dele, é claro. Confessou que tinha um alerta no Google que informava sobre suas realizações. Comemorou com amigos na noite em que Anton ganhou a eleição para a Procuradoria-Geral. Sentia-se muito orgulhosa dele, escreveu, mas nem um pouco surpresa de que o garoto que conheceu e amou na faculdade tivesse aberto seu caminho no mundo. Os olhos de Anton se detiveram naquela palavra — *amou* —, e, de repente, alguma coisa se abriu dentro dele, um espaço grande e vazio, e Anton começou a chorar. Sabia que estava sendo ridículo, sabia que Katherine poderia entrar a qualquer momento e seria difícil explicar aquelas lágrimas, mas não conseguia parar. Carine tinha sido seu primeiro amor de verdade, e sentiu-se grato por ter escolhido alguém tão decente, bondoso e substancial como ela. Nem sempre ele teve tanta sorte ou privilégio, pois havia namorado algumas figuras raras. Mas tampouco discutia com essas mulheres como fazia com Carine e, naquele momento, percebeu que era apenas porque não gostava tanto delas.

E Katherine não era uma daquelas mulheres, ele se reiterou. Era inteligente, divertida, compassiva e sensível. Ele a amava. E ela ficaria mortificada se soubesse que ele estava se desfazendo em lágrimas por causa de um e-mail de uma mulher que amou quando era um garoto. Katherine era o presente e, possivelmente, o futuro. Carine era o passado. Uma mulher cuja vida, segundo ela mesma, era mortalmente chata e tediosa. Enquanto Katherine tinha jantado com Bill e Melinda Gates uma

semana antes. No Rio de Janeiro. E nem era só isso. A questão era que Katherine, e não Carine, era quem estava no seu quarto, esperando-o entrar embaixo das cobertas com ela.

Despejou o copo de leite na pia, lavou-o e desligou o iPad. Apagou a luz da cozinha e voltou para o quarto.

CAPÍTULO 29

TIO CONNOR olhava furioso para o homem sentado à sua frente quando Anton entrou na sala de reuniões. A única outra pessoa presente era Annie Bunter, secretária de imprensa de John Newman.

— Oi, pessoal — disse Anton, puxando uma cadeira ao lado de Connor. — O que é tão urgente que não podia esperar até depois da cerimônia?

Antes que qualquer membro da equipe de Newman pudesse falar, Connor empurrou um maço de papéis para Anton.

— Dê uma olhada nisto — resmungou. — É o que Newman está querendo dizer no discurso de posse. Daqui a menos de meia hora. — Connor arreganhou os dentes para Bill Schroder, o redator de discursos de Newman, que devolveu a carranca. — Só passando por cima do meu cadáver! — acrescentou Connor.

Anton concentrou-se no trecho sublinhado:

“Nosso governador anterior assumiu o cargo quase duas décadas atrás, prometendo acabar com a corrupção. Em vez disso, temos visto um escândalo atrás do outro durante o tempo em que esteve no poder. Depois que nosso último procurador-geral renunciou por seu comportamento indevido, houve uma oportunidade real de limpar a casa, de trazer sangue novo ao governo. Mas o que fez o governador Coleman? Deu seu apoio ao próprio filho, apesar da exiguidade de seu currículo. Os habitantes deste estado estão cansados de nepotismo. Apesar de nos sentirmos gratos ao governador Coleman por todos os seus anos de serviços prestados, chegou a hora de virar a página. Deste dia em diante...”

O parágrafo prosseguia, mas Anton ergueu os olhos, enojado com a traição de Newman.

— Seus canalhas! — praguejou, olhando diretamente para Bill. — É assim que vocês agradecem ao meu pai por ter alçado Johnny ao seu posto? Com chutes quando ele está caído?

— Pelo amor de Deus, Anton — disse Bill. — Nós fomos pacientes demais, eu diria. Qualquer outro político teria exigido que seu pai

renunciasse meses atrás, em vista de seu prognóstico. O estado já se encontra no limbo há quatro meses.

— Então é tudo sobre isso? Johnny está puto da vida por não ter posto logo suas mãos sujas nas alavancas do poder?

— Ah, pare com isso, homem! — protestou Bill, agitando-se na cadeira. — Vocês estão levando isso a sério demais. É só um pequeno parágrafo. O discurso elogia David em outras partes. Escute, isso é política. Nós estamos com o maldito Tea Party fungando no nosso cangote. Não é nada pessoal.

A mão de Anton, que repousava sobre a pilha de papéis, se fechou num punho.

— Você está chamando meu pai de corrupto, seu ignorante! — disparou. — Então pode apostar que é pessoal.

Bill abanou a cabeça.

— Anton, seja razoável. — Virou-se para Annie em busca de apoio, mas ela continuou olhando para a frente... — Eu não acredito — continuou. — Nunca vi gente tão sensível!

Anton levantou-se e tirou uma caneta do bolso da camisa. Pegou a folha de papel e fez um grande X no trecho ofensivo.

— Devolva isso ao seu chefe, seu nova-iorquino caluniador! — falou, os olhos fulgurando. — Diga para ele apagar todas as ofensas ao meu pai. Senão ele vai ter um grande opositor em 2016.

Pelo canto dos olhos, Anton viu Connor levantar a cabeça. Annie também fitava Anton com intensidade, os olhos sondando seu rosto. Mas ele concentrou sua atenção em Bill, que parecia não saber o que fazer a seguir.

— Você está falando bobagem — disse Bill afinal, mas faltou convicção em sua voz. — Isso só deixaria a eleição na mão dos republicanos, você sabe disso.

Anton abriu um sorriso lento e ameaçador.

— E é exatamente por isso que você vai mudar esse seu maldito discurso. — Fez um sinal para Connor. — Vamos embora, tio Connor. Vamos dar ao Bill aqui algum tempo para refazer seu lindo discursinho.

Anton sentiu o olhar de Annie o seguindo enquanto saía da sala. Ele e Annie sempre se deram bem, e seu palpite era que ela torcia por ele naquele confronto. Seu corpo vibrava um pouco quando saiu da sala,

movido a adrenalina. Passou pelo corredor, indo na direção do salão de baile na Casa do Governo. Connor andava depressa para acompanhá-lo, dizendo alguma coisa elogiosa, mas Anton nem chegou a ouvir. Sentia-se surpreso com a pureza de sua fúria, com aquele surto de agressividade, algo que sempre abominou. Mas, agora que já tinha sentido o gosto, sabia que queria sentir novamente. E entendeu por que o pai tinha se apegado ao seu cargo até aquele dia, cinco meses depois do ataque cardíaco; na esperança de se recuperar e voltar a governar o estado. O poder era uma droga, um barato, um vício. A bem da verdade, o próprio Anton sentia seu efeito reverberando em seu corpo. Aquela pequena, porém brutal, vitória sobre Bill compensava, um pouquinho que fosse, o sentimento de vazio e tristeza de ver o pai entregar o governo a um homem que todos sabiam jamais poder ocupar o lugar de um gigante chamado David Coleman.

Connor e Anton entraram numa saleta ao lado do salão de baile, onde funcionários e correligionários começavam a se reunir. David estava em sua cadeira de rodas diante de Delores, sentada à sua frente, as cabeças quase se tocando. Surpreso e admirado, Anton percebeu que os dois estavam rezando. Sentiu-se envergonhado, como se fosse um intruso, mas David levantou a cabeça, sorriu e abriu os braços para o filho num gesto tão afetuoso e transparente que o fez sentir um nó na garganta.

— Oi, pai — falou, os olhos lacrimejando. — Como você está?

David deu de ombros.

— É um dia triste — disse simplesmente.

Connor foi até onde estava seu velho amigo, um largo sorriso no rosto.

— Não se preocupe — falou. — Haverá outro Coleman no seu gabinete outra vez, marque minhas palavras. — Apontou para Anton. — Você deveria ter visto seu filho enfrentando Bill Schroder. Eu teria enrolado o cretino durante horas e horas. Anton entrou na sala e destruiu o sujeito em dois segundos. Disse que o chefe dele podia esperar um confronto nas primárias se não eliminasse aquelas observações de merda.

David deu sua risada silenciosa e, por um segundo, parecia ser o mesmo homem de antes.

— Você fez mesmo isso?

Anton lançou um olhar tímido para o pai.

— Ah, você sabe. Eu só estava azarando um pouco o sujeito, pai.

— Da sua boca para o ouvido de Deus — disse Delores inesperadamente, levantando o copo de água que tinha na mão. — Um brinde a outro Coleman no Palácio do Governo.

— Amém.

— Muito bem, pessoal. Mas eu já tenho um emprego, lembram?

Connor ia abrir a boca para argumentar quando Bradley entrou.

— Vocês já estão prontos? — perguntou em voz baixa. — Estão todos esperando.

Todos ficaram imóveis enquanto o olhar de David percorreu os presentes, um de cada vez.

— Muito obrigado — declarou. — Foi uma grande caminhada. E eu não teria conseguido sem cada um de vocês.

Anton olhou para o chão, evitando que o pai visse as lágrimas que enchiam seus olhos. Em seguida, posicionou-se atrás da cadeira de rodas de David.

— Vamos acabar logo com isso, pai — falou.

Anton ocupou um lugar na primeira fila, flanqueado pela mãe e por Katherine, e viu o pai dizer umas poucas palavras, renunciando formalmente ao seu cargo e desejando boa sorte a Newman na tarefa que tinha à frente. Ouviu o discurso de Newman, pronto para se eriçar ao menor sinal de um ataque ao pai, mas Newman foi elogioso nas poucas vezes em que mencionou David. Depois da cerimônia, Anton se sentiu orgulhoso quando vários funcionários se reuniram ao redor da cadeira de rodas de David, trocando apertos de mão e lhe agradecendo pelos anos de serviço público. Voltou a recordar a noite da vitória na eleição, quando ele e o pai dividiram o palco como a primeira equipe de pai e filho a vencer dois cargos estaduais juntos. Quem poderia ter previsto aquele final abrupto e ignóbil à carreira de David?

Annie Bunter foi até onde estava Anton.

— Você teve uma bela atitude lá dentro — disse secamente, sorrindo com os olhos, que era sua maneira de fazer charme.

— Obrigado.

Encostou de leve a mão no braço dele.

— O que você disse lá. Sobre concorrer nas primárias. Você estava falando sério?

— Annie — replicou Anton, olhando bem no seu rosto. — Se estivesse, você seria a última a saber.

Ela ficou olhando para Anton por um bom tempo antes de abrir um sorriso.

— É. Foi o que imaginei — E saiu andando, os saltos altos clicando no chão. Logo depois, parou e se virou. — Seria divertido. Ter você como adversário, quero dizer.

Anton ficou olhando enquanto ela se afastava, tentando analisar o sentido daquelas palavras. Será que o estava encorajando a concorrer? Se conseguisse manter a agressividade que mostrara na sala de reuniões, conservar aquela sensação de poder como um relâmpago numa garrafa, ele venceria. Se concorresse, poderia haver um Coleman no Palácio do Governo de novo. E Anton sabia que não haveria nada, nem um presente que pudesse dar ao pai que significasse mais para ele.

LIVRO QUATRO
AGOSTO DE 2016

CAPÍTULO 30

AS NOTÍCIAS IAM ficando cada vez melhores.

Quaisquer restrições que Anton pudesse ter tido sobre enfrentar o governador atual haviam sido neutralizadas pela vantagem de doze pontos nas primárias de abril. E, apesar de o tio Connor ser capaz de arrancar a cabeça de qualquer um que dissesse em voz alta, as pesquisas internas mostravam que Anton venceria Joe Irving, o adversário republicano, por uma margem ainda maior, uma vitória quase sem precedentes no clima político corrente.

Na verdade, era óbvio que o nome Coleman ainda brilhasse no estado. No decorrer da campanha, enquanto Anton ia aprendendo, várias pessoas se dirigiam a ele com excelentes recordações de seu pai ou de Pappy, e, apesar de todo o cansaço, Anton saía desses encontros com maior certeza sobre a razão de estar concorrendo. Gostava dessas interações com velhos moradores do estado, muito mais do que das gritarias e adulações com que era recebido quando cercado por garotas jovens demais para votar e mulheres que já tinham idade para ser mais sábias. Mas, como Bradley sempre dizia, aquele era um estado de políticos de varejo, e era melhor Anton se calar e aprender a gostar disso.

Na verdade, Anton apreciava a campanha. Apesar de a edição da *People* de junho ter publicado uma foto dele com a legenda: “UM SÍMBOLO SEXUAL PARA GOVERNADOR?”. Anton ficou mortificado, mas Bradley, que se afastara de seus negócios para dirigir a campanha, se mostrou entusiasmado. Anton tentou argumentar que essas matérias pueris minavam a estratégia da campanha, afirmando que havia aceitado relutantemente entrar na luta só porque John Newman implantara um governo de centro-direita, afastando-se do legado progressista que havia herdado.

— Se quiséssemos um governador republicano, que diabos, nós teríamos elegido um governador republicano — declarou Anton na entrevista coletiva em que anunciou sua candidatura. A imprensa adorou aquelas palavras.

Mas, quando Anton lembrou seu diretor de campanha das razões de estar concorrendo, Bradley não quis saber de nada.

— Escute aqui, seu idiota — rosnou. — Eu trabalhei meses para conseguir essa matéria na *People*. Isso é exposição nacional, querido.

— Eu sei — respondeu Anton, meio pesaroso. — É essa exposição que me preocupa.

A verdade era que a vantagem de Anton em relação a Irving tinha aumentado ainda mais depois da publicação do artigo. À parte alguma inesperada calamidade, era difícil imaginar como Irving poderia compensar aquela desvantagem. Toda vez que confrontava as posições extremistas de Irving, ele subia mais alguns pontos nas pesquisas. Mas Anton não cantava vitória, e Bradley não parava de alertar a equipe de campanha para não se mostrar arrogante, mas parecia que o Palácio do Governo seria mais uma vez ocupado por um Coleman.

O cargo de procurador-geral tornou Anton muito mais ciente do que estava em jogo, com que rapidez um legado político progressista podia desandar, como decisões tomadas por líderes políticos acarretavam consequências na vida real. O que acontecia nos corredores do poder era capaz de fazer a diferença entre um idoso ir ou não dormir com fome, se uma criança encontraria seu centro comunitário aberto ou fechado, ou se uma mulher seria obrigada a continuar a gravidez de um filho que não desejava. Em seus primeiros três meses no gabinete da Procuradoria-Geral, Anton se deixou abater pelo grande número de decisões que precisava tomar todos os dias, e teve de se opor a tantas pautas concorrentes que o bombardeavam de todos os lados que era impossível trabalhar em qualquer estratégia de longo prazo. David deixara claro que estava sempre disponível para aconselhá-lo, mas o orgulho de Anton e sua determinação de manter seu mundo pessoal o mais distante possível do profissional não permitia que pedisse ajuda. Por isso procurou Bradley, que comparecera às reuniões durante uma semana, participando, fazendo anotações, observando como Anton usava seu tempo. Anton ainda consultava o memorando de dezessete páginas resultante daquelas sessões, dando uma pequena gargalhada toda vez que lia seu título: “COMO USAR A SABEDORIA DAS RUAS E NÃO SER APENAS MAIS UM PANACA COM UM DIPLOMA DE HARVARD”.

Uma das sugestões de Bradley era que Anton realmente lesse as cartas e os e-mails enviados por seus constituintes, em vez de passá-los à sua

secretária. E que respondesse a alguns por semana. Foi uma recomendação que Anton adotou de imediato. Embora o número de cartas tivesse aumentado radicalmente desde que se candidatara ao governo, a leitura o relaxava. Costumava voltar de um longo dia no gabinete ou de compromissos de campanha e ler toda a correspondência, pois aquilo o punha em contato com o público de uma forma honesta e sem filtros. As pessoas despejavam naquelas páginas os contornos crus de sua vida, falavam de seus sonhos e aspirações de um jeito que, às vezes, faziam Anton chorar. O adolescente gay e mestiço que perguntava se Anton poderia passar uma lei abolindo o bullying nas escolas. A viúva de setenta e cinco anos que cuidava da mãe de noventa e sete e escreveu para perguntar por que o suicídio assistido era ilegal no estado. A bem-sucedida corretora de imóveis que suplicou pela reabertura da biblioteca local se ele fosse eleito governador, porque ela estudara lá para obter sua licença e não conseguia pensar que outras crianças não teriam as mesmas oportunidades que ela.

Anton se levantou da escrivaninha e foi até o barzinho para renovar seu uísque. Olhou para o relógio. Passava das dez horas, e o corpo todo doía depois de dias se equilibrando entre os deveres de seu gabinete e as obrigações de campanha. A garganta doía de falar com centenas de pessoas; as palmas das mãos estavam irritadas de tantos apertos de mão e de tanto serem lavadas. Dormia pouco e, por mais adorável que fosse dividir uma cama com Katherine, algumas noites ele só queria se esparramar em sua cama *king size* e dormir livre dos ritmos e padrões de outro corpo humano, mesmo que esse ser humano tivesse um corpo sensacional e um coração gentil e bondoso. Naquela noite, sentia-se grato por Katherine estar viajando e só voltar no dia seguinte.

Borrifou um pouco de soda no uísque e voltou para a mesa. A pilha de cartas exigiria pelo menos mais duas horas de leitura, e Anton não conseguiria resistir tanto tempo. Passou os olhos pelos envelopes, esperando encontrar uma carta escrita por alguma criança, pois, apesar de serem as mais comoventes das remessas, de vez em quando eram apenas muito engraçadas, e, por Deus, ele precisava de um pouco de leveza naquela noite!

Continuou procurando. Mas acabou pegando uma carta que chamou sua atenção por ter sido escrita a lápis. “Quem ainda escreve cartas a

lápiz?”, pensou. Quando virou o envelope, o endereço no verso era da Geórgia, o que não era incomum — desde o artigo na *People*, vinha recebendo cartas de admiradoras de todo o país. Intrigado, abriu o envelope com a espátula de marfim herdada de Pappy. A carta estava escrita em letra de forma, também a lápis. Sem data.

Meu Grande Garoto:

Juro que nunca pensei que ia ver seu rosto meigo de novo. E aí ontem eu fui no dentista porque precisava tratar de um canal. Meu dente doía demais e eu estava com tanto medo que achei que ia desmaiar na sala de espera, mas daí um anjinho entrou na minha vida porque vi você olhando para mim. Dentro de uma revista. Dizia que você vai ser o próximo governador. Meu Deus, Anton, você quase me fez explodir. Fiquei tão entusiasmada que até a dor de dente passou, juro.

Estou tão orgulhosa de você, Anton. Com sua inteligência, eu sempre soube que você ia fazer um grande sucesso algum dia. E você sempre foi um garoto bonito e agora virou esse homem grande e bonito. Você mudou, mas eu ia reconhecer você em qualquer lugar. Como uma mãe pode esquecer seu filho? Não sei se você às vezes pensa na sua velha mãe, mas não passa um dia sem eu pensar em você. Você fez a coisa certa escolhendo a família branca em vez de mim, Anton. Naquela época eu não tinha nada, e era isso que eu ia ter dado a você... nada.

Rezei por você todos os dias, Anton, para você crescer e ser forte e inteligente e feliz. Parece que o Bom Deus atendeu as minhas preces. Você sempre foi a resposta pras minhas preces. E agora vou dobrar minhas orações para você se tornar governador.

Eu amo você, ontem, hoje e amanhã.

Sua velha mã,

Juanita Vesper

P. S. Por favor, me perdoe por toda a mágoa que causei pra você.

Anton recostou-se na cadeira, com a carta adejando pelo tremor de sua mão, sabendo que precisava de um grande trago de uísque para acalmar as

batidas do seu coração, mas incapaz de pegar o copo. Passou os olhos pela carta mais uma vez, com seu raciocínio de advogado tentando esmiuçar aquelas linhas, descobrir se eram falsas, em busca de alguma evidência que o fizesse descartar a missiva, desarmar a bomba que acabava de explodir em sua vida. Qual era a frase que ela tinha usado mesmo? “Me fez explodir.” Sim, era como ele se sentia. Explodido.

Por onde começar? Havia o fato de a carta toda ter sido escrita em letra de forma. A lápis. Com uma gramática rudimentar. As ridículas declarações de amor eterno. O uso excessivo de “sempre”. O lembrete de como a chamava na infância: “mã”. A declaração absurda de presciência, como se fosse um *fait accompli* que ele seria o homem que se tornou, independentemente de seus pais. As alegações que ainda fazia sobre ele. Chamá-lo pelo antigo apelido de infância, que ele já tinha esquecido: “Grande Garoto”. Como se atrevia a chamá-lo daquela maneira? E como parecia complacente, como o regredia aos nove anos de idade, preso naquele apartamentinho decadente! Com ela. Sem ela.

Mas, então, localizou o foco de sua raiva, e o resto se dispersou. Anton releu a sentença: “Você fez a coisa certa escolhendo a família branca em vez de mim, Anton”. *Você* fez a escolha certa? *Ele* escolheu a família branca? Ele era uma criança, pelo amor de Deus, não teve escolha! Durante os quase três anos em que tinha vivido com os Coleman antes da adoção, mantivera uma parte de si reservada. Não foi fácil; David e Delores eram atenciosos, amorosos, gentis, zelosos, cuidadosos. Nunca se sentiu inseguro com eles, os dois nunca desapareceram por uma semana deixando-o sozinho. Houve tantas ocasiões em que quase cometia o lapso de chamar David de “pai”, tantas vezes viu uma luz de esperança brilhar nos olhos de David, só para ser eliminada um segundo depois. Anton sentia vergonha de si mesmo naquelas ocasiões, sabia que estava sendo pouco gentil, porém nunca hesitou. Preferia se reservar para a reunião com ela. Com a mãe. Que era alguém que, naqueles dias terríveis em que sua vida tinha virado de ponta-cabeça, só ele parecia entender e amar. Quando a polícia, os assistentes sociais e até David pareciam julgá-la, ele não a julgava. Naqueles dias, só conseguia pensar que sua mãe havia cometido um erro, assim como ele cometia erros de gramática e ortografia. Eles iriam corrigir esses erros juntos. Disso, não tinha dúvida.

Até o dia em que um David com a expressão constrita sentou-se com ele e contou o que havia ocorrido. Que a mãe resolvera abrir mão dele. Por acreditar que seria mais feliz com sua nova família. Porque era fraca e precisava ficar forte, e por não poder cuidar de um garoto de doze anos enquanto recuperava a saúde.

Não aguentava se lembrar do que sentiu naquele dia. Anton engoliu seus sentimentos, como vinha fazendo durante todos aqueles anos, suprimiu o soluço na garganta que o sufocava, o grito que emergia dos dedos do pé e quase escapava antes de ser contido, a sensação de puro abandono, tão mais forte do que qualquer coisa que tinha sentido naquele apartamento abafado onde esperava a volta da mãe.

Anton apoiou a testa na mesa. Por um segundo sopesou o preço que aquele garoto pagara pela solidão da qual tentava fugir durante toda uma vida. Mas logo descartou aquele sentimento. Agora não havia lugar para sentimentalismos. Era tempo de ação. Aquela mulher — ele não conseguia pensar mais nela como mãe, pois agora tinha outra mãe, muito obrigado — era uma ameaça, um câncer que ressurgia, que precisava ser erradicado. Aquela mulher tinha de ser impedida de divulgar aquelas acusações falsas, aquela insinuação de que ele havia escolhido a riqueza de David, o privilégio dos brancos em detrimento de sua pobreza e sua negritude. Porque, antes de qualquer um perceber, aquela história iria chegar à imprensa.

Anton se levantou depressa da mesa, passou pelo corredor que levava ao quarto e calçou os tênis. Dobrou a carta, guardou-a no bolso da calça e pegou a chave do carro.

Dez minutos depois, estava batendo na porta de Bradley. Quando ele atendeu, entrou sem ser convidado.

CAPÍTULO 31

OS DOIS HOMENS ficaram se olhando sem falar nada por um minuto antes de Bradley suspirar.

— Vou dizer uma coisa, cara. Eu não estou vendo.

— Não está vendo o quê?

Bradley franziu o cenho.

— O que você vê. Não há ameaça nenhuma aqui. Nada de chantagem. Só uma mulher tentando retomar o contato...

Anton pareceu incrédulo.

— Eu não acredito. Você não percebe? Como ela está tentando falsear o assunto? Que eu escolhi abandoná-la e não o contrário?

— Cara. As pessoas acreditam no que querem acreditar. Certo? Talvez essa seja a história em que ela precisa acreditar.

— Sei. Pois, de outra forma, ela teria de viver com a verdade... que vendeu o filho único para curtir seu barato. — A voz de Anton era frenética, ele sabia que seus olhos estavam injetados de sangue.

Houve mais um silêncio, e, quando Anton ergueu os olhos, Bradley o olhava com uma expressão mais compreensiva.

— Sinto muito — disse em voz baixa. — Posso imaginar como se sente.

Anton não queria piedade. Não queria solidariedade. Queria sangue.

— Não, não pode — replicou de forma cortante. Levantou-se e começou a andar pela sala, pegando um candelabro de prata e recolocando-o no lugar, levantando um porta-retratos e girando-o nas mãos sem olhar.

— Anton. Sente essa bunda! Você tá me deixando tonto — disse Bradley depois de algum tempo.

Anton não conseguia se sentar, mas parou de andar de um lado para outro, ficando de pé a poucos metros do amigo.

— Escute — continuou Bradley. — Nós temos uma droga de uma eleição daqui a alguns meses. Você precisa esquecer esse negócio. Quando você for governador... aí vai poder fazer alguma coisa. Pode mandar

passagem para ela vir aqui ou algo assim. Mas, por enquanto, você precisa ignorar isso. Ouça o que estou dizendo, não há nenhuma ameaça aqui.

Anton se jogou no sofá com um baque, batendo com o pé esquerdo no assoalho de madeira.

— Não dá. Eu me conheço. Não vou conseguir me concentrar. — Estremeceu a cabeça quando teve o pensamento. — Eu vou falar com ela. Ver o que ela quer. Explicar que não podemos fazer esse... essa espécie de drama antes da eleição. — Enquanto falava, a sensação de agitação que o acometia desde que abrira a carta diminuiu um pouco.

Bradley pareceu preocupado.

— E como acha que vai sair da cidade sem a imprensa inteira ficar sabendo? Você perdeu o juízo, Anton?

Anton percebeu que estava balançando a perna e parou.

— Arranje um avião particular para mim — falou em voz baixa. — Eu pago do meu bolso. Eu volto logo, antes de alguém perceber. Se alguém perguntar, você pode dizer que estou de cama com um resfriado. Qualquer coisa. — Tirou o celular do bolso para consultar sua agenda. — Eu posso tirar a sexta-feira de folga. E devo estar de volta na mesma noite. Na pior das hipóteses, no sábado. Dependendo de como for o encontro com ela.

Bradley abanou a cabeça.

— Anton. Você sabe como são essas coisas. É arriscado demais. Mentir para a imprensa? Se eles descobrirem, vão pensar que está dando uma de Mark Sanford, que desapareceu para se encontrar com a amante.

Anton olhou firme para Bradley.

— Eu estou pedindo para você me ajudar, Brad. Não me faça implorar, cacete!

Bradley projetou o lábio inferior.

— Não posso. Como seu diretor de campanha, não posso deixar você fazer isso. O seu pai vai me matar se descobrir esse risco desnecessário para a campanha. Que inferno, o *meu* pai vai me matar! Você sabe o que essa eleição significa para os dois. — De repente, Bradley fez uma careta. — E pra quê? Você só precisa fingir que nunca leu essa carta. Depois de 8 de novembro, você pode fazer o que quiser. Mas não agora.

— E se o meu palpite estiver certo? E se essa carta for mais do que uma mulher se sentindo culpada escrevendo para o filho há muito perdido? E se ela estiver a fim de alguma coisa? Chantagem, talvez?

— Nesse caso, eu posso cuidar do caso. Eu posso ir. — Bradley fez uma expressão obstinada. — Apesar de achar que você anda assistindo muito à série *House of cards*.

— Bradley. — Anton se levantou e endireitou o corpo. — Eu vou. Com ou sem a sua ajuda. Portanto, a questão é se você vai me arranjar um avião ou... — e então ele jogou seu trunfo, sabendo que Bradley jamais o deixaria correr um risco tão grande — ... eu ligo para um de nossos doadores e peço um favor político.

Como já tinha adivinhado, Bradley mordeu a isca.

— Você está sendo descuidado — falou, torcendo o nariz como se sentisse cheiro de algo estragado. — Se continuar nessa, Joe Irving vai ser o próximo governador deste estado. — Mas sua voz estava mais calma, e ele contraiu o lábio inferior, um sinal claro de que já tramava como tornar possível a ausência de Anton. — O que você vai dizer ao seu pai? E a Katherine? Simplesmente que vai sair da cidade?

— Eu vou contar a Kat — disse Anton. — Ela vai entender. Mas não vou dizer nada ao meu pai. — Sorriu de repente. — Na verdade, vou dizer ao meu pai e ao tio Connor que eu e você vamos a um evento de relações públicas.

— Ah, é? E quando nós...

— Eles não vão nos ver na cidade durante o fim de semana, Bradley, porque você vai ficar na sua linda casa o dia inteiro na sexta-feira, e talvez no sábado também. É só garantir que sua despensa esteja cheia.

— Seu filho da puta!

— Sim.

— Seu filho da puta arrogante!

— Sim.

— É tão importante assim você falar com ela? Mesmo pondo em perigo...

— Sim.

Bradley soltou um suspiro profundo, analisando a expressão do amigo.

— Então tá. Deixe eu fazer umas ligações. Agora saia da minha casa e vai dormir um pouco. Tudo bem?

— Tudo bem. E, Bradley...?

— O quê?

— Obrigado.

— Se manda daqui, seu puto!

— Já estou indo.

— Seu filho da puta maluco, obsessivo e maníaco!

Anton aquiesceu.

— Tá. Eu também amo você.

— Vá descansar. Eu ligo amanhã.

— Boa noite.

CAPÍTULO 32

A GEÓRGIA ERA LINDA. Flores silvestres por toda parte. Terra vermelha cor de sangue, que parecia tão familiar ao seu íntimo, embora ele não tivesse lembrança de jamais ter visto aquilo. Grandes nuvens brancas em um céu azul impecável. A cada minuto, Anton sentia o coração flunar enquanto a pura beleza ao redor afastava os pensamentos sobre o motivo de estar ali. Mas, logo depois, se lembrava e sentia um aperto no peito. Continuou dirigindo, com o coração flunando e se contraindo, esquecendo e lembrando as razões para estar naquela estrada, naquele carro emprestado, partindo do aeroporto de Augusta, onde tinha aterrissado, para ir até o número 322 da alameda Cherry, em Ronan, na Geórgia.

Enquanto dirigia, ensaiava o que iria dizer à mãe; mas ele não a chamaria assim, nem pensaria nela dessa maneira, porque aquilo era uma armadilha. Então, *como* iria chamá-la? Que atitude teria? Pensou muito sobre como se conduziria e, afinal, chegou ao trivial. Não ameaçador, mas severo. Firme. Direto ao ponto. Precisava convencê-la de que não havia nada a ganhar procurando a imprensa com suas falsidades. Que ninguém acreditaria nela. E que, candidatando-se ou não a governador, ele não era o tipo de homem que seria chantageado por uma drogada que vendeu seu filho único por nada. Convencê-la disso e depois sair logo de Dodge.

Mas sua convicção parava por ali. A verdade era que era difícil saber realmente o que faria quando estivesse frente a frente com ela. Em que condições a encontraria? Bêbada de cair, delirando? Ou será que havia tomado jeito? Casada ou morando sozinha? Outros filhos? Santo Deus, meios-irmãos ou meias-irmãs? E a avó? Onde ela estava? Morta ou viva? Bem, logo mais ele saberia as respostas a todas aquelas perguntas. Sem pretender, pisou mais fundo no acelerador.

Para seu grande desgosto, Katherine tinha ficado do lado de Bradley.

— Não sei por que isso não pode esperar até depois da eleição — argumentou. — Em todo caso, não há nada nessa carta que indique

chantagem. É até uma carta afetuosa. — Anton não conseguiu olhá-la nos olhos.

— Eu preciso — resmungou e, depois, detestou a forma como ela inclinou a cabeça e o fitou com aquela ironia, como se pudesse ver através dele, como se soubesse de alguma verdade que o iludia.

— Querido, se você quer ir ver sua mãe, isso é totalmente legítimo. Mas, pelo amor de Deus, diga que é só isso — opinou Katherine, e Anton sentiu o sangue aflorar ao seu rosto enquanto olhava para ela e para Bradley, que se sentara em algum lugar atrás dele.

— Ela não é minha mãe! — replicou Anton, ciente de que estava gaguejando, bravo com Katherine por provocar isso. — E, de qualquer forma, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Anton tinha saído de casa e entrado no carro de Bradley logo cedo naquela manhã, e ainda estava escuro quando chegaram ao hangar do aeroporto. E lá estava ele, no estado onde nascera mas de que não se lembrava, a menos de meia hora de distância da mulher que o havia abandonado.

Isto se ela estivesse em casa. Se não, teria de perguntar na vizinhança, o que estragaria o seu disfarce. O artigo da *People* o colocara no mapa de maneira surpreendente. As pessoas o reconheciam em lugares distantes. Talvez devesse ter permitido que seu velho amigo tivesse ido junto; Bradley era muito melhor em táticas barra-pesada. Mas ele não tinha deixado, não podia fazer isso. Não, aquele primeiro encontro, acontecesse o que acontecesse, era entre ele e ela. Por um momento, lágrimas embaçaram a estrada à sua frente, e ele tirou o pé do acelerador. Droga! Depois de todo aquele tempo, o que ela fizera ainda doía pra cacete! Não admira que ele nunca, jamais pensasse naqueles dias. Mas lá estava ela, surgindo de novo em sua vida, no momento mais inoportuno. As coisas indo bem com Katherine, a campanha afinal nos trilhos, ele já se reunindo com assessores para planejar a agenda do primeiro mês se fosse eleito governador e, de repente, teve de sair de fininho da cidade para tratar daquele assunto desagradável. Além da distração mental, havia o risco. Se a mídia soubesse da notícia, haveria muito a explicar. Na melhor das hipóteses, faria os eleitores lembrarem que, apesar do nome Coleman, ele havia sido adotado, o filho ilegítimo de uma drogada. Era a coisa mais esquisita: apesar de sua compleição, do cabelo crespo, todas as pesquisas mostravam que os

eleitores do seu estado não o viam como negro. Todos *sabiam* que ele era mestiço, é claro, mas era como se Pappy e o pai dele lançassem uma sombra tão intensa que escondia sua negritude.

Até aquele momento.

Anton emitiu um grunhido de exasperação. “Deixe de botar a carroça na frente dos bois”, pensou. Por que seria apanhado? Tinha usado o Google Earth para localizar a casa dela, que mostrou que ela morava na zona rural, com poucas casas ao redor. Iria apenas se encontrar com ela, olhá-la nos olhos, dizer o que tinha a dizer para convencê-la de que era uma má ideia falar com a mídia, para depois ir embora. Se as coisas andassem bem, poderia estar a caminho do aeroporto ainda naquela noite. Ou, se estivesse muito cansado, se hospedar num pequeno motel — um boné de beisebol, óculos escuros e pagamento em dinheiro dariam conta do recado — e pegar o avião na manhã seguinte. Bradley tinha alugado o avião de Beau Branson, um de seus amigos milionários com negócios na Geórgia, que também providenciara o Lexus que dirigia. Então, realmente, as coisas estavam indo tão bem quanto poderia esperar.

Quando Anton saiu da rodovia, a placa indicava mais trinta e cinco quilômetros até Ronan. Seguiu por uma avenida de quatro pistas com as habituais lojas em forma de grandes cubos e restaurantes de fast-food, uma via tão deprimente quanto qualquer outra do país. Mas, depois de alguns quilômetros, a avenida se estreitou em duas pistas e Anton começou a passar por uma série de cidadezinhas com edifícios de tijolos, restaurantes familiares e sorveterias. Apesar do calor do verão, abriu as janelas do carro para saborear melhor a experiência. Gostaria de poder parar e comer um bolinho de milho ou um prato de macarrão com queijo; apesar de seu estômago ter roncado baixo com a ideia, ele seguiu em frente. Quanto antes terminasse o que tinha ido fazer ali e partisse, melhor. Preferiu procurar na sacola um pacotinho de amendoim para beliscar.

Mas podia ter sido um erro deixar o ar da Geórgia entrar pela janela do carro, pois, quando saiu da cidade e voltou à zona rural, alguma coisa dentro dele começou a desacelerar. Por um momento, pensou que estava com sono — afinal, tinha acordado bem cedo naquela manhã —, porém não era isso. Era como se tivesse deixado o Sul entrar no carro e aquilo estivesse agindo sobre seus sentidos, embalando-o, acalmando-o, amenizando a urgência da tarefa iminente. Anton ouviu o farfalhar das

elegantes magnólias, sentiu-se embevecido com o vermelho-vivo da terra, os olhos atentaram à visão de um pomar de pessegueiros. Passou por uma igrejinha, a torre branca como Jesus estampada no céu azul. As casas já eram poucas e mais afastadas, e ele já conseguia adivinhar quem morava em quais casas: brancos nas casas grandes e opulentas, com varandas por toda a volta, e negros nas casas menores e mais modestas ou, pior, nos casebres perto das plantações. Ocasionalmente, via um negro sozinho, velho mas ainda de corpo ereto, sentado num balanço numa varanda, e inevitavelmente o homem acenava para o carro que passava. Anton se sentiu engasgar na primeira vez em que isso aconteceu, alguma coisa primitiva e familiar pulsando no sangue. “Eu estou em casa”, pensou, mas, logo em seguida, agastado, afastou aquele pensamento ridículo da cabeça. Estava sendo romântico. Melodramático. Sentimental. Idiota. A Geórgia podia ser a casa dele tanto quanto Roma. “Mas foi desse lugar que vieram meus antepassados”, erguia-se a voz de novo, e mais uma vez ele descartava a ideia. “O que você vai fazer a seguir? Mascar tabaco? Comer melancia?” Esse era o Sul profundo, um estado republicano com uma política terrível, e não era sua origem, como não era a de Pappy.

Foi nessa condição lacônica e agitada que ele passou pela cancela da estrada de ferro e quase não viu a pequena placa na estrada indicando a rua de sua mãe. Pisou fundo no freio e fez o retorno na rua de cascalho. Realmente ela vivia no meio do nada. Havia pelo menos uns cinco minutos que ele não passava por outra casa. Continuou dirigindo pela rua esburacada, com um sentimento raso pesando no peito, preparando-se para ver esqualidez, sujeira, disfunção, talvez um casebre caindo aos pedaços, como vários outros por que tinha passado.

Por isso não estava preparado para o singelo bangalô amarelo do endereço dela. Nem para o bem-cuidado jardim da frente, com uma horta de um lado e um canteiro de flores do outro. Verificou mais uma vez o endereço em seu celular e conferiu com a caixa de correio: estava correto. Como tinha perdido o caminho, sabendo que precisava retornar, Anton continuou dirigindo pela estrada de cascalho até passar pela casa, respirando fundo, reunindo coragem, perguntando a si mesmo o que significava aquela nova informação. Finalmente, incapaz de decidir, fez o retorno e voltou. Viu uma entrada de cascalho à esquerda, onde estacionou atrás de um velho Civic vermelho. Ficou no carro por um momento,

passando os dedos pelos cabelos curtos, olhando-se no retrovisor, antes de, finalmente, abrir a porta. Esperava que um cachorro latisse e viesse correndo na direção do veículo, mas nada se mexia. O lugar era tão tranquilo que Anton podia ouvir o zumbido do ar da tarde. Foi até a porta da casa e parou. Agora que estava mais perto, notou partes onde a pintura descascava, que o terceiro degrau da escada da varanda tinha uma grande rachadura. Era uma casa modesta, sem dúvida, mas parecia limpa e bem-preserveda.

Anton abanou a cabeça. Que diabos estava fazendo no meio do jardim, se preocupando com a pintura descascada? Se ela sentisse nele a menor hesitação, até mesmo o mais leve sinal de fraqueza, tiraria vantagem daquilo. Não podia se permitir ter pena dela. Não sentiria isso. Seria educado, porém direto. Objetivo. Tinha ido de muito longe, arriscado demais para fracassar. Fez uma careta antes de bater na porta. O músculo de seu maxilar pulsava compulsivamente quando a ouviu abrindo a porta. Mas o rosto que apareceu na soleira era sincero e alerta, os olhos tão límpidos e generosos, ela o reconheceu de imediato, e o sorriso que inundou seu rosto foi tão maravilhoso que Anton instantaneamente sentiu um afeto recíproco. Ficou ali de pé olhando, a boca ligeiramente aberta, enquanto ela se aproximou e tocou seu rosto com a mão magra e morena e disse:

— É você, meu Grande Garoto?

Anton não teve escolha a não ser se tornar de novo um garoto de nove anos e responder:

— Sim, mã. Sou eu. Anton.

CAPÍTULO 33

— ANTON. ANTON. ANTON. Anton. Anton. Oh, Deus, Deus, Deus! Louvado seja Jesus! Anton!

Juanita dizia o nome dele vezes e mais vezes, entoando-o como uma prece, gritando em voz alta com incredulidade e animação, enxugando as lágrimas, depois dizendo mais algumas vezes. Anton riu nas primeiras vezes que ela fez isso, comovido por sua sinceridade, lisonjeado por ser o objeto daquela óbvia alegria. Mas ela não parou, e Anton ficou calado, constrangido por aquela flagrante demonstração de devoção maternal, depois intrigado, em seguida, desconfiado. Desviou o olhar e observou o interior da casa, aliviado com quanto era limpo e arrumado, muito mais limpo, a bem da verdade, que o seu apartamento. Katherine estava sempre arrumando as coisas dele quando o visitava. Katherine. Cacete! Deveria ter ligado para ela de novo antes de entrar!

— Anton — disse Juanita. — Querido. Vem cá, senta. Meu Deus, você é tão alto! Senta nessa cadeira de balanço. É mais confortável. Que altura você tem, aliás?

Ele riu, constrangido.

— Pouco mais de um metro e oitenta. Não tão alto, na verdade.

Juanita anuiu.

— O seu pai tinha... — De repente se conscientizou e parou no meio da frase, e Anton se permitiu não notar.

Sentou-se na cadeira, mas nem tinha se encostado quando ela perguntou:

— Quer comer alguma coisa, filho? Quer um sanduíche de pasta de amendoim com geleia? — Abriu um sorriso. — Sempre que preparo isso no Sal's eu penso em você. Como você adorava esse sanduíche.

— Sal's?

— O restaurante. Onde eu trabalho. Na cidade. Eu trabalho na cozinha.

Ele devia ter passado pelo restaurante a caminho dali. Que coisa estranha! Até meia hora antes, não sabia que a mãe tinha um emprego, que morava numa casa modesta porém decente, bem diferente da esqualidez e da dissolução que havia imaginado. E aquele rosto miúdo e moreno, emoldurado por trancinhas de colegial dos dois lados, os grandes olhos castanhos, atentos, transparentes, sem o mínimo sinal da malícia que vinha se preparando para enfrentar. Eram os olhos dele, percebeu com um sobressalto, de uma cor diferente, mas com o mesmo formato e, sim, até com a mesma inocência que as pessoas da qual sempre comentavam.

Juanita continuava olhando para ele, um sorriso inseguro pairando nos lábios, e Anton percebeu que ela esperava uma resposta. Abanou a cabeça.

— Não, obrigado — falou. — Não quero comer nada. — Viu a decepção dela, percebeu que seu rosto era daqueles que não conseguiam esconder emoções e, apesar de suas intenções, entendeu que não suportaria magoar aquela mulher. — Mas eu aceito uma bebida — acrescentou educadamente. — Você tem algum refrigerante?

Ela inclinou a cabeça.

— Refrigerante? — Seu rosto se iluminou. — Você quer dizer uma Coca? — E deu risada. — Você virou mesmo um ianque, garoto. — Levantou-se, rindo para si mesma enquanto ia até a cozinha. — Ele chama de refrigerante.

Anton ouviu quando ela abriu a porta da geladeira e aproveitou para dar uma olhada na sala. O sofá era surrado, mas com três almofadas cuidadosamente bordadas em cima. Será que ela mesma bordara? Será que já sabia fazer isso quando eles... quando ele... naquela época? Tentou se lembrar, sem conseguir. As paredes eram verde-claras, e uma delas era forrada de porta-retratos. Anton se levantou e foi olhar. Algumas eram fotos dela, parecendo muito jovem, com uma mulher mais velha que supôs ser a mãe dela. Sua avó. De repente, se lembrou de como a chamava na infância. Nana. Depois, começou a ver várias fotos de si mesmo quando bebê. Os olhos cor de avelã eram inconfundíveis, e, santo Deus, o cabelo era uma juba! Em uma das fotos, ela o segurava no colo, o rosto esguio olhando direto para a câmera sem o mais leve sorriso. Mas havia algo muito protetor e maternal na sua postura, como se estivesse segurando uma criança por quem arriscaria a vida para manter. Alguma coisa se agitou no peito de Anton quando viu aquela foto, e sabia que não podia se

permitir isso, o sentimento o engoliria por inteiro. Desviou rapidamente o olhar da foto, mudando logo para uma foto dele por volta dos seis anos. Tirada num estúdio, ele usava suspensórios e um boné e sorria como se não se preocupasse com nada no mundo. Anton observou a foto mais de perto, tentando detectar alguma coisa nos olhos daquele garoto — medo, cautela, desconfiança —, porém só viu o brilho do olhar. Não era o olhar de um garoto maltratado ou negligenciado.

Ouviu os passos dela se aproximando e voltou depressa à cadeira de balanço, mas logo se levantou para ajudá-la a levar a pequena bandeja. Lá estava sua Coca, e ela fizera um sanduíche de pasta de amendoim com geleia assim mesmo. Anton abriu a boca para protestar, mas ela o silenciou.

— Experimente — falou. — É o sanduíche da sua mamãe. Ninguém consegue fazer igual.

Disse aquilo de forma desafiadora, mas Anton ouviu o tremor de sua voz, viu a trepidação dos seus olhos, como se esperasse o julgamento dele. Anton suspirou. Ela não estava facilitando as coisas. Ele tinha se preparado para tantos cenários, mas o de uma mãe com saudades do filho não era um deles. Pegou o sanduíche e deu uma mordida. E fechou os olhos quando uma enxurrada de lembranças o tomou de assalto.

Falou com a boca cheia.

— Eu vim até aqui — começou, enquanto mastigava — para falar...

— Sim, você veio. Louvado seja o Senhor. Quando mandei a carta, eu nunca...

— ... com você sobre... — Anton engoliu. — Sim, a carta.

— Um milagre, foi isso que foi. Eu rezei um milhão de vezes...

— Mã. — A voz dele saiu alta, aguda, rompendo o silêncio da tarde. Mas conseguiu a atenção dela. Ela olhou para ele com aqueles olhos grandes, o rosto erguido, uma penitente aguardando seu julgamento. Anton sentiu um momento de inquietação ante a facilidade com que ela se submeteu, contudo ignorou a sensação e foi em frente. — Eu vim falar com você porque, como sabe, eu estou concorrendo ao cargo de governador. E nós não podemos... não podemos atrair a atenção da mídia a respeito... disso... sobre o que aconteceu. No passado. — Sabia que estava gaguejando, perdendo o fio condutor e talvez a autoridade sobre ela e, de repente, desejou desesperadamente que Bradley estivesse ali com ele.

Ela abriu a boca para falar, mas Anton levantou uma das mãos para detê-la.

— O que estou tentando dizer... — Enfiou a mão no bolso e tirou a carta dela, ciente de que sua mão direita tremia, esperando que ela não notasse. Debruçou-se para ela também ver a carta. — Esta parte aqui, onde você diz que eu escolhi... que decidi viver com a minha... nova família. — Obrigou-se a levantar a cabeça e olhá-la direto nos olhos. — Por que você disse isso? Quero dizer, por que a mentira, quando todo mundo sabe que você abriu mão de mim? Quero dizer, se pensa que pode me intimidar com essa mentira... — Anton parou de repente, ao notar a expressão chocada no rosto encovado dela, com lágrimas brilhando nos olhos. Ah, merda! Aquilo ia ser mais fácil e mais difícil do que imaginava. Tinha se preparado para um confronto com uma drogada. Mas não estava pronto para lidar com uma mulher que parecia ser dilacerada a cada palavra que ele dizia. Talvez Katherine tivesse razão. Talvez, apenas talvez, ele tivesse interpretado mal a carta e suas intenções.

— É isso que você acha? Que eu abri mão de você? — A voz dela era aguda, cortante como vidro. — Você acha...

Anton olhou para ela com uma expressão incrédula.

— Bem, é claro que você fez isso. Acho que não há o que discutir.

Os lábios dela se retorceram.

— É isso que você pensa de mim? Todo esse tempo? Que sua mãe é o tipo de mulher que daria o próprio filho? Para uma família branca? O que se passa na sua cabeça, garoto?

Anton sentiu o equilíbrio de forças na sala pender para ela. Foi o jeito como ela o chamou de “garoto”. Com poder. Severidade. Como uma mãe.

— Olhe, eu não vim aqui para discutir — tentou ele. — Só estou dizendo que não há nada a ganhar renegociando o passado. Ou...

A voz dela saiu firme, sua expressão era sem emoção.

— Você é advogado, certo, filho? — Ele fez que sim com a cabeça. — Você se comporta como um advogado. Como aqueles advogados da cidade.

— O que você quer dizer com isso?

Juanita inclinou-se para a frente na cadeira e olhou nos olhos dele.

— Você sabe exatamente o que estou dizendo, garoto — ela falou num tom de voz calmo e continuou olhando enquanto ele corava. Desviou o

olhar por um momento e voltou a fitá-lo intensamente. — Por que você veio aqui, Anton? O que você quer?

Na verdade, era difícil responder àquela pergunta, mas ele respondeu:

— Que você me dê sua palavra... sua garantia de que não vai procurar a mídia para contar sua história.

Ela disparou uma risada.

— E que história seria essa, garoto?

— Não me chame assim.

— Não chamo você de “garoto”? Então por que está se comportando como um garoto? Você encontra a sua mãe depois de sei lá quantos anos e só pensa que estou querendo alguma coisa de você? E precisou vir antes de eu contar a minha “história” para os jornais?

Anton esmurrou a mesa na sua lateral.

— Escute. Foi você que abriu mão de mim — falou. — Foi você quem fez um trato com o diabo. Que espécie de mulher deixa um filho trancado sete dias num apartamento? Que espécie de mãe... — O rosto se contorceu, e ele enxugou o nariz com as costas da mão.

— Uma péssima mãe. — A voz dela tremeu, mas reverberou na sala. — Da pior espécie. Um monstro. Certo? — A expressão dela desmoronou. — Mas, Anton, eu estava tentando. Todo o tempo em que fiquei presa, eu estava tentando. Fiquei sóbria. Tive síndrome de abstinência. Você sabe o que é isso, filho? Pois eu tive. Por você. Mas você não conseguiu esperar por mim. Estava bravo comigo. Eu entendo. Não estou culpando você. Você era só um garoto. Eu sei. E aquela família branca e rica, eles tinham tanto a oferecer... Todas aquelas viagens para esquiar e tudo o mais. Eu não tinha nada naquele tempo. Eu... não podia... competir.

A cabeça de Anton latejava.

— Como assim, eu não consegui esperar? Esperar o quê? Como? — De repente se sentiu sonolento, vencido pelas atividades do dia, e fechou brevemente os olhos. Mas logo despertou por completo, chamado à atenção por algo que ela havia acabado de dizer. — A viagem à estação de esqui. Como você soube disso?

Ela deu de ombros.

— Ele me contou. Quem mais?

— Quem?

— Quem? O sr. Coleman. O homem que queria ser seu pai. O que veio falar comigo.

O mundo parou. Naquela pausa, Anton ouviu o tique-taque do relógio, o canto de um pássaro desconhecido no quintal. Ficou imóvel, a boca seca. Quando conseguiu falar, perguntou:

— Quando?

— Não me lembro da data exata. Quando a gente tá na prisão, os dias se passam como uma grande bagunça de nada, sabe?

— Ele foi até a prisão? Para falar com você?

Juanita parecia tão perplexa quanto Anton.

— Mas você sabia disso, querido. Simplesmente esqueceu. Você era tão novo... — Olhou para um ponto atrás da cabeça de Anton por um minuto antes de se recompor. — Não, não foi na prisão. Eles me levaram a um, sei lá, um prédio de escritórios. Acho que era. À noite, quando não tinha ninguém lá além dele e de outro senhor.

Aquela mulher era mais convincente do que ele imaginara. Pensar que quase tinha acreditado nela momentos antes. Anton sentiu uma espécie de alívio; ela era apenas uma vigarista com uma ridícula e falsa história a contar. “Melhor deixar que procure os jornais; eles vão é dar risada.” Sentiu-se triunfante, meio zozzo e também estranhamente abatido. Lutou contra a vontade de rir.

— Meu pai levou você a um prédio de escritórios vazio? — perguntou, irônico. — É mesmo? À noite?

Juanita se apurou na cadeira e olhou para ele com atenção, fazendo desaparecer toda a sua anterior postura de garota. Anton se forçou a encarar aquele olhar, sem se preocupar em esconder seu desdém, seu desprezo e, agora que se permitia reconhecer, sua fúria. Será que ela já não tinha prejudicado sua vida o suficiente em todos aqueles anos? Precisava mesmo voltar a aparecer na sua vida, com suas histórias absurdas?

Anton se levantou e deu um passo na direção dela.

— Chega! — falou. — Você já fez estragos o bastante. Nem sonhe em caluniar o nome do meu pai, nunca mais. Está me ouvindo? Nunca. — Ficou de pé na frente dela, notando sem querer uma faixa de cabelos brancos no alto da sua cabeça.

Juanita levantou a cabeça devagar para encarar seu olhar.

— Você acha que estou mentindo para você, Anton? — perguntou afinal.

— Pode crer — ele respondeu. — Pode acreditar que acho que você está mentindo, sua...

Juanita ergueu a sobrancelha esquerda.

— É assim que se ensina a falar com os mais velhos lá no Norte?

Antou fungou.

— Por favor. Não vamos entrar nesse sermão de parentesco...

Ela se levantou rápido da cadeira.

— Espere aqui — falou, desaparecendo no que ele supôs fosse o quarto. Ficou mudando de um pé para o outro, ansioso para ir embora dali. Estava no meio da sala, abrindo e fechando as mãos ao lado do corpo, cogitando sair para o quintal e ligar para Bradley. Ele saberia o que fazer, como convencer aquela mulher de que era melhor desistir enquanto estava na dianteira.

Mas, antes de se decidir, Juanita voltou do quarto com uma pasta de cartolina na mão.

— Sente-se, Anton — disse num tom autoritário que o fez se eriçar.

Para sua própria surpresa, Anton se deixou sentar na cadeira de balanço. Juanita sentou-se à frente dele, pasta no colo. Uma folha de papel caiu no chão, e, quando se abaixou para pegá-la, viu que era um recorte da matéria da revista *People* de alguns meses antes. Devolveu a folha sem dizer nada, e Juanita fez uma expressão travessa.

— Eu rasguei da revista no consultório do dentista — confessou. — Eu... fiquei tão empolgada... Pareceu um milagre quando vi o seu rosto. — Olhou para o artigo, e, quando levantou a cabeça, seus olhos estavam avermelhados. — Todo esse tempo eu acreditei no que ele me disse. O sr. Coleman. O seu... o homem que você chama de pai. Que você preferiu ficar com ele e a mulher, e não comigo. Por isso achei que ficou contente comigo, Anton, por respeitar sua decisão. Foi só assim que consegui sobreviver todos esses anos. Achando que era o que você queria. — A expressão dela desmoronou. — Mas, agora, vejo que ficou bravo comigo. Todos esses longos anos. Por ter aberto mão de você. Agora vejo que sou mesmo o que o mundo diz de mim... uma negra ignorante. Que foi enganada pelo homem branco com o truque mais velho do mundo. Foi escravidão o que ele fez comigo, Anton. Escravidão.

Lágrimas rolavam pelo rosto dela, e, apesar da confusão e da crescente sensação de terror que o tomava, Anton teve vontade de consolá-la. Descartou logo aquele impulso, não querendo enfraquecer, tentando descobrir que jogo estava jogando. Depois de alguns instantes, ela parou de chorar, esfregou os olhos com as mangas da roupa e continuou folheando a pasta aberta. Encontrou o que queria e pegou uma fotografia dele.

— Olhe — disse simplesmente. — Ele me deu isso. Pra me mostrar quanto você estava feliz com ele.

Anton reconheceu a foto imediatamente. A viagem da família a Vail. Ele posando no alto da montanha com seu anorake novo em folha e esquis, as mãos no quadril, olhando para o mundo como um pequeno príncipe.

— Como você conseguiu isto? — começou Anton, mas depois se conteve. — Eles... os meus pais mandaram pelo correio? Na prisão?

Juanita abanou a cabeça com impaciência.

— Não. Eu já falei. Ele me disse que eu podia ficar com ela. Eu queria ficar com todas as fotos que ele me mostrou de você. Uma delas tinha você num veleiro. Mas tive que escolher uma só, e depressa. Antes de ele me mandar de volta para a prisão.

Anton ficou ouvindo, atordoado, enquanto ela contava sobre a misteriosa ida ao prédio de escritórios deserto e o homem alto e de aparência distinta que encontrou lá. As histórias que David tinha contado sobre seu Grande Garoto, como estava se adaptando à escola, como se sentia feliz com sua nova vida. E, depois, a prova, as fotos que tinha do Anton dela, agora um pouco mais velho, já sem as gordurinhas de bebê, com roupas estilosas e feitas por encomenda, não as roupas doadas que ela conseguia na loja da Boa Vontade. O Anton dela, já um estranho, numa pista de esqui e num veleiro e praticando um esporte cujo nome ela não sabia. Que mãe digna desse nome negaria uma vida dessas ao único filho? Ficou esperando uma resposta, mas Anton continuou olhando para ela em silêncio, sem querer acreditar no que ouvia, porém acreditando nela.

— Por que ele faria isso? — perguntou afinal, com a voz rouca. — Por que ele procuraria você? E como conseguiu tirar você da prisão? — No momento em que fez a pergunta, já sabia a resposta. Por isso fechou os olhos e recostou-se na cadeira, saboreando aqueles últimos minutos de um mundo intacto, sua última pincelada de inocência, antes de fazer a

pergunta seguinte: — O juiz que passou sua sentença... que manteve você na prisão, você lembra o nome dele? — Enquanto fazia a pergunta, sentiu-se envergonhado por nunca ter se dado ao trabalho de descobrir por si mesmo. Na verdade, havia se comportado como se tivesse sido chocado na família Coleman, tão imaculado como um ovo, sem passado nem curiosidade a respeito.

Juanita abriu o sorriso mais revelador.

— Claro que lembro. Juiz Bob Campbell. Conheço esse nome como o do próprio diabo. Ele me passou uma sentença três vezes maior que o acordo feito com a promotoria. O advogado da defensoria disse que eu tinha sido enganada. — Juanita ficou em silêncio por um momento, depois deu uma risada. — Eu gosto da Geórgia — falou. — Aqui a gente sabe exatamente de que lado está. Aqui os brancos são reis, desde ontem, hoje e amanhã. Mas, no Norte, eles falam palavras doces na sua frente. Depois, cortam a garganta da gente quando não estamos olhando.

Anton queria que ela se calasse para poder pensar. Encontrar uma falha na narrativa que ela tecia. Mas ela continuou falando e tirou algo mais da pasta, um pedaço de papel, não, um cheque, e o entregou para ele. Anton pegou o cheque relutante, segurando-o entre o polegar e o indicador. Viu o endereço conhecido — o antigo endereço em Arborville — e, depois, a assinatura de Delores. Olhou para a data, notou que o cheque era ao portador, registrou que a quantia era de cinco mil dólares.

— Ele me mandou este cheque — Juanita continuou dizendo. — Depois que me soltaram. O homem que me entregou disse que era para eu começar uma nova vida. A sua mãe... a mulher dele... mandou um bilhete simpático junto, me agradecendo por ter aberto mão de você. Prometendo propiciar uma vida boa a você. E que torcia para eu ficar sóbria e ter uma bela vida. Foi o que ela disse... “Espero que você tenha uma bela vida.”

Anton se levantou.

— Com licença — falou. — Onde fica o banheiro?

Debruçou-se na privada e regurgitou algumas vezes, mas não havia nada a vomitar, pois não tinha comido nada além de alguns amendoins e uma mordida de sanduíche. Endireitou-se, jogou água no rosto e se encostou na porta, tentando recuperar a respiração, lutando contra a fraqueza de seus membros, o enjoo nas vísceras. Fez força para se lembrar do dia em que David o levou para tomar sorvete, quando falou seriamente que sua mãe

biológica queria abrir mão da custódia para David e Delores. “Tente entender, filho”, dissera David. “Não é culpa dela. Sua mãe é doente e não pode cuidar de você da mesma maneira que nós.” Anton voltou a se lembrar do que sentiu naquele momento, a sensação de orfandade e exclusão, sabendo que havia perdido de vez não só sua mãe como também o antigo apartamento, o bairro, os velhos amigos, todo o seu modo de vida. Que fora trocado como uma figurinha de beisebol. E que agora pertencia àquele homem alto e bonitão, que olhava para ele com tanta esperança e ansiedade que o assustava, embora o admirasse e quisesse cada vez mais ser como ele. Uma semana depois, fugiu da escola e tomou dois ônibus para voltar ao velho apartamento, na esperança de encontrar a mãe e convencê-la de que estava cometendo um erro, só para voltar para casa com Coleman na mesma noite, exausto e derrotado. Com o decorrer do tempo, David e Delores se tornaram sua família, enquanto a verdadeira mãe se tornava um fantasma, a história de um aviso, um constrangimento.

Anton se ajoelhou, sentindo a frieza das lajotas verdes do banheiro no corpo. Era filho de todos, mas não pertencia a ninguém. Os três pais de sua vida o haviam traído, cada um à sua maneira, e ele não tinha ideia de como comparar uma traição a outra. Quem tinha mais direito? Será que ele pertencia a qualquer uma daquelas pessoas perturbadas? Não fazia ideia. Quem seria ele quando abrisse aquela porta de madeira lascada e entrasse naquela salinha? Sabia que, em algum momento, teria de sair do banheiro e encarar Juanita, mas não sabia como. Corou ao se lembrar de como havia caçoado dela pouco tempo atrás, o desprezo com que olhara para ela. E é claro que sua cabeça de advogado dizia que havia sempre a possibilidade de estar interpretando mal a situação, acreditando nela com muita facilidade, deixando de perceber a parte fictícia que ela narrava. O pai dele foi juiz, pelo amor de Deus, na época em que a mãe se encontrava presa. David não seria ingênuo de defraudar uma detenta, pensaria um milhão de vezes antes de organizar um encontro clandestino num prédio deserto de escritórios. Será que não teve medo de que alguém — um guarda, outra detenta — desse com a língua nos dentes? Se a história da mãe fosse verdade, David tinha arriscado sua licença de advogado, sua profissão, o nome da família, por causa de quê? Dele? Um garoto novo e ignorante que muitas vezes se mostrava temperamental, emburrado, introvertido?

Tudo era muito confuso, o passado sendo lembrado de forma difusa, fechando-se sobre ele como uma mão na garganta. Com certo esforço, lutou para se levantar, apoiando a mão na pia. Abriu de novo a torneira, jogou mais água no rosto e contemplou o estranho aflito de olhos arregalados que o fitava no espelho. Quem era aquele homem? Fazia quanto tempo que estava ali? Olhou para o relógio e piscou. Como diabos já eram três horas?

Quando voltou à sala de estar, viu que Juanita continuava sentada no mesmo lugar em que se encontrava quando ele entrou no banheiro.

— Tudo bem com você? — perguntou ela, mas sua voz era distante, sem nada da preocupação maternal que exibira mais cedo.

Anton aquiesceu e caiu pesadamente na cadeira de balanço.

— O cheque — começou a dizer, como que retomando a conversa. — Por que você não descontou?

Juanita deu um sorriso cansado.

— Não consegui. É perigoso tanto dinheiro na mão de uma viciada. Eu só estava sóbria havia poucos anos, lembra-se? Por isso, mandei para minha mãe. Por segurança. Ela disse que guardaria para mim até eu me mudar para cá. E foi o que eu fiz, alguns meses depois. — Abriu os braços num gesto amplo. — Esta casa era da sua nana, sabe? Você morou aqui até um ano de idade. Mas era muito novo pra se lembrar.

— Ela morreu?

Juanita fez que sim com a cabeça.

— Sim, querido. Já faz cinco anos.

Anton queria fazer um milhão de perguntas, mas não conseguia. Começava a sentir um perigoso e renitente respeito por aquela senhora que o enervava. Era arriscado demais, muito difícil, muito confuso. Estava com quase trinta e cinco anos, a poucos meses de provavelmente ser eleito governador, mas tinha medo de saber como a avó morrera, de como a mãe havia vivido. Não queria saber. Morria de vontade de saber.

Sentiu uma conhecida onda de náusea, mas dessa vez foi até a porta da frente.

— Ar — falou. — Eu preciso de ar.

Juanita estava prestes a dizer alguma coisa, mas Anton tirou as chaves do carro do bolso.

— Eu já volto — anunciou. — Preciso fazer um telefonema importante. — Antes que ela pudesse responder, Anton desceu os degraus de pedra da varanda e entrou no carro. Deu marcha à ré e saiu pela rua de cascalho onde ficava a casa, sem se virar para ver se ela o observava. Percorreu uma boa parte da estrada até ter certeza de que estava fora de visão, num lugar onde ela não pudesse enxergar a poeira levantada pelo automóvel antes de estacionar. O calor da tarde o tomou de assalto, e Anton ligou o ar-condicionado, ainda com os vidros do carro abertos. Ficou escutando a algazarra dos passarinhos, ouviu o zumbido de uma abelha pairando na frente do carro. Fora isso, somente o silêncio, os campos verdejantes imóveis e dormentes dos dois lados. Encostou a testa no volante e fechou os olhos. Pensou em ligar para Katherine, mas sabia que aquilo apenas adiaria o inevitável. Só havia uma pessoa no mundo que poderia responder à pergunta que fervilhava em sua cabeça.

CAPÍTULO 34

ANTON PENSOU UM POUCO se deveria ligar para o telefone da casa, mas preferiu não arriscar que Delores atendesse. Por isso, ligou para o celular do pai, esperando que William não atendesse, como às vezes acontecia quando o pai estava descansando. Seu desejo se realizou quando ouviu a voz de David após o segundo toque.

— Oi, filho — falou. — Como foi a visita à casa de repouso dos aposentados?

Merda. Tinha esquecido que David tinha uma cópia do itinerário da campanha.

— Eu não fui — respondeu.

— Por que não? — perguntou David meio irritado. — Nós precisamos que esse pessoal compareça às urnas.

— Eu não estou lá — explicou Anton. — Aliás, estou fora do estado.

— Como assim? — Anton pôde ouvir a impaciência na voz de David, que, depois, forçou certa leveza. — Você e Katherine saíram da cidade para se encontrar ou coisa assim?

— Antes fosse. — Respirou fundo antes de dizer: — Não, pai. Na verdade, eu estou na Geórgia. Numa estrada de terra no meio de uma plantação.

Houve uma breve pausa antes de David dizer:

— Do que você está falando? — A voz dele tremeu levemente, mas Anton percebeu aquilo, medo, apreensão, cálculos, como uma confissão.

Apertou mais o telefone, agora ofegando um pouco.

— Eu estou na Geórgia, pai. Na frente da casa *dela*. Fazendo uma visita.

Outra pausa, breve porém infinita.

— Entendo. — Um suspiro. — Como você a localizou?

Anton estava prestes a explicar sobre a carta. Como tinha logo desconfiado dela, que viajara para o Sul para silenciá-la, mas, depois,

pensou: “Eu não devo essa explicação a ele. As explicações devem fluir no sentido contrário”.

— Eu a encontrei — respondeu simplesmente. — E ela me contou... a história toda. — Ouviu David emitir um som, mas continuou falando: — E ela me mostrou a fotografia. E o cheque que mamãe fez para ela. Cheque que ela não descontou. Você sabia disso?

Ouviu David arquejando.

— Escute. Não sei que merda essa mulher andou dizendo. Eu... Ela era sua mãe biológica, droga! Por isso eu resolvi dar uma ajuda. Para começar a vida do novo.

— Você deu cinco mil dólares para uma drogada, pai? O que estava tentando fazer? Matar a mulher?

— Anton. Não fale comigo dessa maneira. Não mesmo. Agora escute uma coisa: o que você quiser perguntar, pergunte diretamente a mim. Como homem.

Apesar da raiva, Anton sentiu uma relutante admiração pelo velho. Mesmo depois do ataque cardíaco, David continuava sendo de aço, de puro aço.

— Tudo bem, então. Como você conseguiu tirá-la da prisão para aquele encontro improvisado?

Houve um silêncio longo e doloroso, e por um instante Anton considerou se o pai tinha desligado o telefone na cara dele. Já ia dizendo “Alô” quando David falou:

— Eu não vou fazer isso, Anton. Não vou me submeter a responder a todas as acusações que essa mulher está me fazendo.

Anton percebeu a admissão de culpa.

— Pai! — exclamou, incrédulo. — Você poderia ter perdido sua licença de advogado! Poderia ter sido preso! O que você fez não foi só imoral. Foi ilegal.

— Imoral? Você está me dando uma lição de moral por causa de uma mulher que deixou você trancado num apartamento por uma semana? — ironizou David. — Ou já esqueceu esse fato nu e cru, Anton? De que nós resgatamos você?

Por alguma razão, a palavra “resgatamos” doeu. Anton se sentiu objetivado, um caso de caridade.

— Eu não pedi para você me resgatar — disse Anton asperamente. — Não estou querendo ser ingrato, mas...

— Filho. — A aflição na voz de David era autêntica. — Aonde você pretende chegar com isso? Inferno, como você chegou aí? Eu não quero a sua gratidão, droga! Não fiz favor nenhum. Eu... nós... eu amo você. Nunca me arrependi nem por um segundo do que tive com você. Também nunca pedi garantias.

Anton não sabia que era possível alguém sentir tantas emoções conflitantes e ainda assim conseguir respirar. Ouvia a aflição de David, e aquilo o dilacerava. Adorava o homem do outro lado da linha, idolatrava-o! Tinha uma proximidade com Delores que nunca tivera com ninguém. Pappy era o único avô que conhecera, a única morte por que tinha chorado. Mas havia algo mais, de que não estava ciente. Não podia ignorar esse fato. E, por mais que tentasse, não podia deixar de fora o fator racial. Tratava-se de uma mulher negra e pobre, simplória, que fora atropelada por um bando de homens brancos e poderosos. Por acaso, um deles era o homem que havia tornado toda a sua vida possível.

— Anton — disse David. — Você ainda está aí?

— Estou. — Engoliu em seco antes de perguntar: — A mamãe sabia?

— É claro que não. Só sabia o que eu contei a ela. E prefiro que continue assim.

Anton anuiu, sentindo um alívio percorrer seu corpo.

— E ela assinou o cheque porque...?

— Porque eu pedi para ela assinar. Para dar uma força à sua... a essa mulher. Você conhece sua mãe. Ela faz tudo por qualquer um. — A voz de David assumiu um tom mais determinado. — Olha, é difícil fazer isso pelo telefone. De qualquer forma, você precisa voltar para casa, filho. Precisa ganhar uma eleição, lembra-se? É hora de se concentrar no futuro, não no passado.

Anton abanou a cabeça. Aquela última observação era bem típica de David. Mas, em seguida, a imagem da mulher no chalé amarelo surgiu diante dos seus olhos, e Anton sentiu uma profunda relutância em retornar ao futuro. Não tão depressa. Sabia a rapidez com que seria envolvido pelas engrenagens da campanha assim que voltasse para casa. Com que facilidade ele e David retomariam o relacionamento normal, como a adorável Katherine e os confortos de sua vida embaçariam a lembrança da

mulher que manteve a postura ereta, sem hesitar, enquanto ele falsamente a acusava de mentir. Estava idolatrando o pai errado como herói, agora percebia. O verdadeiro aço estava naquela mulher com ar de garota, que tinha lutado contra o vício das drogas, contra a pobreza, uma pena de prisão forjada, o sequestro do filho e, Deus sabe, quantas outras injustiças para chegar a um momento em que o filho já crescido a chamaria de mentirosa.

Alguma coisa lampejou na mente de Anton naquele momento como um farol, e ele perguntou:

— O... tio Connor sabe sobre isso? — Houve um longo silêncio, enquanto Anton sentia o batimento do coração reverberando pelo corpo todo. — Pai?

Ouviu David suspirar alto.

— Claro que sim. Connor foi o promotor público.

— Deus do céu! Foi uma conspiração maldita! Tudo por causa...

— Anton. Deixe de ser melodramático. Nós só estávamos tentando...

— Por que você fez isso, pai? — gritou Anton. — Quero dizer, meu Pai do céu, é uma mentira atrás da outra, uma enganação atrás da outra!

David baixou o tom de voz.

— O que você queria que eu fizesse, Anton? Que corresse o risco de você voltar para essa mulher? E da próxima vez que ela saísse de mansinho em busca de drogas? O que aconteceria?

Anton abanou a cabeça.

— Ela está sóbria, pai. Ficou sem tomar nada todos esses anos.

— Isso é o que ela diz — ironizou David. — De qualquer forma, é fácil acertar quando a coisa já aconteceu. Você sabe tão bem quanto eu quais são as taxas de recaída nessa turma do crack.

Anton se encolheu como se David o tivesse atingido fisicamente. “Turma do crack.” Era assim que o pai via a mãe dele. Como uma estatística, um número, um dado registrado.

— Você devia vê-la agora, pai — falou. — Não tem nada a ver com o que você imagina. É simplesmente uma mulher boa, honesta e trabalhadora. Do tipo que você já exaltou em um milhão de discursos políticos.

David soltou um grunhido.

— *Touché*. Foi um golpe baixo, mas *touché*. Devo lembrar que até mesmo uma viciada pode se aguentar por algumas horas.

— Ela não é uma viciada! — berrou Anton. — E, mesmo que fosse, nada muda o fato de você ter me roubado dela. Esse é o pior caso de abuso de poder que já vi. Você poderia estar preso por isso, pai! — A voz de Anton falseou. — E você mentiu para mim. Mentiu. Disse que ela havia renunciado ao poder familiar sobre mim. Você mentiu.

— E sinto muito por isso. Mas eu não tive escolha. Você precisa acreditar em mim. — A voz de David tremia, mas, quando voltou a falar, foi em tom de urgência, exasperado: — Que droga, Anton! Eu também sou humano. Fiz o melhor que pude, em circunstâncias difíceis.

— Não teve escolha? Claro que teve. Você só precisava ter obedecido à lei.

David emitiu um som impaciente.

— Eu não consegui. Você não percebe? Porque você era... especial. Com um potencial tão grande! E eu fui o único a ver isso. Que inferno, filho, teria sido um crime, não, um pecado ter perdido esse potencial! Não! Nem em um milhão de anos! Valia a pena lutar por você.

Anton esmurrou o volante do carro.

— Não! Não diga que isso foi por mim, pai! Isso foi por você! Era do que *você* precisava! — Fechou os olhos, pois estava para entrar numa trilha que sabia que deveria evitar, naquele lugar escuro e úmido onde James jazia num túmulo. — Você precisava de outro filho para amar, pai. Eu entendo isso. Depois de James...

— Anton, você não quer entrar nessa via. De todo modo, não é verdade...

— O que estou querendo dizer é que foi muito triste o que aconteceu, mas isso não...

— Anton, eu estou avisando...

— ... isso não dava a você o direito de...

— Que maldição, seu merdinha! Chega! — rugiu David em seu ouvido. — O que você quer de mim? Eu dei a você tudo o que tinha, porra! Estou prestes a dar a você o governo deste maldito estado numa bandeja de prata! E você se atreve a falar desse jeito comigo?

— Pai, escuta — disse Anton. — Acalme-se. Que tal a gente conversar quando...

— Não, Anton, você vai me escutar. Quer que eu me desculpe pelo que fiz? Só vou dizer isso uma vez, por isso preste atenção: não. Nunca vou pedir desculpas por ter lutado para manter você na minha vida. Sabe por quê? Porque você valia a pena. Você valia tudo o que eu fiz. E eu nunca vou me desculpar *para* você nem *por* você. Nunca!

Anton tinha sido vencido pelo melhor homem. Sabia disso. Mesmo com o coração doente e fragilizado, o pai era duas vezes o homem que ele era. Porque, certo ou errado, David tinha convicção. Ao passo que ele, Anton, sentia-se derrotado naquele carro, ouvindo o pai rosnar na sua orelha:

— Agora tira esse absurdo da sua cabeça e volte já para a cidade e continue tocando a sua vida!

Tudo o que Anton conseguiu responder foi:

— Sim, senhor. — Desligou o telefone e ficou olhando para a frente, sem saber se voltava para a casa da mãe e, se voltasse, o que iria dizer a ela. Estava perfeitamente ciente de que tinha fracassado na mais básica das tarefas: fazer David pedir desculpas a Juanita Vesper por todo o mal que havia feito. Nem mesmo esse mínimo grau de civilidade ele conseguiria.

Anton desligou o celular. Sabia que David iria ligar novamente, ou Delores. Ainda não queria falar com nenhum dos dois, nem mesmo com Katherine. Depois de algum tempo, fez o retorno com o carro. Iria se despedir da mulher da casa amarela e tomar o caminho de casa. Não havia mais nada a fazer ali.

CAPÍTULO 35

JUANITA O ESPERAVA na varanda quando ele voltou, ficou olhando enquanto descia do carro e subia os degraus com ar abatido. Levantou-se do balanço da varanda quando ele se aproximou, mas Anton fez sinal para que continuasse sentada e acomodou-se ao seu lado. Juanita se ajeitou um pouco e pegou a mão dele entre as dela e a colocou no colo. Ocorreu a Anton que era a primeira vez em vinte e cinco anos que a mãe pegava na mão dele. Abanou a cabeça com tristeza, depois encostou a cabeça na dela, e os dois ficaram ali pelo que pareceram horas, antes de Juanita começar a estremecer e Anton se levantar e ver as lágrimas escorrendo pelo rosto dela.

— Não, mã... — começou a dizer, mas foi um erro, pois, de repente, as lágrimas adquiriram voz, e ela começou a emitir um lamento que fez os cabelos de Anton ficarem em pé. “Se a tristeza tivesse um filho, seria assim que ele cantaria.” O trecho passou pela cabeça de Anton, e ele não sabia ao certo se era algo que havia lido, a estrofe de uma música, talvez, ou se era de sua autoria. Mas mal conseguiu completar o pensamento, pois a mulher ao seu lado parecia estar adernando. Largou a mão dele e se segurava pela cintura balançando de um lado para outro, como se fosse se desintegrar se ele soltasse seu corpo. E continuou a emitir aqueles sons terríveis, soltos no ar como um vapor venenoso, e Anton pensou distraidamente: “Como esse corpo tão frágil pôde aguentar um peso como esse?”. Como se sua dor fosse um animal vivo enrodilhado dentro dela até aquele momento.

Os sentidos de Anton se entorpeceram, falsearam, o que era a sua reação normal diante da tristeza dos outros. Quando Katherine chorou no enterro de seu tio Jeffrey, que ela adorava, Anton só conseguiu dar tapinhas nas costas dela e dizer: “Ei, ei. Está tudo bem”. Sua atitude formal e retraída provocou uma das raras brigas entre os dois, com Katherine acusando-o de ter aumentado ainda mais sua solidão, em vez de mitigá-la. “Foi como se você tivesse desaparecido”, disse ela, dias depois. “Você

estava lá, mas desapareceu.” E Anton abaixou a cabeça em reconhecimento, sabendo que ela estava certa, incapaz de explicar como a dor das pessoas o deixava paralisado, quanto desejava desesperadamente ajudar a aliviar aquela dor, mas sabia, com toda a certeza, que não conseguiria. Era uma das funções de ser governador que ele temia, a bem da verdade — consolar as pessoas durante uma visita a uma área atingida por um furacão, uma enchente ou algum tiroteio numa escola, com as luzes das câmeras de TV transformando toda a interação num espetáculo. Às vezes, mesmo em meio à campanha, cogitava se não seria um político mais adequado para uma época anterior, como durante a Depressão, por exemplo, quando os próprios eleitores eram mais estoicos e conformados com suas perdas. Agora, parecia que uma calamidade só se transformava numa calamidade quando ganhava as redes sociais ou era comentada por Anderson Cooper no horário nobre. Anton não havia herdado nada da afabilidade fácil de Pappy ou do charme cativante de David; era um tecnocrata, queria resolver problemas e melhorar a vida das pessoas, mas sem muita interação com os seres humanos propriamente ditos.

— Diga logo, filho, por favor — Juanita ia dizendo, e Anton piscou, interrompendo seu desaparecimento, tentando se concentrar nela.

— Desculpe. O quê?

— Estou implorando. Para você me perdoar pelo que fiz. — Viu as mãos dela enlaçadas num gesto de súplica. Seu rosto de fadinha não parecia mais tão jovem; a dor lhe conferia uma característica atemporal, como uma estátua de pedra da Antiguidade. Ficou olhando para ela fascinado, incapaz de falar, mas isso apenas a fazia soluçar mais ainda. — Você está bravo comigo, Anton — disse, fungando. — Eu posso sentir. E não culpo você de jeito nenhum. De jeito nenhum.

Anton tirou um lenço do bolso e deu a ela. Juanita pegou o lenço, hesitante, e ele apontou para o rosto dela. Juanita enxugou os olhos e devolveu o lenço. Anton ficou com o lenço úmido na mão, pensando. Eu estou com as lágrimas da minha mãe. Vou levar as lágrimas da minha mãe para casa comigo, vou ficar com elas para sempre. Naquele momento, alguma coisa espetou seu coração, e ele falou:

— O que aconteceu, mãe? Por que você me deixou sozinho daquele jeito? — Quando ouviu a própria voz, percebeu que tinha esperado toda uma vida para fazer aquela pergunta.

— Anton — ela respondeu em tom de urgência, sondando a expressão dele —, você precisa acreditar em mim. Eu saí pra ficar meia hora fora de casa. Uma hora, no máximo. Mas... — Então falseou, fez uma expressão de desespero. — Eu não sei o que aconteceu... Eu me lembro de ter dado um pega... e depois alguém, um dos homens daquela casa... — Juanita parou de falar, fechou os olhos, balançando o corpo devagar, a boca se mexendo sem emitir palavras.

Anton queria acabar com o constrangimento dela, dizer que estava tudo bem e que não precisava continuar, mas sua necessidade de saber era intensa demais.

— Você pensou em mim durante aqueles dias? — choramingou.

Ela não respondeu, continuou de olhos fechados, murmurando palavras que ele não conseguia ouvir. Não poderia dizer se ela estava rezando ou dizendo alguma coisa para si mesma, mas, no momento em que ia perguntar, Juanita abriu os olhos e voltou a pôr a mão dele entre as dela.

— Sua mãe era uma drogada. E eu devia dinheiro para o Victor, aquele sujeito. Ele era o meu traficante, entende? E, por isso, me manteve naquela casa. Para pagar o que eu devia. Você entende o que estou dizendo, amor? Toda vez que voltava a mim, eu me lembrava de você e tentava sair. Mas aqueles homens não me deixaram. E Victor me dava mais uma dose e eu saía do ar. Depois dos primeiros dias, eu perdi a noção do tempo.

Foi uma dor muito aguda ouvir a mãe contar que tinha sido estuprada, prostituída, mas, subjacente àquela dor, veio o alívio. Finalmente ele estava sabendo a verdade, por mais nauseante que fosse.

— Sinto muito — murmurou e, pela primeira vez, sentiu-se triste por ela, não por si mesmo. Pela primeira vez, ele não era mais o protagonista da história da sua vida.

Os dois ficaram um longo tempo em silêncio, até Juanita dizer, num tom de voz diferente:

— Eu cursei um semestre da faculdade, sabe?

— Foi mesmo? — perguntou Anton, imaginando o que a teria feito pensar naquilo.

— Foi. Faculdade comunitária. Mas foi lá que eu engravidei de você. — Olhou para ele com uma expressão tímida. — Foi o maior escândalo. Por causa de quem era o seu pai.

Anton virou a cabeça e ficou olhando o jardim, sem saber quantas revelações mais poderia aguentar num só dia. Voltou a olhar para Juanita, que avaliava sua expressão, e percebeu que ela não continuaria se ele não perguntasse.

— O que aconteceu? — perguntou relutante.

— Ele era um médico branco que veio trabalhar no hospital da cidade. Era de Chicago. Eu limpava a casa dele uma vez por semana. A casa que tinha na cidade. Era mais velho que eu, talvez uns quinze anos mais velho. Por isso nunca pensei nele nesse sentido. Mas... ele gostava de mim, Anton. Coitado, longe de casa, no meio de tantos negros como nós. E era um homem generoso também. Enfim, fiquei feliz de alguém como ele se interessar por mim. Sabe como é? Sempre me perguntava o que eu achava disso ou daquilo. O que eu queria ser quando ficasse mais velha. Onde eu queria morar. Nunca ninguém tinha me perguntado essas coisas. Sua nana... que Deus guarde sua alma, pensava que eu ia morar com ele em Podunk pra sempre. Mas ele me tratava como se eu fosse inteligente. Aos poucos, eu fui me aproximando dele. E foi assim que aconteceu.

— Eu me lembro da nana — disse Anton. — Ela veio visitar a gente uma vez, não foi?

A expressão de Juanita se iluminou.

— Você se lembra disso? Você chorou dois dias quando ela foi embora. — Deu um suspiro. — Ela me pediu tantas vezes pra voltar para a Geórgia. Viu como era minha vida no Norte, percebe... mãe solteira, sem um parceiro, com um emprego de merda, mal ganhando meu sustento. Mas eu não podia. Você já tinha nascido quando saímos de Ronan, e eu jurei que nunca criaria você aqui. O pessoal daqui tem memória longa. E são linguarudos. Foi por isso que fomos embora. Um garoto mestiço numa cidade pequena... nem pensar. — Abriu um sorriso jovial. — Isso foi antes de eu aprender que o Norte era só um tipo de prisão diferente.

— E o meu... o médico? Simplesmente abandonou você?

Juanita olhou para ele com uma expressão perplexa.

— E o que ele podia fazer? Casar com uma negrinha boba e magrela, de cabeça oca como um tronco de árvore? Ele era um homem culto. De qualquer forma, ele arranjou um emprego em Chicago pouco depois de você nascer.

— Canalha! — praguejou Anton em voz baixa.

Juanita pareceu chocada.

— Dá azar falar mal dos mortos, filho. E também do próprio pai. — Percebeu o olhar de surpresa de Anton e anuiu. — Ele morreu em 1989. Acidente de automóvel. Eu soube pela nana. O velho médico dela contou. Acho que eles ainda eram amigos.

Adultos despirocados. Ele era apenas o produto final de suas histórias, a rabeira, uma reflexão tardia. Tanta coisa envolvida em sua origem — pobreza, ignorância, racismo —, tudo o que tornava impossível que um médico branco e culto fosse visto com uma negrinha do interior, ainda que ele quisesse, até mesmo nos anos 1980. E, depois, mais uma camada — a gravidez indesejada, a solidão da vida no Norte, o refúgio numa droga que dilui as ideias e faz esquecer um mundo a que nunca pertenceu. De fato, era como se a própria história tivesse conspirado para entregar o menino aos braços de David e Delores Coleman. E Anton deveria agradecer aquela entrega, pois o destino alternativo seria morar na rua, estar na prisão ou num necrotério.

Anton abriu a boca para fazer mais perguntas, pois, de repente, a fome de conhecer seu passado parecia insaciável, porém foi traído por outro tipo de fome. Seu estômago roncou. E não houve tempo para se envergonhar, pois lá estava Juanita enxugando as últimas lágrimas, levantando-se depressa e se desculpando de novo, mas dessa vez por sua falta de modos, por não perceber que o filhão tinha feito uma longa viagem para chegar até ali e devia estar morrendo de fome. Anton tentou negar com a cabeça, contudo ela se recusou a ouvir e saiu correndo para a cozinha. Momentos depois, Anton ouviu a porta da geladeira sendo aberta e o ruído de panelas. Quando entrou na cozinha, Juanita estava jogando farinha e alguns temperos numa tigela e empanando pedaços de frango na mistura.

— Você ainda se lembra do frango frito da sua mãe, querido? — perguntou ela, mas virou-se de costas antes de Anton mentir respondendo que sim. — Eu vou fazer o meu famoso frango frito pra você. Receita da sua nana. E vou dizer uma coisa: o pessoal das cidades mais próximas vem ao Sal's só pra comer esse frango. Eu faço todas as quintas. — Pegou seis grandes batatas de um cesto pendurado e as ajeitou na bancada.

— Eu realmente preciso ir embora, sabe... — começou Anton, mas a expressão dela o fez se calar. — Ou nós poderíamos comer fora... — acrescentou sem convicção.

— Comer fora? — Ela deu risada. — O restaurante mais perto fica a doze quilômetros na estrada. Isto é o interior, querido. — Parecia de novo uma garotinha, na cozinha, em seu elemento, e o coração de Anton tremulou diante da beleza dela. — Nada disso. Volte pra sala e tire uma soneca no sofá. Você deve estar muito cansado.

Mas a ideia de ficar longe dela era insuportável.

— Eu estou bem aqui — falou em voz baixa. — E também posso ajudar.

— Você quer ajudar? Então descasque essas batatas. Eu vou pôr a água pra ferver. Vou fazer um purê de batata que você nunca comeu. E couve-marinha. Você gosta de couve-marinha?

Anton riu, meio constrangido.

— Acho que nunca comi.

Por um momento ela pareceu surpresa, mas, depois, resmungou consigo mesma.

— Claro que comeu. É que você esqueceu. — Tirou uma tesoura da gaveta. — Com licença, eu vou colher umas frescas da horta.

Quando acabaram de jantar, Anton tinha a impressão de ter comido um frango inteiro. Lembrava-se de ter comido pelo menos quatro pedaços, o último não mais para saciar a própria fome, mas a da mãe. Era como se Juanita se enchesse de prazer e orgulho a cada porção que servia a Anton.

— Este foi disparado o melhor frango frito que já comi — disse Anton, lambendo os dedos.

Juanita abriu um grande sorriso.

— Se você abrisse um restaurante no Norte, o pessoal viria de Nova York para comer isso.

Ela deu mais uma de suas risadas de menina.

— Meu Deus! Acho que meu sangue não aguentaria mais aquele frio — falou. — Eu me acostumei com o calor daqui.

Os dois já tinham discutido durante o jantar sobre Anton ter de ir embora naquela noite. Ela pareceu perplexa, depois abatida, mas então ele aproveitou a oportunidade para dizer:

— Bem, você vai ter que me fazer uma visita... depois da eleição.

— Quando você for governador, quer dizer. — Bateu palmas. — Aleluia. Se alguém me dissesse no ano passado que meu filho seria governador, eu teria perguntado se eles achavam que eu tinha caído de um caminhão de rabanetes. — Olhou atentamente para o rosto de Anton. — Você é um homem bom. Generoso. Dá para perceber. Vai ser um ótimo governador, Anton. Eu sei.

Anton ficou imaginando quanto ela sabia sobre Pappy, da história da sua família, do peso que o nome Coleman tinha no estado. Abriu a boca para falar, mas, nesse momento, ela disse, timidamente:

— E aquela moça que você está namorando? Como ela é? Eu vi as fotos dela na revista.

— Katherine? Ah, ela é maravilhosa. Muito inteligente. Generosa. Bonita. — Em seguida, por se sentir obrigado, completou: — Você vai conhecê-la. Logo. Quando for nos visitar, sabe?

Houve uma pausa constrangedora. Juanita levantou-se da mesa e recolheu os pratos.

— Vamos ver — murmurou. — Você vai estar muito ocupado no seu novo trabalho.

— Se eu ganhar — riu Anton.

Juanita fixou os olhos nele.

— Claro que você vai ganhar. — Limpou a garganta e cantou com uma voz suave:

*E ele se alçará em asas de águia
Conduzindo-o no alento da aurora
Fazendo-o brilhar como o sol
Segurando na palma da mão.*

Anton sentiu-se mortificado pelo nó que se formou em sua garganta. Olhou para a mesa, lutando para controlar suas emoções. Como que para poupá-lo, Juanita se afastou de repente. Pôs os pratos na pia e abriu a torneira. Quando falou, foi com um tom preocupado:

— É melhor você ir embora, filho. Daqui a pouco começa a escurecer, e você não conhece bem essas estradas. Aonde você vai pegar o avião?

— Num pequeno aeroporto em Augusta. — Levantou-se e pigarreou. — Eu vim num avião particular.

Juanita arregalou os olhos, mas continuou em silêncio.

— Bem — disse afinal. — Tem um bolo de chocolate. Eu posso embrulhar um pedaço para a viagem.

Anton concordou com a cabeça e ficou olhando sem falar nada enquanto ela cortava uma fatia maior do que conseguiria comer. Usou o banheiro mais uma vez, e, quando saiu, ela esperava na varanda, com o bolo embrulhado na mão. Não estava chorando, mas com o nariz vermelho, e Anton também sentiu os olhos arder de lágrimas.

— Tchau, mã — falou, abaixando-se para abraçá-la.

Juanita passou os braços pelo pescoço dele e apertou forte. Quando finalmente o soltou, pegou o rosto de Anton entre as mãos e o beijou várias vezes.

— Eu amo você mais do que a Lua ama o céu — murmurou. — Lembre-se disso. Sempre que olhar para o céu à noite, lembre-se disso. — E deu uma pequena gargalhada. — Daquela maluca na Geórgia que ama você mais que o número de estrelas no céu.

“Eu também amo você.” Teria sido fácil dizer aquelas palavras, deixar que escorressem de onde estavam em seus lábios. Mas ele não disse. Não conseguiu. De uma forma difusa, entendeu que desmoronaria se as dissesse, que o gelo que encapsulava seu corpo, que o ajudava a se manter inteiro, racharia e se estilhaçaria, deixando-o na esteira daquele lugar sombrio e vulnerável onde ele não podia entrar. Seu mundo já tinha virado de cabeça para baixo. Aquela mulher aparentemente frágil e indefesa à sua frente, com o rosto bonito e lacrimoso, com seus anseios e sua solidão, culpa e vergonha, sua fraqueza e sua força, sua Lua e seu céu, detinha o poder de destruir sua carreira. Disso, ele sabia. E, por isso, falou:

— A gente se vê em breve. — E se esforçou para dar um tapinha no ombro dela, virar-se e descer correndo a escada. Sorriu e acenou quando entrou no carro, deu a partida, saiu de ré pela entrada e partiu pela estrada de cascalho até só restar daquela visita surreal a nuvem de poeira que deixava para trás.

CAPÍTULO 36

QUANDO PASSOU pela cidadezinha de Ronan, reduzindo a velocidade em frente ao restaurante Sal's, Anton quase se sentiu aliviado por ter deixado aquele pequeno chalé amarelo para trás. Sentiu seu equilíbrio voltar ao normal, seu senso prático, e a dilacerante sensação de desamparo provocada pela mãe começou a diminuir a cada quilômetro rodado.

Claro que ainda teria de lidar com as consequências de sua visita quando voltasse. Mal tivera tempo de absorver a extensão do comportamento irresponsável de David. Não fazia ideia de quanto Delores sabia ou desconfiava sobre o que o marido fizera e o que tinha arriscado. E ainda havia o fato de tio Connor ter sido cúmplice na prisão de Juanita. Era como se todos os adultos em que confiava tivessem se comportado da forma mais desprezível. Toda a cultura, a riqueza, as tendências liberais, nada daquilo tinha impedido que enganassem Juanita Vesper. Aliás, foi exatamente o oposto — foram exatamente seus privilégios que fizeram a coisa acontecer. E ele teria de viver com aquilo. Da próxima vez que David Coleman falasse sobre a importância de aumentar o salário mínimo, Anton teria de ignorar o que ele tinha feito com uma mulher pobre e negra. Da próxima vez que Delores chegasse em casa voltando de sua reunião no Planejamento Familiar, Anton teria de esquecer o cheque de cinco mil dólares que morava dentro de uma pasta de cartolina na Geórgia. Da próxima vez que tio Connor pontificasse sobre reformas do sistema de justiça criminal, Anton teria de esquecer como ele tinha fraudado uma detenta com um advogado indicado pelo tribunal.

Anton começou a sentir uma lenta combustão interna que fazia seu crânio comichar. Piscou rapidamente algumas vezes, mas não poderia dizer se era para represar as lágrimas ou lutar contra o súbito cansaço que sentia. “Ele que pegue seu estúpido cargo de governador e enfie naquele lugar.” O pensamento que surgiu em sua cabeça foi acompanhado por uma contraparte física — quase de imediato, os nós que sentia no pescoço e na nuca se desfizeram, o aperto no volante afrouxou, e Anton foi envolvido por

um sentimento de libertação. Seria maravilhoso abandonar a campanha, continuar sendo procurador-geral, para, depois, desaparecer no anonimato, talvez, ou quem sabe um dia abrir um escritório de advocacia. Mas, antes de seu corpo absorver o que tinha acontecido, seus pensamentos o traíram, transbordando em noções de dever, responsabilidade, honra e obrigações. Seu aperto no volante aumentou enquanto procurava placas na rodovia.

Resolveu usar o GPS do celular e lembrou-se de que não voltara a ligar o aparelho desde que saíra correndo da casa da mãe. Como imaginava, havia várias mensagens de voz. Uma de Delores, uma de David, duas de Katherine, três de Bradley. Anton suspirou, tomado por um sentimento de repulsa. Entrou na autoestrada sabendo que cada quilômetro o levava para mais perto deles, das pessoas que o amavam, moldaram e forjaram sua forma atual, como um bloco de argila que tivessem encontrado no acostamento. Recordou-se que, nos primeiros dias, os amigos dos Coleman costumavam comentar sobre como o novo garoto estava se adaptando bem, como se comportava, como tinha boas maneiras, e agora Anton queria gritar: “Será que nenhum de vocês parou para pensar por quê? Como ela podia ser uma mãe tão ruim se havia gerado um filho assim, pelo amor de Deus?”. Mas, aí, sua personalidade advocatícia assumiu. Na verdade, era provável que nenhum deles tivesse conhecimento do estupro. Sem esse fato, o que a mãe tinha feito era indesculpável. Agora era fácil admirar a sobriedade de Juanita Vesper, o fato de ter superado as probabilidades. Mas, naquela época, quem poderia culpar David Coleman por achar que estava — que palavra ele tinha usado? — *resgatando* uma criança de uma vida de negligências, terror ou pior? Não, não era justo que o único erro terrível de Juanita sendo julgado resultasse num castigo para a vida toda. Mas, que inferno, isso acontecia o tempo todo, não é? A maioria das pessoas nunca tinha chance de redenção. Era o jeito que o mundo era, e quem era Juanita para ser contra isso?

E, assim, Anton continuou seguindo a autoestrada escura, discutindo consigo mesmo. O relógio marcava nove horas e trinta e dois minutos. Sabia que deveria retornar a ligação de Bradley, se não por outra razão, para confirmar se o piloto continuava disponível, mas uma onda de sonolência o tomou de assalto e o fez pensar em passar a noite num motel e começar de novo na manhã seguinte. Começou a procurar indicações na estrada para ver se havia algum motel por perto. Depois de percorrer certa

distância, viu uma placa indicando “THOMASVILLE 20 QUILOMETROS À FRENTE”. Thomasville. Por que aquele nome pareceu familiar? Franziu a testa tentando se lembrar, não conseguindo ligar o nome a nenhuma notícia de jornal. Quando se lembrou, seu coração disparou. Thomasville. Era onde ela morava. Carine. De onde havia escrito, quase dois anos antes. Anton não escreveu mais para ela, de medo que Katherine ficasse magoada se soubesse que estava se comunicando com uma velha paixão.

Mas, agora, ver aquele sinal na estrada pareceu uma intervenção divina. Anton tinha passado por aquela mesma estrada mais cedo. Por que não percebeu isso quando estava a caminho da casa da mãe? Sabia que a coisa mais prudente a fazer seria continuar dirigindo até o pequeno aeroporto particular e partir da Geórgia naquela mesma noite. Mas se sentia muito cansado. E, afinal, qual era o problema de entrar em contato com Carine de novo, talvez tomar um café com ela antes de se hospedar num motel?

Tamborilou com os dedos no volante, sentindo-se tentado a parar, entusiasmado com o pensamento. “Continue dirigindo”, disse a si mesmo. “Finja que não viu o maldito sinal na estrada. Talvez ela nem esteja mais na cidade.” Poderia estar de férias, pelo amor de Deus! Resolveu dar uma parada num posto para tomar um café. Com exceção de alguns caminhões estacionados, o lugar estava quase deserto. Encostou perto do posto e ficou no escuro, olhando para o celular. Depois de um momento, abriu o e-mail. Localizou o e-mail de Carine, mas sem o número do telefone. Deu uma olhada no relógio: dez horas e dois minutos. Olhou para o e-mail dela, mastigando o lábio inferior, e, num impulso, clicou em responder.

— Oi, alô — escreveu. — Você não vai acreditar, mas estou num posto de gasolina perto de Thomasville. Se por acaso vir essa mensagem nos próximos dez minutos ou coisa assim, me mande um e-mail. Se estiver disponível, convido você para um café.

Clicou em enviar, deixou o telefone no console e saiu do carro. Usou o banheiro, jogou água no rosto e comprou um café numa máquina. Sabia que era bobagem, mas suas mãos tremiam enquanto voltava para o automóvel e abria a porta. Deixou o café no porta-copos e se permitiu verificar o telefone. Sem resposta. Estufou as bochechas, desapontado, porém aliviado. “Vamos lá, Anton!”, repreendeu-se. “Você acha que ela estaria no computador às dez horas de uma noite de sexta-feira? Quais são

as probabilidades de isso acontecer? Bem, é melhor assim. Menos complicado. Sem precisar mentir a Katherine.”

Girou a chave na ignição e saiu do estacionamento em direção à estrada. Outra placa indicava que estava agora a doze quilômetros de Thomasville. Quando pegou o telefone para ligar para Bradley, ouviu o sinal de alerta de novo e-mail. Atrapalhou-se com o telefone, quase o deixou cair, e morreu cem mortes no segundo que levou para abrir o e-mail. Que dizia: “Alameda Magnólia, 24. Vou pôr água no fogo para o café. Pode vir”.

Deu risada, surpreso, quase não acreditando na boa sorte, naquela sofisticada sincronia, na brevidade do e-mail, na audácia e na autoconfiança subjacentes. Mas logo se sentiu inquieto pelo fato de estar indo à casa dela, e não para um encontro numa lanchonete 24 horas. Aquilo tornava as coisas mais complicadas. No instante seguinte, lembrou-se de que Carine tinha filhos, repreendendo-se por não perceber que não poderia sair de casa assim de última hora. Na verdade, qual era o problema de rever uma velha amiga? Parecia coisa do destino — ter lido a placa indicando Thomasville, lembrado que era onde Carine morava e, finalmente, a inacreditável probabilidade de ela ter aberto o e-mail e respondido quando ele estava... a poucos quilômetros da saída.

Sete minutos depois, Anton entrou numa tranquila rua de macadames, com velhos postes de iluminação a gás. Uma placa registrava o local como um bairro histórico. As casas eram grandes, quase todas com arbustos floridos e jardineiras nas janelas. Anton deu um assobio de admiração. Não tinha pensado em como seria o bairro de Carine, mas com certeza não esperava que morasse numa rua tão burguesa. Talvez fosse a casa dos pais dela? Quem sabe, por ser mãe solteira, eles a ajudassem no sustento? Iria descobrir num instante.

Parou em frente à casa e ficou pensando se deveria deixar o carro na rua ou estacionar na entrada de automóveis. Enquanto pensava, a luz da varanda acendeu, e a porta se abriu.

— Pode entrar! — gritou Carine, embora estivesse muito escuro e ela estivesse longe demais para Anton distinguir bem sua figura. Entrou pelo acesso à garagem e, antes de descer do carro, sentiu o peito invadido por uma calorosa felicidade e se viu como jovem de novo. Desligou o motor e ficou ali por um instante, sorrindo como um bobo alegre. Um segundo

depois, ouviu baterem na janela do passageiro e viu o rosto de Carine, mais lindo do que poderia ter imaginado.

CAPÍTULO 37

CARINE TINHA MUDADO MUITO. Não tinha mudado nada. Era uma estranha. Era sua melhor amiga. Parecia mais redonda, mais maternal do que Anton se lembrava, mas mantinha aqueles traços fortes que costumavam tirar o fôlego dele.

Anton a estava encarando, sabia disso, mas não conseguia tirar os olhos do rosto dela. Ficou observando quando ela atravessou a cozinha grande e branca e serviu duas canecas de café. Viu quando voltou à bancada de granito, sabia que poderia ajudar, mas não conseguia se mexer. Notou que seu café foi servido preto; ela se lembrava, nem se preocupou em perguntar, como se todos aqueles anos não se tivessem passado, como se suas preferências não tivessem mudado, como se ainda fossem o garoto e a garota que se cruzaram no campus de Harvard naquela primeira vez, já meio apaixonados um pelo outro. E, mesmo que seu gosto por café tivesse mudado, mesmo que só tomasse com creme e açúcar, será que teria ousado contar? Discordar daquela adorável criatura ao seu lado num banco da cozinha, que depositou a caneca à sua frente e bateu na mão dele, dizendo, entusiasmada:

— Anton! Meu Deus, Anton! Eu não acredito. Quem poderia imaginar uma coisa dessas?

Anton se lembrou daquele sentimento, daquela leveza, daquela alegria, da incapacidade de deixar de sorrir. Era uma coisa que os jovens desfrutavam, e Anton percebeu com surpresa que havia muito não se sentia daquele jeito. Na verdade, desde que tinha se separado de Carine. Durante anos, só conseguia se lembrar das brigas, das discussões e das discordâncias. Mas Carine também provocava aquela sensação vertiginosa, aquela vontade de sair pulando e dançando. Anton atribuía aquilo a si mesmo, mas era ela que transmitia aquela sensação. Ele era um garoto sério, e tornou-se um homem sério. Mas sentia saudade do que tinha sido com ela durante aquele curto período.

— Desculpe aparecer assim de repente — falou. — Mas... me pareceu errado não dar uma parada, sabe?

— Eu jamais o teria perdoado — disse Carine. — Mas o que o traz aqui? Levantamento de fundos de campanha ou algo assim?

Anton ergueu os ombros num gesto indeterminado, sem responder, preferindo observar a sala ao redor.

— Então... você disse que tem filhos? Eles estão em casa?

Carine aquiesceu, ainda sorrindo.

— Estão dormindo. Coloquei os dois na cama um tempo atrás e resolvi abrir o computador. Pela primeira vez no dia.

— E me encontrou. — Percebeu como aquilo soava, como clima de paquera, mas não se incomodou.

— E encontrei você — confirmou ela. Seria imaginação ou a voz dela estava um pouco rouca? Carine abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele a interrompeu:

— Então, vou poder conhecer os dois? São parecidos com você?

Carine deu risada.

— Um pouquinho. — Considerou o pedido dele e se levantou. — Claro! Mas sem fazer barulho. Eles têm sono leve.

Enquanto subiam a escada, Anton notou que ela não tinha mencionado um marido. Sentiu-se curioso, mas preferiu não perguntar. Pois queria dormir com ela naquela noite. Aquele súbito desejo bateu com tanta força que Anton realmente engasgou. Carine olhou para trás.

— Tudo bem com você?

Anton aquiesceu, sem conseguir responder. “Você só está cansado e confuso”, disse a si mesmo. “Apenas reagindo a um dia estranho. Você nem conhece mais Carine. E tem uma namorada em casa. Que deve estar morrendo de preocupação neste momento.”

Mas sentiu um frio na barriga quando chegaram ao patamar e não melhorou quando Carine o pegou pela mão, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Por aqui — falou, levando-o ao quarto das crianças.

Ficaram na soleira da porta vendo os garotos dormir.

— Como você consegue distinguir um do outro? — cochichou, e Carine riu e deu de ombros.

— As mães sempre sabem.

Anton concordou.

— Imagino. — Em seguida: — Apesar de não conseguir acreditar que você é mãe. Você não parece nem um dia mais velha...

Carine deu um tapinha no ombro dele.

— Quem dera...

— Não, é verdade! Você está ótima. — Engoliu em seco, deixando-a perceber o desejo brilhando em seus olhos. — Realmente ótima.

Para seu constrangimento, Carine deu uma risada silenciosa.

— O que é isso, Anton? Será que você está me paquerando? A mim, uma velha mulher casada?

Foi a mais delicada das recusas, mas machucou.

— Você é casada? — perguntou.

Carine olhou para ele com ar zombeteiro e apontou com o queixo na direção do quarto.

— Você acha que foi a cegonha que trouxe esses dois? — Deu risada e fez uma pausa, abrindo mais os olhos. — Oh, Deus! Você achou... entendi. Você achou que eu tive filhos sozinha? Santo Deus, Anton!

— Não, Carine. Quero dizer, eu não pensei nada. Você não falou nada sobre um marido quando me escreveu. — Anton sabia que estava corando, e lançou um olhar para o corredor escuro. — Ele está em casa? O seu marido?

Carine deu outra risada.

— Mike? Antes estivesse. Não, está a quinze mil quilômetros de distância. No Afeganistão.

Anton piscou os olhos.

— Uau. O que ele tá fazendo lá?

Mesmo na obscuridade, Anton percebeu que ela o olhava com atenção.

— Está acantonado, Anton. Ele é médico do exército.

De repente, Anton queria que já fosse meia-noite, um novo dia, pois aquele já tinha causado surpresas demais.

— Você? Você se casou com um militar? Meu Deus, você era a pessoa mais antimilitarista que eu conheci! Uma pacifista total. O que aconteceu?

Anton devia ter levantado o tom de voz, pois um dos meninos se mexeu e Carine levou um dedo aos lábios. Ficou observando o filho por um segundo e, depois, fez sinal para Anton descer a escada com ela. Desceram sem falar nada, mas dessa vez foram para a sala de estar, com a luxúria

inicial de Anton diluída pelo cansaço e pelo constrangimento. Notou quanto a sala era elegante, o tapete persa no piso de madeira, o sofisticado sofá para onde ela o conduziu. Carine esperou que ele se sentasse, acendeu um abajur no chão e se acomodou numa cadeira de balanço à sua frente.

— Então? — começou a dizer, com um sorriso na voz. — Eu deixei você surpreso, hein? — Passou a mão pelo cabelo curto, meio constrangida.

Anton se esforçou para falar com a mesma leveza na voz:

— Nem me fale. Carine Biya, a radical do campus, se casando com um militar? — Esperou que ela respondesse e, quando não houve resposta, ele perguntou: — O que aconteceu? — Dessa vez não conseguiu deixar de mostrar incredulidade na voz, e, sim, um leve indício de reprovação.

Carine deu de ombros.

— Eu me apaixonei — respondeu simplesmente.

Um milhão de pensamentos se passou pela cabeça de Anton. “Então é isso?”, teve vontade de dizer. “Você, a mulher que eu coloquei num pedestal, tão politicamente correta em suas convicções, que defendi de todos os meus amigos, ainda que, secretamente, me sentisse chocado com o que saía dos seus lábios? Você, aquela mulher, aquela Carine Biya, transformada numa mera mortal que se apaixonou como qualquer um, que jogou tudo fora e se assentou nesta vida burguesa de subúrbio?” Anton recostou-se no sofá e fechou os olhos por um momento. Com exceção do pai, Carine era a pessoa que mais admirara. Mesmo quando discordava dela, admirava a coragem de suas convicções, os princípios que orientavam a sua vida.

— Espere aí, Anton — ia dizendo Carine. Quando abriu os olhos, viu que ela estava na ponta da cadeira, inclinada para a frente, uma expressão preocupada estampada no rosto lindo. — Santo Deus, cara. Qual é? Você está reagindo como se eu estivesse falando que me casei com Osama bin Laden!

— Isso teria me surpreendido menos. — As palavras dispararam de seus lábios, e Anton achou que devia estar parecendo tão chocado quanto ela parecia agora. Ficaram se olhando por um tempo, e Carine acabou dando uma risadinha.

— Seu filho da puta! — falou, e os dois começaram a gargalhar como loucos, e, pela primeira vez desde a chegada dele, o clima entre os dois se tornou fácil e amigável.

— Desculpe — atropelou Anton.

Mas ela abanou a cabeça.

— Eu era mesmo tão ruim assim? — perguntou.

E Anton revirou os olhos.

— Terrível — respondeu. — Você era incorrigível. Era um Malcolm X de saia.

Carine riu abertamente, depois se levantou num movimento rápido e atravessou a sala. Pegou um porta-retratos e voltou na direção de Anton, limpando o vidro com a blusa. Mostrou o porta-retratos a Anton.

— Este é o Mike — falou. — O meu marido.

A imagem que se formara na cabeça de Anton quando Carine disse que era casada foi a de um Denzel Washington, por isso teve um sobressalto quando viu o homem da foto. Mike era branco. Era um sujeito bonito, tinha de admitir. Cabelos pretos e cheios, um queixo forte e olhos cinzentos e calorosos atrás de óculos sem aro, uma expressão pensativa no rosto. Sem o uniforme de campanha do exército, Mike poderia se passar por um professor de humanas. Anton forçou um sorriso.

— Então este é o cara certo, hein?

Carine tirou o porta-retratos da mão de Anton.

— É — confirmou, e foi como se tivesse enrubescido na voz.

— Quanto tempo ele vai ficar fora?

Ela fez um muxoxo.

— Quem sabe? Ele já está no quarto período.

Anton esfregou o rosto, sentindo certa simpatia.

— Achei que nós já estávamos fora dessa confusão há anos — murmurou.

Carine deu de ombros.

— Às vezes, fico pensando se um dia isso vai acabar.

Ficou em silêncio, e Anton se viu compelido a dizer:

— Deve ser realmente difícil. Com filhos e tudo o mais?

— Ele ficou uma semana em casa, mais ou menos um mês atrás. Foi bom. E meus pais moram a vinte minutos daqui. Isso é uma grande ajuda.

— Seus pais — disse Anton. — Como eles estão? — Franziu o cenho, lembrando-se de alguma coisa. — Seu pai continua viajando para o exterior?

— Não muito. Ele está ficando velho. — O rosto dela se iluminou. — Foi assim que eu conheci Mike, sabe? Ele era voluntário numa clínica no Haiti quando estivemos lá pela última vez. É médico-supervisor.

— É mesmo? Que legal — falou Anton, sem saber o que dizer, mas pensando: “Se tivesse se casado comigo, você seria mulher de um governador. Mas aqui está você, numa casa de subúrbio, mãe de dois filhos, mulher de um homem que se encontra a quinze mil quilômetros de distância”. Incrível como as correntezas do destino os haviam levado a lugares tão diferentes.

Como se tivesse lido os pensamentos dele, Carine falou:

— Mas chega de falar de mim. E você? Não está casado, certo?

Anton deu risada, mas soou oca aos seus ouvidos.

— Eu? Deus, não! — Disse aquilo como se ela tivesse feito uma pergunta absurda.

— Mas você tem alguém? — A voz de Carine era delicada, porém insistente. — Uma namorada? Acho que li num artigo.

— Tenho. — Depois, vendo que ela queria saber mais, falou: — O nome dela é Katherine. Advogada de direitos humanos. Nós estamos firmes há uns... Puxa, já faz dois anos!

— Mas sem sinal de casamento no horizonte?

Por que, de repente, Carine estava falando como a mãe dele? Por que as pessoas felizes no casamento sempre acham que a resposta para todos os problemas da vida é o casamento? Será que Carine sabia que ele estava prestes a se tornar o governador mais jovem de seu estado? Isso não era uma grande realização?

— Bem — disse Anton —, é difícil administrar uma campanha política e planejar um casamento ao mesmo tempo.

— Ah, mas isso é ótimo! — comentou Carine, não entendendo o que ele disse. — Parabéns.

— Parabéns? Pô, Carine. Você é tão ruim quanto minha mãe. — Seu sorriso encobriu a agressividade das palavras. — Eu... nós... eu e Katherine não planejamos uma data, pelo amor de Deus! Eu nem a pedi

em casamento ainda. — O tempo todo pensava: “Será que ela ao menos percebe que está numa sala com um homem que pode ser governador?”.

Carine abriu um sorriso afável.

— Sua mãe... — começou. — Como ela está? — Não havia nenhum sinal de prevenção em sua voz, como se não se lembrasse do último e desastroso encontro com Delores.

— Vai bem. Ela está ótima.

— E o seu pai?

Anton sentiu o coração pesado ao pensar em David, com a última conversa entre os dois voltando com uma ferocidade palpável.

— Vai bem. Um pouco fraco. Nunca voltou a ser o mesmo depois do ataque cardíaco... — Deixou a frase no ar.

Houve um breve silêncio, como se os dois estivessem pensando em David e sua mortalidade, então Anton se ouviu dizendo:

— Na verdade, eu tive um dia muito estranho hoje. Você nunca adivinharia por que estou aqui.

— Não foi por causa de levantamento de fundos ou algo assim?

Anton puxou o lóbulo da orelha direita.

— Antes fosse. Não, na verdade, eu vim ver... a minha mãe biológica. Ela mora aqui perto. Na zona rural. Perto de Ronan. Sabe onde fica? — Não esperou a resposta. — É meio esquisito, aliás. Que vocês duas... que as duas, minha mãe e minha ex... vocês... morem a menos de duas horas uma da outra. — Parou de súbito e olhou para o chão, de repente meio choroso, com os eventos do dia se tornando mais reais.

— Você se encontrou com ela? — disparou Carine. — Hoje? Ah, uau, Anton! Isso é importante. Mas por que agora?

Anton se esforçou para levantar a cabeça e olhar para Carine.

— Ela escreveu para mim. Por causa de um artigo sobre mim, que ela leu. Aí, me escreveu. Mas era só, tipo, para dizer um alô. — Engoliu em seco e se obrigou a continuar, como se estivesse confessando alguma coisa: — Mas eu não sabia. Achei que talvez... pudesse ser, você sabe, já que eu estou concorrendo ao governo... Achei que ela...

— Achou que ela estava chantageando você ou coisa que o valha? — interrompeu Carine com um tom de voz neutro.

Anton confirmou com a cabeça.

— Sim. Foi o que eu achei. E, por isso, saí incógnito da cidade hoje de manhã. E me encontrei com ela. — Ouviu o tremor da própria voz e não conseguiu justificar. Deus, como estava cansado, muito cansado!

— Ah, Anton. — Carine saiu da cadeira e foi sentar-se ao lado dele no sofá. Pegou na mão dele, que tremia. — Ah, querido! Que confusão! Eu poderia ter dito a você que ela não estava atrás de nada disso.

A mão dele parecia fria, morta entre as dela.

— Como você poderia saber?

Carine virou-se para ele, e, pela primeira vez desde que ele tinha chegado a sua casa, a expressão dos olhos dela lembrou a antiga Carine. Não a Carine antiga e feroz, que o repreendia sempre que ele se mostrava irrecuperavelmente convencional, mas a Carine que, às vezes, parecia... decepcionada com ele.

— Eu apenas sei — respondeu ela afinal. — Por que ela desejaria prejudicar você? Como uma pobre mulher negra morando na Geórgia rural poderia se opor a... alguém como você?

Anton refugou, ouvindo o que Carine era educada demais para dizer: para Juanita Vesper, Anton Coleman era como um homem branco com poder. Normalmente, ele não se ofenderia com isso, mas naquele dia, com os sentimentos magoados pelo truque de David, Anton se ressentiu com a associação.

— Bem — falou. — Paula Jones também não era ninguém, mas quase destruiu um presidente.

Os olhos de Carine estavam alertas, mas a voz saiu meiga.

— Sim. Mas Paula Jones não era mãe de Bill Clinton. Uma mãe jamais prejudicaria um filho intencionalmente, Anton.

Anton ficou ereto, piscando para deter as lágrimas que queimavam seus olhos.

— Você tem razão. Na verdade, eu interpretei mal a situação.

Carine apertou a mão dele.

— Então foi tudo bem? A visita? Nem consigo imaginar qual foi a sensação... para vocês dois. Quantos anos fazia?

Quantos anos? Muitos.

— Eu tinha nove anos quando a vi pela última vez — respondeu Anton.

— Então, já faz muito tempo.

— E como foi o reencontro?

Anton olhou para ela, o cérebro processando a pergunta, sem saber como responder. Teria ido bem? Na verdade, sim. Ele gostou de Juanita, e nenhum de seus temores em relação a ela se materializou. Mas tinha descoberto uma coisa sobre David que abalava seus alicerces, que fez toda a sua vida com os Coleman parecer ter sido construída sobre as costas de outra pessoa. Carine continuava olhando para ele, esperando uma resposta, quando seu celular tocou. O toque soou forte na sala em silêncio, e, como que aproveitando uma deixa, Anton ouviu uma vozinha chamando do quarto do segundo andar.

— Mãe?

Anton dublou um pedido de desculpas a Carine, tirou o som do telefone e viu que era Katherine e que já passava das onze e meia.

— Eu preciso atender — cochichou, levantando-se. — Oi, amor — falou.

— Anton? Onde diabos você está? — A voz de Katherine parecia próxima, como se estivesse na sala com ele.

— Boa noite pra você também — respondeu, tentando ganhar tempo, querendo reunir sabedoria para responder a indelicada pergunta de Katherine dizendo a verdade. Deu uma olhada para Carine, viu que ela saía da sala e se sentiu aliviado.

— Não tem graça, Anton. Nós estamos ficando preocupados — continuou Katherine. — Brad disse que não tem notícias suas desde hoje de manhã. Ele está apoplético. Você está ou não a caminho de casa?

Anton suspirou. Encarar todos eles — e, sim, para sua surpresa e pesar, ele associava Katherine com *eles* — era a última coisa que queria fazer. Sabia disso com tanta certeza que não tinha nenhuma dúvida a respeito.

— Eu vou passar a noite aqui, querida — falou. — Estou exausto. Foi um longo dia.

— Onde você está? — perguntou ela mais uma vez.

— Parado no acostamento — mentiu. — E vou me hospedar num motel em poucos minutos.

Katherine suspirou.

— Tudo bem. Provavelmente é uma boa ideia. Você deve estar mortalmente cansado. — Pigarreou. — Então, como foi? Com a sua mãe?

Anton fechou os olhos.

— É uma longa história, querida. Eu conto quando voltar. Mas foi muito bom.

— Ah, que ótimo! Fico aliviada. Então, a que horas você volta amanhã?

Anton hesitou, sem saber o que dizer. Pois, na verdade, ainda não estava pronto para se despedir de Carine. Ficaria num motel ali perto naquela noite e, depois — se ela não estivesse ocupada no dia seguinte —, gostaria de voltar àquela bela casa para o desjejum. Para conhecer os filhos dela. Falar sobre sua mãe biológica. Não sabia quando veria Carine outra vez e, agora, sabendo que estava bem-casada, sentia-se seguro sozinho com ela, não se sentia traindo Katherine. Teria de explicar tudo a Katherine quando voltasse para casa, é claro, e sabia que estava cavando uma armadilha para si mesmo mentindo naquele momento, mas, naquela noite, não poderia fazer nada melhor. Não quando estava cansado demais para pensar direito. Não quando Carine podia voltar à sala a qualquer momento. Não quando havia uma boa chance de Katherine surtar se soubesse a verdade.

— Bem — começou, mas ouviu uma voz do outro lado da linha e Katherine dizendo “Tome, fale você com ele”, e logo ouviu a voz de Bradley, quente e urgente em seu ouvido.

— Seu pateta! Onde você se meteu?

A despeito de si mesmo, Anton começou a rir.

— Eu só fiquei fora um dia, cacete! — respondeu. — Vocês estão se comportando como se eu tivesse desaparecido ou coisa assim.

Esperava que Bradley voltasse a falar com uma imprecisão leve, mas não foi o que aconteceu.

— Alô? — disse Anton cautelosamente. — Brad?

— Escute — disse Bradley —, descanse um pouco esta noite. Vou tentar me esquivar da sua mãe e da imprensa por mais algumas horas, até você estar de volta amanhã. Mas, se quiser que eu continue dirigindo sua maldita campanha, é melhor atender o telefone quando eu ligar. Ou pode arranjar outro diretor. Agora vá dormir, seu cuzão! E, para o seu bem, espero que tenha juízo e pague o quarto em dinheiro.

— Você devia ter concordado quando pedi para divulgar a notícia de que íamos sair da cidade no fim de semana — provocou Anton, e ficou esperando Bradley falar um palavrão. Mas não houve resposta. Anton olhou para o telefone com ar de incredulidade. Os dois tinham desligado

na cara dele? Era um homem adulto com mais de trinta anos e não tinha o direito de folgar um dia sem que o rastreassem como um cão na coleira? Nunca tinha ouvido Bradley tão furioso, nem mesmo quando confundiu as palavras durante o ensaio do primeiro debate com Johnny Newman. Sentiu um súbito pavor ao perceber que sua vida seria cada vez mais restringida quando fosse eleito governador. Que inferno, se nem Bradley nem Katherine conseguiam reconhecer que, às vezes, ele precisava sumir, que esperança haveria que a mídia e o público fossem mais benevolentes? Sentiu um peso caindo sobre ele. “Eu não quero isso”, pensou, “não consigo viver desse jeito.” Mas era um pensamento tão traiçoeiro, tal negação dos esforços de todos em seu favor, que Anton o descartou tão rapidamente quanto o deixou brotar em sua mente. “Você está cansado”, disse a si mesmo. “É melhor encontrar logo um motel, e tudo vai estar mais claro amanhã. Que diabos, se pegar aquele avião de manhã, você pode estar em casa amanhã à tarde!”

Entrou no corredor e viu Carine na cozinha. Ela levantou a cabeça quando Anton entrou.

— Tudo bem? — perguntou.

Anton assentiu.

— Tudo. — Balançou nos calcanhares e, de repente, percebeu por que na verdade tinha parado ali naquela noite. — Escute. Eu sei que é tarde. Mas... hoje aconteceu uma coisa. Quero dizer, outra coisa. Uma coisa que descobri. Eu... preciso processar isso com um amigo. Se você estiver muito cansada, eu entendo...

— Anton — sibilou Carine, exasperada. — Pare de falar em enigmas e sente-se. O que foi?

Anton contou para ela. Tudo. Inclusive a conversa com David, em que o pai tinha se recusado a pedir desculpas. Viu lágrimas cintilando nos olhos dela quando terminou, mas Carine continuou no mesmo lugar, sem se mexer, olhando para ele em silêncio.

— É inacreditável — murmurou afinal. — Não é possível! — Abanou a cabeça como que para desemaranhar o novelo de imagens desfiadas. — E o que você vai *fazer*?

Anton deu de ombros, fitando os olhos dela, incomodado com a expressão de dó que via ali, mas fez força para não desviar o olhar.

— Nada. O que eu posso fazer? Não há nada a fazer. Ele é meu pai. Eu não posso renegar isso. Sabe? Quero dizer, eu ainda estou em choque, mas sei que ele não fez por mal. — Reprimiu um bocejo. — Esta noite eu vou ficar num motel. Dormir um pouco. E, amanhã, acordo cedo para pegar o avião de volta para casa. Ou tomar o café da manhã com você e depois ir para casa.

— Só isso? E deixar tudo como está? Você consegue?

De repente, ouviu a raiva na voz de Carine e quase preferiu não ter contado nada a ela.

— Eu vou falar com ela — murmurou. — Depois da eleição.

— Ah, a eleição. A eleição é mais importante que tudo. — Antes de ele poder dizer que muitas pessoas tinham trabalhado muito para ele vencer, Carine descruzou as pernas e desceu do banco. — E não seja bobo, você não vai para motel nenhum — falou. — Eu já preparei o quarto de hóspedes. Enquanto você estava ao telefone.

Anton olhou para ela meio atordoado, ressentido quanto à observação sobre a campanha, mas enternecido pela hospitalidade e por sua amizade sincera. Sabia que passar a noite ali complicaria as coisas com Katherine, e percebeu que não se importava. Na verdade, não queria passar aquela noite sozinho num motel, não depois do dia que tivera. A perspectiva de passar um pouco mais de tempo com Carine o animou. A intensa luxúria que tinha sentido por ela quando chegou já se transformava numa profunda afeição, amenizada pelo casamento dela e pelo amor que sentia pelo marido. E foi essa percepção que o fez se sentir bem ao responder com um simples:

— É mesmo? Muito obrigado.

Carine olhou para a sacola de viagem dele.

— Você trouxe pijama? Eu posso emprestar um pijama do Mike.

Anton fez um gesto vago.

— Não. Eu não achei que fosse passar a noite na Geórgia. Mas eu me viro. Não se preocupe.

Por um momento, pareceu que ela ia insistir, mas, no fim, acabou dizendo:

— Tudo bem. Por aqui. — Levou Anton até um quarto pequeno mas bonito, com um lavabo conjugado e portas de correr que davam para o fundo do quintal. — Os garotos acordam cedo — alertou. — Se você não

quiser dois garotos de sete anos pulando na sua cama logo de manhã, é melhor trancar a porta. — Ela o empurrou para o lavabo. — Vá se preparar para dormir. Eu volto daqui a pouco.

Anton escovou os dentes com uma escova nova que Carine deixou para ele, lavou o rosto, tirou a camisa e se enfiou na cama. Lutou contra o sono enquanto esperava a volta dela, sentindo uma inexplicável expectativa infantil àquela perspectiva. Quando suas pálpebras começavam a se fechar, Carine voltou e se sentou ao pé da cama.

— O que você vai querer no café da manhã? Temos ovos, cereais...

Anton abanou a cabeça, interrompendo Carine:

— Eu reconsiderarei. É melhor eu sair bem cedo. Meu diretor de campanha acha que eu desertei. Eu pego um café no caminho.

Mesmo no escuro, Anton sentiu que ela ficou desapontada.

— Tudo bem — concordou secamente. — Que seja.

Anton pegou na mão dela e a apertou.

— Eu gostaria de poder ficar mais. Sinto que mal conseguimos falar sobre você. Desculpe.

— Deixa disso. Minha vida é a mais tediosa do mundo. — Soltou um suspiro. — Eu adoro minha vida. Mas, às vezes, ficar sozinha com os meninos... É sempre bom rever velhos amigos.

Ficaram no escuro de mãos dadas, e Anton começou a sentir um calor subindo no peito, descendo para a barriga e, depois, lentamente, para aquele lugar mais perigoso. Carine devia ter percebido, pois largou a mão dele e se levantou. Abaixou-se e beijou-o na testa.

— Boa noite, garoto meigo — sussurrou. — Você teve um dia terrível. Agora descanse.

Anton adormeceu com um sorriso nos lábios. “Garoto meigo.” Só mesmo Carine poderia se sair com uma dessas. Chamando-o de garoto meigo como se ele fosse um dos filhos dela. Ou como se ela fosse Juanita Vesper. Como são adoráveis essas mulheres da Geórgia. Calorosas, afetivas, como se tivessem sido moldadas pelo solo fértil e argiloso que as nutria. Gostaria de se aninhar com elas, se recobrir com a generosidade delas, com sua negritude. Logo depois, mergulhou no escuro e adormeceu, com a Geórgia em seus pensamentos.

CAPÍTULO 38

ANTON ABRIU OS OLHOS na manhã seguinte e deu de cara com um garoto sério, de olhos escuros e curiosos, sentado ao lado dele na cama.

— Oi, alô! — falou, mas o garoto não respondeu, continuando a examinar o rosto dele como se quisesse memorizá-lo. Naquele curto período, com o sol entrando no quarto e o rosto do garoto fixo como a Lua, Anton se sentiu transportado a uma diferente dimensão no tempo e no espaço. “Este menino poderia ser meu filho”, pensou, “se não tivesse rompido com Carine.” Aquele semblante meigo e pensativo poderia ser do seu filho, e haveria incontáveis manhãs de sábado acordando diante daquela impressionante doçura. Se aquela fosse a sua rotina nos fins de semana, ele poderia beijar o garoto sem pedir permissão, poderia afagar aquele rosto com suas grandes mãos em concha e sentir o orgulho e o prazer daquele gesto singelo. Fechou os olhos por um instante para imaginar aquela possibilidade, mas o que viu, por improvável que fosse, foi o rosto de Juanita, sorridente e orgulhosa observando seu neto. Abriu os olhos depressa, sorriu para o semblante ao seu lado e perguntou:

— Como você se chama?

— Shay.

— Oi, Shay. Onde está o seu irmão?

O garoto o olhou com timidez.

— Não sei — respondeu.

Anton saiu de debaixo das cobertas.

— Então vamos procurá-lo, certo? — Saiu da cama, olhou para o relógio e deu um gemido quando viu que horas eram. Lá tinham se ido suas boas intenções. Estava claro que ele iria partir mais tarde do que planejara, e teria de enfrentar a ira de Bradley. Mas, antes, tinha de voltar a atenção para o garoto, que estava pedindo alguma coisa.

— O que foi, parceiro? — perguntou Anton.

— Você é o Papai Noel? — repetiu o garoto.

— Eu sou... o quê? — Anton deu uma gargalhada. — Por que... O que fez você achar isso?

O garoto inclinou a cabeça.

— Ralph disse que você entrou pela chaminé.

— Ralph é o seu irmão?

— É.

Anton desmanchou o cabelo de Shay.

— Então vamos perguntar pra ele.

Os dois encontraram Ralph na cozinha com Carine, que preparava panquecas.

— Ho, ho, ho! — riu Anton quando entrou, e Carine ergueu as sobrancelhas.

Anton abanou a cabeça.

— Deixa pra lá. É uma piada interna. — Fez uma vênia para apertar a mão de Ralph, que se escondeu atrás de Carine. — Você foi um bom menino, Ralph?

Carine olhou para ele com ar intrigado, beijando rapidamente seu rosto.

— Bom dia. Não sabia se devia ou não acordá-lo. Você estava dormindo tão profundamente que não tive coragem.

Anton fez uma expressão culpada.

— Não me lembro da última vez em que perdi a hora. Este clima daqui tá mexendo comigo.

— Este lugar está no seu sangue, garoto, está no seu sangue. — Carine sorriu ao passar por ele para abrir a geladeira. — Está com fome? — perguntou.

Estava. Morrendo de fome. Os dois meninos ficaram observando fascinados enquanto ele comia dois ovos fritos e três panquecas e depois tomou um copo alto de suco de laranja. Carine mordiscou uma torrada, com uma expressão pensativa.

— Você tem razão — disse. — A Geórgia concorda com você.

— Eu imaginei que, já que sou Papai Noel, eu preciso ser gordo — disse Anton, piscando para os garotos.

Carine olhava de um para outro.

— Do que vocês estão falando?

— Ah, esse é o nosso segredo — explicou Anton. — Certo?

Os gêmeos se agitaram na cadeira, dando risadinhas.

— Você não é Papai Noel — disse Ralph, alongando as palavras. — É o tio Anton. E você é legal.

Anton deu risada, mas sentiu uma pontada no coração. “Tio Anton” soava tão distante... Carine entrou na conversa.

— Você tem que sair logo?

Anton aquiesceu, mas Shay resmungou:

— Eu não quero que ele vá embora.

— É. Nem eu. Eu quero que ele fique — concordou Ralph.

— Ei, ei. Comportem-se — disse Carine, acenando com o dedo para os dois. Virou-se para Anton. — Desculpe. Eles não costumam agir assim. Acho que estão sentindo falta do pai.

— Imagine. Eu me sinto lisonjeado. Eles são... uns belos garotos.

— Obrigada. — Carine se virou para os gêmeos. — O tio Anton mora muito longe. E precisa voltar para casa, meninos. Talvez a gente se veja de novo no próximo verão...

— Eu quero que ele veja minha peça! — gritou Shay.

— Eu também! — uivou Ralph.

Anton franziu o cenho, olhando para Carine.

— Que peça?

Carine fez um gesto vago.

— Não se preocupe com isso, é só um grupo de teatro local de que participam. Eles têm uma apresentação hoje à noite.

— Eu sou um pirulito! — berrou Shay.

— E eu sou um queijo!

Anton nunca tinha sentido a alegria de crianças disputando sua atenção; e saber que eles simplesmente o viam como um substituto do pai não diminuiu seu prazer. Gostaria de passar mais tempo com aqueles garotos. Com os filhos de Carine.

— Eu vou assistir à peça de vocês — disse em voz baixa. — Vou ficar mais um dia. Se vocês me aguentarem.

Carine arregalou os olhos, e, por um momento, pareceu que ia discutir com Anton. Mas logo suavizou a expressão, como se tivesse visto alguma coisa nos olhos dele.

— Se não for problema pra você, nós adoráramos que ficasse. O espetáculo é às cinco horas.

Shay comemorou dando uma cambalhota no piso da cozinha, enquanto Ralph batia na mão de Anton com a mão espalmada.

— Parece que você ganhou o coração dos meus filhos — disse Carine com ar zombeteiro.

— É, eu sou a novidade que só dura um dia — respondeu Anton de forma autodepreciativa, porém exultando por dentro.

Carine o examinou com olhar crítico.

— Vou dizer uma coisa. Ou nós saímos para comprar umas roupas hoje à tarde, ou você usa um roupão do Mike depois do banho enquanto eu lavo o que está vestindo.

Anton ficou sozinho com os garotos na casa por algumas horas, enquanto Carine foi até a Penney's comprar um jeans e uma camisa. Quando os garotos foram tirar a soneca da tarde, Anton ficou andando pela casa, sentindo-se mais à vontade entre as pinturas e tapeçarias africanas penduradas nas paredes daquela residência quente do Sul do que em meio à estranha combinação de requintadas obras de arte e mobílias da IKEA do apartamento minimalista em que morava. Procurou por alguma coisa para consertar, um jeito de agradecer a Carine por aquele intervalo na sua vida. Iria pagar um alto preço pelo descuido grosseiro de suas responsabilidades em casa, mas sentia uma indignação redobrada cada vez que se lembrava da traição de David, algo que ameaçava destruir tudo o que fosse associado ao seu pai. Por isso, continuou perambulando, fazendo uma relação mental de tarefas que poderia realizar, sem se importar por não ter ligado o celular, temendo os ataques de mensagens de voz e de texto que sabia que o esperavam.

Estava consertando um vazamento na torneira do banheiro de hóspedes quando Carine voltou para casa. Foi surpreendido no quarto de hóspedes, ainda com a chave-inglesa na mão. Quase engasgou quando a viu entrar no quarto com uma pilha de caixas.

— Eu só dei a você, o quê, sessenta dólares? O que é tudo isso?

Carine jogou as caixas na cama.

— Eles estão fazendo uma grande liquidação. Fiquei meio entusiasmada — respondeu ela. — Mas acho que você pode usar estas camisas na campanha ou coisa assim.

Anton abriu um sorriso hesitante.

— Bem que eu gostaria — falou.

— Hã?

— Tem um sujeito na nossa folha de pagamento. Uma espécie de especialista em alfaiataria. É ele quem decide o que eu uso na campanha.

— Você tá brincando, certo?

Anton abanou a cabeça.

— Bem que eu gostaria.

Carine abriu a boca, mas não falou nada. Ficou olhando para ele, os olhos escuros sondando seu rosto. Depois, sorriu e apontou para a chave-inglesa.

— Não sabia que você era bom em trabalhos manuais.

Anton sabia que ela estava mudando de assunto e deixou passar. Não queria mesmo explicar a Carine a organização de uma campanha moderna. Retribuiu o sorriso.

— Eu aprendi algumas coisinhas ao longo dos anos — explicou vagamente.

Uma hora antes de saírem para o espetáculo, Anton mandou uma mensagem de texto a Bradley.

— Volto amanhã — escreveu. — Desculpe. Só preciso de alguns dias para pensar. Explico tudo quando voltar. Você pode explicar a Katherine?

— Sabia que estava fazendo uma coisa covarde, injusta e potencialmente fatal para sua campanha e seu relacionamento com Katherine, mas, naquele momento, ir a um teatro ver dois garotinhos fantasiados de pirulito e de queijo parecia a coisa mais importante do mundo.

Assim, quando Carine disse na saída:

— E se você for reconhecido?

Anton abriu um grande sorriso e falou:

— Eu realmente não me incomodo. — E estava falando sério.

* * *

Mike ligou do Afeganistão no domingo de manhã, e Carine pediu licença para atender no quarto. Alguns minutos depois ela chamou os garotos, e Anton pôde ouvi-los dando gritinhos de alegria, pulando para cima e para baixo enquanto falavam sobre a peça. Ao escutar aquela tagarelice, seguida por “Eu te amo, papai”, Anton se sentiu um intruso, um homem com o

nariz achatado na vitrine da felicidade de outras pessoas. A alegria que sentira durante o espetáculo e na volta para casa desapareceu por completo. A casa de Carine era um santuário emprestado, ele sabia, mas será que a vida real que tinha na própria casa era mais real do que aquilo? Do nada, Anton recordou uma noite em Cape quando era adolescente. O Sol tinha se posto, e ele estava com Pappy no deque na frente da casa, observando as ondas escuras e tempestuosas, quando uma gaivota solitária sobrevoou o horizonte.

— O mar parece solitário esta noite — murmurou Pappy, mas Anton pensou: “A pobre gaivota está realmente sozinha, com o coração reverberando uma solidão recíproca”. Sozinho na cozinha de Carine, Anton lembrou-se daquela gaivota. Para abafar os murmúrios felizes da conversação, começou a lavar os pratos do espaguete da noite anterior.

Carine voltou radiante à cozinha dez minutos depois.

— Está tudo bem? — perguntou Anton educadamente.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou a bochecha dele.

— Tudo. Mike mandou um alô.

— Você contou para ele? Que eu estou aqui?

— É claro. Por que não contaria?

Ficou ouvindo a explicação dela, de que Anton não era uma ameaça ao casamento. Que tinha mostrado isso ao marido ao não manter aquela visita em segredo. Anton sentiu a face corar quando a diferença de abordagem entre os dois se tornou óbvia.

— Ele deve ser um cara legal — disse casualmente, ciente de estar sendo observado por Carine.

Os olhos dela brilhavam.

— É mesmo. Ele é o máximo.

Anton aquiesceu, e voltou a lavar os pratos quando um silêncio constrangedor se estendeu entre eles. Carine começou a picar o espinafre para a omelete que ia preparar. Depois de algum tempo, ela disse:

— Então, quais são seus planos para hoje? Você precisa voltar?

Anton considerou a pergunta. Mesmo que saísse logo, só chegaria em casa no final da tarde, começo da noite. Imaginou-se entrando em seu apartamento moderno e estéril e, depois, as inevitáveis perguntas sobre onde estivera e como era a mãe dele. E sabia que não estava pronto para aquelas perguntas. Precisava de tempo, tempo e uma distância saudável

para processar o que a Geórgia havia feito com ele. E Bradley faria o que qualquer bom diretor de campanha faria: pediria para Anton compartimentalizar, deixar de lado o turbilhão até depois da eleição. Uma semana antes, ele teria concordado com o amigo, teria considerado como a coisa profissional, responsável e adulta a fazer. Mas, agora, sabia a verdade — que não havia adultos. Só havia crianças grandes perambulando pelo mundo, atravessando poças de esperanças inacabadas, necessidades não satisfeitas e desejos ardentes. Os malsucedidos acabavam em asilos. Os que aprendiam sobre a máscara daquelas necessidades se tornavam políticos. Não, sua relutância em voltar para casa era tão forte que provocava uma sensação opressiva, como um casaco dois números menor. Ainda não estava pronto para se afastar dos frangalhos de sua vida e decidir com Katherine se pediriam comida tailandesa ou indiana para o jantar.

Continuou olhando para a água com detergente na pia.

— Eu estava pensando em ficar mais um dia — murmurou. — A não ser que você prefira que eu vá.

Carine estendeu o braço e fechou a torneira.

— Anton — disse, examinando o rosto dele —, você pode ficar quanto quiser. Você sabe disso. Mas o que está acontecendo, afinal? Você está evitando o seu pai?

Anton mordeu o lábio inferior.

— Eu estou cansado, Carine. Tenho trabalhado muitas horas por dia. Isto está sendo uma boa folga, só isso.

Carine anuiu.

— É claro. Bem, querido, como você pode ver, os garotos gostam da sua presença. Fique quanto quiser. — Pegou uma cabeça de alho de um pote à direita dele. — Os garotos vão brincar na casa de um vizinho às quatro horas. Eu vou dar uma saída de uns dez minutos para deixar os dois lá. Você acha que pode ficar esse tempo sozinho sem arranjar problemas?

Anton sorriu com gratidão.

— Acho que sim.

— Ótimo — disse Carine. — Agora, pegue seis ovos da geladeira e bata para mim, tá?

— Sim, senhora.

Anton estava recostado na espreguiçadeira do quintal dos fundos, um jornal jogado no rosto para se proteger do sol, quando Carine voltou para casa depois de deixar os meninos. Chegou até ele e removeu o jornal, e a luz do sol era tão forte que Anton estreitou os olhos para olhar para ela. Usava um vestido de algodão branco, e sua pele escura brilhava à luz do sol.

— Você está linda — disse Anton antes de conseguir se conter.

— Ora, muito obrigada — ela respondeu, afável. — Você, por outro lado, vai virar um tomate cozido se não sair desse sol.

Anton deu risada e deixou que ela o tirasse da cadeira. Carine levou-o até a cozinha, ainda segurando sua mão, e só a largou para abrir a geladeira. Serviu dos copos de limonada e deu um a ele.

— Uau! — disse Anton. — Como você aprendeu a fazer isso?

— Como eu aprendi a fazer limonada? — Carine fitou-o com ar ameaçador. — Puxa, Anton, até meus filhos sabem fazer limonada! Sua mãe não lhe ensinou? — Levou a mão aos lábios assim que as palavras saíram de sua boca.

Anton sorriu para mostrar que não se ofendeu.

— Não, não ensinou. Mas se você me perguntar como encher um cachimbo de crack, eu mostro.

Queria dizer aquilo em tom de brincadeira, mas as palavras soaram amargas em sua voz rouca. Carine olhou para ele por um momento antes de se afastar.

— Ei — disse Anton, pegando-a pelo pulso. — Foi uma piada.

— Eu não falei nada.

— Nem precisava. Você tem o rosto muito expressivo. — Esperou que Carine respondesse, mas ela foi para o solário. Anton ficou atônito na cozinha por um segundo, percebendo a desaprovação dela, porém sem saber bem o que a tinha causado. Foi atrás dela e sentou-se no sofá ao seu lado.

— A que horas os meninos voltam? — perguntou.

Carine deu de ombros.

— Lá pelas oito, acho. Eles vão jantar na casa da Mary.

Anton levantou o pulso dela com o indicador e o deixou cair.

— Quer jantar fora? Eu pago.

Carine abriu a boca, fechou, abanou a cabeça como se estivesse discutindo consigo mesma, olhou para ele e voltou a abrir a boca.

— Meu Deus, Carine! — riu Anton. — O que foi? Diga logo. — Apesar da risada, sentiu um aperto na garganta.

— Nada. Só que... eu estava pensando. Quero dizer, sendo mãe. — Virou-se para ele, os olhos escuros plenos de uma luz que Anton não conseguiu definir. — Você ainda está bravo com ela, Anton? Mesmo depois de saber o que de fato aconteceu? Acha que vai conseguir perdoá-la um dia? Sei que nada que meus filhos fizessem me faria rejeitá-los. Mas será que o contrário é sempre verdadeiro? Você conseguiria se afastar dela para sempre, Anton?

Ele enrijeceu, não gostando do julgamento que ouviu na voz de Carine. Acima de tudo, não gostou da inserção de realidade em seu breve idílio, com as intermináveis questões éticas e morais que tinha de confrontar cada vez que pensava sobre a mulher que deixara sozinha no chalé amarelo. Estava cansado de compensar erros de outras pessoas, realmente cansado.

— É complicado, Carine — respondeu, incapaz de disfarçar o tom condescendente na voz.

Mas Carine não aceitou a afirmativa.

— O que é complicado? Se você ama ou não sua mãe biológica? Isso me parece a pergunta mais fácil do mundo.

“A pergunta mais fácil do mundo.” Aquele era todo o problema, o dilema que o acompanhou a vida inteira. Sua mente analítica era valiosa quando se tratava de deslindar questões constitucionais que se apresentavam, mas a pergunta fácil sobre amor e compromisso o deixava sem palavras. Era a razão de ainda não ter pedido Katherine em casamento. A razão de ter deixado para trás uma mulher pobre para quem ele era o sol, a lua e as estrelas. Sua atitude pública em questões de direito da mulher era impecável. Sua atitude pessoal, nem tanto.

Naquele momento, alguma coisa se rompeu no peito de Anton. Olhou para as lajotas do piso, incapaz de levantar a cabeça, sentindo o pomo de adão subir e descer. Percebeu que Carine o observava, mas seu olhar continuou fixo naquele ponto do piso.

Carine pegou a mão dele e ficou segurando.

— Sabe o que eu não entendo? — perguntou em voz baixa.

— O quê? — perguntou Anton num sussurro, a voz enrouquecida de vergonha.

— Como você aguenta.

Anton se obrigou a levantar a cabeça e olhar para ela.

— Aguento o quê?

— Você mesmo. Como você aguenta ser você. — Carine mordeu o lábio inferior, e por um segundo os olhos dela pareceram pedir desculpas. Mas logo voltaram a brilhar. — Como você consegue, Anton? Esse... autocontrole. Essa estranha compostura. Você nunca pensa em largar tudo? Eu não entendo.

A boca de Anton secou, mas ele conseguiu grasnar uma risada pouco sincera.

— Do que você está falando, Carine?

— Estou falando de você ter encontrado sua mãe de nascença pela primeira vez em Deus sabe quanto tempo, e o que você faz? Deixa ela em casa sozinha. Alô e até logo. Vai embora depois de passar umas poucas horas com ela. Mesmo depois de descobrir a verdade entre ela e o seu... pai, você a deixou, como se fosse um jantar a que compareceu e não quis ficar mais tempo. E, agora, está se preparando para voltar... para o quê? Um trabalho que parece detestar? Uma mulher cujos telefonemas você tem evitado há dois dias? Para onde você vai voltar, Anton? Mas, acima de tudo, eu gostaria de saber uma coisa: como você mantém a fachada? Como consegue não desmoronar, cara?

Anton percebeu vagamente que, por trás da pergunta retórica, havia um insulto, uma condenação a todo o seu estilo de vida, porém não conseguiu processar a indignação que deveria estar sentindo. Sentiu-se imobilizado, pregado no lugar pelo olhar de Carine. E ficou abalado pelo que via naqueles olhos — não um insulto, não um desejo de magoar, mas sim preocupação. E uma perplexidade genuína. E aquele momento se arrastou, enquanto ele tentava constituir uma resposta, um contraponto loquaz, talvez, que amenizasse o súbito clima sério na sala, contudo seus pensamentos eram morosos. No instante seguinte, seu foco mudou para Carine, e Anton tomou ciência de um cordão fino de dor que envolvia seu coração, seu coração partido, pulsante e dividido. Havia dois dias ele lutava para encobrir a lembrança da devastação no rosto da mãe quando o viu indo embora, uma devastação pela qual era responsável. Havia fugido da

casa dela para a casa de Carine, que o recebeu maravilhosamente. Tinha encoberto a dor pela abrupta interrupção de seu tempo com a mãe, com a irritação, com as palavras de David, evitando contato com Katherine e Bradley, com suas brincadeiras com os filhos de Carine. Os últimos dois dias, por mais furtivos que tivessem sido, foram uma regressão, como se ele ainda fosse aquele inocente garoto de Harvard apaixonado por uma namorada feérica e impetuosa. Mas se apegar àquela privilegiada inocência era como rastejar de volta ao seu mundo branco e imaculado, a uma época em que as forças da traição e da corrupção encontravam-se fora, e não no interior da sua própria família. Toda a sua vida fora posta em xeque pela chegada da fatídica carta de Juanita, e lá estava ele, na casa de Carine, fingindo outra coisa. Como poderia culpar David por ter se apossado do que não tinha direito quando ele, Anton, não teve a sensatez de manter o que lhe foi oferecido? Por que, nas duas vezes em sua vida que o amor de uma mulher negra lhe foi oferecido, ele tinha rejeitado? Do que ele estava fugindo? Mais exatamente, para onde estava fugindo? Para um cargo político que o tornaria o homem mais poderoso do estado? Será que já não tinha visto — vivenciado — o que esse tipo de poder fazia com um homem? Não seria hora de descobrir realmente quanto de sua vida fora escolha dele?

O rosto de Carine pareceu embaçado, como se visto através de um para-brisa num dia de chuva. Ouviu-a dizendo:

— Ah, querido, ah, meu amor. — E viu a mão dela pousada sobre a sua. Quando olhou para ela, confuso, a primeira lágrima a escorrer pelo seu rosto caiu. No instante em que percebeu as lágrimas, tentou recolhê-las, na verdade apertando os músculos do estômago para tentar reverter aquela humilhante jornada, mas lembrou-se do que Carine dissera sobre autocontrole, seu incrível, sobre-humano, não, sub-humano autocontrole, e sentiu o corpo todo mole, e chorou como não chorava havia décadas, desde... desde... a morte de Pappy? Não, ele estava choroso, mas — e lá estava de novo a palavra — *controlado* no enterro, todos estavam, David repousando o braço com afeição, ou seria precaução, no ombro de Anton no exato momento em que ele quase perdia o controle; e David havia interpretado sua atitude corretamente — eles eram homens da família Coleman, à vista do público, havia repórteres e fotógrafos no enterro, maldição —, e nunca se deve deixar esses safados ver a gente suar ou

chorar ou sangrar em público. Não importava o que acontecesse. Então, não, ele não tinha chorado no enterro de Pappy, não, ele teria de cavar mais fundo, retroceder ainda mais para localizar o momento que voltava, voltava como um jorro, e, santo Deus, só aquela lembrança fazia com que sua garganta e o peito doessem, se esvaziassem. Foi no dia em que fugiu da escola para ir atrás dela. Ela. A mãe. Sua amada e viciada mãe, que, como ele já sabia na época, apesar de tudo o que diziam (e quando tinha deixado de saber?), tinha pecado mas não era uma pecadora, pois teria sacrificado sua vida por ele. (E, se sabia disso, quando foi que deixou de acreditar no amor da mãe por ele?) Foi naquele dia; depois de tomar dois ônibus até o conjunto habitacional; depois de bater à porta freneticamente; depois de o homem cabeludo de bermuda vermelha atender e olhar para Anton sem expressão quando ele perguntou pela mãe; depois de engolir seu orgulho e ir até a casa do vizinho, Maurice, perguntar à mãe dele onde estava sua mãe; depois de entender que a mãe continuava na prisão, que provavelmente não iria voltar para ele tão cedo; depois de perceber que não seria tão fácil retomar a vida com ela, que teria de voltar a David e a AM; quando o terror oprimiu seu peito e ele saiu correndo da casa de Maurice e desceu os três lances de escada até a rua. Encaminhou-se para o aglomerado de arbustos que cresciam à esquerda do prédio, onde traficantes circulavam à noite, ele sabia, mas, por sorte, naquela hora, não havia nenhum, e se agachou atrás dos arbustos e chorou, sentindo-se cada vez menor, como se fosse se enterrar no chão. Enquanto chorava, sentiu as lágrimas extinguindo as chamas de esperança que havia cultivado e mantido acesas todo aquele tempo. Tinha sido um bom filho, leal, sem se deixar seduzir pela comida abundante e os colchões macios, as pilhas de presentes que ganhava no Natal, nem mesmo pela crescente popularidade na escola. Mas tudo se resumiu a nada, a cinzas aos seus pés.

Então, depois de muito tempo, ele parou de chorar. O garoto que saiu de trás dos arbustos era diferente do que lá se escondera. Havia algo como uma pequena névoa em seus olhos — aliás, ele próprio era uma pequena névoa, como se um cartunista invisível tivesse apagado uma parte sua e preenchido com rabiscos. Mas, na época, ele não sabia. Naquele momento, estava simplesmente buscando alguma coisa tangível — e a encontrou na moeda de prata em seu bolso. O suficiente para ligar para AM, dizer onde poderia ser encontrado para voltar — engasgou um pouco

com a palavra antes de se equilibrar — para casa. Para a grande mansão de luxo onde a lembrança de um rosto que o lembraria de si mesmo nunca mais o atormentaria. Onde a angústia selvagem e perigosa que o acometera poucos minutos antes não teria mais de ser enfrentada, substituída como seria por uma postura maneira e controlada. Onde nunca mais teria de tomar dois ônibus para chegar em casa, pois haveria sempre limusines, táxis e aviões à sua espera onde estivesse. Nunca mais seria o filho de uma mãe solteira cujo maior erro foi fazê-lo se sentir responsável por ela, como se ele fosse o adulto e ela a criança. Pois, enfim, havia uma família com pai e mãe querendo adotá-lo, encastelá-lo, com um patrimônio servido numa bandeja de prata. Anton chutou com violência uma pedra no caminho de terra que o levava ao telefone público. Quando viu o carro de David chegando na rua uma hora depois, já tinha se despedido de tudo aquilo — dos garotos rudes e impudentes que caçoaram de suas boas roupas enquanto esperava no ponto de ônibus, da mulher pobremente vestida que se aproximou querendo saber se ele era “o filho de Juanita”, do soturno e sombrio prédio de tijolos que antes via como um abrigo e onde, naquele momento, desejava nunca mais entrar. Como estava enganado ao romantizar aquela miséria, fingindo se encontrar no exílio enquanto dormia em lençóis limpos numa cama macia. Finalmente ele sabia a verdade — este último era o verdadeiro exílio. E nunca mais esqueceria.

E lá estava ele no solário de Carine, lembrando-se de tudo, do esforço hercúleo e extraordinário exigido para parar de chorar naquele dia do telefonema. De como ainda sentia que faltava alguma coisa quando foi dormir naquela noite, rodeado por ursos de pelúcia, e que só horas depois soube o que era: o sonho do reencontro com a mãe que o ajudava a dormir havia mais de dois anos. Novamente sentiu um peso no peito, mas dessa vez se conteve, evitando que o próprio corpo se afogasse.

Afogasse. Carine o observava, a testa enrugada de preocupação. Anton queria parar com aquele choro ridículo, mas se sentia tão indefeso quanto um bebê chorão. “Afinal, o que Carine disse para resultar nisto?”, Anton perguntou a si mesmo. Inferno, o que seus adversários políticos diziam sobre ele era um milhão de vezes pior, mas nada, nenhum rompimento com uma namorada, nenhum fracasso acadêmico, nenhum revés político havia provocado aquela total falta de controle sobre suas emoções! A pobre

Carine parecia prestes a discar o número de emergência pedindo ajuda. Anton torceu os lábios no que esperava ser um sorriso.

— Eu estou bem — disse, soluçando. — Desculpe.

Carine apertou a mão dele.

— Não se desculpe — murmurou. — Continue chorando. Vai fazer bem para você.

Dessa vez, o sorriso foi genuíno.

— Só você, Carine — começou a falar —, para dizer para alguém continuar chorando. Qualquer outra pessoa tentaria me fazer parar.

— Chorar faz bem para a alma. Eu choro pelo menos uma vez por semana.

Anton virou-se para ela, as lágrimas já secando no rosto.

— Eu nunca choro. Não choro desde... — E, de repente, começou a contar a história da expedição em busca da mãe.

Quando finalmente terminou, Carine perguntou, com uma voz cheia de compaixão:

— Anton. *O que* você vai fazer? Quero dizer, toda a sua vida foi fraturada, não? Você vai continuar seguindo em frente? Fingir que esses últimos dias não aconteceram? Será que você *consegue*?

Anton estava para aquiescer, dizer “sim”, explicar que não havia escolha, que havia uma eleição a ser disputada e muita gente contando com ele, que iria resolver sua vida pessoal depois de novembro, quando pensou: “Com que voz eu vou dizer essas coisas? Com a de Brad? A do meu pai? Do tio Connor?”. Deu um salto, como se chamuscado por uma chama de fósforo da própria raiva. Piscou para Carine, processando aquela revelação, sem querer dizer nada antes de sua raiva se extinguir, abafada pelos ventos do dever, da obrigação e da responsabilidade, ou explodir numa fogueira que destruísse sua antiga vida. Ficou esperando como se fosse uma parte desinteressada, curioso para ver em que direção o vento levaria aquelas labaredas, como se a decisão coubesse a outra pessoa. *Como se a decisão coubesse a outra pessoa.* Era isso, em resumo. A preguiça, a timidez, a cautela. Ele seria um péssimo governador, se esse fosse quem realmente era ou se permitisse ser. Também seria um péssimo filho. Era onde o lendário autocontrole dos Coleman o trouxera. Todos os cavalos do rei e todos os homens do rei. Toda a bela educação em Harvard resultara naquilo, num príncipe pançudo, sem rumo, sem um reino próprio. Não

admira que estivesse loucamente voltando depressa para David. Quem era ele sem a ousadia, o ímpeto e, sim, sem aquele homem corajoso que moldara sua vida? Havia muito já tinha aceitado que jamais teria uma vida política sem David. Mas era uma questão existencial mais urgente que o espicaçava — será que teria algum tipo de vida sem David?

Era o que queria descobrir. Sua voz interior era baixa, não mais que um murmúrio. Mas Anton a ouvia, e ouvia como o som mais alto do mundo. Queria descobrir quem era ele longe da sombra dos galhos ramificados da árvore de David. Anton sabia, pois tinha aprendido, ser o filho de David, herdeiro de um legado político. Conhecia aquela parte de cor, a ponto de traçar seu caminho até os degraus do Palácio do Governo. Mas será que saberia ser filho de uma mulher pobre? Saberia como corrigir o erro atroz que caíra sobre ela? Saberia ser digno do orgulho que ela sentia por ele, por desconhecer quanto o filho, na verdade, era um homem afetado, medroso e ineficiente? Seria homem o bastante para não se envergonhar de Juanita, de seus hábitos do interior, de sua gramática imperfeita, doce como água de fonte para ele, mas que, sabia, seria vista como ignorante pelas pessoas com quem convivia?

Alguma coisa se agitou no peito dele e, por um instante, pareceu algo físico — não doloroso, na verdade, mas uma sensação física, como uma batida extra do coração. Então ele reconheceu. Era alegria. A alegria borbulhando por dentro, seus limites entrelaçados pelo medo, só que não o tipo de medo paralisante, não o medo que faz a gente ter medo de se olhar ou se mexer. O tipo certo de medo, o medo que um homem sente antes de saltar de um penhasco em águas geladas, azuis e assustadoras sabendo que vai dar certo, pois, em meio à queda, ele vai aprender a voar. O tipo de medo hilariante que traz alegria em sua esteira. Estava prestes a saltar de um penhasco. Não conseguia ver o que viria depois, tampouco se importava.

Inclinou-se para a frente e pôs o braço ao redor de Carine.

— Obrigado — falou, e sabia que sua voz soava diferente, mais confiante.

— Pelo quê? — ela perguntou, as sobrancelhas erguidas.

Anton deu um beijo em sua bochecha.

— Você vai entender por que não posso ficar aqui mais uma noite — falou. — Você explica para os meninos? — E se levantou, passando por

ela.

— Espere. Anton. Aonde você vai?

Ele virou a cabeça para olhar para Carine, saindo do solário e entrando no quarto para pegar suas coisas.

— Para casa — respondeu. — Eu vou para casa. Estou indo ver a minha mãe.

CAPÍTULO 39

ANTON LIGOU PARA KATHERINE minutos depois de pegar a estrada. Deixou-a ofendê-lo durante um minuto, chamando-o de irresponsável, egoísta e outros adjetivos seletos, antes de interrompê-la:

— Eu preciso te dizer uma coisa. Aliás, eu preciso te contar tudo, Katherine. Mas você não pode desligar enquanto eu não concluir. Mesmo que queira fazer isso. Você me promete?

Ela quase não manteve a palavra quando Anton contou sobre os dois dias passados com Carine e os filhos, apesar de ele ter ressaltado a presença dos dois garotos. Katherine quase engasgou, e Anton falou logo sobre o marido de Carine, explicando que tinha mentido só porque seria difícil explicar tudo aquilo pelo telefone naquele momento. Voltou a engasgar quando Anton contou sobre o que David havia feito e sobre o cheque não descontado.

— Se o que você está dizendo é verdade, Anton, isso é um crime. É um ato criminoso.

— É verdade — confirmou simplesmente. — É tudo verdade.

— Mas por quê? — bradou Katherine. — Quero dizer, ele poderia ter adotado qualquer garoto que quisesse, pelo amor de Deus!

Anton fingiu se sentir ofendido.

— Espere aí — falou. — Não é todo dia que se encontra um grande garoto como eu, sabe?

Houve um silêncio atônito, antes de Katherine dizer:

— Não acredito que você ainda consiga brincar com uma coisa dessas! Quero dizer, eu estou chocada.

Anton se arrependeu de imediato.

— Eu não estou. Na verdade, ainda estou processando. Sinto como se alguém tivesse batido na minha cabeça com um bastão de beisebol. Quero dizer, santo Deus, Katherine! Esse é o homem que eu adorava. Adoro. E essa é a razão por que não consegui voltar logo para casa. Eu preciso de um tempo... e distância para processar o que descobri. Você entende isso?

Houve mais um silêncio.

— E Carine ajudou você... a processar? — perguntou Katherine cautelosamente.

Percebeu a mágoa na pergunta dela e abanou a cabeça com impaciência.

— Eu conversei com ela — admitiu. — Mas você precisa entender, amor... a razão de visitar Carine era exatamente por ela não estar próxima da situação. Era exatamente por isso que eu não podia falar com você. Eu precisava de um ouvinte imparcial, e ela... Carine... bem, ela não é apaixonada por mim. Por isso podia ser isenta. Enquanto você... — Aquilo pareceu soar falso, como uma mentira que um marido safado diria à esposa, e Anton imaginou se Katherine estava ouvindo da mesma forma. Soltou um suspiro. Não era uma conversa para se ter a vários estados de distância. Por outro lado, gostou da resiliência dela, da coragem de manter a promessa e não desligar o telefone. Katherine era adorável, e Anton tinha certeza de desejá-la em sua vida por mais um bom tempo.

— Isto é muito difícil — disse Anton em voz baixa. — E esta distância entre nós torna a coisa ainda pior. Desculpe. Mas eu não queria mentir para você nem mais um minuto. Eu sei que estou pedindo demais, Katherine. Sei o que está parecendo. Mas...

— Onde você está agora? — interrompeu Katherine.

Anton suspirou, sabendo que estava prestes a lançar outra bomba.

— Eu estou voltando. Para ela. Para minha mãe.

— Eu imaginei que iria dizer isso — falou Katherine, e Anton afrouxou o aperto das mãos no volante. Nem tinha percebido que estava apertando tão forte.

— É mesmo? — Sentiu os olhos se encher de lágrimas, e já começava a se conter quando se lembrou da acusação de Carine e deixou rolar.

— É claro. Você precisa passar um tempo com ela. Tem alguma ideia de quanto tempo vai ficar por aí?

Anton refletiu sobre a pergunta e sorriu, embora ainda continuasse chorando. Sentiu o peito inflar de leveza.

— Katherine. Não faço a menor ideia. Não sei o que vou dizer a ela, nem o que vamos comer no jantar hoje à noite, nem onde vou dormir. Só sei que vou abraçar e apertar minha mãe até ela desmaiar.

Anton ouviu um sorriso na voz de Katherine.

— Isso já parece um plano. — Em seguida, a voz dela ficou mais séria. — Mas o que nós vamos fazer com a mídia, Anton? Na segunda-feira, vão estar todos circulando como abutres. Brad está ficando maluco ao tentar manter todo mundo afastado.

O peito de Anton voltou a se contrair com aquele lembrete de sua vida real.

— Eu sei — admitiu com tristeza. — Acho que Brad nunca mais vai falar comigo. Mas é que... pensar numa campanha está além de mim no momento. Sinto muito deixar essa bagunça para vocês limparem. Eu não tenho ideia do que podemos dizer à mídia.

A voz de Katherine soou calma, ponderada.

— E se disséssemos a verdade?

Anton fez um esgar.

— A verdade?

— Não toda a verdade, claro. Só que sua mãe, desaparecida há muito tempo, entrou em contato. E você foi visitá-la. E, agora, está passando uns dias com ela para compensar o tempo perdido.

Era brilhante, na verdade. A verdade. Não toda a verdade, naturalmente, mas boa parte da verdade. Uma saída simples e elegante para aquele dilema.

— Brad não pode dizer onde estou — falou, começando a gostar da ideia. — Nenhum detalhe, absolutamente. Não quero a imprensa cercando a casa, perturbando a vida dela.

— É justo. — Katherine ficou em silêncio por um momento antes de acrescentar: — Anton. Como ela é?

Anton foi envolvido por um sentimento de orgulho. Abriu um grande sorriso.

— Minha mãe? Na verdade, ela é muito legal. Você gostaria dela, Kat. — No momento em que dizia aquelas palavras, já sabia que era verdade. Katherine seria capaz de ver além da falta de cultura e da gramática rudimentar e chegar até o âmago tranquilo e heroico. Levaria algum tempo, mas as duas acabariam ficando à vontade uma com a outra.

— Se ela for parecida com você, tenho certeza de que sim.

Anton engoliu em seco.

— Você é maravilhosa, sabia? — falou. — Se nossos papéis fossem invertidos e você tivesse passado os últimos dois dias com um ex-

namorado, não sei se eu seria tão compreensivo.

— Anton — disse ela em voz baixa. — Não existe amor sem confiança.

Anton ficou em silêncio, pensando no que ela dissera.

— Alô?

— Estou aqui.

— Tudo bem, então...

— Eu amo você, Kat — disse Anton. — E realmente espero passar o resto dos meus dias com você.

— Querido. Se isso é uma espécie de pedido de casamento a longa distância...

Anton deu uma risada.

— Não. Não é. Mas nós precisamos conversar quando eu voltar. Tenho muito mais coisas para lhe contar.

— Acho que eu gosto mais desse novo Anton.

— Daqui em diante, esse é o único Anton que você vai ter. Prometo.

CAPÍTULO 40

ANTON SEGUIU PELA ESTRADA pela qual havia passado apenas dois dias antes, mas dessa vez tudo era diferente. O céu estava mais nublado, o para-brisa mais sujo, entretanto, para ele, tudo parecia mais luminoso. Seu corpo pulsava graças à nova consciência, fremia devido às sensações, como se, ao reconhecer a tristeza da mãe, finalmente estivesse afinado com o ritmo e a melodia de todo o universo. Mas seria isso que havia feito, reconhecido a dor de sua mãe? Ou será que, pela primeira vez, tinha afinal entrado na caverna escura que sempre teve medo de explorar — seu próprio coração? Nunca se permitira saber o que aquele coração desejava, pelo que sofria e ansiava, mas agora, com suas portas abertas, seu coração parecia se inundar de luz a cada passo que empreendia. Essa seria sua realização, mesmo que não conseguisse mais nada na vida.

“O que você vai fazer quando chegar à casa de sua mãe?”, perguntava a si mesmo, mas sua imaginação cessaria ao subir os degraus da varanda e bater na porta. O que aconteceria depois disso era uma tela em branco, como o céu acima de sua cabeça. E, diferentemente de sua primeira viagem até a casa da mãe, quando apareceu tinindo com um propósito, dessa vez se sentia contente de não saber o que ia acontecer.

O telefone tocou. Anton olhou para onde estava o aparelho, no banco do passageiro, e seu coração afundou. Era seu pai. Sabia que não deveria atender, pois, se havia alguém no mundo capaz de reverter seu curso, era David. Mas o hábito de toda uma vida prevaleceu, e ele pegou o telefone.

— Oi, pai — falou.

— Você vai voltar? Para a casa dela? — A voz de David soou tão próxima e urgente que Anton pôde sentir a respiração do pai. Largou o aparelho e ligou o viva voz. — Anton? É isso que está fazendo?

Apesar do ressentimento acumulado, Anton admirou a impetuosidade na voz do pai. David não era alguém que desistia sem lutar. Era como Pappy o havia criado para ser — um lutador agressivo. Tinha tentado fazer

o mesmo com Anton, mas só conseguiu produzir um filho deferente e submisso.

Até agora. E, de repente, Anton ouviu o tremor por trás da arrogância, a perda de controle, e percebeu que David não fazia ideia de como recuperar o controle. O filho dele estava a novecentos e cinquenta quilômetros de distância, dirigindo por uma estrada que o levaria de volta ao seu passado obscuro, à região sombria de onde David se orgulhava de tê-lo resgatado. Não havia nada no arsenal dele que o fizesse entender a escolha que Anton estava fazendo. Anton entendeu tudo isso na fração de segundo que levou para responder, e esse conhecimento deixou sua voz mais suave quando falou:

— Sim, pai. Katherine falou com você?

— Não. — A voz de David foi concisa, e mais uma vez Anton distinguiu alguma coisa, um indício de mágoa, e soube que Katherine tinha se recusado a falar com ele. — Foi Brad quem me contou.

— As notícias correm depressa aí no Norte — falou, sem tentar esconder a ironia da voz.

Houve um silêncio breve, irado.

— Você pensa que isso é engraçado? Devo lembrar que é aqui “no Norte” que você está concorrendo ao governo? A não ser... a não ser que tenha resolvido jogar isso fora junto com tudo o mais? — Dessa vez, a trepidação na voz de David foi tão pronunciada que Anton sentiu uma pontada de dor no peito. Por um instante, viu tudo a partir do ponto de vista de David — o horror da ascensão do passado, com unhas e dentes, sangrando o presente, e o horror mais verdadeiro: em vez de se opor, de repente Anton juntava forças com esse horror, contra todas as probabilidades, culpando-o, a *ele*, David Coleman, que fizera tudo o que um pai biológico faria, propiciando a Anton uma excelente educação, amor incondicional, dividindo sua fortuna e, acima de tudo, conferindo a esse rapaz ingrato seu ilustre nome de família depois de resgatá-lo de uma vida de pobreza e mediocridade. Tudo isso acabaria numa pilha de cinzas, pois no fim das contas, no fim, o apelo do sangue, o apelo da — diga, *diga* — da *negritude* foi forte demais. Quando Anton fez o retorno e começou a dirigir rumo à casa de Juanita Vesper, estava indo em direção a tudo o que David desdenhava e temia — o Sul rural e sua desmazelada pobreza, com sua desordem e sua sordidez.

Mas ali havia um obstáculo. Anton não conseguia pensar em David somente como um cara branco privilegiado. Pois, para cada radiante lembrança que David tinha do filho, Anton acalentava uma meiga e correspondente lembrança do pai. Do homem que sempre fora tão paciente quando ele tropeçava, mas que instilou nele o tipo de confiança que o ajudou muito na vida adulta; que chorou lágrimas de alegria no dia em que o adotou formalmente, que foi fonte de orientação, conselhos e inspiração em todos os aspectos de sua vida, grandes e pequenos. David tinha sido uma presença monumental em sua vida, um defensor que o protegeu e o abrigou para que se concentrasse no objetivo final, e somente o mais implacável dos homens permitiria que a revelação de um único e terrível pecado empanasse todos os outros momentos dourados.

— O que eu estou jogando fora, pai? Só quero passar mais algum tempo com ela.

— Com que finalidade? Você não acha que deve aos eleitores algo mais do que as suas mazelas?

A pergunta era tão típica de David que Anton teve de se conter para não rir. Esperou o impulso passar antes de dizer:

— Pai. Essa mulher sofreu um bocado. — A voz dele tremeu um pouco. — Sofreu uma grave injustiça. — Mordeu o lábio, reprimindo a ânsia de dizer mais, lembrando a si mesmo a condição cardíaca de David, relutante em magoar o homem mais velho, mas também desejando deixar claro que David não estava isento de culpa. De jeito nenhum. — Pai, o que você e o tio Connor fizeram... eu ainda mal consigo entender. E vou levar um bom tempo até perdoar vocês dois.

David emitiu um som tão estridente, tão amargurado que Anton perdeu o fôlego.

— Acho que eu deveria ter percebido — disse David.

— Percebido o quê?

— Pappy costumava dizer que sangue é mais espesso que água. Que o sangue sempre vence.

Anton sentiu uma ardência lenta subir pelo rosto.

— O que isso significa? Você acha que estou me aliando à minha... mãe biológica por causa de sangue? Deve ser muito conveniente para você, pai. Isso o absolve completamente, não é?

David emitiu mais uma vez aquele som feioso, uma mistura de riso e pigarro.

— E por que você não a vê como responsável, hein? Pelo que ela fez? Uma mulher adulta deixando uma criança presa sozinha num apartamento. Sabe por onde andava a temperatura naquela semana? — David aumentou o tom de voz. — Aquela droga de apartamento estava a trinta e cinco graus. Foi *disso* que eu resgatei você, Anton. Eu tirei você do inferno. De um... — David engasgou, teve um acesso de tosse que se prolongou bastante. — Água. — Anton ouviu David gemer, e no instante seguinte houve uma perturbação, seguida pela voz de Delores.

— Anton? Meu amor? O que está acontecendo? Alguém pode me explicar?

A voz de Delores mostrava tanta preocupação e espanto que Anton sentiu o peito esquentar, como quando era garoto e ela passava Vick Vaporub contra um resfriado. Estava prestes a responder quando um carro o ultrapassou pela esquerda, o motorista olhando feio, com a mão na buzina. Anton percebeu que devia estar ocupando duas pistas. Impulsivamente, parou no acostamento para se concentrar no telefonema.

— Oi, mãe — disse num tom neutro, temendo sua reação se tivesse de explicar algo que ela não soubesse.

— Querido. O que está acontecendo? Por que seu pai está andando pela casa como se tivesse visto um fantasma?

Anton fechou os olhos e voltou a abrir.

— Porque ele viu mesmo um fantasma, mãe — falou. E começou a responder à pergunta dela.

Houve um silêncio longo e perplexo quando ele terminou, que já se tornava insuportável para Anton quando Delores falou:

— Quero que me responda a uma pergunta com toda a honestidade. Você vai conseguir perdoá-lo, Anton? Vai conseguir nos perdoar?

A pergunta era tão totalmente Delores — compassiva, humilde, intuitiva — que Anton começou a chorar.

— Querido. Anton, meu amor. Não. Por favor, não chore. Eu não aguento. O que nós fizemos... — Delores também começou a chorar.

— Mas você não... não fez nada de errado, mãe — disse Anton. — Como poderia ter feito...

— Mas, sim, eu fiz. — Apesar da fragilidade na voz de Delores, Anton ouviu sua determinação férrea. — No dia em que ele disse que aquela pobre mulher... sua mãe... concordou em abrir mão de seus direitos legais. Eu sabia... sabia que alguma coisa não estava certa. Era... conveniente demais. Fácil demais. Mesmo assim eu não questioneei David. Não me atrevi. Ele parecia... tão feliz. Você o fez tão feliz, Anton! — A voz de Delores embargou. — Depois de se sentir infeliz por tanto tempo. Depois da morte de James. Foi como ver um morto voltando à vida, ter você na casa. — Delores parou de repente, e Anton preferiu não pensar em como ela estaria naquele momento. Imaginou-a sentada na cadeira de balanço de cerejeira ao lado do telefone, curvada de pesar, enxugando os olhos, tentando controlar a voz e as emoções no caso de haver alguém por perto; William, provavelmente.

— Onde está o papai? — perguntou.

— Não está na sala — respondeu ela. — Não sei. E, no momento, não estou interessada.

Anton sentiu um momento de gratidão por aquela aliança, mesmo sabendo quanto custava à sua mãe ir contra David.

— Não seja muito severa com ele, mãe — falou. — Eu... sei que ele teve boas intenções. Eu entendo.

— Não. Não faça isso, Anton.

— Não faça o quê?

— O que você sempre faz. Não arranje desculpas para ele. David não é santo, Anton. Não é um super-homem. Apesar de sempre desejar que você acreditasse nisso. Ele é apenas um homem. Um bom homem na maior parte do tempo, mas apenas um homem. Chegou a hora de começar a ver isso, querido.

— Mãe, eu...

— E você é melhor do que ele. Você é... mais generoso. Mais meigo. Talvez tenha herdado isso dela. Da sua... mãe. Com certeza não aprendeu isso conosco.

Anton odiou o que ela estava fazendo, aquela autoflagelação, quase tanto quanto odiou a bravata convicta de David minutos atrás.

— Você é a pessoa mais calorosa que eu conheço, mãe — falou.

Delores fez um som como se cuspiasse um caroço amargo.

— Eu? Eu sou uma ianque de seis gerações, filho. Acho que meu pai só me abraçou exatamente três vezes em toda a minha vida. Eu herdei essa lendária reticência da Nova Inglaterra. Estávamos todos tão obcecados com quem era e quem não era “do nosso feitio” que estendemos nossa linhagem de sangue a toda a humanidade. — E Delores começou a chorar de novo.

— Bem, vocês me *acolheram* — disse Anton, tentando desesperadamente ajudar.

Delores suspirou.

— Nós tentamos. Realmente tentamos. E, Anton, você precisa acreditar numa coisa que eu disse... Nós nunca pensamos que estávamos fazendo um favor a você. Sempre soubemos a verdade: era você que estava nos ajudando.

— Não foi isso que papai disse — replicou Anton em voz baixa.

— Ignore o que ele disse. David está fora de si. Nem sabe mais o que está falando, Anton. O fato de você não estar em campanha está deixando ele louco. Você deve entender.

Por que ela estava falando como se ele fosse um parente distante a quem as coisas não tinham sido explicadas? “Os dois estão ficando velhos”, pensou Anton. A doença do pai tinha envelhecido os dois prematuramente.

— Eu sei, mãe — concordou. — Eu sei. E vou voltar logo para casa, mãe. Prometo.

— O que você vai fazer? — perguntou Delores, mais uma vez com aquela cordialidade distante, aquela formalidade temperando suas palavras, como se já tivesse decidido que Juanita seria a melhor escolha. — Quando reencontrar sua mãe, quero dizer?

— Não sei bem. Francamente, não sei. Eu só... quero passar algum tempo com ela. — Teve vontade de acrescentar: “E nunca teria imaginado a resistência que encontraria para fazer uma coisa tão simples”.

— Você deveria trazê-la de volta — disse Delores — Com você.

— Para onde?

— Para casa. Trazê-la para casa. Com você.

— E onde ela ficaria, mãe? — perguntou com cautela.

— Você mora num bom apartamento. Ou. Ela poderia ficar aqui. Conosco.

O riso escapou antes de Anton conseguir controlá-lo.

— Você quer pôr papai no túmulo mais cedo, mãe?

— Eu entendo o que você quer dizer. — Anton pôde ouvir o sorriso na voz de Delores. Mas ela continuou, inesperadamente: — Mas você disse que ela está sóbria há... quantos anos? E aposto que é uma senhora simpática.

Anton abanou a cabeça, sorrindo ao se lembrar da expressão “só no dia em que o inferno congelar”. Imaginou Juanita Vesper sentada à mesa de jantar. Ouviu o ruído das pesadas colheres de sopa, viu o sorriso assustado e educado nos lábios de Delores ao tentar estabelecer uma conversação, o olhar esquisito de David a Anton cada vez que Juanita dissesse algo ingênuo ou interiorano. Quase podia imaginar a sensação de ardência no estômago cada vez que Juanita cometesse alguma gafe social, o sentimento de orgulho quando dissesse algo inesperadamente inteligente, com David olhando para ele com uma expressão atônita.

Quando desligou o telefone, prometendo ligar mais tarde naquela noite, Anton manteve os olhos fechados, ainda imaginando a cena na mesa de jantar. Talvez William conseguisse tirar Juanita de sua concha, relaxando um pouco o sorriso tenso e desajeitado em seus lábios quando falasse com ele. Bradley a trataria com seu charme e igualitarismo habituais, fazendo Juanita desabrochar com suas provocações. Mas ela continuaria tímida e retraída perto de Katherine, lançando olhares tímidos de aprovação quando Katherine estivesse distraída. E Katherine apertaria a mão de Anton por baixo da mesa toda vez que Juanita dissesse algo que provocasse risadas corteses e apreciativas em outras pessoas.

Anton sorria consigo mesmo quando um tamborilar na janela o fez abrir os olhos. Virou a cabeça e viu a janela bloqueada pelo uniforme de um guarda rodoviário. Resmungou um “merda” baixinho e abaixou o vidro, passando sem querer a mão nos cabelos. Esticou o pescoço e viu um rosto largo e avermelhado.

— Boa tarde — falou, forçando uma animação que não sentia na voz.

— Eu só encostei para fazer uma ligação.

— Documentos do carro e habilitação. — A voz era neutra, levemente nasalada.

— Eu preciso explicar uma coisa — disse Anton. Sua voz soou estranha, esganiçada aos seus ouvidos. — Este carro é de um amigo meu.

Por isso não está no meu nome, certo? Na verdade, eu sou do Norte. Só estou aqui de passagem...

Os olhos cinzentos endureceram.

— Eu pedi os documentos do carro e a habilitação.

— Sim, sim, claro. — Anton começou a procurar a carteira, meio aflito. Nas poucas vezes em que fora parado e interpelado pela polícia quando era adolescente, o nome de sua família tinha suavizado quaisquer dificuldades potenciais. Ali, ele sabia exatamente quem era — um negro sozinho, com uma carteira de habilitação de outro estado e dirigindo um automóvel de luxo não registrado no seu nome. Ali, naquela estrada no meio da Geórgia rural.

Viu sua carteira de motorista desaparecer numa mão grande e balofa, e ficou olhando para a frente enquanto o guarda tirava a lanterna e examinava o carro por dentro, mesmo sem estar escuro. Seus pensamentos voavam, tentando prever o que viria a seguir — uma revista no carro — e se deveria ou não permitir. Ali ele estava fora de seu elemento, um estranho numa terra estranha. Todas as afinidades que sentira com aquela região e seus antepassados tinham saído pela janela e sido jogadas no acostamento. Os olhos miúdos e franzidos do guarda rodoviário diziam exatamente quem ele era — um nortista, um negro, e era culpado. Do quê, ele não sabia ao certo. Mas tinha quase certeza de que não faria diferença, que, no acostamento daquela rodovia deserta, sua inocência seria apenas uma formalidade.

“Controle-se”, disse a si mesmo. “Pense. Cacete, diga que você é um procurador-geral fodão voltando para casa, se acha que isso vai ajudar!” Apesar de achar que poderia tornar as coisas piores. Dando a impressão de ser um negro metido a besta ou coisa assim.

Sabia que estava lidando com um dos piores estereótipos de branco do Sul, e os sinais iniciais indicavam que não estava enganado. Classificou mentalmente os indícios: a maneira rude como sua habilitação foi requisitada. A falta de delicadeza e a ausência do “senhor” que se seguiria ao pedido. A desnecessária intimidação da lanterna iluminando o carro. Não, ele não tinha imaginado a atitude hostil do guarda rodoviário, a presunção de culpa.

O policial voltou à viatura para informar o número da placa do carro e deixou Anton esperando, cada vez com mais medo e mais raiva. Fazia tanto

tempo que não vivia uma vida de negro normal que tinha amolecido, perdido a agressividade necessária para lidar com aquela experiência. Queria cortar o incidente pela raiz, mesmo que implicasse aceitar uma multa de trânsito, embora não fizesse ideia de em que acusação o policial o enquadraria. Era o que deveria ter feito, droga, perguntado imediatamente por que estava sendo interpelado! Mas a atitude do policial fora tão seca e intimidante que Anton tinha apresentado sua habilitação sem protestar.

Enquanto esperava, teve um pensamento. Quantas vezes um incidente como aquele tinha acontecido na vida de sua mãe? Quantos insultos e humilhações desse tipo ela teve de aguentar? E como ela lidava com isso? Será que sorria e se encolhia, como ele havia feito? Ou os olhos dela brilhavam de raiva, os cantos da boca retorcidos de ódio e desdém? Quando se lembrou dos olhos líquidos da mãe, do seu rosto de menina, o coração de Anton pesou de remorso. Como conseguira se livrar do vício das drogas e continuar sóbria, num mundo que parecia ter sido projetado para destruir mulheres como ela? Um mundo onde talvez a resposta mais saudável fosse se entregar ao estupor das drogas? Que vontade de ferro ela devia ter, que reservas de coragem devem residir atrás daqueles olhos castanhos cordiais. E a pior parte era o fato de a recompensa para toda uma vida de autodisciplina e trabalho árduo ser tão irrisória. Pappy e David tinham trabalhado arduamente, assim como Anton. Mas seus esforços geraram retribuições imensas, bons salários, riqueza que reproduzia a si mesma, automóveis de luxo, belas casas. Mas o que Juanita Vesper havia ganhado por se livrar do vício das drogas, pelos vinte e cinco anos de sobriedade, por décadas de trabalho na cozinha pequena e abafada de um pequeno restaurante? Um almoço grátis consumido às pressas entre um cliente e outro. Uma casinha na periferia da cidade herdada da mãe cega. Um carro que funcionava, mas que podia parar a qualquer momento. Uma vida solitária, quase reclusa. Sem hábitos extravagantes, nada de jantar fora, nada de viagens à Europa. Será que tinha seguro-saúde? Anton não fazia ideia. Carine estava certa. Como ele aguentava isso? Como aguentava ser o pulha inconsequente e autocentrado que era? Como não tinha desmoronado, naquele momento em que seus ossos fraturavam sob o insuportável peso do próprio egoísmo?

Anton sabia que aqueles pensamentos não ajudariam sua situação, que o tornariam mais combativo quando o policial retornasse, mas, mesmo sem

perceber, já se sentava mais ereto no banco. Em seu trabalho, já tinha afastado policiais experientes por corrupção, enfrentado membros da máfia e poderosos executivos de Wall Street. Não seria intimidado por um guarda rodoviário de merda, de cara vermelha e sotaque sulista. Enquanto tamborilava impaciente com os dedos no volante, Anton teve uma ideia e digitou o número de Beau Branson, tomando o cuidado de deixar o celular no banco do passageiro.

— BB falando.

— BB, aqui é Anton.

— Anton. Você fugiu com meu avião? Onde diabos...?

Anton fingiu uma gargalhada.

— É, cara. Você não deixa de ter razão. Mas vou explicar tudo quando voltar. E também tratar de uma compensação financeira, tá? Mas, BB, escuta uma coisa. Eu estou com um problema. Fui parado por um guarda rodoviário que pode estar desconfiado de eu estar dirigindo um carro não registrado em meu nome. — Ouviu sua voz ficar mais tensa, torcendo para que Beau entendesse a gravidade da situação sem ter de explicar o óbvio.

— Que merda! — interrompeu BB. — Você disse quem é?

— Não. Ainda não. Ele... não me parece disposto a ouvir. Está verificando minha habilitação neste momento. Mas eu... — Anton olhou ao redor com aflição, tentando encontrar algum sinal de referência para informar a BB onde se encontrava. — Estou indo na direção norte pela Rota 25. Mais ou menos a uma hora de uma cidade chamada Thomasville. E preciso saber... de quem é o carro que estou dirigindo?

Finalmente ele prendeu a atenção de BB.

— Anton. Você está se sentindo... ameaçado? Por que o guarda parou o seu carro, cara?

Anton abanou a cabeça com impaciência.

— Não sei. Só estou esperando que me aplique uma multa para seguir meu caminho. E ele não fez isso. Não me parou, quero dizer. Eu encostei para atender uma ligação da minha mãe. E, de repente, ele estava na minha cola.

BB deu um pequeno assobio.

— Cara. Aí é outro mundo, não é? O Sul.

Anton não queria se envolver numa discussão política naquele momento.

— BB — disse em desespero. — Estou informando minha localização por precaução. Mas, principalmente, porque preciso saber em nome de quem o carro está registrado. Caso ele pergunte.

— O carro? Diabos, eu não sei. Foi minha secretária quem arranjou. Provavelmente é um carro da empresa. Nós temos negócio em Atlanta, certo? Deve estar no nome da Branson Industries.

Anton olhou para o retrovisor e viu o guarda sair do veículo.

— Ele está voltando para cá, BB. Eu preciso desligar. Você pode fazer umas ligações para confirmar e me ligar em seguida?

— Claro. Eu volto a ligar.

Anton desligou sem se despedir, observando a figura encorpada do guarda rodoviário pelo retrovisor lateral. Abaixou o vidro de novo e ficou aliviado quando o homem devolveu sua carta de habilitação.

— Por que não me disse que era procurador-geral, senhor? — A voz continuava ranzinza, distante, mas era óbvio que um ramo de oliveira fora acenado. Anton não deixou de ouvir o tom de deferência.

— Você não perguntou sobre o meu trabalho — respondeu com leveza, sem o menor sinal de hostilidade ou indignação da voz.

— Está viajando a negócios, senhor?

A mão direita de Anton fez um gesto involuntário, mas ele parou de imediato.

— Pode-se dizer que sim — respondeu de forma não comprometedora. O “senhor” era encorajador, e Anton se refugiou nisso. Naquele momento, a melhor estratégia era sair de lá antes que fossem formuladas muitas perguntas.

Os dois começaram a falar ao mesmo tempo, mas Anton parou, indicando com a mão que o guarda — P. Flynn era o nome na insígnia — falasse primeiro.

— Ah, desculpe — disse o guarda. — Eu só ia perguntar, então o carro é de um amigo?

Anton engoliu em seco, inquieto com o rumo da conversa. Olhou para o para-brisa por um segundo e chegou a uma decisão.

— Sim. Mas pode estar registrado em nome da empresa dele. — Forçou-se a fitar diretamente o rosto de Flynn, esticando o pescoço para olhar para cima. — Eu liguei para o meu amigo — falou, ciente do pequeno músculo trepidando em seu maxilar. — Enquanto você estava...

verificando a minha carteira de motorista na viatura. Disse para ele onde estava e pedi para me ligar de volta em alguns minutos com a informação sobre o registro do automóvel.

Percebeu com satisfação que Flynn se afastou um passo do carro.

— Não é necessário, senhor — disse o guarda. — Eu já... Está tudo certo. Tudo resolvido.

O alívio que Anton sentiu foi tão palpável que sua pálpebra esquerda tremulou em comemoração.

— Então posso seguir viagem? — perguntou, com a autoridade voltando à sua voz.

— Sem problema. — Flynn abriu um sorriso pequeno e apertado, mas mesmo assim suavizou sua expressão. — Tenha um bom dia, sr. Coleman.

Anton esperou o guarda voltar à viatura para ligar o pisca-pisca e esperou a via estar completamente sem tráfego para voltar à estrada. Dirigiu dentro do limite de velocidade por mais doze quilômetros, até ter certeza de que Flynn não estava por perto. Só então percebeu que seus pés e suas mãos estavam gelados, que seu pescoço latejava onde os músculos se retesaram durante todo o incidente. O medo que sentiu foi tremendamente desproporcional ao que de fato havia acontecido. Não teve sequer a presença de espírito de perguntar como Flynn tinha descoberto quem ele era. Mas, apesar de sua mente dizer que a coisa toda não tinha sido grave, seu corpo dava uma resposta diferente. O que sentiu naquele momento foi um medo primal, algo decodificado no seu DNA, o medo de um negro parado pela polícia numa rodovia da Geórgia. Um homem negro. Era exatamente o que ele era naquele lugar esquecido por Deus. Na Nova Inglaterra, Anton mal tinha consciência da própria pele em sua vida cotidiana. Não ignorava que os policiais do seu estado discriminavam garotos negros de forma rotineira. Nem que os negros no país continuavam a ser perseguidos. Trayvon Martin. Eric Garner. Michael Brown. Os nomes estavam gravados em sua consciência. Mas Anton sempre se manteve distante das turmas de capuz. Das gangues. Do sujeito corpulento esganado como um cão por uma matilha de policiais numa rua de Nova York. Aqueles negros não dirigiam um Lexus. Não tinham a pele cor de cobre, não apareciam na capa da revista *People*, não estudaram em universidades de elite, não falavam com sotaque chique. Mas aquilo não significava nada para o guarda Flynn, que o olhara com o mesmo desprezo

que Anton havia mostrado a meliantes condenados e traficantes de drogas. O guarda Flynn, que acabara de ensinar uma das melhores lições que Anton poderia aprender sobre o seu lugar na história.

Viu-se contando a David sobre aquele encontro, como o maxilar do pai se contrairia ao imaginar um policial caipira e ignorante destratando seu filho daquele jeito, como folhearia mentalmente sua agenda tentando pensar em quem conhecia lá na Geórgia que pudesse lavar uma advertência àquele pobre guarda por desrespeitar o filho do governador. Mas aquele mesmo homem, que se sentiria mais furioso que o próprio Anton por um incidente rotineiro e trivial, não conseguia ver uma forma de se desculpar com uma indefesa mulher negra que fora roubada. Sim, era o que David tinha feito, roubado de Juanita Vesper seu único bem. E, como ela cumpriu uma pena de prisão desnecessariamente longa na época, podia-se dizer até que foi um roubo à mão armada.

Anton pensou sobre a sugestão de Delores — levar Juanita para casa com ele. E repassou muitas vezes o que David falou sobre jamais se desculpar por algo que tivesse feito. Para sua enorme surpresa, acabou percebendo que concordava com o pai. David tinha razão. Ele não devia desculpas a Anton. Na casa de Carine, com lágrimas rolando pelo rosto, Anton se lembrou do conjunto habitacional onde morava com a mãe. Ao longo dos anos, chegou a se esquecer dos detalhes da desolação de seus primeiros anos de vida. Mas lembrou-se da chatice. Do tédio, da pobreza. Um tédio cujo antídoto, cuja única interrupção, surgia na forma de uma explosão de violência armada, de um inesperado grito rompendo o silêncio de uma manhã de domingo, ou de um fluxo de obscenidades altissonantes bafejado das ruas no meio da noite. Talvez fosse essa a razão de a mãe dele usar crack, pensou Anton, para amenizar o tédio. Lembrou-se que a energia no apartamento costumava mudar quando ela era visitada por essa gente. Embora ela o trancasse no quarto para ele não a ver usando drogas, Anton podia ouvir o ritmo da música, as risadas estrepitosas, as vozes aumentando de volume e de tom. De maneira geral, não se sentia assustado. Ao contrário, era tranquilizador, pois provava que havia mais do que empregos massacrantes e a frequência ocasional a restaurantes fast-food na vida deles.

Anton não teria sobrevivido àquele tédio. Agora sabia disso. Para não sucumbir, teria entrado em alguma gangue. Era um bom garoto, calado e

bem-educado com os mais velhos. Mas era também inteligente, e essa inteligência teria sido sua ruína. Algum traficante vizinho de boa visão teria elaborado uma forma de usar aquela inteligência. E a mãe seria cada vez menos capaz de protegê-lo, com o crack corrompendo qualquer instinto maternal que restasse. Não, David estava certo. Entre ser aliciado por algum traficante astuto e ser resgatado por David e Delores, sem dúvida ele tinha tirado a sorte grande.

Não era a Anton que David precisava pedir perdão. Era a Juanita.

Ficou tão surpreso com aquele pensamento que quase passou pela saída da estrada. Avistou-a muito tarde, pisou no freio e virou para a direita, passando por cima das faixas duplas para pegar a alça de saída. Por uma fração de segundo, não teve coragem de olhar pelo retrovisor, como se esperasse ver o guarda Flynn bem atrás dele. Mas o sol já descia no horizonte, e a estrada estava deserta. Anton parou no primeiro posto de gasolina que avistou e, mais uma vez, pediu informações sobre o endereço da mãe. Se não encontrasse muito trânsito no caminho, chegaria lá em mais ou menos vinte minutos. Sorriu com prazer ao se imaginar subindo os degraus daquela varanda, mas com passos mais leves, sem os olhos turvados por hostilidade e desconfiança; e ao antever a expressão do rosto dela quando abrisse a porta e visse quem era. Ele. Seu filho. Voltando para ela.

“E depois?”, perguntou a si mesmo enquanto dirigia pela avenida de duas pistas. O que iria fazer? Dormir no sofá naquela noite? Será que ela gostaria disso? O sentimento vertiginoso o abandonou por um momento, ao considerar a logística e as inevitáveis complicações envolvidas em seu retorno à vida de Juanita, mas logo pensou: “Uma coisa de cada vez”. Primeiro vou levá-la para jantar fora. Ao restaurante mais caro da cidade. Soltou um suspiro aliviado ao se imaginar pedindo uma garrafa de um bom vinho tinto, porém logo lembrou que a mãe era uma viciada em recuperação. Não, aquela noite ele teria de passar sem álcool. E se os dois ficassem sem ter o que dizer um ao outro? E se descobrisse que, sabe como é, o vocabulário da mãe era *limitado*, assim como seus interesses e conhecimentos gerais? Aquele pensamento deixou-o deprimido. Mas, em seguida, lembrou-se da intimidade com que ela o chamou de “Grande Garoto”, o jeito de olhar para ele, de ver *através* dele, e soube que tinha uma mãe da qual podia se orgulhar. O que Juanita Vesper sabia, o que

vivera e o que aguentara, Anton só podia ler nos livros. Não, o perigo era exatamente o oposto — que *ele* a desapontasse, que ela percebesse que o filho era feito de palha e algodão, um terno vazio sem vigor nem convicção. Quando perguntasse por que tinha voltado, por exemplo, o que ele diria? Que mudou de ideia? Ou daria os créditos a Carine, por ter feito a pergunta que o fez entender o que estivera cego demais para perceber por conta própria?

Uma coisa ele sabia que iria contar à mãe: a lembrança recente do dia em que voltou ao conjunto habitacional para encontrá-la. Ela merecia aquela história e seu significado: que o filho não a havia esquecido, mesmo depois de dois anos e meio vivendo no luxo. Que quis desistir de tudo para voltar a morar naquele apartamento desarrumado com ela. Que, no fundo de sua hora mais sombria, na hora do seu abandono, quando achou que ela havia desistido dele, ele foi à sua procura.

Anton seguiu viagem dessa maneira, alternando entre expectativas de estufar o peito e temores mais sóbrios. Tudo estava acontecendo cedo demais, depressa demais, inesperadamente demais. Era para ter sido uma viagem rápida a um lugar diferente — o Sul, tão enganosamente meigo e bonito, com sua terra fértil e avermelhada, árvores de magnólias e flores silvestres crescendo no acostamento da estrada —, mas acabou se transformando em outro tipo de jornada. Enquanto desde que o conhecera, Pappy mantinha um grande cartaz pendurado no escritório de sua casa, escrito à mão, que dizia: “CONHECE-TE A TI MESMO”. Anton pediu para ficar com o cartaz depois da morte de Pappy, e agora ele descansava num canto do seu apartamento. Sempre quis pendurá-lo na parede, mas, como tantas outras coisas, vivia adiando. Essa pequena procrastinação, fácil de ser explicada numa atarefada vida cotidiana, assumia um significado simbólico. Ele fora criado por pessoas cujo credo revolvía em torno de “CONHECE-TE A TI MESMO”, uma família embebida na sabedoria de seus santos seculares, Emerson e Thoreau. Anton não tinha dúvida de que o pai se conhecia, mesmo que isso implicasse o reconhecimento de uma mancha negra no próprio coração. Pois, apesar de todos os defeitos, David era um homem íntegro, alguém que sabia exatamente o que via quando se olhava no espelho.

Assim como a mãe, desconfiava Anton. Não era possível viver sóbria durante vinte e cinco anos sem se conhecer. A lucidez daqueles olhos

castanhos era flagrante — Juanita Vesper não devia nada ao mundo, nem esperava que o mundo lhe devesse coisa nenhuma. Nada. Pagou sua dívida com a sociedade sacrificando a criação de que mais se orgulhava. Por mais que sua vida fosse modesta, independentemente do quanto suas circunstâncias fossem restritas e carentes, quando recostava a cabeça no travesseiro à noite, Juanita sabia que tudo ao redor era dela. Estava tudo pago, com seu sangue e sua carne.

Anton massageou um ponto que latejava em sua têmpora. Não havia como recuperar os anos em que os dois estiveram separados. Talvez fosse melhor assim, não ter acompanhado a feiura da recuperação dela — os sintomas de abstinência, os tremores, as convulsões, as recaídas. O lento regresso da luz aos seus olhos. Como teria sido a vida dele se tivesse voltado para a mãe logo depois da prisão? Sem dúvida teriam perdido o apartamento subsidiado, por mais miserável e claustrofóbico que fosse. Teria ele continuado na mesma escola, onde os próprios professores disseminavam o vírus do fracasso e do derrotismo entre os alunos? Será que teria conhecido alguém como David, que acreditasse nele, ao mesmo tempo firme e encorajador, mas cuja severidade fosse motivada pela convicção de que Anton seria sempre capaz de corresponder ao nível de excelência que exigia? Por muito tempo, Anton gostava mais de Delores, sentia-se mais confortável ao seu lado, por ser mais amena com ele. Delores era como a mãe dele nesse sentido, meiga, condescendente, afetuosa. E Anton precisava desesperadamente disso depois da separação abrupta da mãe. Mas foram necessárias a mistura agridoce de David, a satisfação que sentia nas vitórias e a frustração demonstrada nas decepções, para motivar Anton a conseguir tudo o que tinha.

De um modo terrível, Anton entendia por que David tinha feito o que fez. Entendia também que a passagem do tempo e seu olhar retrospectivo podiam aumentar as sombras de uma atitude original, que assumia assim uma forma mais monstruosa. Os donos de escravos pensando na sua colheita de algodão anual e em como proteger suas mulheres do olhar errante *daquele negro em particular*, não no pecado original. Anton sempre acreditou que a grande e fatal falha na teoria marxista era a de nunca ter levado em conta o verdadeiro comportamento humano — o bocejo, a preguiça, a indiferença, a capacidade de olhar para o outro lado. E era exatamente o que David havia feito. Não quis lutar contra a complexidade,

não tentou descobrir uma forma de continuar presente na vida de Anton quando a mãe foi libertada da prisão. O imperdoável na atitude de David não foi querer que Anton continuasse em sua vida, nem mesmo a presunção de acreditar que sabia melhor do que ninguém o que era melhor para o garoto. Foi ter tomado um atalho e explorado a situação de Juanita. Era a história mais antiga do mundo — os fins que justificam os meios.

O céu da Geórgia, ao cair da noite, irradiava faixas de cores intensas e extravagantes. A cor penetrava no carro, dourando o rosto e as mãos de Anton. Ao abrir a janela, na esperança de um frescor noturno, o ar continuava quente e pesado, e Anton fechou o vidro, refugiando-se no frescor artificial do ar condicionado. Passou por uma cidadezinha, seguida por uma estrada aberta com plantações dos dois lados. Pouco depois, viu algumas vacas, logo em seguida, alguns cavalos pontilhando a paisagem, corpos lépidos e escuros estampados nas plantações verdejantes. Passou por um charco, com cegonhas alçando voo e adejando a distância, uma visão tão magnífica que Anton reduziu a velocidade para observar. Pouco mais adiante, viu um amontoado de asteráceas roxas que o fizeram perder o fôlego. A Geórgia, com sua beleza suave e maternal, o acolhia mais uma vez em seus braços, amenizando a lembrança do encontro com Flynn. Lembrou-se do que Juanita dissera sobre ter se mudado para o Norte quando ele tinha um ano. Será que a avó tinha encorajado ou resistido à migração? Teria a mãe dele pensado bem a respeito de como iria viver num lugar onde a neve cobria o solo durante cinco meses do ano? Do que sentiria saudade, do que ficaria feliz em esquecer? Será que havia considerado como seria morar com Betsy, que acabara de arranjar um emprego como secretária na loja de departamentos Higbee's e talvez preferisse não ter muitas lembranças de sua antiga vida? Como teria sido para aquela jovem, que fizera sexo com um homem mais velho mas que jamais tomara uma gota de álcool, que concluía um semestre de uma faculdade comunitária mas nunca tinha pisado num aeroporto, que estava prestes a se separar da mãe e do único lar que conhecia para se mudar para outra cidade, onde esperava que se mostrassem mais generosos com o filho bastardo do que no lugarejo cruel que deixava para trás? Anton ficou perplexo com o pouco que sabia da história da mãe. Com quanto precisavam pôr a conversa em dia. Era por isso que estava voltando para ela, para saber mais da sua história.

E da sua própria história, quanto ele revelaria? O que diria sobre Carine? Como definiria sua relação com David e Delores? Será que ela ficaria magoada ou feliz ao saber que Anton era a razão da vida deles e que eles o amavam tanto quanto ela? Será que poderia confessar os confortos principescos da própria vida sem ofender os dela? Será que ousaria dizer que gastava mais em livros e jantares do que ela ganhava em um mês? Será que David tinha razão? Será que os laços de sangue se mostrariam mais espessos que as radicais diferenças entre os dois? Havia tanta coisa que Anton não sabia... Mas iria descobrir. Afinal, esta era a melhor coisa que poderia dizer sobre si mesmo — que estava pronto para descobrir. Finalmente, estava querendo ser um filho. Ah, sim, claro que ele tinha sido um filho para David e Delores, se destacado por eles e os deixado orgulhosos. Mas o que Juanita exigiria dele seria mais difícil. Porque ela exigiria honestidade, a mais absoluta falta de pretensão. Carine era a única pessoa na vida de Anton que exigira esse grau de nudez de sua parte, e ele tinha rompido com ela. Agora, porém, Juanita estava novamente em sua vida. E Anton não podia dispensá-la, assim como não poderia decepar a própria mão.

De repente, ele queria a todos, queria reunir todos — David, Delores e Juanita, Carine e Katherine, tio Connor e Bradley — para distribuí-los numa orquestra em que tocariam a música de sua vida — não o trombone, não o violoncelo, nem címbalos ou violinos. Uma síntese. Precisava fundir todas as vertentes de sua vida: passado e presente, negro e branco, pobre e rico. Tinha vivido tanto tempo com a vida aos pedaços e, naquele momento em que passava pelo centro de Ronan, pelo restaurante onde a mãe trabalhava, entendeu o que deveria fazer: levar a mãe para morar com ele. Por um curto período, talvez. Ou por um longo tempo. Essa decisão, assim como outras que ela deveria tomar doravante, seria só dela. Disso ele tinha certeza, que poderia propiciar a aptidão e os meios para que ela tomasse suas próprias decisões.

Parou no único semáforo da cidade e tomou sua decisão: em algum momento daquela noite, ele faria a proposta, talvez durante o jantar, talvez quando voltassem para casa, quando estivesse preparando a cama para ele.

“Volte comigo, mãe”, ele diria. “Agora que encontrei você, seria insuportável sair mais uma vez do seu lado. Não ter você na minha vida seria minha destruição. E eu preciso voltar, pois tenho uma eleição a

vencer. Por mim eu nem me importaria tanto, sabe, mas tem um monte de gente contando comigo. São meninos e meninas que se ausentaram da faculdade para trabalhar na minha campanha. São senhoras de idade em casas de repouso que me mandam cinco dólares por mês. E tem outra coisa, mãe. Acho que eu tenho condições de ser um bom governador. Você sabe como é, as pessoas sempre desejam que os políticos sejam uma figura paterna. Eu não serei. Mas acho que posso ser um bom filho. Pois aquele estado não é meu, nem do meu pai. É deles. E sabe quem me lembrou disso, mãe? Você. Saber que posso aprender a ser um bom filho para você é o que dá a confiança de achar que posso cumprir essa tarefa.”

Anton sorriu consigo mesmo enquanto passava pelas plantações que seus bisavôs tinham semeado, seguindo em direção à casa de sua nana.

Quando Anton faz a curva abrupta para entrar na estrada de cascalho que leva à casa de sua avó, o Sol começava a protestar contra a própria morte. Irradiava sua angústia no céu, faiscando tons dourados e alaranjados, um roxo lúrido. O melodrama do céu contrastava com os campos plácidos e verde-escuros. O Lexus avançava devagar pela estrada de cascalho, sem querer passar pela casa. Anton virou na entrada à esquerda, e a primeira coisa que notou foi uma ausência. A ausência do carro da mãe. O coração afundou um pouco, seguindo a trajetória do Sol. Ao olhar pelo para-brisa, percebeu que a casa estava escura. Ela não estava em casa. Não estava em casa. Eram quase oito horas da noite de um domingo, e ela não estava em casa. Repreendeu-se por não ter parado no restaurante, mas ela disse que o expediente se encerrava às cinco e meia. E, com certeza, não estaria trabalhando numa noite de domingo.

Bem, não havia nada a fazer, a não ser esperar. Ela poderia estar em qualquer lugar, na verdade. Poderia ter ido ao cinema. Poderia ter ido à missa. Estar visitando uma das amigas de nana no hospital. Anton desceu do carro e alongou as costas enrijecidas, esticando os braços acima da cabeça, espalmando as mãos como se segurasse o peso do céu. O cascalho rosnou sob seus pés quando ele andou em direção à casa com seus sofisticados sapatos de couro de bezerro. Subiu os degraus da varanda num salto e, mesmo sabendo que ela não estava em casa, bateu na porta. Não

houve nenhum som ou movimento. Esperou por alguns minutos antes de sair da varanda.

No quintal, ouviu o som do silêncio. Era algo ensurdecedor, até insuportável por um instante. Pouco depois, seu ouvido imergiu naquele silêncio, que se tornou agradável. Assim como o suspiro do Sol indefeso, vencido afinal, se apagando no horizonte. Finalmente, soprou uma brisa, trazendo o perfume das madressilvas que cresciam no jardim e de outras flores, flores cujo nome não sabia, mas desconfiava de que a mãe soubesse. Desabotoou o botão do colarinho e dobrou as mangas da camisa como que ensaiando uma dança para arejar as axilas molhadas. Abriu a porta do carro para entrar, mas as atrações do final de tarde venceram, e ele fechou a porta de novo. Recostou-se no veículo, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, e ficou esperando. O pé direito escavava o cascalho, levantando pequenas nuvens de poeira que se assentaram nos sapatos. Tamborilou com a ponta do pé, seguindo um ritmo do qual não tinha consciência. *Tap tap tap. Tap tap tap. Tap.*

Não estava acostumado a esperar, não estava acostumado a não ter o que fazer, não estava acostumado a não ser distraído por telefones celulares, computadores ou eventos e gente competindo pelo seu tempo. Não estava acostumado a entrar em transe com o perfume das flores, por um céu saído de um quadro de Turner, pela brisa agitando seus cabelos, uma brisa que fazia cócegas em seu peito. Um peito que inflava, estufava.

Nunca se sentiu assim tão à vontade no mundo. Ali, sozinho, na porta da casa da mãe, ele se sentiu feliz em esperar. Esperar a volta dela para casa, sua mãe, seu sangue, seu futuro. Pois era a verdade. Juntos, eles fariam o roteiro do futuro dele. Quase riu em voz alta do homem que era, ainda naquele dia, mais cedo, o espantalho cauteloso e tímido com medo de ser surpreendido pela mídia, algemado aos opressivos pilares do dever e das obrigações, tão diferentes da responsabilidade que é uma livre escolha. Escutou os passos da escuridão se aproximando e entendeu como a orquestra toca no mundo natural, como é suave a coordenação entre o vento, o Sol e o crepúsculo nas plantações. Era isso que quis para si, todos os elementos de sua vida se reunindo. Se pudesse ter seu desejo realizado de vez em quando, aqui e ali, agora e depois, ainda seria o homem mais sortudo do mundo.

E, assim, Anton Vesper Coleman ficou esperando. Sob o céu que escurecia. Na porta da casa da mãe. Encostado no carro. Com um pé tamborilando uma melodia que só ele conseguia escutar. *Tap tap tap. Tap tap tap.*

Tap.

AGRADECIMENTOS

OBRIGADA, RACHEL DISSELL, por sua generosa ajuda com as explicações sobre a vara da família e o sistema de adoção. Obrigada, Subodh Chandra, por sua rápida resposta às minhas dúvidas sobre o funcionamento da Procuradoria-Geral nos Estados Unidos.

Obrigada, Pat D'Sousa e Peggy Veasey, pela amizade, e muito obrigada aos seus pais por me receberem na Geórgia naquelas viagens de Natal de muito tempo atrás, que tiveram tanto impacto na minha vida.

Tenho a sorte de trabalhar com os melhores colegas na Universidade Case Western Reserve. Agradecimentos especiais a Cyrus Taylor, por seu estímulo e seu apoio entusiasmado.

Sou mais do que grata ao meu brilhante e laborioso agente, Daniel Greenberg, e à minha sábia e maravilhosa editora, Gail Winston. Obrigada, Gail, por sua edição sensível e equilibrada.

Para minha família na HarperCollins — obrigada pela atenção e pelo cuidado com que editam os meus livros. Michael Morrison e Jonathan Burnham, tenho muito orgulho de conhecê-los.

Aos meus leitores: são vocês que sopram vida nos meus livros. Sou mais grata a vocês do que imaginam.

Obrigada aos meus amigos, numerosos demais para serem mencionados pelo nome. Vocês me apoiam, me informam e me desafiam.

Como sempre, obrigada a Eust, Gulshan e Homai, por fazerem parte da minha gente para toda a vida.

E, papai, continuo sentindo saudade. Sempre sentirei.

NOTAS

1. De William Butler Yeats: “From beauty that is cast out of a mould/ In bronze, or that in dazzling marble appears”. (N. T.)

[««]

2. De John Lennon: “Life is what happens to you while you’re busy making other plan”. (N. T.)

[««]

3. Nome original do herói arqueiro da lenda nórdica do século xv, conhecido no Brasil como Guilherme Tell. (N. E.)

[««]

SOBRE A AUTORA



© Robert Muller

THRITY UMRIGAR nasceu em 1961, em Bombaim, na Índia, e se mudou para os Estados Unidos quando tinha 21 anos. Além de escritora, dá aulas de escrita criativa e literatura na Case Western Reserve University. Ela vive em Cleveland, no estado de Ohio, e seus livros já venderam milhões de exemplares em todo o mundo. Dela, a Globo Livros publicou *A distância entre nós*, *A doçura do mundo*, *A hora da história*, *A primeira luz da manhã*, *O tamanho do céu*, *Um lugar para todos* e o infantil *Quando você estava na minha barriga*.

Copyright © 2017 Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2017 Thrity Umrigar

Publicado em acordo com HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Everybody's son*

Editora responsável: Amanda Orlando

Editora assistente: Elisa Martins

Editora de livros digitais: Livia Furtado

Preparação do texto: Camile Mendrot e Patrícia Vilar (Ab Aeterno)

Revisão: Laila Guilherme, Vanessa Sawada e Adriane Gozzo

Diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Marianne Lépine

Imagens de capa: Paulo Alberto Silva/Getty Images e Eakachai Leesin/Shutterstock

Conversão para e-book: Joana De Conti

1ª edição impressa, 2017

1ª edição digital, agosto de 2017

ISBN: 978-85-250-6518-6 (digital)

ISBN: 978-85-250-6371-7 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

U43f

Umrigar, Thrity, 1961-

O filho de todos [recurso eletrônico] / Thrity Umrigar ; tradução Cláudio Carina. - 1. ed.
- São Paulo : Globo Livros, 2017.
recurso digital

Tradução de: *Everybody's son*

Requisitos do sistema:

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525065186 (recurso eletrônico)

1. Pais e filhos - Ficção. 2. Adoção - Ficção. 3. Romance indiano (Inglês). 4. Livros eletrônicos. I. Carina, Claudio. II. Título.

17-43994

CDD: 828.99353
CDU: 821.111(540)-3

09/08/2017 10/08/2017

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Nove de Julho, 5.229 — 01407-907 — São Paulo — SP
www.globolivros.com.br